

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



Tese de Doutorado

**A PATRIMONIALIZAÇÃO DE PRAÇAS PÚBLICAS E A
INFLUÊNCIA NOS SEUS USOS.
Estudo de caso em Pelotas, RS.**

Clarissa Castro Calderipe Montelli

Pelotas, 04 de março de 2022

Clarissa Castro Calderipe Montelli

**A patrimonialização de praças públicas e a influência nos seus usos.
Estudo de caso em Pelotas, RS.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Dr. Sidney Gonçalves Vieira

**Pelotas
2022**

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M776p Montelli, Clarissa Castro Calderipe

A patrimonialização de praças públicas e a influência nos seus usos : estudo de caso em Pelotas, RS / Clarissa Castro Calderipe Montelli ; Sidney Gonçalves Vieira, orientador. — Pelotas, 2022.

271 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Patrimonialização. 2. Praças públicas. 3. Pelotas/RS. I. Vieira, Sidney Gonçalves, orient. II. Título.

CDD : 363.69

**A patrimonialização de praças públicas e a influência nos seus usos.
Estudo de caso em Pelotas, RS.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção de título de Doutora.

Integrantes da banca examinadora

Professor Doutor Eduardo Rocha

(Examinador Externo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFPel)

Professora Rita Juliana Poloni

(Examinador Interno PPGMP/UFPel)

Professora Juliane Serres

(Examinador Interno PPGMP/UFPel)

Professora Doutora Ana Maria Sosa González

(Examinador Externo PPGH/UFPel)

Professor Doutor Sidney Gonçalves Vieira

(Orientador e presidente da banca)

Data da defesa: 04 de março de 2022

Agradecimentos

Agradeço a todos que colaboraram na realização desta tese de doutorado.

Aos meus colegas do Centro de Engenharias (CEng) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), pelo apoio e incentivo para que eu pudesse me dedicar a esta empreitada.

Também agradeço em especial ao meu orientador Sidney Gonçalves Vieira, pela sua dedicação e disposição em me ajudar a qualquer momento.

Aos demais professores e colegas do PPGMP, pelo aprendizado e companheirismo.

Aos meus pais, Antônio Sílvio e Clarice, que sempre me incentivaram e apoiaram.

Ao meu marido Daniel, que sempre esteve ao meu lado me inspirando e me entendendo.

E, finalmente, mas não menos importante, meu agradecimento à minha querida filha Joana, pelo incentivo que sempre me dá quando mais preciso.

Aos demais amigos e familiares que sempre estão comigo (difícil nomear a todos) também agradeço, pois de uma maneira ou de outra sempre me incentivaram, cada um de sua maneira.

Também agradeço a Deus, a Jesus e a todos os espíritos protetores pelo apoio que certamente recebi para realizar este trabalho.

Resumo

O tema da presente pesquisa versa sobre a patrimonialização. Nesse sentido, aborda a problematização do uso das praças públicas patrimonializadas e a importância das atividades realizadas nesses espaços como uma das justificativas da patrimonialização realizada pelo poder público. De um lado, o uso efetivo das praças públicas é uma maneira de proporcionar a apropriação e a valorização desses ambientes por parte dos usuários e, por outro lado, a patrimonialização representa a normatização desses espaços. Para trabalhar com a análise desses processos contraditórios, foi escolhido fazer a análise do uso do espaço urbano das praças da cidade de Pelotas frente ao processo de patrimonialização. O objetivo principal da pesquisa foi analisar a influência da patrimonialização no uso dessas praças, além de identificar se essas praças são referenciais de identidade e memória para seus usuários. Para realizar tal tarefa, foi utilizado para análise o método dialético regressivo-progressivo proposto por Henri Lefebvre. Sendo assim, partiu-se da realidade atual das praças e voltou-se ao passado, procurando elementos que pudessem elucidar determinadas particularidades encontradas no presente. Posteriormente, foi feito o movimento contrário, a fim de tentar indicar possibilidades para o futuro. Quanto ao método de investigação, foi adotada uma perspectiva fenomenológica, por enfatizar dados qualitativos, com o objetivo de entender a singularidade dos espaços a partir da subjetividade dos usuários. Como procedimentos metodológicos, utilizou-se de mapas comportamentais e entrevistas. Os resultados encontrados apontam para encaminhamentos futuros que visam a melhoria e a qualificação dos espaços urbanos das praças, além do incremento da qualidade de vida urbana. De modo geral, foi possível concluir que a patrimonialização não afetou o uso dos espaços referentes às praças estudadas, apesar de serem identificadas pelos usuários como bens culturais da cidade de Pelotas.

Palavras-chave: Patrimonialização. Praças Públicas. Pelotas

Abstract

The theme of this work is about the patrimonialization of public squares. In this sense, it addresses the problematization of the use of public squares and the importance of activities carried out in these spaces as one of the justifications for the patrimonialization performed by the government. On the one hand, the effective use of public squares is a way to provide the appropriation and appreciation of these environments by users and, on the other hand, patrimonialization represents the standardization of these spaces. To work with the analysis of this conflict, the urban space of the squares in the city of Pelotas was chosen, as they were recently patrimonialized. The main objective of the research was to analyze the influence of patrimonialization on the use of these squares, in addition to identifying whether these squares are references of identity and memory for their users. To perform this task, the regressive-progressive dialectical method developed by Lefebvre was used for analysis. Thus, we started from the current reality of squares, and went back to the past, looking for elements that could elucidate certain particularities found in the present, later, the opposite movement was made in order to try to indicate possibilities for the future. As for the investigation method, a phenomenological perspective was adopted, for emphasizing qualitative data, in order to understand the uniqueness of spaces from the subjectivity of users. As methodological procedures, behavioral maps and interviews were used. The results found point to future directions aimed at improving and qualifying urban spaces in squares, in addition to increasing the quality of urban life. In general, it was possible to conclude that the patrimonialization did not affect the use of spaces referring to the studied squares, despite being identified by the users as cultural assets of the city of Pelotas.

Key words: Patrimonialization. Public Squares. Pelotas

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Identificação dos tipos de usos na Praça José Bonifácio.....	86
Tabela 2- Identificação dos tipos de uso na Praça Piratinino de Almeida.....	114
Tabela 3 - Identificação dos tipos de uso na Praça Cipriano Barcelos.....	141
Tabela 4 - Identificação dos tipos de uso na Praça Coronel Pedro Osório.....	170
Tabela 5- Praças com respectivos referenciais urbanos.....	232

Lista de Figuras

Figura 1 - Planta de reconstrução da aldeia neolítica de Aichbühlim Federseemor, na Alemanha (cerca de 2000 a.C.)	29
Figura 2 – Processo de formação da imagem mental.....	42
Figura 3 - Mapa das Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural da Cidade de Pelotas (ZPPC) e Localização dos Focos de Interesse Cultural (FEIC).....	57
Figura 4 - Mapa de localização da cidade de Pelotas.....	61
Figura 5 - Localização das praças na área central de Pelotas/RS e definição das praças que fazem parte do estudo.....	62
Figura 6 - Fotografia da Praça José Bonifácio.....	63
Figura 7 - Fotografia Praça Piratinino de Almeida.....	63
Figura 8 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	64
Figura 9 - Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	64
Figura 10 – Planta da Praça José Bonifácio.....	77
Figura 11 – Planta parcial da Praça José Bonifácio.....	78
Figura 12 – Fotografia da Praça José Bonifácio.....	79
Figura 13 – Fotografia da Praça José Bonifácio.....	79
Figura 14 – Planta parcial da Praça José Bonifácio.....	80
Figura 15 – Fotografia da Praça José Bonifácio.....	81
Figura 16 – Fotografia da Praça José Bonifácio.....	81
Figura 17 – Planta parcial da Praça José Bonifácio.....	82
Figura 18 – Planta parcial da Praça José Bonifácio.....	83
Figura 19 – Fotografia da Praça José Bonifácio.....	84
Figura 20 – Fotografia da Praça José Bonifácio.....	84
Figura 21 – Fotografia da Praça José Bonifácio.....	84
Figura 22 – Fotografia da Praça José Bonifácio.....	84
Figura 23 – Mapa de usos entorno da Praça José Bonifácio.....	85
Figura 24 – Fotografia de prédio do entorno da Praça José Bonifácio.....	87
Figura 25 – Fotografia de prédio do entorno da Praça José Bonifácio.....	87
Figura 26 – Fotografia de prédio do entorno da Praça José Bonifácio.....	88
Figura 27 – Fotografia de prédio do entorno da Praça José Bonifácio.....	88
Figura 28 – Fotografia de prédio do entorno da Praça José Bonifácio.....	88
Figura 29 – Fotografia de prédio do entorno da Praça José Bonifácio.....	88

Figura 30 – Gráfico da Praça José Bonifácio.....	92
Figura 31 – Gráfico da Praça José Bonifácio.....	92
Figura 32 – Mapa comportamental da Praça José Bonifácio.....	93
Figura 33 – Mapa comportamental da Praça José Bonifácio.....	94
Figura 34 – Fotografia da Praça José Bonifácio.....	96
Figura 35 – Fotografia da Praça José Bonifácio.....	96
Figura 36 – Mapa comportamental da Praça José Bonifácio.....	97
Figura 37 – Fotografia da Praça José Bonifácio.....	98
Figura 38 – Mapa comportamental da Praça José Bonifácio.....	99
Figura 39 – Planta da Praça Piratinino de Almeida.....	101
Figura 40 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	102
Figura 41 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	102
Figura 42 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	103
Figura 43 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	103
Figura 44 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	104
Figura 45 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	104
Figura 46 – Planta parcial da Praça Piratinino de Almeida.....	105
Figura 47 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	106
Figura 48 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	106
Figura 49 – Planta parcial da Praça Piratinino de Almeida.....	107
Figura 50 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	108
Figura 51 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	108
Figura 52 – Planta parcial da Praça Piratinino de Almeida.....	109
Figura 53 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	110
Figura 54 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	110
Figura 55 – Planta parcial da Praça Piratinino de Almeida.....	111
Figura 56 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	112
Figura 57 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	112
Figura 58 – Mapa de usos entorno da Praça Piratinino de Almeida	113
Figura 59 – Fotografia de prédio do entorno da Praça Piratinino de Almeida	115
Figura 60 – Fotografia de monumento da Praça Piratinino de Almeida.....	115
Figura 61 – Gráfico da Praça Piratinino de Almeida.....	119
Figura 62 – Gráfico da Praça Piratinino de Almeida.....	119
Figura 63 – Mapa comportamental da Praça Piratinino de Almeida.....	120

Figura 64 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	121
Figura 65 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	121
Figura 66 – Mapa comportamental da Praça Piratinino de Almeida.....	122
Figura 67 – Mapa comportamental da Praça Piratinino de Almeida.....	124
Figura 68 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	125
Figura 69 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	125
Figura 70 – Mapa comportamental da Praça Piratinino de Almeida.....	126
Figura 71 – Planta da Praça Cipriano Barcelos.....	128
Figura 72 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	129
Figura 73 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	129
Figura 74 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	130
Figura 75 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	130
Figura 76 – Planta parcial da Praça Cipriano Barcelos.....	131
Figura 77 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	132
Figura 78 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	132
Figura 79 – Planta parcial da Praça Cipriano Barcelos.....	133
Figura 80 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	134
Figura 81 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	134
Figura 82 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	135
Figura 83 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	135
Figura 84 – Planta parcial da Praça Cipriano Barcelos.....	136
Figura 85 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	137
Figura 86 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	137
Figura 87 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	138
Figura 88 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	138
Figura 89 - Planta parcial da Praça Cipriano Barcelos.....	139
Figura 90 – Mapa de usos entorno da Praça Cipriano Barcelos.....	140
Figura 91 – Fotografia de prédio do entorno da Praça Cipriano Barcelos.....	142
Figura 92 – Fotografia de prédio do entorno da Praça Cipriano Barcelos.....	142
Figura 93 – Gráfico da Praça Cipriano Barcelos.....	145
Figura 94 – Gráfico da Praça Cipriano Barcelos.....	145
Figura 95 – Mapa comportamental da Praça Cipriano Barcelos.....	147
Figura 96 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	148
Figura 97 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	148

Figura 98 – Mapa comportamental da Praça Cipriano Barcelos.....	149
Figura 99 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	150
Figura 100 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	150
Figura 101– Mapa comportamental da Praça Cipriano Barcelos.....	151
Figura 102 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	152
Figura 103 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	152
Figura 104– Mapa comportamental da Praça Cipriano Barcelos.....	153
Figura 105 – Planta da Praça Coronel Pedro Osório.....	157
Figura 106– Montagem fotográfica com monumentos da Praça Coronel Pedro Osório.....	158
Figura 107 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	159
Figura 108 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	159
Figura 109 – Planta parcial da Praça Coronel Pedro Osório.....	161
Figura 110 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	162
Figura 111 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	162
Figura 112 – Planta parcial da Praça Coronel Pedro Osório.....	163
Figura 113 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	164
Figura 114 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	164
Figura 115 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	165
Figura 116 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	165
Figura 117 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	166
Figura 118 – Planta parcial da Praça Coronel Pedro Osório.....	167
Figura 119 – Planta parcial da Praça Coronel Pedro Osório.....	168
Figura 120 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	169
Figura 121 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	169
Figura 122 – Mapa de usos entorno da Praça Coronel Pedro Osório.....	171
Figura 123 – Fotografia de prédio do entorno da Praça Coronel Pedro Osório.....	172
Figura 124 – Fotografia de prédio do entorno da Praça Coronel Pedro Osório.....	172
Figura 125 – Fotografia de prédio do entorno da Praça Coronel Pedro Osório.....	173
Figura 126 – Fotografia de prédio do entorno da Praça Coronel Pedro Osório.....	173

Figura 127 – Fotografia de prédio do entorno da Praça Coronel Pedro Osório.....	174
Figura 128 – Fotografia de prédio do entorno da Praça Coronel Pedro Osório.....	174
Figura 129 – Gráfico da Praça Coronel Pedro Osório.....	177
Figura 130 – Mapa comportamental da Praça Coronel Pedro Osório.....	178
Figura 131 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	179
Figura 132 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	179
Figura 133 – Mapa comportamental da Praça Coronel Pedro Osório.....	180
Figura 134 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	181
Figura 135 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	181
Figura 136 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	183
Figura 137 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	183
Figura 138 – Mapa comportamental da Praça Coronel Pedro Osório.....	184
Figura 139 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	185
Figura 140 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	185
Figura 141 – Mapa comportamental da Praça Coronel Pedro Osório.....	186
Figura 142 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	188
Figura 143 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	188
Figura 144 – Planta do 1º loteamento da cidade de Pelotas.....	194
Figura 145 – Fotografia antiga a partir da Rua Miguel Barcelos.....	195
Figura 146 – Fotografia atual a partir da Rua Miguel Barcelos.....	195
Figura 147 – Fotografia da Praça José Bonifácio.....	197
Figura 148 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.....	199
Figura 149 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	202
Figura 150 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.....	202
Figura 151 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	204
Figura 152 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.....	205
Figura 153 – Gráfico da Praça José Bonifácio.....	209
Figura 154 – Gráfico da Praça Piratinino de Almeida.....	211
Figura 155 – Gráfico da Praça Cipriano Barcelos.....	213
Figura 156 – Gráfico da Praça Coronel Pedro Osório.....	215
Figura 157 – Gráfico da Praça José Bonifácio.....	221
Figura 158 – Gráfico da Praça Piratinino de Almeida.....	222

Figura 159 – Gráfico da Praça Cipriano Barcelos.....	224
Figura 160 – Gráfico da Praça Coronel Pedro Osório.....	226
Figura 161 – Referenciais urbanos do centro de Pelotas.....	230

Lista de Quadros

Quadro 1 - Relação entre problema, objetivos e métodos.....	59
Quadro 2 - Atividades realizadas nas praças.....	70
Quadro 3 - Categorias das atividades realizadas nas praças.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 AS PRAÇAS PÚBLICAS.....	27
2.1 Conceito e importância das praças.....	27
2.2 As praças como patrimônio cultural da cidade de Pelotas.....	37
2.3 A percepção ambiental e a formação da imagem mental.....	40
2.4 As praças e a memória compartilhada do lugar.....	42
2.5 A relação entre memória e patrimônio cultural.....	47
2.6 O patrimônio cultural e as praças.....	48
2.7 As políticas públicas de preservação do patrimônio cultural no Brasil.....	50
2.7.1 A trajetória das políticas públicas de preservação do patrimônio cultural em Pelotas	52
3 METODOLOGIA: DEFININDO OS CAMINHOS DA ANÁLISE E DA INVESTIGAÇÃO.....	58
3.1 Recapitulando o problema de pesquisa, objetivos e métodos.....	58
3.2 Seleção do objeto de estudo.....	60
3.3 Delimitação da área de estudo.....	61
3.4 O método de análise: regressivo – progressivo.....	64
3.5 O método de investigação.....	66
3.5.1 Levantamento de Arquivo.....	68
3.5.2 Levantamento de Campo.....	68
3.5.2.1 Levantamento Físico e Fotográfico.....	68
3.5.2.2 Observações de Comportamento.....	69

3.5.2.3 Entrevistas Estruturadas.....	72
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	75
4.1 Aspectos relacionados ao uso das praças.....	75
4.1.1 O presente: descrição do visível – percepção física e uso das praças.....	75
4.1.1.1 Praça José Bonifácio.....	76
4.1.1.2 Praça Piratinino de Almeida.....	101
4.1.1.3 Praça Cipriano Barcelos.....	127
4.1.1.4 Praça Coronel Pedro Osório.....	156
4.1.2 Retorno ao passado: permanências e rupturas.....	190
4.1.2.1 Praça José Bonifácio.....	193
4.1.2.2 Praça Piratinino de Almeida.....	197
4.1.2.3 Praça Cipriano Barcelos.....	200
4.1.2.4 Praça Coronel Pedro Osório.....	203
4.1.3 Apontando para o futuro: panorama de futuro das praças.....	207
4.1.3.1 Praça José Bonifácio.....	207
4.1.3.2 Praça Piratinino de Almeida.....	209
4.1.3.3 Praça Cipriano Barcelos.....	211
4.1.3.4 Praça Coronel Pedro Osório.....	213
4.2 Aspectos relacionados à patrimonialização e a importância das praças para os usuários.....	218
4.2.1 As praças como patrimônio cultural.....	219

4.2.1.1 Praça José Bonifácio.....	220
4.2.1.2 Praça Piratinino de Almeida.....	221
4.2.1.3 Praça Cipriano Barcelos.....	223
4.2.1.4 Praça Coronel Pedro Osório.....	224
4.2.3 Análise dos aspectos relacionados à patrimonialização e à importância das praças para os usuários.....	227
4.2.4 As praças como referenciais urbanos para os usuários.....	228
4.3 A influência da patrimonialização para o uso das praças.....	232
5 CONCLUSÕES E ENCAMINHAMENTOS DE NOVOS ESTUDOS.....	237
REFERÊNCIAS.....	247
APÊNDICES.....	253
ANEXO.....	271

1 INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa trata da patrimonialização. Nesse sentido, busca analisar o efeito desta tomada de decisão, patrimonializar um bem, referentemente às praças públicas. Adota a perspectiva segundo a qual esses espaços públicos podem ser estudados por meio da relação social existente entre a sociedade que partilha esse ambiente e admite que tais relações sociais também são influenciadas pelo espaço. Trata-se, portanto, de uma análise socioespacial. Para tal, o trabalho estuda as praças por meio da concepção de que a materialidade e a imaterialidade da vida humana são indissociáveis (LEFEBVRE, 2006). Assim, as praças são criadas e recriadas segundo as necessidades e os pensamentos da sociedade na qual esse espaço físico está inserido. Dessa forma, admitimos que a cidade como um todo é por excelência extremamente mutante. As formas da cidade ao longo da história mudam, seus usos se alteram e a estrutura se modifica a cada novo período em que seja possível observar alterações da sociedade, sejam elas econômicas, sociais ou de outra ordem. Apesar disso, alguns espaços urbanos permanecem, seja do ponto de vista do uso, do seu espaço físico, da sua localização ou, muitas vezes, permanecem apenas na memória de seus habitantes.

No caso das praças, podemos observar que muitas praças centrais estão configuradas desde a origem das cidades. Muitas vezes, foram planejadas juntamente com o plano piloto da cidade ou foram criadas por meio de reformas urbanas muito antigas e, sendo assim, fazem parte da configuração urbana há muitos anos, criando uma mediação entre o passado e o presente. Logo, muitos desses espaços podem vir a se tornar referenciais de memória no presente, evidenciando o processo de desenvolvimento da cidade.

Por esse motivo, muitas dessas praças são espaços públicos que, por fazerem parte da história das cidades, acabam sendo patrimonializadas pelo poder público, com a intenção de serem bens representativos e que façam parte do patrimônio cultural da cidade. Nesse sentido, o termo “patrimonialização” tem sido utilizado para dar conta dos processos que dizem respeito à eleição e classificação desses bens culturais que podem ou poderiam vir a se tornar representativos de uma determinada cultura. Essa noção envolve, portanto, agentes sociais responsáveis por estratégias e definições que caracterizam o processo de patrimonialização de um bem cultural. Assim, os bens tidos como patrimônio cultural, de um determinado grupo de pessoas,

não são a princípio referências culturais prontas, usadas e compreendidas como tal. Pelo contrário, deveriam ser fruto de discussões de interesses diversos perante o grupo que pretendem representar, ainda que, muitas vezes, esse diálogo não aconteça.

Cabe aqui recorrer à obra de Calvino quando nos fala da cidade de Maurília, para ilustrar a discussão, sempre inquietante, sobre a questão de preservar ou não preservar determinado bem cultural: “Na cidade de Maurília o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo em que observa cartões postais antigos de como a cidade havia sido” (CALVINO, 1990, p.15). Através desse paradoxo, onde os cartões postais criam uma atmosfera saudosista, remetendo à ideia de que no passado as coisas eram melhores, na prática os habitantes desejam tecnologias mais avançadas, desejam que a metrópole evolua cada vez mais, promovendo melhor bem-estar e qualidade de vida.

Diante desses fatos presentes na ficção literária, mas também na realidade da vida urbana, esses processos de patrimonialização que ocorrem têm contribuído, muitas vezes, para promover mudanças nas práticas sociais e econômicas no entorno dos espaços urbanos. Nesses casos, o Estado atua como principal legitimador desses processos, através de políticas culturais ligadas a tombamentos, intervenções físicas em prédios e espaços urbanos, favorecimento de novos usos para os espaços, instalação de serviços e atividades culturais ligados ao lazer e ao turismo, entre outras práticas. O Estado normatiza o uso desses espaços, compondo regras de adequação dos usos, modificando práticas e regulando condutas, de modo a salvaguardar a patrimonialização estabelecida.

Por outro lado, muitas vezes os usuários do espaço não participam desses processos e nem têm conhecimento dos motivos que levaram a tal patrimonialização e, assim, no seu viver cotidiano acabam ignorando, ou até mesmo contrariando, as normas impostas para regulamentar tais condutas. Apesar disso, mesmo assim, algumas praças servem, muitas vezes, de referenciais urbanos para os usuários, tornando-se fortes suportes para a memória e referências de identidade para a sociedade. Podemos dizer que algumas praças poderiam ser locais desse tipo, os quais Kevin Lynch (2011) denomina de “marcos”, por serem diferenciados dos demais espaços urbanos e possuírem características memoráveis para grande parte dos usuários.

Aqui, estamos diante de uma indagação: como o espaço social é produzido? E para entender é necessário compreender a própria noção de espaço social que aqui fundamenta a análise, cuja base se encontra na formulação de Lefebvre (2006). Para tanto, será necessário ultrapassar a visão positivista do espaço como sendo uma realidade material independente, que existe em “si mesma”. Contra isso, surgiu o conceito de produção do espaço (LEFEBVRE, 2006), que propõe uma teoria que entende o espaço como diretamente relacionado à realidade social. Nesse sentido, descarta-se a possibilidade de adotar o pressuposto epistemológico da existência de um espaço em “si mesmo”, haja vista a compreensão de que ele é, na verdade, produzido socialmente.

Lefebvre (2006) avança a partir de um conceito relacional de espaço e tempo. Segundo Schmid (2012, p. 91), o espaço aparece como sendo a simultaneidade, “a ordem sincrônica da realidade social. Tempo, por outro lado, denota a ordem diacrônica e, assim, o processo histórico da produção social”. Entretanto, é preciso entender que a sociedade, nessa perspectiva, não se refere a uma totalidade espaço-temporal. É preciso compreender a sociedade na sua realidade enquanto seres humanos, dotados de suas emoções, corporeidades, pensamentos e ideologias. “Seres humanos que entram em relações entre si por meio de suas atividades práticas” (SCHMID, 2012, p. 91). Assim, para Lefebvre (2006), a produção do espaço social e do tempo social não está ligada a fatores puramente materiais, como também não pode ser reduzida a um *status* de puros, absolutos ou conceitos *a priori*. Na verdade, é fundamental que sejam entendidos enquanto aspectos integrais da prática social e são, assim, resultado e condição da produção da sociedade.

Portanto, espaço e tempo, na perspectiva social, não existem de forma absoluta ou universal, são produzidos socialmente e, portanto, só podem ser verdadeiramente compreendidos dentro do contexto de uma sociedade específica. A chave para a compreensão do espaço social em Lefebvre (2006) está na possibilidade de considerar que a produção do espaço pode ser dividida em três dimensões distintas, ou processos, que estão dialeticamente interconectados. Esses processos são duplamente determinados e da mesma forma são duplamente designados, em uma série paralela que aponta para a tríade dialética da “prática social, “representações do espaço” e “espaços de representação”, que correspondem sucessivamente ao espaço “percebido”, “concebido” e “vivido”.

A “prática espacial” se refere a dimensão material da atividade e interações sociais. “Em termos concretos, poder-se-ia pensar como as redes de interação e comunicação se erguem na vida cotidiana [...] ou no processo de produção”. Já a “representação do espaço” emerge ao nível do discurso, incluindo formas verbalizadas que expressam o espaço por meio de descrições, definições e, fundamentalmente, teorias. Para Lefebvre (2006), entram nessa última categoria os mapas, plantas, fotos e signos como representações do espaço. Por fim, os “espaços de representação” podem ser definidos como a dimensão simbólica do espaço e, portanto, não se referem aos espaços propriamente, mas a algo mais. “Esta dimensão da produção do espaço refere-se ao processo de significação que se conecta ao símbolo” (SCHMID, 2012, p. 99). Tais símbolos podem ser tomados da natureza ou de artefatos, como prédios e monumentos.

O acesso às três dimensões do espaço, “prática social, “representações do espaço” e “espaços de representação”, pode ser feito de maneira fenomenológica a partir dos conceitos de espaço “percebido”, “concebido” e “vivido”, que tratam, ao mesmo tempo, da constituição individual e social na sociedade, “não é somente constitutiva da autoprodução do homem, mas da autoprodução da sociedade. Todos os três conceitos denotam processos ativos individuais e sociais ao mesmo tempo” (SCHMID, 2012, p. 102). O “espaço percebido” tem como principal característica o aspecto perceptível, que pode ser apreendido por intermédio dos sentidos, que constitui um componente da prática social e está mais diretamente ligado aos aspectos materiais que compõem o espaço. Já o “espaço concebido” indica uma condição prévia, presume um ato de pensamento que está ligado à produção do conhecimento. Por fim, o “espaço vivido” mostra a experiência em relação ao espaço e, segundo muito bem expressa Schmid (2012, p. 102), “essa dimensão significa o mundo assim como ele é experimentado pelos seres humanos na prática de sua vida cotidiana”.

Na perspectiva exposta é que se situa a problemática tratada no presente trabalho, ou seja, em analisar o descompasso existente no processo dialético, mas contraditório, entre as “representações do espaço” e seu correspondente “espaço concebido” e os “espaços de representação” e seu par, o “espaço vivido”, o que vai afetar diretamente nas “práticas espaciais” e no “espaço percebido”, como consequência. Em outras palavras, o que se quer dizer é que como são dimensões diferentes dentro da mesma tríade dialética, o espaço concebido pelos técnicos, pelo

poder público ou pelo Estado, em última instância, não corresponde, necessariamente, ao espaço vivido, experienciado pelos sujeitos concretos que vivem o espaço. Isso significa que pode haver um descompasso entre a concepção de patrimonialização (espaço concebido resultante das representações do espaço) e o uso efetivo dos espaços patrimonializados (espaço vivido decorrente dos espaços de representação). Esse descompasso será tanto maior quanto menor for a atenção dada pelos entes responsáveis pela patrimonialização àquilo que efetivamente experimenta a sociedade em relação ao espaço.

No que diz respeito às praças públicas, especificamente objeto do presente trabalho, a concepção de sua patrimonialização, sem considerar o uso efetivo ou o efeito efetivo da patrimonialização, tem mostrado uma desconsideração ao efeito esperado para um bem patrimonializado. Na verdade, a falta de discussão do processo e a pouca divulgação dos seus resultados têm tornado quase sem efeito para o patrimônio cultural o processo em si. Muitas vezes, a patrimonialização das praças públicas gera mudanças nas práticas sociais e econômicas nesses espaços e no seu entorno, trazendo diversas restrições para seus usuários e, conseqüentemente, dificultando o uso costumeiro, como era antes da patrimonialização. Nesse sentido é que se estabelece, assim, uma contradição entre normatização e apropriação do espaço.

Posto isto, vale ressaltar que a patrimonialização, enquanto processo socioespacial, contribui para a produção social do espaço urbano, criando conflitos de interesses entre os diversos grupos envolvidos, como, por exemplo, usuários do espaço em geral, comerciantes, empresários, habitantes locais, turistas, entre outros. Essa problemática pode resultar, muitas vezes, em políticas concebidas sem eficiência para atender as aspirações da comunidade como um todo.

Assim, este trabalho explica a ideia de que embora o espaço das praças possa ser patrimonializado, seu uso (pelos usuários locais e pela comunidade do entorno) e todo o seu dinamismo deve ser permitido e incentivado para que o espaço continue tendo vida e significado. Dessa forma, o principal objetivo do trabalho foi proporcionar uma análise da realidade capaz de perceber a influência da patrimonialização no uso das praças. A intenção foi analisar de que modo a patrimonialização das praças públicas pode afetar o seu uso, pois estamos diante de espaços públicos que já possuíam valores e significados atribuídos pela sociedade. Esse fato teria a condição de alterar os usos, incentivando-os ou desestimulando-os? Como os usuários em

questão sentiram os efeitos da patrimonialização? Questiona-se isso, principalmente, em função de que o instituto de patrimônio atribuído às praças, na maior parte dos casos, é resultado da concepção e decisão de organismos que não estão obrigados a dialogar com os usuários para a tomada de decisão.

Ainda com relação aos objetivos, o trabalho buscou identificar os motivos pelos quais as praças em questão são utilizadas e o comportamento dos usuários nesses espaços, a fim de diagnosticar se o fato dessas praças terem se tornado patrimônio é um dos motivos para o uso do espaço. Buscou-se, também, verificar se as praças são identificadas pelos usuários como referenciais urbanos, tanto físicos quanto identitários, auxiliando, dessa forma, a entender a importância desses espaços para os usuários. Afinal de contas, o uso dos espaços públicos pode se dar por diferentes razões em função da multiplicidade de usuários e, nesse caso, considerou-se importante verificar em que medida esses espaços eram ou não entendidos como lugares, parcelas do espaço às quais se atribui valores subjetivos de identidade e reconhecimento.

Para a delimitação do objeto de estudo na presente investigação foi selecionada a cidade de Pelotas, tendo em vista se adequar à análise proposta, onde foi possível identificar praças públicas patrimonializadas, que serviram de recorte para o trabalho desenvolvido.

Nesse sentido, a área central da cidade de Pelotas representa o núcleo inicial da cidade, concentrando atividades urbanas de grande significado histórico, institucional, patrimonial, arquitetônico e social que constituem a singularidade do lugar. Sendo assim, esse reconhecimento foi chancelado no ano de 2018, quando o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) inscreveu o Centro Histórico de Pelotas nos denominados “Conjuntos Urbanos Tombados”¹. Segundo o IPHAN, “Os bens que compõem o Conjunto Histórico de Pelotas (RS), apresentam valor histórico diretamente relacionado a, pelo menos, dois momentos de desenvolvimento econômico regional: o do charque (1800 a 1900) e o do início da industrialização (1900 a 1930)”. Dentre os bens tombados estão as seguintes praças que vêm a fazer parte deste trabalho: praças José Bonifácio, Coronel Pedro Osório, Piratinino de Almeida, Cipriano Barcelos, além do Parque Dom Antônio Zattera.

¹ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1764/> acessado em 25/10/2018.

Apesar dessa patrimonialização ser recente, o uso dessas praças centrais de Pelotas sempre existiu e, além disso, elas são espaços de grande significado simbólico e referencial para a maioria da população. A hipótese central deste trabalho foi de que existe um descompasso entre a patrimonialização das praças (espaço concebido) e seu uso efetivo (espaço vivido), o que interfere na sua percepção (espaço percebido), decorrente do fato de que as praças públicas constituem um espaço público cujo uso está associado muito mais à função da praça do que à patrimonialização propriamente dita, como, por exemplo, em função de diversos motivos: lembranças passadas, aspectos físicos, locacionais e sociais.

Assim, a fim de abordar o tema proposto, segundo a problematização indicada, e atender aos objetivos estabelecidos, foi escolhido como metodologia para análise desta pesquisa o método desenvolvido por Henri Lefebvre denominado regressivo-progressivo. Essa proposta metodológica foi capaz de dar conta de entender a realidade do espaço urbano das praças, uma vez que ela é capaz de identificar que o que observamos no presente é a coexistência de relações sociais que têm datas diferentes, ou seja, é uma sobreposição de diversas épocas (VIEIRA 2006). A realidade analisada a partir do presente se apresenta de maneira simultânea, ou seja, ao mesmo tempo para nós. Entretanto, é preciso considerar que essa simultaneidade é apenas aparente, haja vista que a realidade é composta de elementos que foram produzidos em épocas distintas e, portanto, sob contextos e relações sociais de produção também distintas.

A realidade, apesar de simultânea, contém diferentes temporalidades, considerando que contém o resultado material desses diversos contextos. Isto é, no presente encontramos no mesmo espaço urbano de uma praça materialidades que foram produzidas sob diferentes práticas sociais. Vale o que se disse antes, “espaço e tempo não existem de forma universal”, precisam ser entendidos no contexto de uma sociedade específica. Desse modo é que se pode considerar o espaço como um “acúmulo desigual de tempos”, na perspectiva de que guarda elementos de diferentes tempos. A análise das praças demonstra isso na perspectiva de que diversas intervenções ocorreram ao longo do tempo, representando, em cada qual, as ideias, projetos, concepções e ideologias dominantes em cada tempo.

Esse fato, inclusive, põe uma questão maior a ser levada em conta pela patrimonialização: afinal de contas que praça deve ser patrimonializada, aquela que foi concebida na sua origem ou aquela que foi transformada pelo seu uso? Em que

medida a concepção atual está em acordo com a concepção original em termos de segurança, paisagismo e uso? Há que se levar em conta o fato contundente de que a patrimonialização se refere aos “bens que compõem o Conjunto Histórico de Pelotas (RS)” e não especificamente às praças nele contidas. Portanto, em que medida o efeito “patrimonializador” de fato abrange as praças? De posse dessa abordagem, é possível compreender que o espaço urbano das praças é uma área onde existem resquícios do passado coexistindo com maneiras de usar o espaço da atualidade.

Seguindo a tríade dialética proposta pelo método regressivo-progressivo, este trabalho reconhece uma dupla dimensão da realidade: horizontal e vertical. Na dimensão horizontal se trata do presente, enfatizando o método na descrição crítica do objeto estudado. Não se trata, portanto, de uma simples descrição, limitada àquilo que se vê, mas fundamentada também naquilo que se sabe e se conhece acerca do objeto, fazendo assim uma descrição do quadro atual e das relações sociais de produção existentes na atualidade. Por outro lado, na dimensão vertical existem dois movimentos necessários. O primeiro movimento aponta para o passado, uma verdadeira regressão, não a todo passado, o que implicaria em uma evolução, na verdade se trata de um retorno ao passado cujas relações de produção social explicam o presente. Trata-se de identificar rupturas na permanência que constitui o movimento da realidade. Essas rupturas constituem datações importantes, haja vista que significam uma quebra no movimento linear da realidade e são responsáveis pela produção da realidade subsequente. Por fim, ainda na dimensão vertical, existe também a necessidade de se apontar para o futuro e analisar as possibilidades. Assim, constitui-se uma análise dialética da realidade, envolvendo, em uma nova tríade, presente, passado e futuro.

Dessa forma, de posse desse instrumental, elaborado por Lefebvre (que é detalhada no capítulo 3 deste trabalho, onde é tratado sobre o método de análise), o trabalho foi estruturado da seguinte forma:

O capítulo 1 é a parte introdutória, que apresenta o tema da pesquisa, juntamente com a justificativa para a eleição desse tema. Também é definido o problema a ser abordado, juntamente com o objetivo geral, específico e o método de análise. Além disso, nesse capítulo é estabelecida a contribuição esperada com essa pesquisa.

O capítulo 2 é constituído da fundamentação teórica do trabalho, elaborada a partir da revisão da literatura acerca do tema de pesquisa proposto. O capítulo se

divide basicamente em três partes: (1) a parte introdutória, que trata de justificar a importância da formação da imagem mental e da memória compartilhada do espaço urbano da praça para a valorização do patrimônio cultural; (2) posteriormente, é feita uma abordagem sobre patrimônio cultural e políticas públicas de preservação do patrimônio cultural no Brasil e em Pelotas; e (3), por fim, é estabelecida a relação entre as políticas públicas de preservação do patrimônio cultural e o uso dos espaços públicos.

No capítulo 3 é apresentado o método de análise e o método de investigação adotados. Também constitui os aspectos relativos à operacionalização das variáveis, seleção dos objetos de estudo, métodos de coleta e de análise de dados, seleção dos usuários e os principais aspectos ligados à realização do trabalho de campo.

No capítulo 4 é apresentada a análise dos dados e os resultados obtidos. O capítulo é organizado em três partes. Na primeira parte, são apresentados os aspectos relacionados ao uso das praças, ou seja, é apresentada a descrição física do espaço urbano das praças na atualidade, bem como a maneira com a qual os usuários utilizam esse espaço físico (conforme o mapa comportamental aplicado). Também são apresentadas as permanências e as transformações ocorridas nos espaços ao longo dos anos e, por fim, serão elucidados os pontos importantes desse reencontro com o passado. Posteriormente, com base nesses itens anteriores, foi elaborada uma visão de possibilidade de futuro para esses espaços urbanos. Na segunda parte do capítulo 4, são apresentados os aspectos ligados à patrimonialização e a importância das praças para os usuários. E na última parte, são mostradas as relações encontradas entre a patrimonialização e o uso das praças.

Por fim, no capítulo 5 são revistos os objetivos da tese, os principais resultados obtidos, bem como a importância e as implicações dos mesmos para futuras pesquisas e o aprofundamento da problemática exposta.

2 AS PRAÇAS PÚBLICAS

Este capítulo tem o objetivo de tratar a respeito do conceito de praças a fim de justificar a importância de realizar uma pesquisa acerca desse espaço urbano. Também é tratado a respeito da percepção ambiental como forma de captar os estímulos físicos ambientais através dos órgãos dos sentidos a fim de formar uma imagem mental do ambiente. Essa imagem mental é relevante para o presente estudo, uma vez que é a partir dela que o indivíduo reage ao ambiente, tanto de maneira comportamental quanto através de atitudes mentais.

Também é elaborado o conceito de “lugar” utilizado no trabalho e de “memória compartilhada”, para que a praça seja entendida como um lugar que possui uma memória compartilhada entre seus usuários. Posteriormente, também é elucidado o conceito de patrimônio cultural utilizado, bem como estabelecida a relação entre a memória e o patrimônio cultural. Além disso, é realizada uma breve revisão da trajetória das políticas públicas de preservação no Brasil e na cidade de Pelotas e, por fim, são estabelecidas algumas variáveis relacionadas ao uso das praças, dentre as quais está a patrimonialização do espaço.

2.1 Conceito e importância das praças

Segundo o dicionário da língua portuguesa, "praça" significa lugar público, cercado de edifícios; largo; mercado; feira (FERREIRA, 1986). Já alguns autores, como Kevin Lynch (1981, p.443) e Marcus e Francis (1998, p.14), vão mais além quando dizem que as praças são espaços urbanos envolvidos por ruas, ou em contato com elas, que possuem características de atrair pessoas e proporcionar algum tipo de lazer, melhorando a qualidade de vida das pessoas que frequentam esses espaços. Também Kostof (1992) trata da praça como um espaço de uso coletivo que abriga importantes acontecimentos da vida cotidiana, estando atrelada a diversos momentos de transformação das cidades.

Além disso, a importância das praças está também no fato de que elas são um elemento morfológico que se confunde com a própria origem do conceito de urbano (SEGAWA, 1996, p. 31). Nesse sentido, a tese de Júnia Caldeira (2007) discorre sobre a trajetória da praça desde sua origem (na antiguidade greco-romana) até a

modernidade, mostrando sua presença durante toda a história das cidades. É relevante salientar, também, que é na praça onde, na maioria das culturas, acontece a vida social urbana (SEGAWA, 1996; CALDEIRA, 2007).

Assim, quando pensamos sobre a origem da configuração urbana da praça presente atualmente nas cidades, podemos pensar primeiramente nas praças Gregas e Romanas, por serem civilizações que influenciaram diversas outras. Entretanto, apesar dessas praças (gregas e romanas) realmente parecerem ter bastante importância para a formação do conceito de praça na atualidade, outras civilizações também devem ser elencadas para contribuir nesse entendimento.

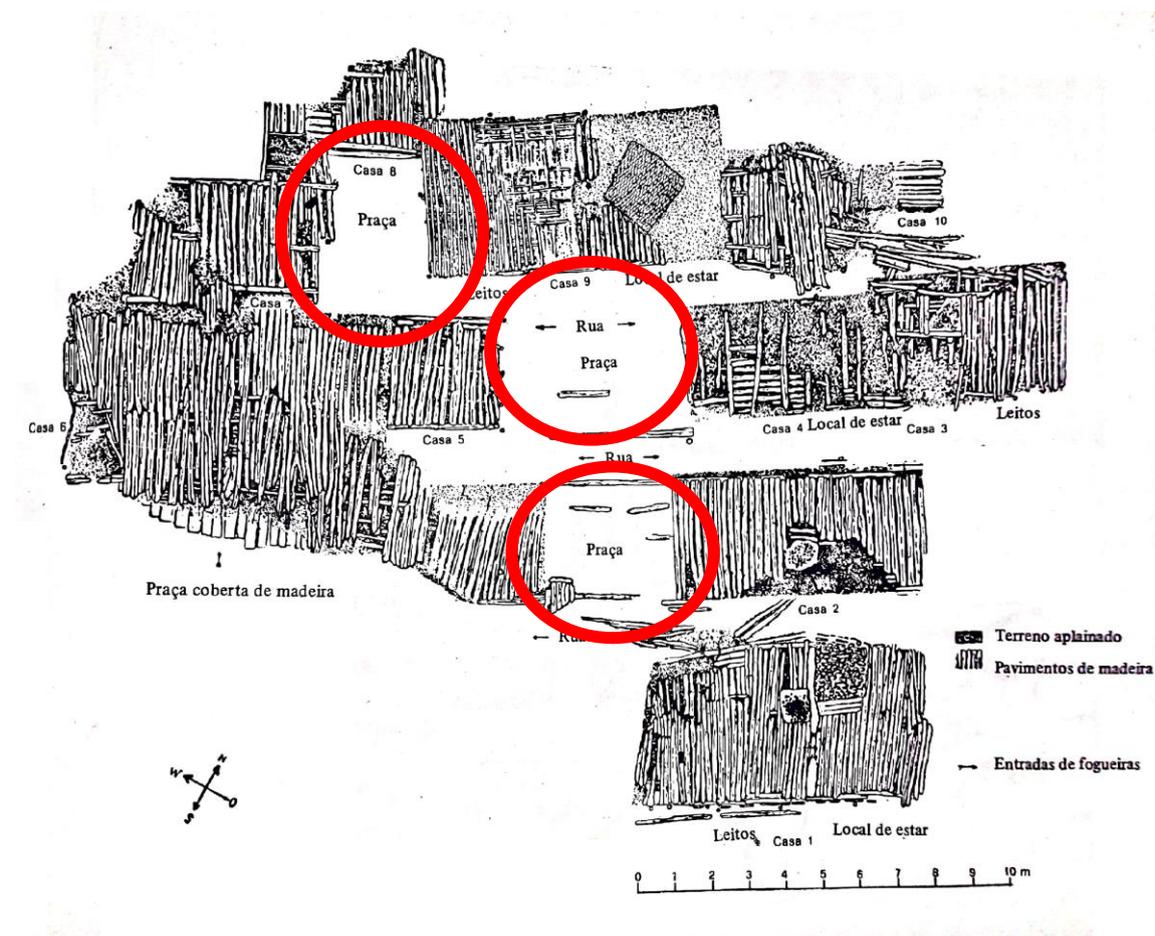
Leonardo Benevolo (2009, p.16), por exemplo, comenta que, atualmente, graças ao trabalho de arqueólogos podemos ter conhecimento de que as aldeias na sociedade neolítica não eram estabelecidas ao acaso. Esses espaços foram criados e o ambiente natural transformado pela ação humana, conforme as necessidades e os pensamentos da sociedade da época, na qual o espaço físico está inserido. De acordo com vestígios encontrados, podemos observar na aldeia neolítica de Aichbühlim Federseemor, na Alemanha (cerca de 2000 a.C.), que naquela época já existia a presença clara de um espaço de convívio comum entre os habitantes da aldeia. Na Figura 1, podemos verificar a presença de praças, circundadas de casas e, inclusive, ruas bem definidas que delimitam esses espaços.

Com isso, podemos observar então que essa configuração urbana que atualmente denominamos de praças já estava presente na antiguidade. Esse fato só vem a fortalecer o entendimento da importância desse espaço urbano para a vida e o desenvolvimento da sociedade ao longo dos anos.

Quanto aos gregos e romanos, Camillo Sitte (1992) mostra a importância das praças na formação das cidades, quando comenta que o “*Ágora*” das antigas cidades gregas era o espaço das assembleias a céu aberto, onde ocorria grande parte da vida pública. Para os romanos, da mesma forma, o espaço aberto “*Fórum*” tinha também grande importância, dado que esse era o local onde se localizavam as principais construções públicas, de tamanhos monumentais, reunindo significativos monumentos, colunas, estátuas e outros elementos a fim de ornamentar e tornar grandioso esse ambiente (SITTE, 1992). Entretanto, vale destacar que, segundo Mumford (1991), apesar do “*Ágora*” e do “*Fórum*” apresentarem configurações morfológicas semelhantes, na Grécia o “*Ágora*” era independente da figura do governante, ou seja, era um espaço atrelado à pólis enquanto cidade-estado. Já em

Roma, o “Fórum” estava vinculado ao imperador e a sua representação política, ou seja, um “Fórum” era criado a cada nova gestão de governo e recebia o nome do seu imperador. Dessa forma, Roma chegou a ter diversos “Fóruns” coexistindo dentro da malha urbana (MUMFORD, 1991, p.168).

Figura 1 - Planta de reconstrução da aldeia neolítica de Aichbühl im Federseemoor, na Alemanha (cerca de 2000 a.C.).



Fonte: (BENEVOLO, 2009, p. 17), editado pela autora, 2021.

Planta de aldeia neolítica com a identificação em círculos vermelhos nas praças, segundo vestígios de escavações arqueológicas. Os círculos foram inseridos pela autora sobre a imagem original.

Assim, é possível notar que na antiguidade greco-romana, a praça era o espaço público de maior importância na cidade e funcionava como um centro vital. Além disso, através desses exemplos, que podem parecer muito distantes dos dias atuais, podemos observar ainda alguma semelhança com as praças da atualidade. Hoje em

dia, ainda se mantém praças onde existem muitos monumentos e elementos com preocupação decorativa. Da mesma forma, muitos prédios do entorno desses espaços ainda são construções, de certa maneira, monumentais, como prefeituras, bibliotecas, igrejas e outros, com a finalidade de atender ao público. Sendo assim, podemos observar que alguns dos princípios norteadores das construções de praças para os gregos e romanos se mantiveram até os dias atuais.

Posteriormente, durante a idade média (período bastante longo da história) na Europa, muitas cidades foram criadas originadas do desenvolvimento da aldeia de trabalhadores (camponeses, pastores, caçadores e pescadores). Na maioria dos casos, os regentes doavam terras a grupos de profissionais que se estabeleciam para trabalhar. Nesses povoados, a praça passa a ser uma importante instituição, pois era nela onde os camponeses, cidadãos e comerciantes se encontravam para negociar, além de ser um local de realização de festas e comemorações. Vale destacar, também, que quanto à disposição física esses assentamentos urbanos normalmente eram constituídos de uma estrada principal, a qual passava pela praça (proporcionando grande destaque e acessibilidade a ela), e de algumas ruas adjacentes (CORNELL, 1998).

No decorrer da idade média, as cidades foram ampliadas e as necessidades da sociedade da época, relativas aos usos e costumes de viver, causaram impactos profundos na configuração urbana das cidades e, conseqüentemente, no ambiente das praças. Assim, Sitte (1992) comenta que nas cidades medievais a configuração da praça se definiu principalmente pelo contraste do vazio (espaço da praça) com a densa paisagem (ruas estreitas e escuras). Dessa maneira, foram estruturados uma diversidade de espaços, como: praças de mercado, praças da igreja, praça cívica e outros. Também Delfante (2000) comenta que muitas praças medievais foram abertas no meio da estrutura urbana já existente, ou seja, no próprio traçado orgânico da cidade, sem um projeto específico para o local. Esse fato, segundo ele, justifica as praças estarem, na maioria das vezes, posicionadas onde convergem as principais ruas, permitindo ângulos de visão que mantém o olhar do observador sempre na praça e em seus edifícios do entorno.

Já no período renascentista, as praças tiveram grandes modificações frente às transformações sociais e estéticas vivenciadas nessa época. Segawa (1996) diz que “o emaranhado tecido de estreitas e abafadas vielas e ruas do passado vai gradativamente sendo substituído por largas, luminosas e arejadas vias de

comunicação – o espaço urbano ganha novas referências, com as perspectivas inéditas de avenidas retas” (SEGAWA, 1996, p. 48).

Assim, as praças no renascimento não são mais espaços vazios na malha urbana, são criados para uma determinada função, de acordo com os edifícios do entorno ali dispostos (religiosos, civis, mercado e edifícios comerciais). Além disso, essas praças passam a ter um tratamento mais cuidadoso em termos de configuração do espaço, uma preocupação com o cenário ordenado, onde conceitos geométricos, como simetria e ordem, tornam-se importantes. Elementos decorativos são utilizados para embelezar e enaltecer a qualidade de vida nas cidades e as praças são dotadas de cenários ricamente decorados com monumentos, obeliscos e estátuas. Com isso, as praças passam a ter um uso destinado também para a contemplação e apreciação do ambiente, com espaços voltados às artes, vegetação, ao relaxamento, onde ocorrem manifestações políticas, festas públicas, cerimônias e eventos, mantendo a integração com os edifícios do entorno e os monumentos instalados (LAMAS, 1993).

No período barroco existiu a busca por espaços infinitos, ou seja, espaços sem a necessidade da presença de edifícios para fazer um fechamento, considerando a relação da praça com outras partes da cidade. Nesse sentido, a diferença entre o período renascentista e o barroco, segundo Morris (1992), é que enquanto o renascimento valorizava a permanência e a imobilidade das coisas, o barroco indica direção e movimento, introduzindo para isso formas curvas (MORRIS, 1992). A partir desse período, podemos dizer que a Piazza italiana, a Plaza Mayor, espanhola, e a Place Royale, francesa, são exemplos que deram origem ao termo na atualidade, assim como também a inclusão da vegetação no espaço público.

A Piazza di SS. Annunziata (1409), localizada em Florença, foi projeto do arquiteto Filippo Brunelleschi e é uma praça fechada por uma continuidade de paredes que descansam sobre uma série de arcos plenos sobre colunas.

Trata-se do início da implantação de praças no sentido atual do termo, o primeiro lugar urbano significativo. Com seu posicionamento exclusivo. Brunelleschi ao mesmo tempo valoriza a tradição de sua cidade, põe-se a serviço de sua necessidade e fama. O orfanato liga à praça, salienta o espírito público da república burguesa que, aliás, em Florença vinha sendo reprimida na época. (CORNELL, 1998, p. 69).

Outros exemplos de Piazza italiana é a Piazza de São Pedro, em Roma. Obra de autoria do arquiteto Lorenzo Bernini, foi o primeiro grande espaço aberto europeu e caracterizou-se como um marco na ruptura da escala renascentista de praça.

As Places Royales, francesas, são formadas por um enquadramento, cercada de construções que tem o objetivo de destacar os elementos do seu interior, como a estátua do Rei. A Place des Voges, de Paris, pode ser caracterizada como uma Place Royale, ela é constituída por um quadrilátero regular formando um recinto fechado, isolado do tráfego, possui um conjunto de construções uniformes e regulares de três pavimentos com pórticos dando a ideia de um pátio, sendo a entrada camuflada nas fachadas uniformes (SEGAWA, 1996, p.37).

Na Espanha, a Plaza Mayor de Madri, por exemplo, é caracterizada como um ambiente fechado, num local onde se unificam diversas vias que convergem para esse ponto. Possui distintas funções, como mercado, festas e outros, e sua unidade espacial manifesta-se tanto em planta quanto em relação às fachadas uniformes e regulares.

Quanto a Plaza Mayor é interessante salientar que esse exemplo passou a ser adotado nos países colonizados pela Espanha. No caso da América colonial espanhola, existiam regras quanto a instalação de novas cidades². Dentre elas estava a criação de uma Plaza Mayor no centro da povoação, ao redor da qual se desenvolvia uma malha regular em forma de tabuleiro de xadrez. Ao redor dessa praça eram dispostas as principais sedes administrativas da província, a igreja e a residência das famílias mais importantes. Essa é a origem de diversas praças em cidades da América Latina, como: Praça Maior de Lima (Peru), Praça de Maio em Buenos Aires (Argentina) e Praça da Constituição na Cidade do México (México).

² ***Ordenanzas de descubrimientos, nueva población y pacificación de las Indias*** de Fillipi, como se indica en el mismo título de las ordenanzas, estas buscaban regular los descubrimientos, poblaciones y pacificaciones en los emplazamientos de provincias ya consolidadas y de los futuros adelantamientos para fundar las nuevas poblaciones en América. Se componen las ordenanzas de 148 capítulos. De ellos se dedican los primeros 31 a los descubrimientos, asignándose a las nuevas poblaciones desde el capítulo 32 al 137, y, por último, los capítulos incluidos entre el 137 y 148 se dedican a regular las pacificaciones.

Son estas las que regulan elementos encontrados en todas las ciudades del continente, como el trazado ortogonal (en damero) de la malla vial, la dimensión de las manzanas urbanas, la manzana urbana vacía para ser usada como plaza municipal y la construcción de la iglesia sobre el costado oriental de la misma. Esto último porque el rito católico requiere que el altar se encuentre orientado hacia el este (el oriente, de ahí la palabra orientación).

Assim, como consequência da ascensão do modelo barroco de cidade, temos uma difusão desses princípios por muitos países Europeus e, também, por suas colônias, o que influenciou diretamente na formação das novas cidades que estavam sendo criadas na América, colonizada por portugueses e espanhóis.

No caso das primeiras praças brasileiras, que são o foco de interesse para este trabalho, elas datam do período colonial. Eram locais que permitiam que todas as funções acontecessem num mesmo lugar, misturando atividades profanas e sacras, militares e civis. Robba e Macedo (2003) descrevem as praças coloniais:

A praça – até esse momento chamada de largo, terreiro e rossio, era o espaço da interação de todos os elementos da sociedade, abarcando os vários estratos sociais. Era aqui que a população da cidade colonial brasileira manifestava sua territorialidade, os fiéis demonstravam sua fé, os poderosos, seu poder, e os pobres, sua pobreza. Era um espaço polivalente, palco de muitas manifestações dos costumes e hábitos da população, lugar de articulação entre os diversos estratos da sociedade colonial. (ROBBA E MACEDO, 2003, p. 22).

Em 1775, Lisboa passou por uma profunda reforma urbana, devido a destruição causada por um terremoto. Nesse episódio, por exemplo, o antigo Terreiro do Paço reaparece como Praça do Comércio, voltada para o Rio Tejo. Após essa reforma urbana é possível perceber que, muitas vezes, nessas praças de Lisboa encontramos as típicas formas e funções das praças coloniais brasileiras. Isso ocorreu em função das determinações pombalinas (Marquês de Pombal) que visavam, dentre alguns propósitos, a lusitanização da colônia portuguesa, reproduzindo ou adaptando espacialmente formas de desenho urbano utilizadas em Portugal e que deveriam ser aplicadas na colônia do Novo Mundo (PARADEDA, 2003).

Nesse período, o Brasil obtinha a condição de vice-reino de Portugal e a sede do governo foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro. Assim, seguindo a ideia dos jardins europeus e as incipientes noções de salubridade pública que se difundia na Europa, foi implantado no Brasil o “Passeio Público do Rio de Janeiro”. Sua execução ocorreu entre 1779 e 1783 por ordem do vice-rei D. Luís de Vasconcelos, que nomeou o arquiteto e urbanista Valentim da Fonseca e Silva para conduzir o projeto (PARADEDA, 2003). Dessa forma, iniciou no Brasil um processo de reforma urbana que culminou com a vinda da família real portuguesa em 1808. Inclusive, data desse período também a implementação de recintos botânicos (praças, jardins ou

passeios) que influenciaram, de certa forma, outra maneira de ver e usar a natureza, plantando espécimes exóticas nos recintos de praças e passeios públicos (ROCHA, 2000).

Quanto às praças estabelecidas no sul do Brasil, segundo Rocha (2000, p. 39), esses povoamentos seguiram orientações específicas (datadas de 1747) quanto as suas disposições urbanas, principalmente no que diz respeito ao traçado reticular, com o objetivo de disciplinar os usuários, facilitando o controle do Estado.

As cidades vão ter os cuidados de modernização, predominantemente a partir da metade do século XIX. Seja nas expansões dos núcleos iniciais ou nas sedes das novas cidades, persistiu o uso da quadrícula e o agrupamento da igreja e dos edifícios institucionais ao redor da praça. (YUNES, 1995, p. 29. In: ROCHA, 2000).

Podemos observar que essas orientações foram seguidas no caso da cidade de Pelotas, no primeiro e segundo loteamentos da cidade, principalmente no que tange a Praça José Bonifácio, onde está implantada a Catedral São Francisco de Paula e os quarteirões do entorno traçados conforme uma retícula (1º loteamento). Da mesma forma, existe essa correspondência também na Praça Coronel Pedro Osório, onde também existe a presença da retícula nos quarteirões do entorno e a presença dos principais prédios institucionais, como, por exemplo, a Prefeitura, a Biblioteca Municipal e outros (2º loteamento).

As praças estudadas nessa pesquisa datam do século XIX, e desde então não sofreram grandes mudanças em termos de sua configuração em relação à malha urbana da cidade. Em relação ao desenho dessas praças, podemos observar que, da mesma forma, elas não sofreram grandes intervenções de maneira a descaracterizar seu desenho inicial.

Assim, é possível observar, na construção das cidades, que existe uma relação entre os espaços construídos e não construídos e que a maneira como esses espaços são distribuídos e articulados na malha urbana parece que é uma das principais características que dá forma à cidade, constituindo a morfologia urbana e, conseqüentemente, diferenciando um ambiente de outro. Krier (1981) considera que a rua e a praça são os dois principais elementos de definição do espaço urbano. Assim, os espaços livres são importantes contrapontos à massa construída e, dessa maneira, há espaços que encontram seu significado pela razão de serem espaços

vazios, como é o caso de algumas praças, entretanto, praças atualmente devem ser bem mais do que isso.

Camillo Sitte (1992) traz uma ideia, ainda atual e bastante relevante, para caracterizar e aprofundar o conceito de praças e não pensar nelas apenas como um simples espaço vazio na malha urbana:

Hoje, em contrapartida, é designado por praça qualquer espaço vazio entre quatro ruas. Talvez esta circunstância seja suficiente em termos de higiene ou de outras características técnicas, mas, sob o ponto de vista artístico, um terreno vazio não é uma praça. No rigor da palavra, sob esse aspecto ainda falta muito no tangente a ornamentação, significado e caráter, pois assim como existem aposentos mobiliados e aposentos vazios, também poderíamos falar de praças mobiliadas e praças ainda não-mobiliadas (tanto em um caso como no outro, a condição essencial é o fechamento do espaço. (SITTE, 1992, p.47).

Nesse sentido, é relevante salientar que o espaço urbano definido como “praças” abrange tanto o espaço aberto quanto os edifícios do entorno, que definem o limite e fazem o fechamento do ambiente. A preocupação com as construções do entorno parece ser pertinente tanto no sentido da concepção formal dos edifícios circundantes (relação entre a altura do prédio e o espaço aberto da praça, relação de cheios e vazios na fachada, cores, e outras características formais) quanto na escolha do uso para o qual as edificações são destinadas. Assim, prédios mais eminentes, como uma Prefeitura ou uma Catedral, proporcionam um destaque maior à praça na qual estão inseridos. Nesse sentido, a presença de pessoas também é outro fator que incrementa o uso dos espaços, já que pessoas atraem pessoas e elas tendem a evitar locais desertos (GEHL, 1987; WHYTE, 1980). Também, a variedade de usos presente nas edificações do entorno do ambiente é outro fator que favorece o seu uso, atraindo diferentes indivíduos, em vários períodos, por razões diversas (REIS E LAY, 2006).

Além da questão da relação do espaço aberto com as construções do entorno, um espaço aberto na malha urbana, para ser considerado uma praça, deve ter equipamentos urbanos adequados e funcionais para todos os usuários, como: bancos, lixeiras, luminárias e outros. Nesse sentido, foi verificado, através de estudos realizados, que a adequação e o conforto, ou seja, a maneira e a capacidade com que os elementos do ambiente correspondem ao padrão e as ações previstas para tal, estão relacionadas ao uso do espaço (LYNCH, 1981, apud REIS E LAY, 2006; GEHL, 1987). Por exemplo, no caso das praças, bancos adequados e confortáveis, em quantidade suficiente, sol (no caso do inverno) e sombra (no caso do verão) e proteção

do vento e da chuva foram apontados como características importantes para o uso dos espaços, por estudos realizados (FRANCIS, 1987; WHYTE, 1980). Também foi apontada a promoção de sentimento de segurança (FRANCIS, 1987; GEHL, 1987; LANG, 1994; BASSO, 2001).

A questão de a praça ter elementos atrativos para os usuários também é um fator que parece incrementar o uso desses espaços. Por atrativos, podemos entender os elementos esteticamente agradáveis para contemplação, como chafarizes, monumentos, estátuas, memoriais, obras de arte, bem como parquinhos infantis, locais para prática de atividade física, entre outros. Assim, estudos indicam que locais que possuem qualidades estéticas, percebidas pelos sentidos humanos como mais agradáveis, tendem a inspirar as pessoas a permanecerem no ambiente por algum tempo (GEHL, 1987; FRANCIS, 1987).

Apesar desses vários aspectos identificados, de acordo com Carr et al. (1992), os principais propósitos pelos quais as pessoas utilizam os espaços das praças, atualmente, são para realizar atividades passivas, tais como o conforto físico e psicológico em função, por exemplo, da temperatura agradável (sol e ar fresco), do pouco barulho, próprio para relaxar, e para realizar atividades denominadas ativas, tais como a prática de atividades físicas, sendo que essas práticas podem ocorrer de maneira combinada ou não (CARR et al., 1992; BASSO, 2001). Pensar dessa maneira parece ser o que garante um espaço coeso, ou seja, um espaço que apresenta harmonia, unidade na imagem urbana, e também um espaço que favoreça o uso e atenda às necessidades dos usuários, proporcionando lazer, bem-estar e uma melhor qualidade de vida.

De posse desse entendimento do conceito de praças e da importância desses espaços para a vida social e urbana nas cidades atuais, é possível observar que muitas praças centrais de cidades históricas estão configuradas desde a implantação das cidades, tornando-se locais que fazem parte da identidade e da cultura da população.

2.2 As praças como patrimônio cultural da cidade de Pelotas

Pelotas é uma cidade onde as praças centrais estudadas estão configuradas desde os primeiros loteamentos da cidade, dessa forma, parecem fazer parte da memória e da identidade de seus usuários, visto que a maioria delas continua a ser utilizada pela população. Entretanto, existe a pergunta: será que essas praças realmente fazem parte da memória e são locais com os quais seus usuários se identificam?

Nesse sentido, o Poder Público Municipal, desde 2008, com a instituição do III Plano Diretor de Pelotas, definiu Áreas de Especial Interesse do Ambiente Cultural (AEICs) e, dentro dessas áreas, Focos de Especial Interesse Cultural (FEICs). Na área central de Pelotas está localizada na Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC) e todas as praças existentes nesse perímetro foram caracterizadas como Focos de Especial Interesse Cultural (PELOTAS, 2008).

Posteriormente, no dia 05 de junho de 2018, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) reconhece o “Conjunto Histórico de Pelotas” como Patrimônio Cultural Brasileiro. A proteção envolve as praças José Bonifácio, Coronel Pedro Osório, Piratinino de Almeida, Cipriano Barcelos e o Parque Dom Antônio Zattera, além da Charqueada São João e do Parque da Baronesa. Esses bens foram registrados em três dos Livros Tombo: histórico, de belas artes, arqueológico, etnográfico e paisagístico.

Com essa chancela, as praças centrais de Pelotas passam a ter, tanto a nível municipal quanto federal, uma importância de “Bens de Interesse Histórico e Cultural”, relacionada com a formação urbana da cidade e seu desenvolvimento econômico. Esse conjunto histórico, então, passa a ter significativo valor histórico, artístico e paisagístico em função do ciclo econômico e cultural do charque que ocorreu no Rio Grande do Sul entre 1800 e 1900.

Nesse sentido, Llorenç Prats (2005) trata da questão de ativação do patrimônio cultural e da dificuldade que existe, muitas vezes, de legitimação desse patrimônio perante a sociedade. Segundo ele, patrimônio cultural é tudo aquilo que socialmente se considera digno de conservação, independentemente de seu interesse utilitário. Além disso, a maneira como o discurso patrimonial é elaborado leva as pessoas a ter uma imagem positiva ou negativa em relação a ele. Por isso, Prats (1998, p. 64) afirma que o patrimônio cultural é invenção e construção social: invenção devido a

capacidade de gerar discursos sobre a realidade; e construção social devido ao processo de legitimação, ou seja, assimilação social dos discursos, sendo assim, deve ser uma construção negociada com a população envolvida.

Davallon (2002) também dá grande importância para a patrimonialização envolvendo a população e diz que ela se aproxima de uma relação construída e representada com os outros, ou seja, é uma maneira através da qual os grupos humanos proporcionam a objetos reais ou ideais um status de elemento que devemos preservar em função dos valores particulares que reconhecemos neles. Esses objetos se tornam, assim, operadores da construção de uma identidade própria, que caracteriza esse grupo no tempo e de uma relação com os outros, sejam esses do passado, do presente ou do futuro.

Assim, quando as praças centrais da cidade de Pelotas são eleitas, juntamente com os demais bens que compõem o conjunto histórico de Pelotas tombado pelo IPHAN (por exemplo, o Teatro Sete de abril, a Catedral São Francisco de Paula, o Grande Hotel e outros³) como elementos que devem ser preservados, deveriam necessariamente caracterizar a identidade desse grupo de pessoas que o órgão público diz estar representando.

Davallon (2002) ainda comenta que sendo a condição de patrimônio de um objeto uma construção social, é necessário que os valores que retratam a obrigação de guardar sejam compartilhados pelo grupo e que essa condição seja legítima e garantida. Para tanto, ele nomeia determinadas operações ou etapas para que essa salvaguarda seja eficaz. Sobre esse processo de patrimonialização elaborado pelo poder público, a fim de legitimar determinado bem cultural como patrimônio, Davallon (2002) comenta que para que ele seja completo, precisam ocorrer seis operações, que são descritas a seguir.

A primeira operação descrita por Davallon (2002) diz respeito ao que ele denominou de “O Achado”. Ela trata de quando o objeto é encontrado e então passa a proporcionar em indivíduos ou coletivos um sentimento de consciência de valor do qual o objeto é portador. Pode evocar uma relação cognitiva, estética, afetiva, social e/ou cultural com um mundo que desapareceu ou está prestes a desaparecer. Nesse caso, o objeto aparece como testemunho, ou seja, ele representa algo para alguém (ou para um grupo de pessoas) que é facilmente acessado por meio dele. É, portanto,

³ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1766/>

suporte de uma experiência vivida e/ou lembrada através dele. Vale lembrar, também, que essa primeira operação que Davallon (2002) descreve é decisiva para as demais operações e que também deve ser, a seguir, partilhada com os demais membros do grupo do qual esses valores representam.

Posteriormente a essa descoberta, Davallon (2002) trata da importância do estudo do objeto, ou seja, é necessária uma certificação de sua origem. Esse estudo é o que proporciona o valor do objeto, bem como a distância que separa o presente do passado, dando conta do valor histórico e do valor de antiguidade. Vale lembrar que a simples descoberta do objeto não é, portanto, suficiente para reconhecer seu valor patrimonial, entretanto, o conhecimento a respeito dele e de sua origem é certamente essencial. Assim, para que o objeto seja declarado como patrimônio é necessário que seu conhecimento permita estabelecer sua origem, ou seja, a identificação de que o objeto realmente vem de onde parece vir, do contrário, não é considerado patrimônio.

A declaração do objeto certifica sua autenticidade e estabelece, conforme legislação específica, a garantia de patrimônio. Essa declaração pode variar desde uma simples enunciação até o ato jurídico ou administrativo de registro e/ou classificação do bem. É a partir desse momento que a obrigação de o guardar passa a ser regra. Juntamente com essa declaração está a operação denominada por Davallon (2002) como “representação do objeto”, que corresponde ao discurso elaborado com base no estudo realizado sobre aquilo que o objeto pretende representar do seu mundo de origem. Assim, fica evidente que todo bem patrimonial reconhecido passa por estudos e pesquisas que servem para atestar sua natureza e mundo de origem, justificando, dessa forma, os valores reconhecidos para o objeto com base em suas características.

Outra operação denominada por Davallon (2002) é o “acesso do coletivo ao objeto”, que coloca em ação diretamente a dimensão social do interesse e o reconhecimento dos valores do objeto. A exposição, na medida em que permite o acesso do público ao próprio objeto, organiza um ritual de celebração, permitindo que o visitante viva a experiência da descoberta do objeto. Além da experiência do achado, existem os benefícios ligados ao próprio objeto, como, por exemplo, conhecimento a respeito do mundo do objeto e seu mundo de origem, prazer estético etc. Através dessa exposição é possível fortalecer os laços de identidade perante aquele grupo que considera esse bem como seu patrimônio, mas também com indivíduos ou grupos

externos que por motivos diversos possam manifestar interesse por esse objeto, ampliando assim a comunidade de olhares interessados.

Por último, a operação de transmissão significa o desejo de um vínculo e, portanto, um interesse pelas gerações futuras. Nesse caso, é necessário um sentimento de pertencimento e de dívida para com os homens do passado que produziram determinados bens, dotados de valor inestimável, e dos quais nos consideramos guardiões e que por esse motivo seríamos responsáveis por transmitir para as gerações futuras.

Assim, de posse desses argumentos e da compreensão das operações necessárias para que um objeto seja patrimonializado, justifica-se a importância das praças centrais de Pelotas em função de sua patrimonialização, mostrando o reconhecimento de sua importância para a manutenção da identidade e memória dos habitantes da cidade de Pelotas. Entretanto, parece ser relevante a verificação da importância e da influência dessa patrimonialização para o uso desses espaços. Espera-se com esses resultados trazer mais subsídios para colaborar na elaboração de políticas patrimoniais no sentido de fomentar o uso de Praças Públicas de Interesse Histórico e Cultural.

2.3 A percepção ambiental e a formação da imagem mental

Quando começamos a falar sobre a apreensão do espaço urbano pelos indivíduos, é preciso ter em mente a ideia de que nosso corpo é influenciado constantemente pelo ambiente em que está inserido e, nesse contexto, ele recebe estímulos do ambiente e reage de determinada maneira a esses estímulos. Sendo assim, para fins deste estudo, admitimos que o processo de apreensão do espaço urbano, ou percepção ambiental, envolve duas etapas complementares: a percepção propriamente dita e a cognição. Embora muitas vezes nos refiramos a apreensão do espaço urbano como um processo único denominado “percepção”, é necessário entender e distinguir as partes que compõem esse processo.

A percepção está relacionada à obtenção de informações, captadas por meio dos sentidos (visão, olfato, audição, tato e paladar), provenientes dos atributos físicos presentes no ambiente, estando intrinsecamente ligada à experiência direta e imediata (WEBER, 1995; MOORE E GOLLEDGE, 1976, apud REIS E LAY, 2006). Nesse sentido, é relevante salientar que embora a percepção inclua as sensações não

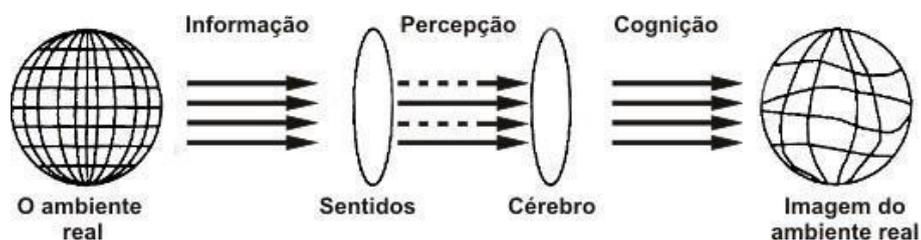
visuais, a visão é dominante sobre os demais sentidos no caso dos seres humanos, fornecendo mais informações que todos os outros sentidos combinados (PORTEOUS, 1996, apud REIS E LAY, 2006). Assim, a percepção diz respeito aos atributos formais das praças, que tendem a ter impactos relacionados ao conceito de ordem que tendem a ser estáveis para diferentes grupos de observadores. Conforme evidenciado pela teoria da Gestalt, que identificou padrões formais que provocam estímulos visuais e reações similares em pessoas com distintas formações culturais (PRAK, 1985, apud REIS E LAY, 2006).

A cognição refere-se ao processo de armazenagem, organização e uso das informações percebidas (LANG, 1987; KAPLAN, apud NASAR, 1988; GOLLEDGE E STIMSON, 1997). Conforme psicólogos, o processo de cognição não necessita estar ligado ao comportamento imediato, diferentemente da percepção, tampouco necessita estar diretamente relacionado a alguma coisa ocorrendo no ambiente. Embora os processos de percepção e cognição sejam quase que simultâneos, teoricamente a percepção ocorre antes de o indivíduo tornar-se consciente do significado e valor de um elemento, ou seja, antes da cognição, pois é através dessa que as sensações adquirem valores e significados (WEBER, 1995).

Através dos processos de percepção e cognição são estabelecidas relações entre o indivíduo e o ambiente físico. Essas relações, obtidas por meio dos estímulos sensoriais percebidos e das experiências prévias, valores e motivações, formam uma representação mental do ambiente real, denominada de imagem mental (Figura 2). Esse produto final do processo de percepção ambiental é avaliado pelo indivíduo como positivo ou negativo e influencia nas reações físicas (comportamentos) e mentais (atitudes) dos usuários em relação ao ambiente (GOLLEDGE E STIMSON, 1997; REIS E LAY, 2006).

Lynch (2011) evidencia a importância da imagem mental, uma vez que é ela que nos possibilita identificar qualidades presentes no espaço urbano. Nesse sentido, uma boa imagem ambiental oferece a seu possuidor um importante sentimento de bem-estar e segurança, qualificando o ambiente e, conseqüentemente, favorecendo seu uso.

Figura 2 - Processo de formação da imagem mental.



Fonte: GOLLEDGE & STIMSON, 1997

Pode-se dizer que a cidade é uma “arte temporal”, pois ela nada mais é do que a sobreposição de diversas épocas, considerando que todos os dias ocorrem interferências, onde diversos atores modificam sua estrutura, formando uma imagem impregnada de lembranças e significados (LYNCH, 2011).

Sendo assim, “nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos, à lembrança de experiências passadas” (LYNCH, 2011, p.1). Com isso, concluímos, quanto à formação da imagem mental e sua importância, que ela parece ser constituída em parte por características relacionadas aos aspectos físico-espaciais (LYNCH, 2011), mas também estão incluídos aspectos relacionados à memória (lembranças), bem como aspectos culturais (LYNCH, 2011; CASTELLO, 2007).

Daí a importância de estudar as praças não somente em relação aos aspectos físico-espaciais que dizem respeito ao uso desses ambientes, mas também estudar aspectos ligados à memória, às experiências vividas nesse espaço.

2.4 As praças e a memória compartilhada do lugar

Segundo Santos (2006), no contexto atual, a sociedade depara-se com um conjunto de acontecimentos que ultrapassam as fronteiras do local, pois são eventos globais, mas sua repercussão se materializa no lugar. Nesse sentido, parece que a globalização (como resultado final), ao invés de tornar os espaços sem identidade e causar a perda de relação com o entorno, com a história e a cultura local (definição dada como “Não Lugares” por Augé, 1994, p.73), permitiu reforçar a diferenciação e as especificidades locais, sem perder a ideia global.

Sendo assim, é possível observar que determinados espaços urbanos, como algumas praças, dentro do espaço maior da cidade acabam sendo percebidas, muitas vezes, pelos usuários, de maneira diferenciada. Lineu Castello (2007) denomina esses espaços de “lugares” e conceitua-os como “um espaço qualificado, ou seja, um espaço que se torna percebido pela população por motivar experiências humanas a partir da apreensão de estímulos ambientais” (CASTELLO, 2007, p.14-15). Além disso, esse mesmo autor diz que “as evidências entre as pessoas e os espaços, além da evidente correspondência física que forçosamente entre eles se estabelece, têm um forte componente psicológico” (CASTELLO, 2007, p.12).

Nesse sentido, uma teoria que parece dar conta do entendimento da relação entre ambiente e comportamento, no sentido de considerar além dos estímulos objetivos (da psicologia da percepção, captados pelos sentidos humanos, GIBSON, 1979, *apud*, CASTELLO, 2007), mas também os estímulos de natureza subjetiva (da psicologia social, forças socioculturais, BONNES & SECCHIAROLI, 1995, *apud* CASTELLO, 2007, p.87), é a teoria “Transacionalista da Percepção”. Através dessa teoria, estaria contemplado o conceito de lugar:

[...] o papel regulador que o significado cognitivo e afetivo exerce nas relações pessoa-ambiente sócio-físico; e, ao mesmo tempo, o ambiente sócio-físico não estaria sendo considerado num sentido molecular, mas, sim, organizado em unidades sócio-físicas representadas por “settings” ou lugares, definidos como uma unidade de experiência ambiental. (CANTER, 1986 *apud* BONNES E SECCHIAROLI, 1995, P. 169, *apud* CASTELLO, 2007, p.88).

Castello (2007, p.89) ainda mostra que existiriam três componentes na definição de lugares: (1) as atividades, (2) os atributos físicos e (3) as concepções ou conceitos. Com base nesses componentes e tendo em mente o espaço urbano das praças, podemos dizer que as atividades, ou usos, exercidas no interior das praças, são realizadas com o auxílio (ou a restrição) dos atributos físicos presentes no ambiente (por exemplo, bancos, luminárias), e as concepções ou conceitos seriam a bagagem sociocultural dos usuários desses espaços. Dessa forma, poderíamos dizer que através da existência de um “lugar” encontramos a manifestação da ideia de uma memória compartilhada entre os vários usuários do espaço, gerando uma identidade coletiva e variadas experiências e emoções.

Tuan (1983) traz a diferença entre espaço e lugar, onde o espaço pode transformar-se em lugar, na medida em que se atribui a ele valor e significação, pois o lugar não pode ser compreendido sem ser 'experenciado'. Para o autor:

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN, 1979, p.387).

Então, para fins desta tese, aquelas praças utilizadas pela população e consideradas pelos usuários como espaços diferenciados dos demais, seja por promover algum tipo de experiência sensorial ou por ter algum valor ou significado especial, são entendidas como um "lugar" e, sendo assim, não são simplesmente um espaço urbano qualquer. Com isso, torna-se evidente a necessidade de entendimento das representações relacionadas à sociedade, que dizem respeito a memória compartilhada entre os grupos sociais que estão representados em determinado lugar.

Nesse sentido, refletir sobre o espaço público urbano das Praças Centrais de Pelotas se torna pertinente, já que elas parecem constituir um importante "lugar" de referência para a população de Pelotas. Podemos dizer que essas praças são locais de constantes práticas sociais e palco de diversas vivências e acontecimentos, tanto individuais quanto coletivos, no entanto, esses espaços são constantemente alterados, sofrendo intervenções mais ou menos drásticas. Sendo assim, cabe destacar o que diz Pesavento (1995):

Naturalmente, a forma de uma cidade, seus prédios e monumentos contam uma história não verbal do que a urbe vivenciou um dia, mas, por mais que este patrimônio tenha sido preservado, os espaços e sociabilidades se alteraram inexoravelmente, seja enquanto forma, função ou significado. (PESAVENTO, 1995, p.11).

Apesar dessas constantes modificações e intervenções físicas e/ou sociais ocorridas no espaço urbano, as praças parecem continuar fazendo parte da memória dos indivíduos que vivenciam ou vivenciaram esses espaços, na medida em que continuam sendo usados e preservados pela população.

Halbwachs (1990) diz que a memória está sempre relacionada aos grupos sociais e não se constitui num ato individual, porque embora sozinhos, sempre carregamos em nós ideias e pensamentos de outros que influenciam nossas ações:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Para Halbwachs (1990), o processo de memória é reconhecimento e reconstrução. Reconhecimento quando entendido como algo já visto, já vivido, e reconstrução quando aspectos anteriores são reestruturados em vivências e interesses do presente. Portanto, a memória seria esse trabalho de reconstrução e reconhecimento que atualiza os quadros sociais podendo mudar ou manter lembranças. Assim, para lembrar algo é necessário um esforço, no sentido de fazer operações lógicas, de proximidade de acontecimentos, de pessoas e pontos de referência. Halbwachs (2004) dá muita importância ao caráter coletivo da memória, ou seja, a influência dos “quadros sociais da memória” sobre a formação das lembranças dos indivíduos. Esses quadros servem como pontos referência que organizam as memórias dos grupos, e dos indivíduos enquanto membros dos grupos, conferindo estabilidade e coerência às representações coletivas. A memória contribui para a formação de identidades e isso se dá na medida em que os grupos se constituem como uma unidade.

Assim, para Halbwachs (2004), a memória é algo socialmente compartilhado, ou seja, nossa memória existe em função dos grupos sociais em que vivemos. Nesse sentido, o indivíduo carrega a lembrança, mas a memória aparentemente mais particular vai sempre remeter a um grupo que está sempre interagindo com a sociedade e com outros grupos e instituições.

Nesse sentido, Halbwachs é um autor relevante para este trabalho, na medida em que mostra a importância de entender que as praças são o espaço físico onde acontecem as trocas/relações sociais entre os grupos, tornando-se assim importantes pontos de referências dessas memórias. Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que intervenções e modificações físicas nesses espaços podem implicar em mudanças na vida e na memória dos grupos que partilham esses locais.

No entanto, sendo as praças locais públicos onde ocorrem diversas práticas sociais ao longo dos anos, parece lógico que se tentássemos entender o significado das praças para a manutenção da memória dos usuários e depois fizéssemos a soma dessas memórias teríamos a ideia de memória coletiva do lugar, ou seja, saberíamos o significado daquele espaço para a grande maioria da população.

Entretanto, Candau (2011), em seus estudos, utiliza o conceito de memória coletiva de Halbwachs, ampliando-o e criando níveis, dizendo que essa memória coletiva parece não existir, ou seja, ela seria uma categoria holista, uma abstração a qual não poderia ser utilizada para generalizar uma ideia ou uma percepção do espaço. Esses níveis de memória são classificados por ele como: protomemória, entendida como a memória hábito (de Bergson), ou inconsciente; a memória, aquela memória consciente (a lembrança de um fato); e a metamemória, que é a memória consciente, trabalhada através da narrativa (é o que falamos a partir da nossa memória). Com isso, podemos concluir que a memória coletiva de Halbwachs seria para Candau a metamemória, ou seja, uma categoria da memória na qual são compartilhados certos aspectos.

Outro ponto importante estabelecido por Candau (2011) é a respeito dos sociotransmissores, os quais seriam um elo entre o passado, presente e futuro. Eles ajudam a consolidar as ideias dos grupos sociais e são responsáveis por promover a conexão entre a memória individual e coletiva. Nesse caso, parece que podemos dizer que uma “memória das praças”, colocada de forma coletiva, é na verdade uma metamemória que se mantém a partir de sociotransmissores. O espaço urbano da praça, portanto, seria um sociotransmissor, que dependendo do espaço (adequação espacial, segurança, conforto e outros atributos) pode ter uma intensidade maior ou menor, criando memórias mais ou menos intensas e consolidando (ou não) a sensação de pertencimento de determinado grupo àquele local.

Candau (2011) trata dessa questão explicando que essa uniformidade de ideias parece não existir, simplesmente porque, segundo ele, existe uma diferença entre a memória “real” e a memória manifestada (metamemória). Sendo assim, “deve-se fazer a distinção entre o dizer que há uma memória coletiva e realmente acreditar que ela existe, ou seja, ela existe no plano do discurso, mas não no concreto” (CANDAU, 2011). Sendo assim, podemos usar o conceito de memória coletiva de Halbwachs, sabendo que essa memória é relativa e não uniforme entre a totalidade dos usuários

das praças. Nesse sentido, Candau denomina essa ideia de memória coletiva como “compartilhamento” de memórias.

Nessa discussão, podemos concluir que para entender o significado das praças para a população do local nunca existirá um significado único entre todas as pessoas usuárias do mesmo espaço físico. Halbwachs e Candau ajudam a entender que não existe memória coletiva do local, mas existem metamemórias compartilhadas em alguns aspectos em relação ao espaço urbano das praças.

2.5 A relação entre memória e patrimônio cultural

Candau (2011) colabora no entendimento da relação entre memória e patrimônio quando diz que o patrimônio é uma dimensão política da memória. Nesse sentido, podemos dizer que o patrimônio parece estar relacionado à dimensão pública e política da memória, ou seja, as ações políticas para definir o que é patrimônio cultural dizem respeito a maneira pela qual as coletividades (tanto as mais representativas quanto as minorias) pretendem determinar o que deve ser recordado e o que deve ser esquecido, a fim de definir o que a comunidade imagina que venha a ser uma identidade comum, representativa do grupo.

Sendo assim, o patrimônio cultural atua como uma representação alusiva ao passado e à identidade do grupo social no qual ele está inserido, oferecendo, dessa forma, um suporte, muitas vezes físico, ao relato memorial desse determinado grupo. Esse discurso, ou relato memorial, é o que Candau (2011) denomina de metamemória, sendo, portanto, uma narrativa, carregada de subjetividade do que realmente venha a ser a memória coletiva. Nesse sentido, podemos dizer que o patrimônio seria uma representação daquilo que a comunidade concebe como valioso para recordar e transmitir.

A seguir, são trazidos mais alguns conceitos de patrimônio cultural, destacando-se a necessidade de reconhecimento e valorização dos bens culturais pela comunidade onde o mesmo está inserido, bem como a necessidade de existência de algum tipo de vínculo afetivo e uso do bem cultural pela comunidade para que esse seja legitimado.

2.6 O patrimônio cultural e as praças

Segundo Lemos (1987), patrimônio histórico-cultural é tudo e qualquer coisa (material ou imaterial) que mantenha viva a memória e a identidade de um determinado grupo numa determinada época. Ferreira (2004) diz que existem várias dimensões desse conceito, entretanto, para que o determinado “bem” seja representativo para a sociedade, é preciso que exista vínculo com a identidade social de um sujeito, de uma comunidade. Além disso, ela deixa clara a necessidade de documentação desse patrimônio para que seus valores sejam transmitidos para as gerações futuras.

Davallon (2002, p.41) diz que patrimônio é uma construção social, sendo representativa daquilo que os envolvidos consideram patrimônio. Nesse sentido é que ele trata como uma questão de conflito, principalmente no que tange a decidir o que é ou não patrimônio, pois envolve diversas opiniões, como: especialistas, usuários, políticos e outros.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, art. 216, constituem Patrimônio Cultural Brasileiro:

[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. acessado em 08/10/2018).

No caso específico das praças de muitas cidades históricas, elas são entendidas como patrimônio cultural, entretanto, não se trata de um bem específico, mas de um conjunto de elementos que irão formar uma determinada ambiência urbana, a qual pode ser caracterizada como patrimônio cultural. Assim, o maior valor patrimonial desse ambiente está não só no ambiente em si, mas também nos prédios do entorno que configuram o fechamento desse espaço, na vegetação que compõe os espaços abertos, no mobiliário urbano, no tipo de piso implementado nos caminhos e em muitos outros aspectos.

Nesse sentido, as praças são vistas por muitos documentos internacionais como, por exemplo, na Carta de Veneza (produzida no âmbito do I Congresso Internacional dos Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos), em função da importância do seu valor patrimonial quando inseridas num determinado contexto histórico e urbano: "não só as criações arquitetônicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico", em art. 1º da Sociedade para a Preservação do Patrimônio (SPPC, 1996⁴). Mais tarde, em 1987, a Carta de Washington (Carta para a Salvaguarda das Cidades Históricas, adotada pela Assembleia Geral do Icomos – *International Council for Monuments and Sites*) afirma especificamente, em seus princípios e objetivos, que os valores a preservar para a salvaguarda de cidades e conjuntos históricos resultam de um conjunto de aspetos materiais e imateriais ("espirituais") que exprimem uma imagem, incluindo "a forma urbana definida pela malha fundiária e pela rede viária" (SPPC, 1996)

Sendo assim, é possível identificar que as praças são possíveis (com base na Constituição Federal do Brasil e em algumas Cartas Patrimoniais mencionadas acima) de constituírem um bem patrimonial que deve ser considerado em conjunto com todos aqueles elementos que compõem a ambiência urbana onde ela está inserida. Essas interações da sociedade com o meio podem formar uma paisagem cultural rica, marcando cada momento da história dessa sociedade que pode ser feita através da leitura desse espaço urbano.

Entretanto, para fins deste estudo, devemos considerar que "patrimônio cultural" não é somente aquele que identifica uma identidade nacional e única para todos. Devemos levar em conta também que o patrimônio cultural, para o cidadão comum, muitas vezes é um bem que, independentemente de sua antiguidade, valor histórico ou artístico é importante e valorizado pelo seu uso. Sendo assim, De Varine (2013) diz que o patrimônio é "[...] de natureza comunitária, isto é, emana de um grupo humano diverso e complexo, vivendo em um território e compartilhando uma história, um presente, um futuro, modos de vida, crises e esperanças" (De Varine, 2013, p.44).

⁴ Sociedade para a preservação do patrimônio Construído (SPPC).

Fonte: <http://icomos.fa.utl.pt/documentos/cartasdoutrina/sppc1.pdf> acessado em 11/08/2019.

Ainda nesse sentido, De Varine (2013, p.29) mostra que muitas vezes os órgãos, ou instituições responsáveis pelo patrimônio “estão mais a serviço do conhecimento e da ‘alta cultura’ de seus ‘conservadores’ que a serviço das comunidades nacionais ou locais cujo patrimônio eles pretendiam proteger e valorizar”. Em função disso, ele acredita no movimento de baixo para cima, ou seja, acredita que a responsabilidade perante o patrimônio diz respeito tanto aos proprietários quanto ao conjunto de pessoas para as quais ele constitui herança cultural, sendo as demais pessoas (turistas e/ou especialistas) meros usuários “convidados ou suportados”, secundários nesse contexto (DE VARINE, 2013, p. 32).

Márcia Chuva (2014) diz que o patrimônio precisa ser afetivo para estar vinculado com a sociedade, não deve ser forjado, visto que patrimônio é identidade e representa as tensões sociais vividas. É uma questão política, pois no momento em que chama a atenção para determinados aspectos de uma cultura, sombreia outros aspectos, é uma relação de forças e desigualdades.

A partir dessas ideias é possível entender que a sociedade deve passar cada vez mais a se tornar uma peça fundamental para o desenvolvimento das políticas públicas patrimoniais. Os gestores desse patrimônio devem priorizar a presença cada vez mais ativa da sociedade, cooperando para a democratização dos bens a serem preservados.

2.7 As políticas públicas de preservação do patrimônio cultural no Brasil

O termo “Políticas Públicas”, segundo Ana Meira (2005), teve origem na França, em meio a Revolução Francesa, quando a preservação do patrimônio deixa de ser uma preocupação de eruditos ou de setores da Igreja Católica e se torna objeto da preocupação de um governo. Naquele momento foi implantada uma estrutura de preservação estatal e centralizada que caracterizou a gestão do patrimônio na França e inspirou muitos países posteriormente, inclusive o Brasil. Sendo assim, entende-se por políticas públicas, com base no pensamento de Márcia Sant’anna (apud MEIRA 2005):

As políticas públicas são um conjunto de ações que visam determinados objetivos, e podem se desenvolver tanto no plano da sua implementação efetiva quanto no nível do discurso através de sua simples formulação. Isto significa que, nestes casos, o plano das intenções é importante, pois ele tem muito a revelar sobre o

pensamento corrente a respeito de um determinado campo de interesse da sociedade. As políticas públicas também são perceptíveis e ou codificadas por meio de um conjunto de leis, decretos e outros documentos que regulam a ação do estado. Embora as políticas e as ações estatais nem sempre estejam completamente previstas ou regulamentadas em lei, esta é sempre o limite máximo, a instância que prevê os parâmetros gerais dentro dos quais deve se dar a decisão ou a tomada de decisão.

No Brasil, começa a se pensar em políticas públicas de preservação do patrimônio cultural com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1937. Na época, a ideia era que através dos tombamentos realizados se criasse um patrimônio nacional que transmitisse uma identidade brasileira e unificasse a nação (GONÇALVES, 2012). O SPHAN era subordinado ao Ministério da Educação e estavam envolvidos na criação desse novo órgão governamental pessoas como: Mário de Andrade, Rodrigo Melo Franco de Andrade e, inclusive, Lúcio Costa e outros intelectuais caracterizados como “modernistas”. Gonçalves (2012, p.62) diz que os modernistas brasileiros que estavam à frente das discussões sobre patrimônio cultural acreditavam que “ao cultivarem o passado, tinham em vista a construção do futuro da nação”. O mesmo autor ainda comenta que a arquitetura barroca brasileira era pensada como uma precursora da arquitetura moderna brasileira (GONÇALVES, 2012, p.63).

Sendo assim, é entendido o motivo dos primeiros tombamentos realizados no Brasil terem incidido majoritariamente sobre a arte e a arquitetura barroca. Além, é claro, dos bens escolhidos estarem sempre calcados em fatos referentes a heróis nacionais, privilegiando uma só raça formadora de nossa nação. Assim, temos os tombamentos das construções religiosas, militares e as residências senhoriais, mostrando um poder centralizador e evidenciando somente alguns grupos da sociedade brasileira. Dessa forma, podemos notar que os tombamentos partiam de uma visão única, sem a participação da população, sendo uma iniciativa política com visão unilateral, tanto técnica quanto intelectual.

Principalmente a partir de 1988, com a promulgação da nova constituição, a qual estabelece como patrimônio cultural não somente os bens materiais, mas também os bens imateriais, como os saberes e os fazeres das comunidades, a relação da sociedade com o patrimônio vem passando por mudanças. Se antes o patrimônio era simplesmente uma representação de poder, de acontecimentos históricos, resultado de um discurso que deveria ser firmado através de elementos que deveriam

ultrapassar gerações, hoje passa também a ser uma representação social, resultado de uma luta pela projeção de uma cultura e pelo alcance que terá nas gerações futuras.

Dito de forma breve, a noção de patrimônio envolve, em primeiro lugar, um conjunto de posses que cumpre identificar como transmissíveis; em seguida, um grupo humano, uma sociedade, capaz ou sucessível de reconhecê-las como suas, de demonstrar a sua coerência e de organizar a sua recepção; e, por fim, um conjunto de valores, políticos no sentido mais geral do termo, que permite articular os legados do passado à espera ou à configuração de um futuro, com o objetivo de promover algumas mutações e, ao mesmo tempo, afirmar uma continuidade. (POULOT, 2008, p. 36).

Nesse sentido, percebe-se cada vez mais a necessidade de uma participação popular e interdisciplinar maior na definição dos bens patrimoniais, pois embora o IPHAN seja o órgão responsável pela legitimação do bem como patrimônio nacional, devemos considerar o que diz Prats:

Evidentemente, todas esas construcciones políticas, necesitan ser formalizadas, explicadas, representadas y legitimadas ideologicamente, y, si se quiere grantizar su eficacia, deben penetrar profundamente en el tejido social. (PRATS, 1998, p. 68).

Assim, parece que a aceitação desse discurso irá refletir diretamente na apropriação desse patrimônio pelas diferentes comunidades envolvidas, dependendo dos significados, da importância relativa, de sua inter-relação e do contexto. Obviamente, nenhum discurso ou escolha é neutra. Contudo, a interdisciplinaridade, multidisciplinaridade dos autores, afetará de maneira decisiva (PRATS, 1998).

2.7.1 A trajetória das políticas públicas de preservação do patrimônio cultural em Pelotas

A fim de entender como Pelotas chegou ao reconhecimento de seu “Conjunto Histórico” como Patrimônio Cultural Brasileiro, parece necessário conhecer a trajetória de desenvolvimento das ações de preservação nesse município. Sendo assim, a seguir será descrita essa trajetória em ordem cronológica segundo os acontecimentos.

Pelotas teve sua origem e desenvolvimento econômico, nas primeiras décadas do século XX, em função da produção de charque. Nessa época, foi produzida grande parte de sua riqueza cultural, representada até hoje na arquitetura dos edifícios e sua

ambiência urbana. De acordo com o IPHAN⁵, a cidade de Pelotas possui um dos maiores acervos de estilo eclético do Brasil em quantidade e qualidade, com 1300 prédios inventariados. O fato da existência de muitos exemplares da arquitetura eclética deve-se principalmente em função de os charqueadores, que possuíam grande poder político e econômico, terem trazido construtores e arquitetos de origem europeia para edificar suas casas (SANTOS, 2009).

O início da preservação desse patrimônio edificado foi em 1955, com o tombamento federal do “Obelisco Republicano” de 1885, localizado no Bairro Areal. Esse monumento foi construído em homenagem a Domingos José de Almeida, por sua participação na Revolução Farroupilha. Posteriormente, em 1977 foram tombadas, também pelo IPHAN (nível federal) um conjunto de residências, casas nº 2, 6 e 8, localizadas na Praça Coronel Pedro Osório.

Já em 1980, foi instituído o II Plano Diretor de Pelotas, que enuncia a proteção ao patrimônio histórico e cultural. Em 1982, foi criada a Lei Municipal nº 2708, que dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico e cultural de Pelotas, instituindo o tombamento a nível municipal, além de criar o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural (COMPHIC) e prever a isenção do IPTU aos prédios tombados. Finalmente, no ano de 2000, foi decretada a Lei nº 4.568 que, foi o principal instrumento legal utilizado pelo poder público municipal para a preservação do patrimônio histórico e cultural de Pelotas. Essa lei demarcou as Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPCs), listou os bens integrantes do inventário e tornou possível o controle das descaracterizações promovidas nos bens patrimoniais. As ZPPCs buscam manter a integridade das áreas da cidade de Pelotas destinadas a preservar a memória histórica, arquitetônica e cultural significativas do município. Tais áreas foram delimitadas seguindo o processo de formação e desenvolvimento urbano e representam os primeiros loteamentos executados na cidade, também definem e valorizam paisagens, levando em consideração o entorno e os aspectos culturais que compõem todo o conjunto de uma cidade a partir de critérios técnicos que atuam sobre o espaço urbano.

Finalmente, em 2008 foi decretada a Lei nº 5502, que instituiu o III Plano Diretor de Pelotas, baseando-se num sistema de ideias que identifica potencialidades para o desenvolvimento adequado e sustentável da cidade, propondo um modelo

⁵ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1764/> acessado em 09/11/2018.

urbano que se fundamenta em alguns conceitos, dentre os quais, um deles é a cidade histórica, que permite o “manejo do patrimônio urbano, oferecendo dimensões urbanas e não exclusivamente arquitetônicas ao patrimônio construído, com vistas a aportar a conservação e preservação das edificações com valor histórico”⁶.

O art. 22 contempla projetos e ações a serem desenvolvidos pelo poder público municipal, como instrumentos complementares e efetivadores das políticas públicas relativas ao patrimônio cultural, como, por exemplo, guias de desenho para os focos e eixos de ligação, projetos de desenho urbano para os focos de interesse, além da revisão do inventário e da elaboração de roteiros turísticos temáticos contemplando mobiliário e sinalização turística. Mais adiante, essa lei, em seu art. 49, definiu as “Áreas Especiais de Interesse”, dentre as quais está a área de especial interesse do ambiente cultural definida como:

[...] aquelas que apresentam patrimônio de peculiar natureza cultural e histórica, que deva ser preservado, a fim de evitar perda, perecimento, deterioração ou desaparecimento das características, das substâncias ou das ambiências culturais e históricas que lhe determinem a especialidade, visando a recuperação dos marcos representativos da memória da cidade e dos aspectos culturais de sua população. (PELOTAS. Lei n. 5502, de 11 de set. de 2008. Pelotas, RS. In: http://www.pelotas.com.br/storage/gestao-da-cidade/lei_5502.pdf acessado em 28/01/2019).

Dentro dessas “Áreas Especiais de Interesse”, o III Plano Diretor de Pelotas ainda define “Focos de Interesse”, que são:

[...] pontos específicos localizados nas AEIAC, com características peculiares que denotam maior relevância sob o aspecto cultural, e cujo entorno compõem uma área de abrangência, na qual as novas inserções e intervenções devem obedecer às diretrizes gerais da AEIAC e também às regras específicas de composição arquitetônica e controle urbanístico estabelecidos, buscando manutenção e incremento das características específicas de cada foco da área. (PELOTAS. Lei n. 5502, de 11 de set. de 2008. Pelotas, RS. In: http://www.pelotas.com.br/storage/gestao-da-cidade/lei_5502.pdf acessado em 28/01/2019).

Essa preocupação na delimitação e caracterização das áreas de especial interesse cultural (AEIC) e, conseqüentemente, nos focos de especial interesse (FEIC), relativos ao patrimônio cultural na cidade de Pelotas, mostram a importância que as políticas públicas do município já demonstram com determinadas áreas da

⁶ http://www.pelotas.com.br/storage/gestao-da-cidade/lei_5502.pdf acessado em 28/01/2019.

cidade. A seguir, será evidenciado como certas praças já aparecem contempladas, mostrando sua relevância para a municipalidade neste III Plano Diretor.

Dentro da AEIC, está compreendida a zona de preservação do patrimônio cultural (ZPPC), área já reconhecida pela Lei nº 4.568/2000, e onde se encontra a maioria dos prédios históricos tombados e inventariados. Essa zona apresenta um caráter arquitetônico e urbanístico de interesse que representa uma importância histórico-cultural relacionada com a formação urbana da cidade e onde estão os seguintes focos de especial interesse cultural (FEICs) descritos a seguir e espacializados no mapa da Figura 2, tendo importância para o presente trabalho por serem espaços urbanos que apresentam praças. Assim, os FEICs relevantes para este trabalho são:

FEIC – Praça Coronel Pedro Osório: considerado foco de interesse por ser o núcleo do Segundo Loteamento, conferindo-lhe caráter de referência histórico-cultural. Constitui a área da principal praça da cidade.

FEIC - Praça Cipriano Barcelos: considerado foco de interesse por permitir a visualização de panorama urbano em função das diferenças de nível (Rua Mal. Floriano está em um nível mais elevado que as demais ruas que delimitam essa praça), sendo ainda referência histórica por sua origem e formação, representada no passado pelo Arroio Santa Bárbara.

FEIC – Praça Piratinino de Almeida: considerado foco de interesse principalmente devido à presença da Caixa d'Água tombada em nível federal, constituindo um cenário urbano peculiar, também pela presença de densa área verde e pelo prédio da Santa Casa de Misericórdia.

FEIC – Catedral São Francisco de Paula: considerado foco de interesse por fazer parte do primeiro núcleo formador da cidade, representando referência histórico-cultural. (In: http://www.pelotas.com.br/storage/gestao-da-cidade/lei_5502.pdf acessado em 28/01/2019).

O mapa a seguir (Figura 3) mostra parte da cidade de Pelotas, identificada como AEIC, Dentro dessa área, em vermelho, está a ZPPC. Já em amarelo estão identificados todos os FEICs presentes nessa zona. Podemos observar, através na análise deste mapa, que todas as praças presentes nessa área são identificadas como FEICs. Com isso, podemos entender que o poder público tem interesse em valorizar esses bens culturais presentes no ambiente urbano de Pelotas. Nesse sentido, esses

espaços foram caracterizados e, em alguns casos, estabelecidas algumas diretrizes para futuras intervenções.

No entanto, apesar dessas preocupações do poder público, parece ser relevante verificar até que ponto os usuários desses espaços se identificam com essas caracterizações estabelecidas. Esse ponto parece ser importante na medida em que a concordância dos usuários com as futuras intervenções que caracterizam a área é responsável pela apropriação dos usuários com o espaço e, conseqüentemente, com a intensidade de uso e cuidado que os usuários terão com o espaço urbano.

Recentemente, no ano de 2018, Pelotas teve seu centro histórico tombado pelo IPHAN como um “Conjunto Urbano”. Uma característica identificada pelo IPHAN nesse conjunto é que se tornou desnecessária a delimitação de uma poligonal de entorno da área tombada, uma vez que os bens tombados estão inseridos na ZPPC de acordo com o Plano Diretor vigente no município. Sendo assim, fica garantida a preservação da ambiência urbana aos bens tombados pelo IPHAN.

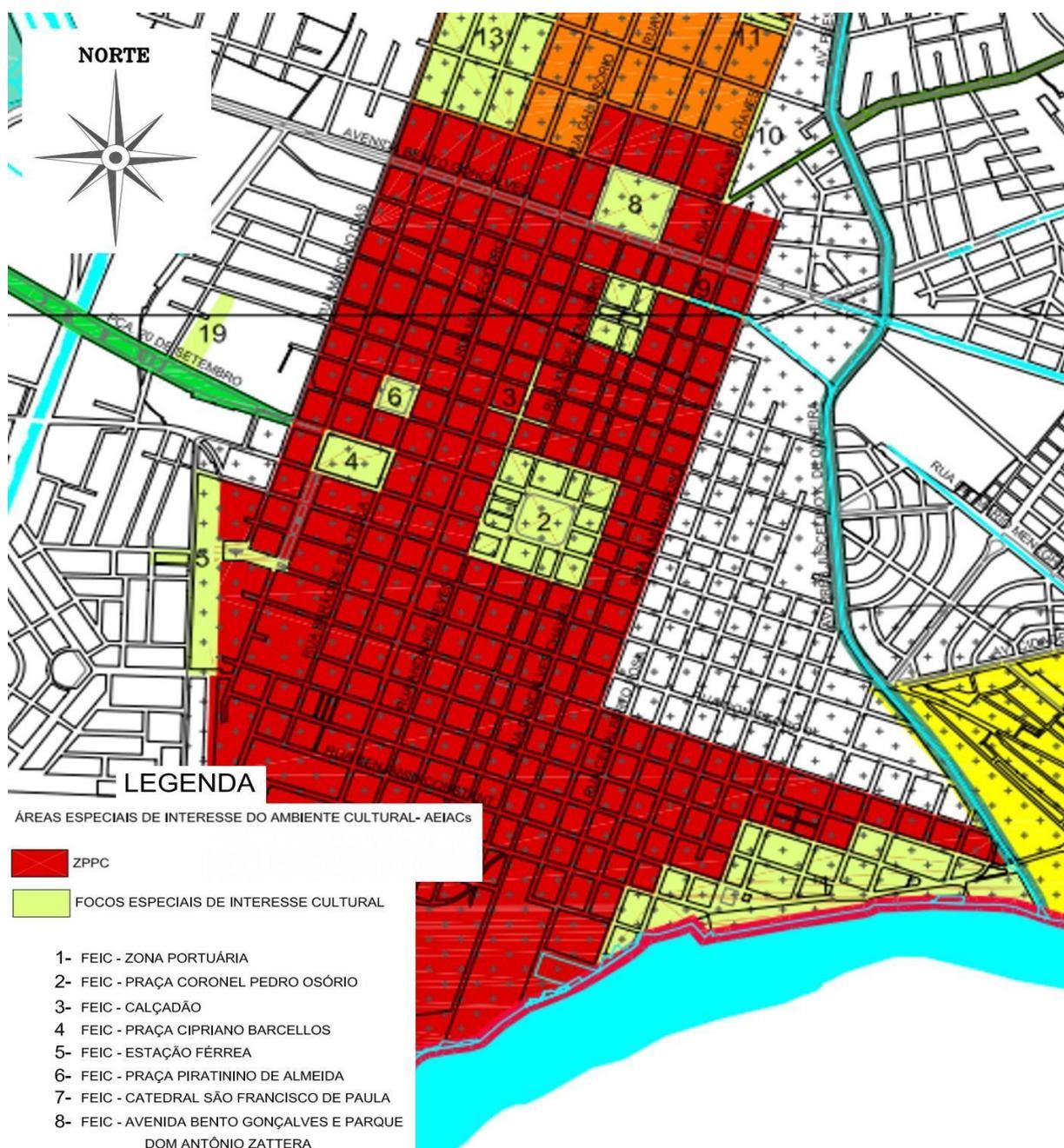
Podemos citar, dentre os bens que compõem o conjunto urbano de Pelotas tombado pelo IPHAN, que particularmente interessam ao presente trabalho e estão representados na Figura 3, as seguintes praças e prédios e/ou monumentos que estão inseridos ou fazem parte de seu entorno imediato: (1) Praça José Bonifácio, juntamente com a Catedral São Francisco de Paula e demais imóveis inventariados a nível municipal; (2) Praça Coronel Pedro Osório, assim como o Teatro Sete de Abril, Grande Hotel, Biblioteca, Paço Municipal, Beco das Artes e Beco dos Doces e das Frutas, Mercado Municipal e Largo do Mercado, Casa nº2, 6 e 8, Antiga Secretaria de Finanças, Fonte das Nereidas, bem como os demais imóveis inventariados do entorno; (3) Parque Dom Antônio Zattera e demais imóveis inventariados do entorno; (4) Praça Cipriano Barcelos e demais imóveis inventariados do entorno; e (5) Praça Piratinino de Almeida: juntamente com o reservatório e demais imóveis tombados do entorno (conforme o IPHAN⁷).

Como conclusão, com relação às políticas públicas de preservação do patrimônio cultural em Pelotas, podemos observar que existe uma preocupação tanto do poder público municipal quanto do poder público federal, por meio do IPHAN, em preservar determinados bens culturais, principalmente através do estabelecimento de diretrizes de cuidados e usos para as áreas determinadas. As praças estudadas no

⁷ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1766/> acessado em 09/11/2018.

presente trabalho fazem parte dessas áreas, logo, cabe verificar a pertinência do que foi estabelecido pelos órgãos competentes (em relação as praças) frente aos usuários dos espaços.

Figura 3 - Mapa das Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural da Cidade de Pelotas (ZPPC) e Localização dos Focos de Interesse Cultural (FEIC).



Fonte:

http://server.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/lei_iii_plano_diretor/mapas.htm# acessado em 29/01/2019. Editado pela autora, 2021

3 METODOLOGIA: DEFININDO OS CAMINHOS DA ANÁLISE E DA INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo, é descrito o método investigativo para desenvolvimento da pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos adotados. Inicialmente, é apresentado o objeto de estudo, os critérios que determinam sua escolha e a delimitação da área a ser investigada. Posteriormente, de maneira breve, é exposto como será aplicado o método regressivo-progressivo desenvolvido por Lefebvre no presente trabalho. E, finalmente, são descritos os procedimentos metodológicos adotados para a coleta e análise dos dados.

3.1 Recapitulando o problema de pesquisa, objetivos e métodos

A fim de relembrar o problema central de pesquisa, o objetivo geral e os específicos e, também, facilitar a visualização e o entendimento do método de análise e do método de investigação adotado na pesquisa, é apresentado o quadro a seguir (Quadro 1), mostrando a relação entre o problema, os objetivos e métodos.

Quadro 1 - Relação entre problema, objetivos e métodos.

MÉTODO REGRESSIVO – PROGRESSIVO (Lefebvre)							
		DESCRIÇÃO DO VISÍVEL		PERMANÊNCIAS E RUPTURAS		PANORAMA DE FUTURO	
		FENOMENOLOGIA					
PROBLEMA	OBJETIVO GERAL	OBJETIVO ESPECÍFICO	MÉTODO DE COLETA DE DADOS	OBJETIVO ESPECÍFICO	MÉTODO DE COLETA DE DADOS	OBJETIVO ESPECÍFICO	MÉTODO DE COLETA DE DADOS
Trata da questão de que o espaço concebido pelos técnicos, pelo poder público ou pelo Estado, não corresponde ao espaço vivido, experienciado pelos sujeitos concretos que vivem o espaço. Isso significa que pode haver um descompasso entre a concepção de patrimonialização e o uso efetivo dos espaços patrimonializados.	Analisar a influência da patrimonialização no uso das praças na cidade de Pelotas.	Verificar se as praças são referenciais tanto físicos quanto identitários para os usuários;	- referenciais físicos; - referencial identitário: entrevista estruturada.	Datar cada relação social encontrada na etapa da descrição do visível.	Pesquisa bibliográfica.	Elaborar uma possibilidade de panorama de futuro para esses ambientes urbanos com base na descrição do visível e na análise regressiva elaborada anteriormente.	Os dados utilizados para a elaboração desse panorama de futuro serão os resultados encontrados nas etapas anteriores da pesquisa.
		Verificar os motivos pelos quais as praças são utilizadas; A praça ser patrimônio é um deles?;	Entrevista estruturada.				
		Verificar como a praça é utilizada pelos usuários; Quais atividades e onde essas atividades são realizadas.	Mapas comportamentais				

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

3.2 Seleção do objeto de estudo

Para estudo de caso foi selecionado o município de Pelotas, que além de atender aos objetivos deste trabalho, caracteriza-se por possuir questões, que serão elencadas a seguir, comuns a muitas praças existentes nas cidades brasileiras.

Pelotas está localizada às margens da Laguna dos Patos e do Canal São Gonçalo, distante 250 km da capital do estado, Porto Alegre. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), é a terceira cidade mais populosa do Estado, com a densidade populacional de 203,89 hab/km² (PREFEITURA DE PELOTAS, 2018).

Atualmente, Pelotas constitui um atrativo regional da metade sul do estado do Rio Grande do Sul em função de ser um polo educacional com grande diversidade de cursos técnicos e ensino superior, ofertados por universidades públicas e privadas, como, por exemplo: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio Grandense (IFSUL), Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Dessa forma, a cidade concentra pessoas da região e de outros estados brasileiros.

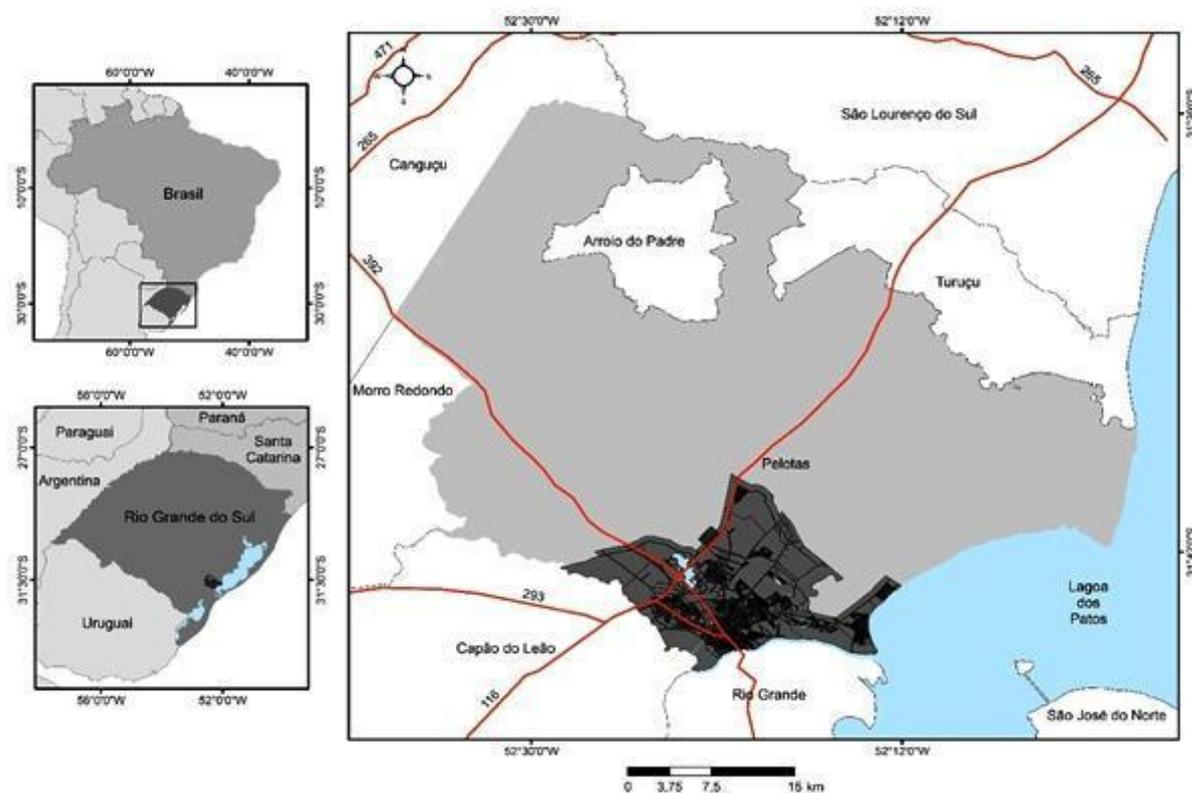
A cidade também possui diversos eventos conhecidos regionalmente, como é o caso da Feira Nacional do Doce (FENADOCE), a Feira do Livro e o turismo que movimentam a economia da cidade. No entanto, a base da economia da cidade consiste em atividades de comércio e serviços, localizados prioritariamente na área central da cidade, onde existe também uma grande concentração de outras atividades como: o centro administrativo, financeiro, universitário, religioso, cultural e histórico da cidade, gerando um grande fluxo de pessoas.

Também nessa área central da cidade, onde se localiza o centro histórico, existem praças que são originadas desde a fundação da cidade. Essas praças são espaços urbanos que se tornaram bens de interesse histórico-cultural e, no entanto, muitas vezes, sofrem prejuízo por serem subutilizadas e/ou vandalizadas, causando uma desvalorização por parte da população.

Dessa forma, portanto, foi definida a cidade de Pelotas (Figura 4), localizada ao sul do Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, como objeto de estudo por possuir tais condições. E, também, a facilidade de obtenção de dados gráficos,

fotográficos e teóricos, devido a estudos realizados anteriormente pela autora, colaborou na escolha desse município.

Figura 4 - Mapa de localização da cidade de Pelotas.



Fonte: Elaborado por Allan Oliveira de Oliveira, com base no Mapa Urbano Básico, III Plano Diretor de Pelotas, 2008. In: VIEIRA; LIHTNOV, 2018.

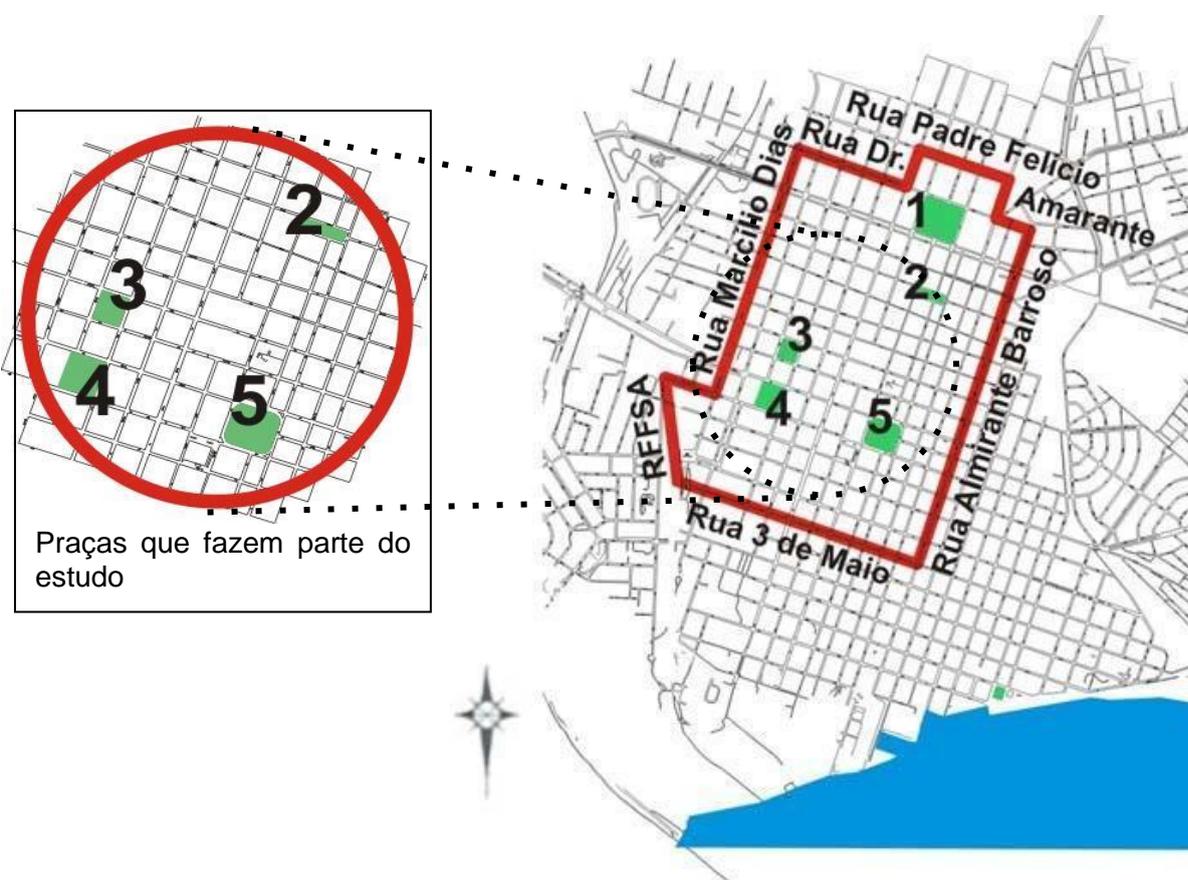
3.3 Delimitação da área de estudo

A seleção das praças a fazerem parte do estudo foi definida utilizando como principal critério a necessidade de incluir todas aquelas que foram selecionadas pelo IPHAN como bens de interesse histórico na cidade de Pelotas. Além disso, a proximidade entre as praças era outro critério necessário, pois, por situarem-se dentro de uma mesma zona, existiria certa tendência de semelhança entre os padrões de utilização das praças. Assim, ficou definida, mais especificamente, a área central da cidade – a zona de preservação do patrimônio cultural (ZPPC), que tem como limites as ruas Dr. Amarante, Almirante Barroso, Três de Maio e Marcílio Dias (Figura 5) (LEI MUNICIPAL 4568/00). Adicionalmente, outro aspecto considerado na escolha é que, sendo essa uma área central de comércio da cidade, há um fluxo intenso de pessoas

circulando nas praças e nas suas proximidades, favorecendo a avaliação do uso em função das mesmas serem caracterizadas como patrimônio histórico e cultural.

Logo, dentro do perímetro delimitado, existem cinco áreas, que são: (1) Parque Dom Antônio Zattera; (2) Praça José Bonifácio; (3) Praça Piratinino de Almeida; (4) Praça Cipriano Barcelos; e (5) Praça Coronel Pedro Osório (Figura 5).

Figura 5 - Localização das praças na área central de Pelotas/RS e definição das praças que fazem parte do estudo.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Mapa da área central de Pelotas indicando em vermelho a delimitação da zona de preservação do patrimônio cultural (ZPPC), bem como a localização das praças contidas dentro da área de estudo; 1 - Parque Dom Antônio Zattera; 2 - Praça José Bonifácio; 3 - Praça Piratinino de Almeida; 4 - Praça Cypriano Barcellos; 5 - Praça Coronel Pedro Osório.

Dessas cinco áreas, foi definido que o Parque Dom Antônio Zattera (1) não fará parte do estudo, por apresentar características um pouco diferentes das demais praças existentes na área. Por ser uma das maiores áreas verdes do centro de

Pelotas, ele é considerado um “Parque Urbano”, ou seja, uma área verde com dimensão territorial maior que uma praça ou jardim público e com função ecológica, estética e de lazer, sendo as praças igualmente uma área verde, porém, destinadas principalmente ao lazer (LIMA, CAVALHEIRO, *et al.*, 1994).

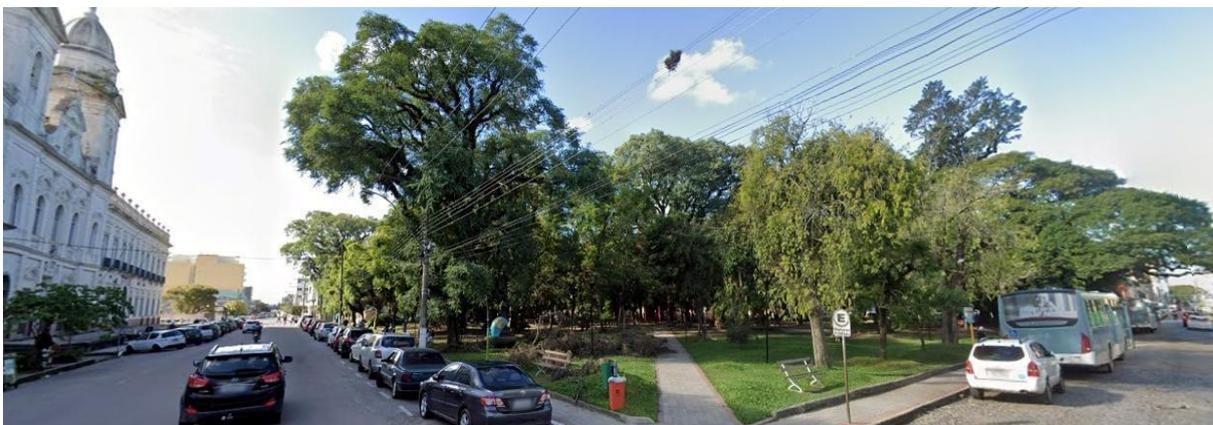
Sendo assim, ficou definido que as praças que fazem parte do estudo são, conforme a Figura 5: (2) Praça José Bonifácio (Figura 6); (3) Praça Piratinino de Almeida (Figura 7); (4) Praça Cipriano Barcelos (Figura 8); e (5) Praça Coronel Pedro Osório (Figura 9).

Figura 6 - Fotografia da Praça José Bonifácio.



Fonte: <https://www.google.com/maps>. Acessado em: 22/07/2021.

Figura 7 - Fotografia Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: <https://www.google.com/maps>. Acessado em: 10/09/2020.

Figura 8 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: <https://www.google.com/maps>. Acessado em: 10/09/2020.

Figura 9 - Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: <https://www.google.com/maps>. Acessado em: 10/09/2020.

3.4 O método de análise: regressivo-progressivo

A partir de sua interpretação da dialética, Lefebvre (1995) cria um procedimento para analisar a realidade social: o método regressivo-progressivo, que remete, basicamente, a três momentos distintos: a descrição do visível, a análise regressiva e a progressão genética. A descrição do visível é uma observação inicial da complexidade através da experiência e da teoria geral do pesquisador. Trata-se de obter informações sobre a diversidade socioespacial do objeto de estudo. A análise regressiva faz um esforço para especificar as temporalidades existentes no espaço urbano. Assim, a realidade é decomposta na tentativa de datar exatamente cada

relação social revelada. Neste momento, evidencia-se que o real resulta de atos, de práticas e de representações que dificilmente são contemporâneas. Por fim, o reencontro com o presente denomina-se de progressão histórico-genética e alude a um presente elucidado, compreendido e explicado.

Através da aplicação desse método, foi possível dar conta de entender a realidade do espaço urbano das praças. Dessa forma, partimos do presente e voltamos ao passado, procurando acontecimentos que podem elucidar determinadas particularidades encontradas no presente. Posteriormente, faz-se o movimento contrário a fim de tentar indicar possibilidades para o futuro.

Para entender ainda mais esse método é preciso entender que para Lefebvre (2006) o espaço é um espaço social, na medida em que é um produto social, representando as particularidades e as diferenças da sociedade na qual está inserido. A partir dessa concepção, Lefebvre (2006) define três momentos na produção social do espaço: (1) o espaço concebido, (2) o espaço percebido e o (3) espaço vivido. Assim, o espaço concebido é uma representação mental, proveniente de um saber técnico e ideológico, elaborado pelos cientistas, urbanistas, ou seja, por aqueles que possuem um sistema de signos elaborados intelectualmente. Um exemplo de espaço concebido é o projeto de uma praça elaborado por um arquiteto e que será executado posteriormente. Já o espaço percebido pressupõe o uso do corpo, por meio do que é captado pelos órgãos dos sentidos (sentidos humanos) juntamente com a formação social e cultural do sujeito. Por fim, o espaço vivido diz respeito à representação mental criada a partir de experiências cotidianas, usos e apropriações realizadas no ambiente.

Dessa forma, podemos admitir que o espaço contém as relações sociais e está constantemente sendo criado e recriado a partir dessas relações sociais praticadas no ambiente. Sendo assim, Lefebvre (2006, p.55) ainda afirma que o espaço urbano é um produto social, ou seja, cada sociedade produz o seu. Além disso, ele vai mais adiante quando diz que através do entendimento desse espaço social e suas representações podemos compreender como se dão as relações sociais e os modos de vida de um determinado grupo de pessoas (LEFEBVRE, 2006). Logo, essa fundamentação teórica de Lefebvre (método de análise aplicado no presente trabalho) nos ajuda a desvendar a realidade atual do espaço urbano das praças. Para tanto, é utilizada como parâmetro a vida cotidiana praticada nesse espaço urbano.

3.5 O método de investigação

Para descrever o espaço urbano das praças, foi realizado um levantamento de dados descritivo da realidade. Para isso, além de uma descrição da paisagem urbana do espaço das praças, cabe também uma investigação dos aspectos simbólicos, emocionais e afetivos ligados a esse espaço.

A produção da cidade, como espaço do homem, é fruto de conhecimentos histórico-econômicos e fruto da consciência individual que está cheia de sentimentos, de fantasias, de interesses, de necessidades, enfim, de considerações subjetivas. Deste modo, as representações do espaço, ou seja, a forma como os homens se veem no mundo, estão presentes na produção do espaço urbano. A cidade é um produto material deste complexo de ações objetivas (determinações histórico-sociais) e subjetivas (valores, crenças etc.) (VIEIRA, 2006).

A fim de executar esta etapa da investigação, no estudo de caso específico, para a realidade das praças de Pelotas, foram utilizados procedimentos metodológicos, como, por exemplo: levantamentos de arquivo, levantamentos físico e fotográfico, observações de comportamento e entrevistas estruturadas aplicadas aos usuários de cada um dos objetos de estudo. Dessa forma, cruzou-se os dados das diferentes metodologias, garantindo maior respaldo nas análises realizadas.

Com relação ao método de investigação, no que diz respeito aos procedimentos adotados para a pesquisa propriamente dita, trata-se de uma pesquisa básica, quanto à natureza, cujo interesse foi o desenvolvimento do conhecimento científico acerca do tema e do problema proposto. No que diz respeito à abordagem aqui adotada, a pesquisa é predominantemente qualitativa (STAKE, 2011; CRESWELL, 2014). Levando em conta os objetivos, a pesquisa se propôs a ser descritiva, procurando caracterizar e identificar opiniões, atitudes e crenças (CASARIN e CASARIN, 2012). Para a investigação, também foi adotado o estudo de caso (YIN, 2010), de forma a permitir uma investigação complexa e comparativa entre os vários objetos estudados. Considerando o recorte feito, as análises foram realizadas por trabalho de campo, com o uso dos instrumentos metodológicos aqui descritos.

Para realizar essas etapas de investigação, foram adotados os fundamentos do método fenomenológico, tendo em vista que demonstrou capacidade para avaliar os objetivos propostos para o trabalho. De modo geral, o método

hermenêutico-fenomenológico tem a capacidade de investigar os objetos com ênfase nos sujeitos que o observam. Cabe lembrar que a produção do conhecimento científico se realiza sempre em uma relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto e os métodos de investigação transitam nas perspectivas possíveis de serem adotadas frente a essa relação. Ora a ênfase está no objeto, como no caso do método hipotético-dedutivo, ora está na própria relação, o que acontece no método dialético, ou no sujeito, quando se privilegia o sujeito. Ainda que a análise proposta seja de cunho dialético, pois está fundamentada na tríade dialética proposta pela análise regressiva-progressiva, a investigação se apoiou na fenomenologia, haja vista que se entendeu que esse método possui maior capacidade para a análise do uso das praças.

Assim, através da fenomenologia, pretende-se descrever o cotidiano das praças de Pelotas através da experiência vivida por seus usuários. Isso inclui o modo de utilizar o espaço urbano, através de ações, lembranças e percepções. Esse método valoriza a individualidade dos usuários, juntamente com o sentimento de pertencimento ao espaço no qual ele está inserido.

Gomes (1996, p.320) comenta que:

A ciência geográfica, definida pelo viés do espaço vivido, não tenta criar leis, nem observar regularidades generalizadoras. Seu ponto de partida é, ao contrário, a singularidade e a individualidade dos espaços estudados. Ela também não procura avançar resultados prospectivos e normativos, como as ciências ditas racionalistas. Seu objetivo principal é fornecer um quadro interpretativo às realidades vividas espacialmente. A objetividade não provém de regras estritas de observação, mas do uso possível das diversas interpretações na compreensão do comportamento social dos atores no espaço.

Nesse sentido, a fenomenologia, aplicada a este trabalho irá priorizar resultados na sua grande maioria qualitativos, pois está se baseando em dados obtidos a partir da vivência humana, não dependendo de quantidade. Tuan (1982, p.143) também destaca a utilização da fenomenologia quando comenta:

[...] A geografia humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, de seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar.

Sendo assim, a seguir serão descritos os procedimentos metodológicos utilizados para atingir os objetivos propostos neste trabalho.

3.5.1 Levantamento de arquivo

Esta etapa diz respeito à busca de materiais e informações que possibilitaram a realização da pesquisa, tais como, a procura de plantas dos objetos de estudo, mapas da cidade de Pelotas e imagens aéreas junto à prefeitura. Além disso, nesta etapa também foram sistematizados mapas e informações em ambiente computacional, necessários ao desenvolvimento deste trabalho.

As informações obtidas nesta etapa servem como base e ponto de partida para a realização do levantamento de campo, que será descrito a seguir.

3.5.2 Levantamento de campo

O levantamento de campo consistiu na coleta de dados realizada *in loco*. Fizeram parte desta etapa o levantamento físico e fotográfico, as observações de comportamento e as entrevistas estruturadas realizadas no ambiente das praças.

3.5.2.1 Levantamento físico e fotográfico

Nesta pesquisa, a etapa do levantamento físico da área consiste na marcação em planta baixa dos elementos relevantes para o estudo e que estão presentes nas praças. Esses elementos são, por exemplo: postes de iluminação, bancos, lixeiras, canteiros, caminhos, monumentos e outros, bem como suas dimensões e observações julgadas importantes pela pesquisadora, a fim de produzir plantas atualizadas da área.

Os registros em planta baixa são transcritos para o meio digital para criar uma planta base. Esse processo foi realizado com auxílio do programa AutoCad. Posteriormente, essas plantas, de cada uma das praças, serão impressas e utilizadas como base para a execução dos mapas comportamentais.

Além dessas informações que irão compor a planta atualizada da área de cada uma das praças, também foi realizado um levantamento dos prédios do entorno. Esse levantamento teve como principal finalidade mapear os usos das edificações do entorno e consistiu na marcação em planta baixa do tipo de uso identificado em cada edificação cuja fachada está voltada para o ambiente das praças. Esse mapeamento foi realizado com base em uma legenda de cores contendo a seguinte classificação de tipos de usos de edificações: (1) residencial, (2) comercial, (3) serviço, (4) religioso, (5) institucional, (6) sem uso definido e (7) misto.

Para a realização deste estudo, adotou-se o seguinte entendimento de tipos de uso de edificações: uso residencial – consiste em uma edificação unifamiliar (única unidade habitacional) ou multifamiliar (mais de uma unidade habitacional) para fins habitacionais; uso comercial – consiste em uma edificação destinada ao comércio, ou seja, para fins de compra e venda de produtos e/ou similares, por exemplo, loja, padaria, açougue, farmácia e outros; uso serviço – é a edificação destinada a abrigar algum tipo de prestação de serviços à comunidade, por exemplo, consultórios, escritórios e outros; uso religioso – consiste na edificação destinada à prática religiosa e/ou ligada a alguma religião, por exemplo, igreja, centro espírita e outros; uso institucional – diz respeito a edificação onde está instalada algum tipo de instituição pública e/ou privada, como escolas, hospitais e outros; sem uso definido – consiste em uma edificação que não se enquadra em nenhuma outra categoria; uso misto – consiste na edificação que abriga mais de uma das classificações acima descrita, por exemplo, edifício multifamiliar com lojas no térreo.

A fim de auxiliar no levantamento físico da área das praças, seu entorno e no posterior mapeamento dessas informações, foi realizado um levantamento fotográfico em cada uma das praças. Nesse levantamento foram fotografados tanto elementos das praças, como bancos, luminárias, caminhos e outros, quanto as fachadas das edificações voltadas para as praças como forma de facilitar a identificação dos usos desses prédios.

3.5.2.2 Observações de comportamento

A fim de conhecer o comportamento dos usuários das praças, foram realizadas observações de comportamentos. Entre as técnicas mais utilizadas, estão os mapas comportamentais, técnica desenvolvida por Proshansky, Ittelson e Rivlin (1970), que consiste no registro em planta baixa dos comportamentos no local onde acontecem, segundo categorias preestabelecidas.

Sendo assim, o mapa comportamental consiste no acompanhamento sistemático dos indivíduos que utilizam o espaço. Os dados gerados por essas observações são capazes de produzir um diagnóstico sobre as atividades realizadas (onde e o que as pessoas fazem), as regularidades de comportamento (frequências de uso), bem como as oportunidades e restrições de uso que o espaço proporciona (REIS E LAY, 1995).

Esse método se torna relevante para o presente estudo na medida em que ele pode fornecer informações importantes sobre o uso do ambiente, como, por exemplo, onde os usuários costumam parar, identificação dos fluxos de passagem, caminhos e outras informações. Assim, esse procedimento metodológico foi utilizado para obter informações a respeito de qual o comportamento dos usuários no ambiente das praças (atividade que está realizando) e se no ambiente o usuário está interagindo socialmente ou não.

Além disso, esse método, quando analisado conjuntamente com os outros, como, por exemplo, as entrevistas, pode contribuir no entendimento do motivo pelo qual algo, que a princípio não parece evidente, aparece espacializado no mapa comportamental.

Nesta pesquisa, para a realização dos mapas comportamentais, primeiramente foram realizadas observações preliminares na área para melhor conhecer as características peculiares das mesmas. Com base nessas informações, foi definida a frequência e os horários para marcação desses registros, conforme a maior intensidade de maior uso das praças. Sendo assim, foram definidos para todas as praças os seguintes horários: 9:30h, 13:30h e 17:30h. Além disso, foram definidas as atividades mais marcantes realizadas pelos usuários, que interessam ao estudo.

Logo, a fim de atender aos objetivos da pesquisa foram definidas as seguintes categorias de análise em relação às atividades praticadas no ambiente, conforme apresentado abaixo, no quadro 2: (1) pessoas sentadas; (2) pessoas em pé; (3) realizando atividade física; (4) caminhando; (5) lazer; e (6) trabalho.

Quadro 2- Atividades realizadas nas praças.

Atividades realizadas no ambiente da praça	Sentado
	Parado em pé
	Realizando atividade física (corrida, caminhada)
	Caminhando (deslocamento passeando com cachorro...)
	Lazer (brincadeiras, jogos...)
	Trabalho (limpeza, vendedores...)

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Com base nessas atividades identificadas como praticadas pelos usuários no ambiente de cada uma das praças (Quadro 2), foi possível agrupá-las em categorias que podem dar indícios da maneira como os usuários se comportam em cada um dos ambientes estudados. Dessa forma, as pessoas que estavam sentadas em bancos ou outros locais e aquelas que estavam paradas em algum ambiente da praça (sem motivo de espera aparente), foram incluídas dentro da categoria “contemplativa”, pois esses tipos de atividades podem facilitar a contemplação do ambiente. Os usuários que praticavam atividades, como a caminhada para se deslocar dentro do ambiente da praça, ou aqueles que estavam parados, foi possível identificar que estavam esperando (alguém ou algo) e foram incluídos dentro da categoria “transitória”, pois estavam realizando atividades a curto prazo. Já os usuários que estavam realizando alguma atividade de lazer, como brincadeiras, jogos, sentados, porém, lendo um livro, caminhando com o cachorro ou algum outro tipo de atividade física para exercitar o corpo e a mente, foram incluídos dentro da categoria “lazer”, por entender que essas e outras atividades são realizadas com o objetivo de promover algum tipo de lazer para o ser humano. Por fim, a última atividade categorizada foi aquela onde a pessoa praticava algum tipo de atividade que tinha por objetivo o “trabalho remunerado”, como, por exemplo, a limpeza do ambiente da praça, a manutenção de canteiros e gramados, vendedores ambulantes e outros.

Assim, foi possível categorizar as atividades conforme mostra o quadro 3 a seguir: (1) contemplativa; (2) transitória; (3) lazer; e (4) remunerada.

Quadro 3 - Categorias das atividades realizadas nas praças.

Categoria	Classificação
Contemplativa	Sentado
	Parado em pé (apreciando paisagem)
Transitória	Caminhando (deslocamento)
	Parado em pé (esperando)
Lazer	Lazer (brincadeiras, jogos...)
	Sentado (lendo livro...)
	Realizando atividade física
	Caminhando (cachorro...)
Remunerada	Trabalho (limpeza, vendedores...)

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Além das categorias de análise estabelecidas, também foi definido um percurso, predeterminado para ser percorrido em cada uma das praças em função da possibilidade de visualização, pela pesquisadora, do ambiente da praça, a fim de registrar os usuários e suas atividades realizadas no ambiente.

Através da realização de um estudo piloto, testou-se a aplicação desses critérios e os horários estipulados em cada uma das praças que fazem parte do estudo. Dessa forma, constatou-se a validade tanto dos horários definidos em função da intensidade de uso quanto das categorias de atividades praticadas nos ambientes. Logo, em função disso, os mapas comportamentais realizados no estudo piloto passaram a fazer parte dos dados da pesquisa propriamente dita.

A aplicação dos mapas comportamentais se deu durante uma semana, em cada uma das praças, incluindo sábados e domingos. Sendo assim, ao final de uma semana tivemos 21 mapas comportamentais, de cada uma das praças, e sendo quatro praças analisadas, tivemos, então, um total de 84 mapas. Posteriormente, os mapas de cada praça foram digitalizados com a utilização do software AutoCad e sobrepostos a fim de espacializar os dados obtidos.

É importante destacar que neste trabalho se registrou no mapa comportamental todas as pessoas que estavam nas praças no momento da realização do percurso. Entretanto, observou-se que em função das praças estarem localizadas no centro da cidade, onde existe um deslocamento constante, muitas pessoas estavam utilizando o local somente como passagem e/ou atalho para cumprir seu destino. Portanto, devido à dificuldade em distinguir se a pessoa está no local por necessidade ou por preferir o ambiente da praça em relação a outro trajeto, decidiu-se considerar, para fins de registro nos mapas comportamentais, que todas as pessoas presentes no ambiente no momento da marcação eram usuárias das praças e, logo, foram registradas no mapa comportamental.

3.5.2.3 Entrevistas estruturadas

Gil (2008) caracteriza as entrevistas estruturadas por método pela interação social entre aquele que busca a coleta de dados e o que fornece os dados, ou seja, a fonte. Esse tipo de método é um dos mais utilizados na área das ciências sociais, pois permite a obtenção de informações pessoais sobre os indivíduos, como,

por exemplo, o que eles sentem, desejam, dentre outras informações relevantes para o estudo (RHEINGANTZ, BRASILEIRO, *et al.*, 2009; SOMMER e SOMMER, 2002).

As entrevistas podem ser: (1) estruturadas – são aquelas que possuem um roteiro preestabelecido e sem possibilidade de mudança ao longo da entrevista, e geram uma lista de respostas semelhante a um questionário de perguntas abertas; (2) semiestruturadas – possuem um roteiro de perguntas com possibilidade de mudança, caso necessário, e favorecem ao entrevistado liberdade nas respostas, diminuindo o direcionamento e proporcionando o debate com outros temas pertinentes; (3) não estruturadas – são aquelas em que o entrevistador encoraja o entrevistado a se expressar sobre o tema livremente, sem sugestões diretivas (RHEINGANTZ, BRASILEIRO, *et al.*, 2009; SOMMER e SOMMER, 2002).

Para a realização desta pesquisa foi escolhido o método de entrevista semiestruturada, pois possibilita a sua aplicação tanto em um curto período de tempo, caso o entrevistado esteja de passagem pela praça, quanto pode ser estendida caso o entrevistado esteja disponível por um período de tempo maior no ambiente. O objetivo da aplicação desse método é analisar a experiência do usuário das praças de Pelotas quanto a atividade que realizam nesse ambiente, bem como identificar se as praças são consideradas patrimônio cultural por seus usuários e os principais motivos para tal fato.

A realização das entrevistas ocorreu em dias aleatórios e de acordo com as regras necessárias impostas para segurança da entrevistadora e dos entrevistados, face à crise sanitária em razão da pandemia da Covid-19. Nesse sentido, foram adotados todos os protocolos estabelecidos pelas autoridades, principalmente com o uso adequado de máscara e com distanciamento adequado. O registro de áudio das entrevistas foi feito por intermédio de gravador digital.

O roteiro de pergunta das entrevistas (Apêndice A) foi formulado em concordância com o referencial teórico e foi categorizado em quatro temas, sendo eles: (1) os motivos de utilização das praças – com o objetivo de saber por que as pessoas utilizam as praças e se as praças serem patrimônio cultural é um dos motivos de utilização; (2) identificar se as praças são patrimônio cultural para seus usuários; (3) identificar se as praças são referenciais urbanos para seus usuários; e (4) identificar um panorama de futuro para as praças, na visão dos usuários.

A seleção da amostragem utilizada nesse método foi do tipo amostra aleatória simples, ou seja, qualquer indivíduo usuário das praças poderia responder a entrevista semiestruturada. Assim, qualquer pessoa que estivesse na praça no momento da aplicação da entrevista foi convidada a participar mediante a assinatura de um termo de livre consentimento (Anexo A). Dessa forma, na praça José Bonifácio foram entrevistados 20 usuários, na praça Piratinino de Almeida 20 usuários, na praça Cipriano Barcelos 20 usuários e na praça Coronel Pedro Osório 20 usuários, totalizando assim 80 pessoas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo é destinado a apresentar e discutir os resultados encontrados no presente trabalho. Ele está dividido em três partes. A primeira parte discute os resultados encontrados a fim de conhecer as praças selecionadas no estudo, além de descrever como se caracteriza o uso dessas praças por seus usuários. Já a segunda parte deste capítulo é responsável por estabelecer os aspectos relacionados à importância das praças frente a percepção simbólica e a identidade dos usuários com o espaço urbano. Por fim, a última parte deste capítulo pretende estabelecer a relação entre a patrimonialização e o uso das praças na cidade de Pelotas.

4.1 Aspectos relacionados ao uso das praças

Nesta primeira parte dos resultados, a fim de apresentar como são as praças selecionadas para o estudo e caracterizar o uso das mesmas, os resultados foram organizados da seguinte forma: partindo-se da realidade atual das praças, fizemos um retorno ao passado e, posteriormente, tentamos verificar as possibilidades para um futuro. Sendo assim, a organização ficou da seguinte forma: (1) O presente: descrição do visível; (2) Retorno ao passado: permanências e rupturas; e (3) Apontando para o futuro: transformações nos espaços urbanos das praças.

4.1.1 O presente: descrição do visível – percepção física e uso das praças

Esta parte do capítulo 4 é destinada a apresentar o espaço físico das praças que fazem parte do estudo, ou seja, detém-se na descrição do visível que corresponde à descrição da complexidade horizontal, conforme Lefebvre.

Dessa forma, é apresentada a descrição do visível nos objetos de estudo (praças), ou seja, a descrição física do espaço urbano das praças na atualidade, bem como a maneira que os usuários utilizam esse espaço físico (conforme entrevistas e mapa comportamental).

Assim, essa parte dos resultados irá se deter:

- (1) na descrição física do ambiente;
- (2) na análise dos mapas comportamentais;
- (3) na análise das entrevistas aplicadas no ambiente das praças.

Os resultados são apresentados individualmente, ou seja, de cada uma das praças, e, por fim, é elaborada uma conclusão geral de fechamento desta parte do capítulo, ressaltando os aspectos mais relevantes encontrados.

4.1.1.1 Praça José Bonifácio

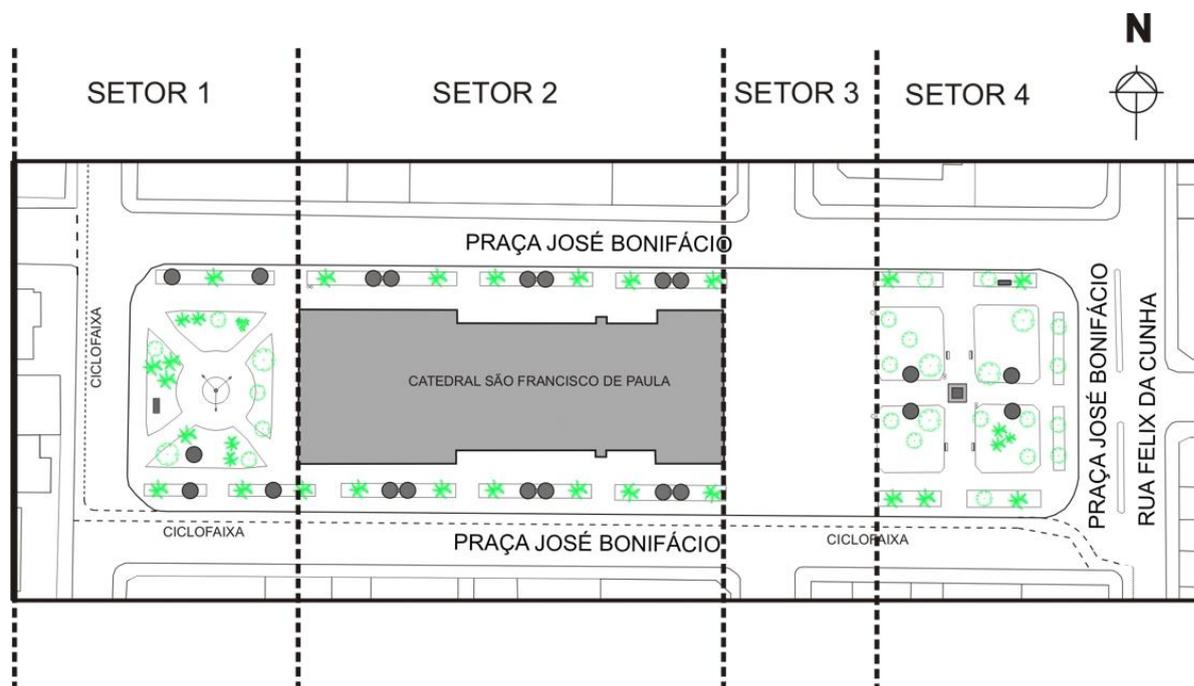
Percepção física:

A Praça José Bonifácio tem um desenho em forma de um retângulo, ela é praticamente toda pavimentada com ladrilhos hidráulicos, mantendo alguns canteiros com vegetação rasteira. A arborização é mais intensa, ou seja, existem árvores de maior porte em frente e nos fundos da Catedral, nas laterais a arborização é feita por palmeiras e arbustos de pequeno e médio porte. Essa é uma praça que apresenta de maneira geral boa iluminação à noite, pois em função de ser uma praça relativamente pequena, a iluminação da via pública atinge seu interior. Além disso, ela possui postes de médio porte que iluminam seu interior, abaixo da copa das árvores. Nos fundos da Catedral, além desses postes, ainda existe um poste de iluminação mais alto complementando a iluminação do espaço. Bancos existem somente em uma parte da praça, localizada em frente à Igreja.

Para melhor apresentar todos os elementos presentes nesse ambiente, dividiu-se a praça em setores, conforme a Figura 10. Em cada um dos setores é apresentada a marcação dos equipamentos urbanos, como: postes de iluminação, bancos e lixeiras. Além desses elementos, também existe a marcação dos canteiros, caminhos, monumentos e outros.

Dessa forma, a Figura 10 mostra que o setor 1 da praça foi definido como a parte localizada atrás da Catedral, onde o desenho dos caminhos e dos canteiros formam eixos diagonais. O setor 2 foi definido como a parte onde está localizada a edificação da Catedral São Francisco de Paula, formando caminhos laterais de conexão entre os denominados setores 1 e 3 da praça. O setor 3 é o largo, localizado em frente à Catedral. E, por fim, o setor 4 é formado por canteiros simétricos e ortogonais, onde no eixo central está localizado um monumento.

Figura 10 - Planta da praça José Bonifácio.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

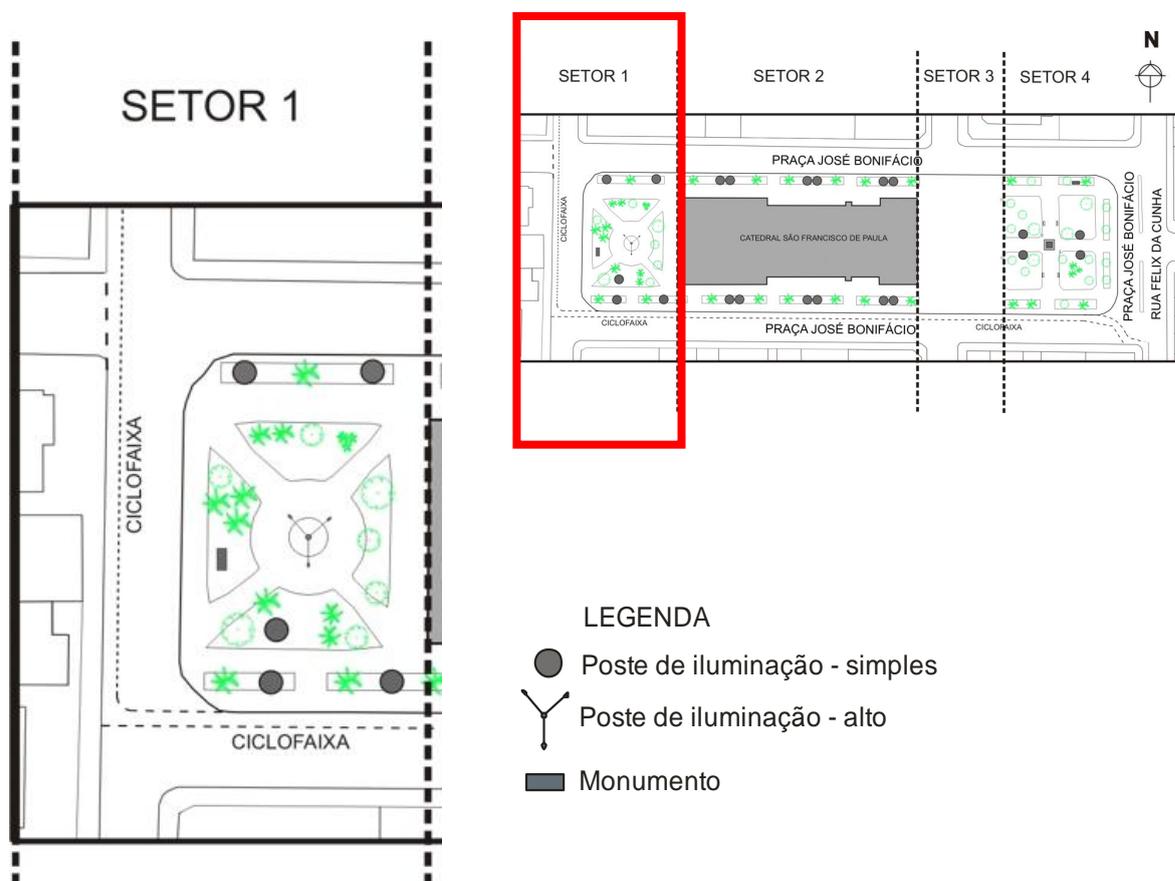
Planta da Praça José Bonifácio dividida em setores.

A seguir, será apresentado cada um dos setores a fim de realizar uma descrição física por meio de desenhos e fotos obtidos através dos levantamentos realizados anteriormente.

O setor 1 (Figura 11) dessa praça apresenta postes de iluminação, lixeiras e um monumento. Os postes de iluminação apresentam duas alturas, um mais alto localizado no encontro da marcação dos eixos dos caminhos diagonais e os demais mais baixos, conforme Figura 13. Nesse setor também existe um monumento que nomeia o espaço como “Espaço Padre Carlos Johannes”, em homenagem ao Padre Carlos Johannes (Figura 12).

O revestimento de piso dessa área é realizado com ladrilho hidráulico, próximo às vias de circulação de veículos e aos canteiros, fazendo conjunto com o revestimento dos demais setores da praça e dando um aspecto único ao ambiente (Figura 15). Já a circulação interna desse setor, ou seja, aquela que faz a marcação dos eixos diagonais, é realizada com pequenos blocos de granito, conforme pode ser observado na Figura 13.

Figura 11 - Planta parcial da Praça José Bonifácio.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça José Bonifácio com a indicação do setor 1. Detalhe do setor 1 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos presentes.

Quanto à vegetação da parte interna desse setor, onde está a circulação diagonal, existe a presença de árvores de grande porte, bem copadas, que sombreiam o ambiente e promovem também um certo acolhimento a quem circula por ali. Também existe alguma vegetação de pequeno porte, como alguns arbustos e flores que favorecem a qualidade estética do ambiente (Figura 13). Já nos canteiros próximos às vias de circulação de veículos, a vegetação é composta por coqueiros e arbustos, tanto nessa parte da praça quanto nas demais, fornecendo uma padronização à praça como um todo (Figura 15).

Figura 12 – Fotografia da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2019

Monumento dando nome ao “espaço” em homenagem ao Padre Carlos Johannes.

Figura 13 – Fotografia da Praça José Bonifácio.

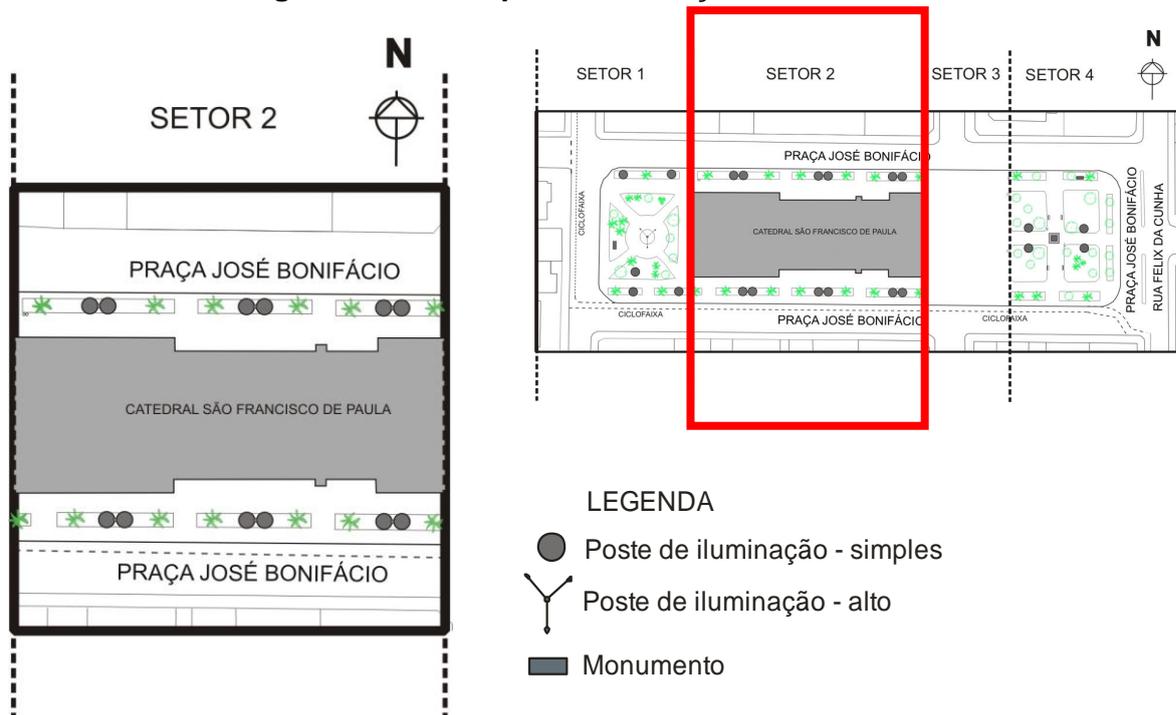


Fonte: Autora, 2019.

Poste de iluminação, revestimento de piso e vegetação da Praça José Bonifácio.

O setor 2 da praça representa onde está localizada a edificação da Catedral São Francisco de Paula (Figura 14). Em relação ao mobiliário urbano, nos caminhos laterais da igreja existe a presença de postes de iluminação duplos, conforme Figura 16, e lixeiras (Figura 22). Grande parte do revestimento de piso nessa área é feita com ladrilho hidráulico (Figura 15), exceto onde existe a presença de canteiros, nos quais têm grama. A vegetação existente nesses canteiros, em sua grande maioria, apresenta vegetação de grande porte, como coqueiros, e médio porte, como arbustos, conforme mostra a Figura 15.

Figura 14 - Planta parcial da Praça José Bonifácio.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça José Bonifácio com a indicação do setor 2. Detalhe do setor 2 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos presentes.

Figura 15 - Fotografia da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2019.
Caminhos laterais à Catedral.

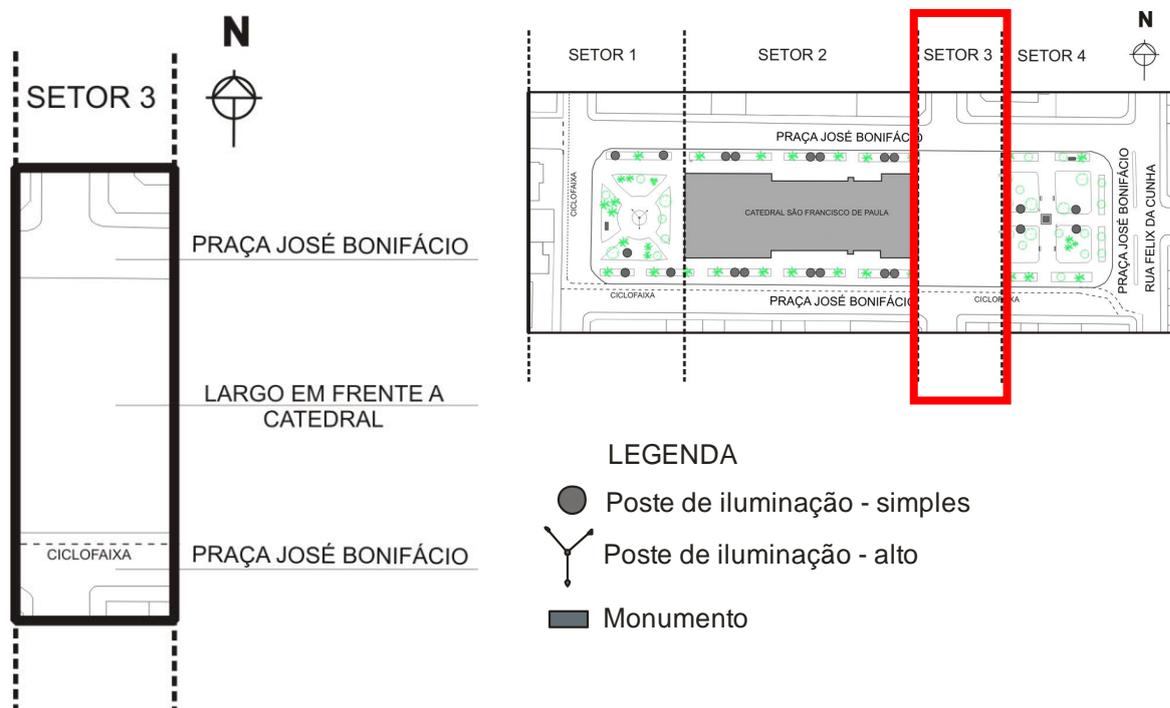
Figura 16 - Fotografia da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2019.
Poste de iluminação duplo.

O setor 3, localizado em frente à Catedral (Figura 17), praticamente não apresenta nenhum mobiliário urbano. É um grande largo, cujo piso é revestido com ladrilho hidráulico sem nenhum tipo de marcação de piso sugerindo trajetos a serem percorridos. Também não apresenta nenhum tipo de vegetação ou canteiros.

Figura 17 - Planta parcial da Praça José Bonifácio.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça José Bonifácio com a indicação do setor 3. Detalhe do setor 3 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos presentes.

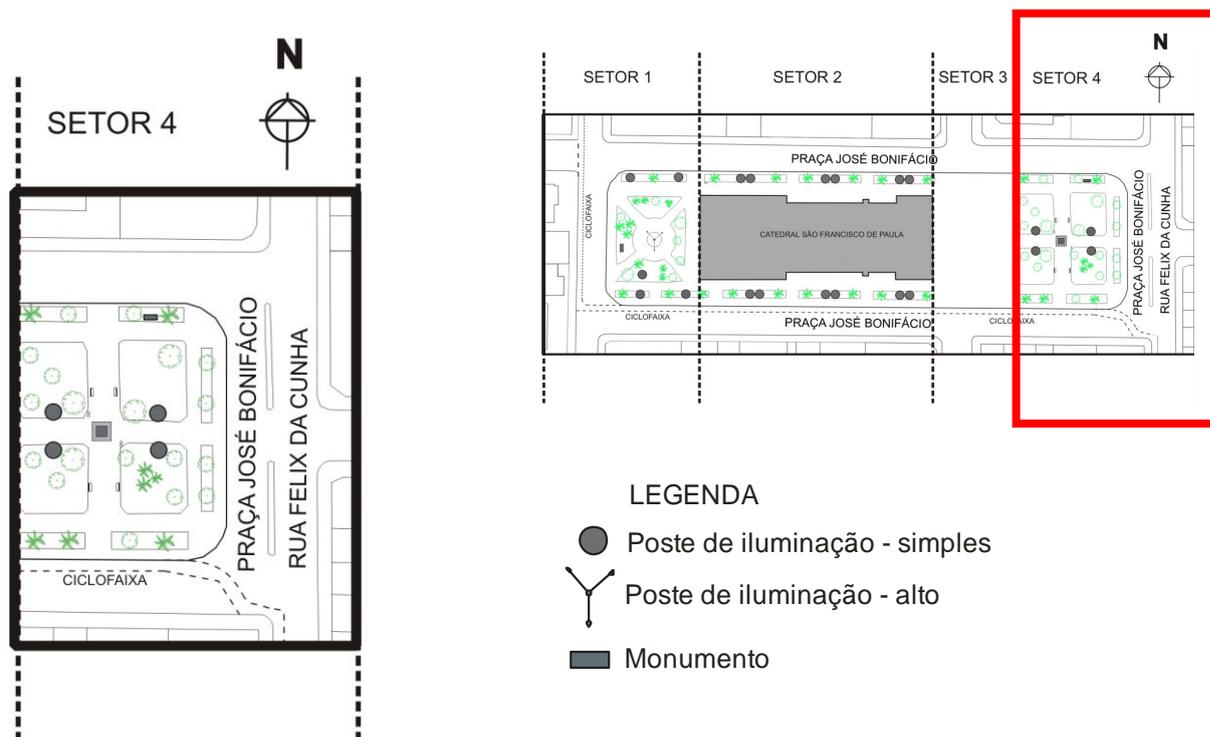
O setor 4 (Figura 18) está localizado em frente à Catedral, próximo à Rua Félix da Cunha. Esse setor é o único local da praça que apresenta bancos (Figura 19) para que as pessoas possam sentar e utilizar o ambiente. Nesse setor também existem lixeiras e luminárias. O piso é revestido com ladrilho hidráulico conforme o restante da praça. Aqui existem quatro canteiros principais distribuídos de maneira uniforme e simétrica (Figura 18). A vegetação nesses canteiros é destacada pelas árvores de grande porte que sombreiam o ambiente onde estão os bancos, também existe uma vegetação rasteira que cobrem os canteiros e alguns arbustos.

Nesse setor também existe um painel de informações turísticas⁸ (Figura 20), que informa sobre distâncias da praça a outros pontos de interesse no centro de

⁸ O “Painel de informações turísticas” faz parte das placas de sinalização turística (Prefeitura Municipal de Pelotas) para pedestres colocadas em pontos estratégicos, formando um roteiro turístico a pé ou de bicicleta. O objetivo é facilitar o deslocamento de pelotenses e visitantes e foi desenvolvido com investimento do PAC – Cidades Históricas. Esses painéis contêm mapas, textos e fotos sobre cada ponto onde estão localizados. Existem doze placas para pedestres, sendo quatro instaladas na Praça Coronel Pedro Osório e Largo Edmar Fetter, o restante foi fixado no Largo de Portugal, Parque

Pelotas. Também apresenta informações históricas sobre a Catedral, prédios inventariados pelo município que estão no entorno imediato e monumentos, como o busto de José Bonifácio (Figura 21).

Figura 18 - Planta parcial da Praça José Bonifácio.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça José Bonifácio com a indicação do setor 4. Detalhe do setor 4 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos presentes.

Dom Antonio Zattera, Praça Cipriano Barcelos, Praça Piratinino de Almeida, Praça Domingues Rodrigues (no Porto), Praça Conselheiro Maciel (da Faculdade de Direito da UFPel) e Praça José Bonifácio (da Catedral). As localizações foram determinadas pela Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC).

Fonte: <http://www.pelotas.com.br/noticia/pelotas-conta-com-88-placas-de-sinalizacao-turistica>

Figura 19 - Fotografia da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2019.
Bancos localizados no setor 4.

Figura 20 - Fotografia da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2019.
Painel de sinalização turística.

Figura 21 - Fotografia da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2019.
Monumento Praça José Bonifácio (Obra de Antônio Carangi).

Figura 22 - Fotografia da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2021.
Lixeiras da praça José Bonifácio.

Levantamentos dos usos dos prédios do entorno:

A fim de colaborar para a descrição do espaço visível da praça José Bonifácio foi elaborado um mapa (Figura 23), contendo o levantamento dos usos dos prédios do entorno da praça. Para a análise desses dados, foram considerados um total de 30 lotes, contendo prédios do entorno imediato da praça, conforme mostra o mapa a seguir.

Figura 23 - Mapa de Usos do entorno da Praça José Bonifácio.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

O tipo de uso “**Sem uso definido**”, no caso dessa praça, ocorreu apenas em uma edificação, que nesse caso estava em obras e então foi incluída dentro dessa categoria.

IDENTIFICAÇÃO DOS PRÉDIOS:

- 1 – Colégio Gonzaga;
- 2 – Prédio do Bispado;
- 3 – Colégio São Benedito;
- 4 – Centro Espírita Jesus;
- 5 – Catedral São Francisco de Paula;
- 6 – Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

TIPOS DE USO

- Uso residencial
- Uso comercial
- Uso serviço
- Uso religioso
- Uso institucional
- Sem uso definido
- Uso misto

A partir do levantamento dos usos dos prédios do entorno da Praça José Bonifácio (Figura 23), foi possível observar que a predominância das edificações nesse ambiente é de uso residencial.

Considerando os usos dos prédios do entorno da praça e levando em conta a característica “lote a lote”, conforme observado na Tabela 1, a maioria das unidades é de uso residencial. Entretanto, observando esses dados espacializados no “Mapa de Usos” (Figura 23), observamos que, embora a maioria das unidades seja de uso residencial, existe também uma considerável extensão de área de fachadas voltadas para a praça que é de uso institucional e religioso.

Sendo assim, no caso dessa praça é preciso considerar que a predominância de usos presentes no entorno são: residencial, institucional e religioso.

Tabela 1 - Identificação dos tipos de usos na Praça José Bonifácio.

TIPOS DE USOS	Nº de unidades	% em relação ao total de unidades*
Residencial - edificação residencial unifamiliar ou multifamiliar.	16	53,33%
Comercial - edificação destinada ao comércio de produtos. P.ex. padaria, farmácia e outros.	5	16,66%
Serviço – edificação destinada a prestação de serviços à comunidade. P.ex. consultórios, escritórios e outros.	3	10%
Institucional – edificação destinada a instalação de instituição pública ou privada. P. ex. escola, hospital e outros.	3	10%
Religioso – edificação destinada a prática religiosa e/ou ligada a alguma religião. P. ex. Igreja, Centro Espírita e outros.	3	10%
Misto – edificação que abriga mais de uma das classificações acima descritas.	1	3,33%

Fonte: Autora, 2019

* É relevante salientar que o somatório da porcentagem nessa tabela é 103,32%. Esse erro se deve ao arredondamento dado em relação ao total de unidades de tipos de usos diferentes e essa diferença não vem a ser relevante para o presente trabalho.

Em relação aos prédios do entorno da praça de uso institucional, podemos citar principalmente o prédio do Colégio Gonzaga (Figura 24) e do Colégio São Benedito (Figura 25). Dos prédios destinados ao uso religioso, podemos citar como mais importante a Igreja Catedral São Francisco de Paula (Figura 26) e também o prédio do Bispado (Figura 27) e o Centro Espírita Jesus (Figura 28). Depois, existem alguns prédios de uso comercial, dentre os quais podemos citar a padaria denominada “Esquina do Pão”, localizada na esquina do Colégio Gonzaga, ou seja, no cruzamento das Ruas Quinze de Novembro e Senador Mendonça; o churrasquinho, localizado no prédio ao lado da padaria “Esquina do Pão”, pela Rua Quinze de Novembro; e a

fruteira, localizada também ao lado dessa mesma padaria, só que pela Rua Senador Mendonça.

Quanto aos prédios identificados como de serviço, podemos citar o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), localizado no cruzamento da Rua Félix da Cunha com a Praça José Bonifácio (Figura 29). Além desse edifício, existe também uma clínica médica localizada na praça pela Rua Quinze de Novembro.

Dentre todos esses prédios mencionados anteriormente, alguns são identificados no mapa de usos dos prédios do entorno da Praça José Bonifácio (Figura 23), através de numeração, colocada na legenda desse mapa. Esses prédios são colocados em destaque no mapa em função de terem sido mencionados nas entrevistas como um dos motivos para os usuários estarem no ambiente da praça ou ainda motivos que explicam a praça ser patrimônio cultural (na opinião dos usuários). Esses motivos são tratados a seguir no decorrer deste trabalho. Da mesma forma, alguns desses prédios também foram destacados como referenciais urbanos por esses mesmos usuários entrevistados.

Figura 24 – Fotografia de prédios do entorno da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2021.
Colégio Gonzaga.

Figura 25 - Fotografia de prédios do entorno da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2021
Colégio São Benedito.

Figura 26 - Fotografia de prédios do entorno da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2021.
Catedral São Francisco de Paula.

Figura 28 - Fotografia de prédios do entorno da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2021.
Centro Espírita Jesus.

Figura 27 - Fotografia de prédios do entorno da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2021.
Prédio do Bispado.

Figura 29 - Fotografia de prédios do entorno da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2021.
Centro de Atenção Psicossocial.

Motivo de uso da praça:

A partir de entrevistas realizadas com 20 usuários da Praça José Bonifácio, foi possível identificar que esse grupo de pessoas utilizava o espaço principalmente em função dos usos dos prédios existentes no entorno da praça. Além disso, também é muito utilizada para encontros amorosos e de amigos, assim como também para atividades de lazer: descansar e passear com animais. Essas entrevistas foram organizadas em um quadro (apêndice B) e os motivos de uso dessa praça estão descritos a seguir.

Quanto aos usos mais relevantes identificados no entorno da praça que parecem intensificar a utilização desse espaço estão, primeiramente, o Centro Espírita Jesus. Um dos entrevistados comenta: *“venho para o centro espírita ali e espero a carona aqui”* (entrevistado 8); e segundo ela isso se repete todas as quartas-feiras. Outro entrevistado comenta que embora não venha no centro espírita toda a semana, quando vem ele utiliza a praça: *“agora eu vim porque estou esperando minha esposa que foi ali no centro”*.

Outro uso que parece incentivar o uso da Praça José Bonifácio é o Colégio Gonzaga, uma vez que uma entrevistada diz utilizar o espaço em função da necessidade de esperar a atividade da filha no colégio: *“[...] minha filha faz ginástica artística no Gonzaga, então, para ocupar o tempo eu fico aqui, para não ficar presa ali dentro parada [...]”* (entrevistado 1). Outro entrevistado comenta utilizar a praça pelo mesmo motivo: *“Fico nessa praça enquanto espero a hora de pegar meu filho no colégio”* (entrevistado 19). Além desses, também o vendedor de pipoca está localizado nessa praça, próximo ao Colégio Gonzaga, para oferecer seu produto. Outro uso do entorno que parece incentivar o uso da Praça José Bonifácio, embora sua localização seja recente, é o CAPS, pois foi mencionado por uma das entrevistadas como o motivo para estar na praça *“[...] meu guri faz tratamento ali no Caps e eu fico aqui na praça esperando [...]”* (entrevistado 5).

Sendo assim, as entrevistas realizadas com os usuários indicam que algumas atividades localizadas próximas a essa praça incrementam seu uso. Como exemplo, podemos citar o Centro Espírita Jesus, o Colégio Gonzaga e o CAPS. Vale ressaltar, também, que durante as entrevistas alguns usuários citaram a proximidade da praça a suas residências ou ao seu trabalho como um aspecto relevante para a escolha do uso desse espaço.

Além da questão locacional da praça em relação aos usos do entorno, também outro aspecto que se destacou como um dos principais motivos para os entrevistados utilizarem a praça é para a prática da interação social. Alguns entrevistados comentaram que utilizam o espaço para encontrar amigos e outros para namorar. Dentre aqueles entrevistados que estavam utilizando a praça para encontrar amigos e namorar, uma das falas que demonstra que o ambiente é propício para tal atividade é quando uma usuária diz que foi até esse local porque “[...] *a gente se sente à vontade aqui [...]*” (entrevistado 8). Vale destacar que essa usuária estava com uma amiga, sentada num banco, conversando e fazendo um lanche no momento da entrevista.

Nesse sentido, também é relevante destacar que a existência de bancos nessa praça parece ser um facilitador para proporcionar esse tipo de atividade (interação social), pois foi observado que todos os entrevistados que disseram ir até a praça para encontrar amigos ou namorar estavam sentados em bancos, alguns fazendo lanche, como já foi mencionado anteriormente, e outros tomando chimarrão⁹.

Outro aspecto que parece favorecer o uso da praça José Bonifácio diz respeito ao lazer e ao descanso. Um dos entrevistados disse que utiliza essa praça porque gosta do ambiente, outro acrescentou: “[...] *porque eu vim ficar num lugar agradável para sentar [...]*” (entrevistado 9). Além desses, outro disse que utiliza essa praça porque “*é central e é mais vazia que a outra*” (referindo-se Praça Coronel Pedro Osório)” (entrevistado 17). E outra usuária entrevistada utiliza essa praça somente como local de passagem, no entanto, no dia da entrevista, estava utilizando para descansar: “[...] *agora eu tô sentada aqui para descansar um pouco e depois ir embora, porque normalmente eu uso só de passagem*” (entrevistado 14). Através desses comentários dos entrevistados, podemos entender que essa praça parece ser um lugar agradável para essas pessoas estarem e descansarem de suas atividades.

A atividade de passear com seu animal de estimação (cão, principalmente) parece ser outra atividade que é bastante praticada pelos usuários entrevistados no ambiente dessa praça. Essa atividade parece ser incentivada pela proximidade da praça com a residência da pessoa, como foi mencionado por um dos entrevistados e,

⁹ O **chimarrão**, ou **mate**, é uma bebida característica da cultura do sul da América do Sul legada pelas culturas indígenas caingangue, guarani, aimará e quíchua. É composto por uma cuia, uma bomba, erva-mate moída e água a aproximadamente 70 graus [Celsius](https://pt.wikipedia.org/wiki/Chimarr%C3%A3o). (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chimarr%C3%A3o>)

também, talvez pelo motivo da praça possuir áreas verdes, como canteiros com grama, vegetação rasteira e algumas árvores, favorecendo o contato do animal e de seu dono com a natureza e trazendo assim uma sensação de bem-estar.

O sentimento de segurança também foi um dos motivos mencionados pelos usuários entrevistados como uma razão para estar nesse ambiente: “[...] *é perto da minha casa e é relativamente mais segura em relação a outra lá* [referindo-se ao Parque Dom Antônio Zattera]. *Eu fico mais perto da outra, mas a outra tem certos horários que eu não vou porque eu acho que não é... tem muito morador de rua... por isso que eu vim aqui*” (entrevistado 13).

A prática de atividade física também foi motivo de uso da praça por um entrevistado. Ele faz parte de um grupo de Capoeira¹⁰ e utiliza o ambiente para treinar e fazer roda¹¹. Por último, mas não menos importante o espaço da praça também é utilizado para trabalho, como é o caso do pipoqueiro que fica em frente ao Colégio Gonzaga, já fazendo parte dessa paisagem urbana há algum tempo. Da mesma forma, a praça José Bonifácio também é utilizada pelos guardadores de carro do entorno da praça, que muitas vezes deixam próximo ao prédio da Catedral uma sacolinha com seu almoço, lanche e água para tomar durante o dia.

Identificação do nome da praça:

Conforme observamos, de acordo com o gráfico a seguir (Figura 30), do total de entrevistados, podemos dizer que a maioria (80%) não sabia o nome da Praça José Bonifácio, ou seja, dos 20 entrevistados somente 4 (20%) sabiam o nome da praça. Por outro lado, do total de pessoas que não sabia o nome oficial da respectiva praça (80% - 16 pessoas), 13 pessoas (65%) identificava ou se referia a ela como a “Praça da Catedral” ou a “Praça da Igreja” (Figura 31).

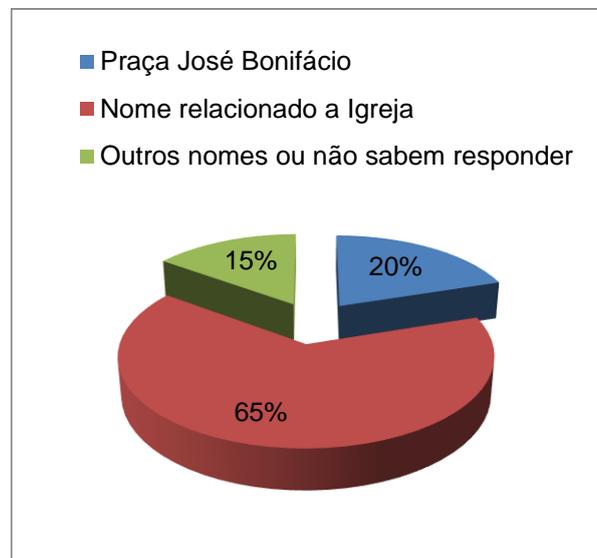
¹⁰ A **capoeira** ou **capoeiragem** é uma expressão cultural brasileira que mistura arte marcial, esporte, cultura popular, dança e música. Desenvolvida no Brasil por descendentes de escravos africanos, é caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos, utilizando primariamente chutes e rasteiras, além de cabeçadas, joelhadas, cotoveladas, acrobacias em solo ou aéreas.

¹¹ A Roda de Capoeira foi registrada como bem cultural pelo IPHAN no ano de 2008, com base em inventário realizado nos estados de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro. E em novembro de 2014, recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capoeira>)

Figura 30 - Gráfico da Praça José Bonifácio. Figura 31 - Gráfico da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2021.
Identificação da quantidade de usuários que reconhece o nome oficial da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2021.
Identificação dos nomes não oficiais da Praça José Bonifácio.

Os dados para elaboração dos gráficos acima (Figuras 30 e 31) estão presentes no apêndice D deste trabalho.

Sendo assim, para o caso da Praça José Bonifácio, podemos dizer que as pessoas entrevistadas que frequentam a praça reconheciam e identificavam o local em função da presença da Igreja “Catedral São Francisco de Paula” e não através do nome “Praça José Bonifácio”. Para essas pessoas, a Catedral parece ser um elemento marcante no ambiente, sendo referência para a identificação do local onde o usuário se encontra.

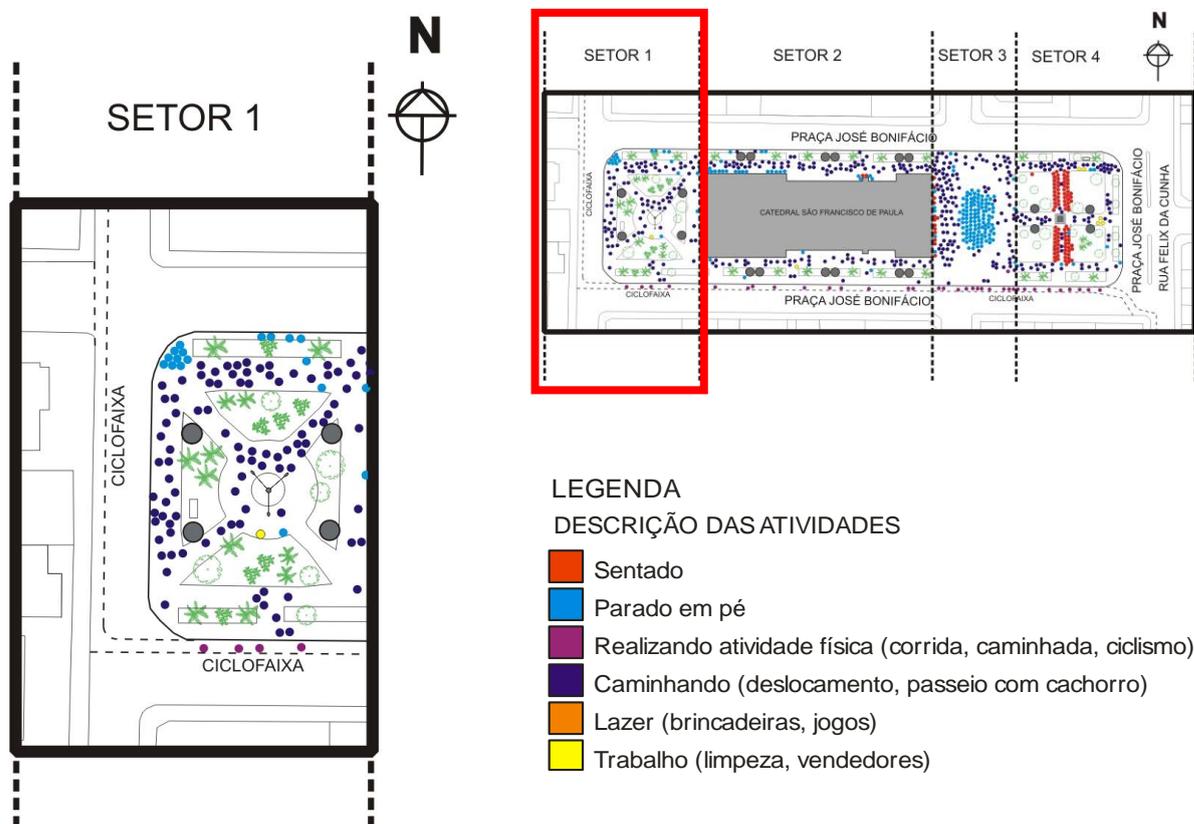
O comportamento dos usuários na praça:

Para melhor identificar o comportamento dos usuários na Praça José Bonifácio, ela foi dividida em setores. Sendo assim, a seguir será apresentado cada um desses setores.

Foi possível observar que, de acordo com o mapa comportamental realizado no setor 1 da praça José Bonifácio (Figura 32), a maioria das pessoas no

momento da realização dos mapas estava circulando por esse espaço, ou seja, estava realizando algum tipo de deslocamento.

Figura 32 - Mapa Comportamental da Praça José Bonifácio.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça José Bonifácio com a indicação do setor 1. Detalhe do setor 1 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

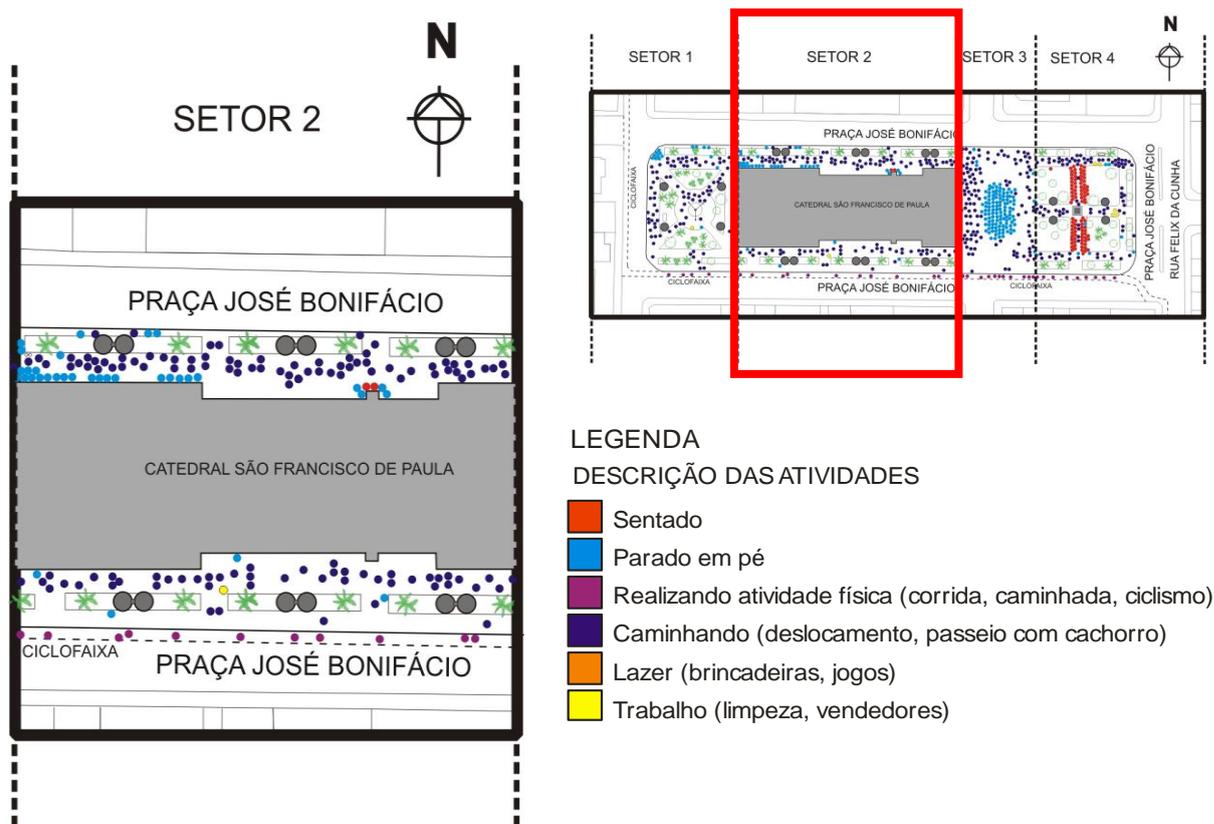
De acordo com as observações realizadas, é possível justificar que um dos possíveis motivos para esse tipo de comportamento nesse local seja a falta de equipamentos urbanos que favoreçam outro tipo de comportamento. Por exemplo, nesse setor não existe nenhum banco para incentivar os usuários a permanecerem no espaço. Nesse sentido, observamos que na imagem do mapa comportamental (acima, a esquerda), próximo ao colégio Gonzaga, existe uma pequena concentração de pessoas “paradas”. Talvez, se no ambiente existisse a presença de bancos, esses usuários possivelmente estivessem utilizando o espaço de outra maneira, ou seja, sentados. Essa concentração de pessoas paradas em pé é justificada, também,

conforme observações realizadas no ambiente, que são em função do colégio Gonzaga. São os pais dos alunos que ficam na praça esperando o horário para pegar as crianças. Também existe a presença de motoristas do transporte escolar, que inclusive muitas vezes levam cadeiras de praia para poderem sentar e aguardar o horário de saída da escola.

Outro comportamento identificado através dos mapas comportamentais foi a presença de usuários circulando de bicicleta na ciclofaixa. Esse comportamento, embora não seja o mais comum entre os usuários, é praticado por muitas pessoas e pode ser visto em muitos horários de observação, não só nesse setor, como em todos os outros setores da praça.

Para concluir, podemos salientar que uma das atividades mais praticadas nesse setor da praça é o deslocamento, seguida por alguns usuários que ficam parados próximos ao Colégio Gonzaga.

Figura 33 - Mapa Comportamental da Praça José Bonifácio.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça José Bonifácio com a indicação do setor 2. Detalhe do setor 2 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

No setor 2 dessa praça (Figura 33), que corresponde às duas calçadas laterais da Catedral São Francisco de Paula, verificamos que a predominância do comportamento dos usuários, tanto na calçada superior, ao norte, quanto na calçada de baixo, ao sul, é de pessoas realizando deslocamento (de um ponto a outro da cidade), ou seja, caminhando.

Na calçada ao norte, além dos usuários realizando deslocamento, também foi possível observar que existem muitas pessoas paradas em pé, concentradas principalmente ao longo da parede da Catedral (Figura 34). Esse comportamento é identificado, conforme observação no local, como é caracterizado principalmente em função dos pais e/ou responsáveis que ficavam nesse local aguardando o horário de pegar as crianças no colégio Gonzaga. Além desse ponto, existe também outro foco de concentração de pessoas paradas em pé no local onde é a porta lateral da Igreja Matriz. Nesse local existe uma pequena escadaria e, sendo assim, também existiam pessoas sentadas e foi identificado, conforme observações de comportamento, que a justificativa para isso é a mesma da maioria dos usuários que estão junto a parede da Igreja, ou seja, esperando o horário de pegar as crianças na Escola (Colégio Gonzaga) (Figura 35).

Figura 34 - Fotografia da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2019.

Usuários parados em pé.

Figura 35 – Fotografia da Praça José Bonifácio.



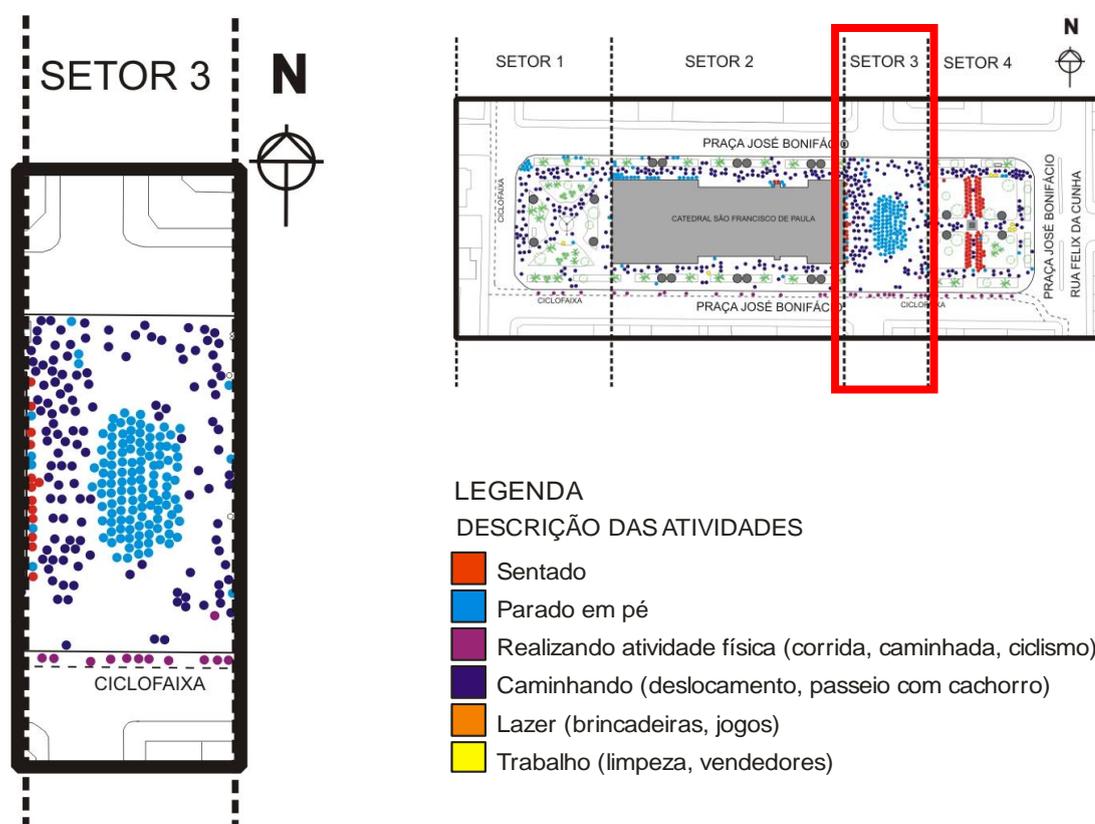
Fonte: Autora, 2021.

Usuários sentados junto à escadaria da porta lateral.

Outro tipo de comportamento observado nesse setor que é relevante salientar é a circulação de bicicletas na ciclofaixa. Foi possível notar que em praticamente todos os horários de observação existia algum usuário praticando essa atividade.

Para concluir, foi possível observar que, de acordo com o mapa comportamental realizado nesse setor da praça José Bonifácio, a maioria das pessoas no momento da realização dos mapas estava circulando ou parado, esperando o horário de pegar as crianças na escola (Colégio Gonzaga).

Figura 36 - Mapa Comportamental da Praça José Bonifácio.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça José Bonifácio com a indicação do setor 3. Detalhe do setor 3 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

No setor 3 dessa praça, que corresponde ao largo em frente à porta de acesso a Catedral, foi possível observar, conforme Figura 36, que nesse caso existia uma grande concentração de pessoas circulando. Essa circulação é caracterizada principalmente por pessoas se deslocando de um ponto a outro da cidade e que utilizam a praça como forma de atingir seu objetivo nesse trajeto. Além disso, muitos usuários também utilizam a praça nesse setor para caminhar com seu animal de estimação e também para deslocamento de ir e vir, principalmente do colégio Gonzaga em alguns horários específicos (como de entrada e saída da escola).

Nesse setor também foi possível observar, conforme Figura 37, que existia uma grande concentração de pessoas paradas em pé no centro desse largo, em frente a porta principal da Catedral. Esse comportamento é muito característico e específico de um determinado momento, que foi identificado através do mapa comportamental

realizado neste trabalho. Esse tipo de comportamento ocorria quando os usuários se concentravam nesse ponto para receber cumprimentos e/ou tirar fotos de grupo quando são realizadas cerimônias de casamento, formaturas, batizados e outros acontecimentos sociais que têm como palco a Catedral. Assim, os usuários utilizavam o largo para essas atividades de socialização e conseguir fotos com a fachada da Catedral ao fundo.

Figura 37 – Fotografia da Praça José Bonifácio.



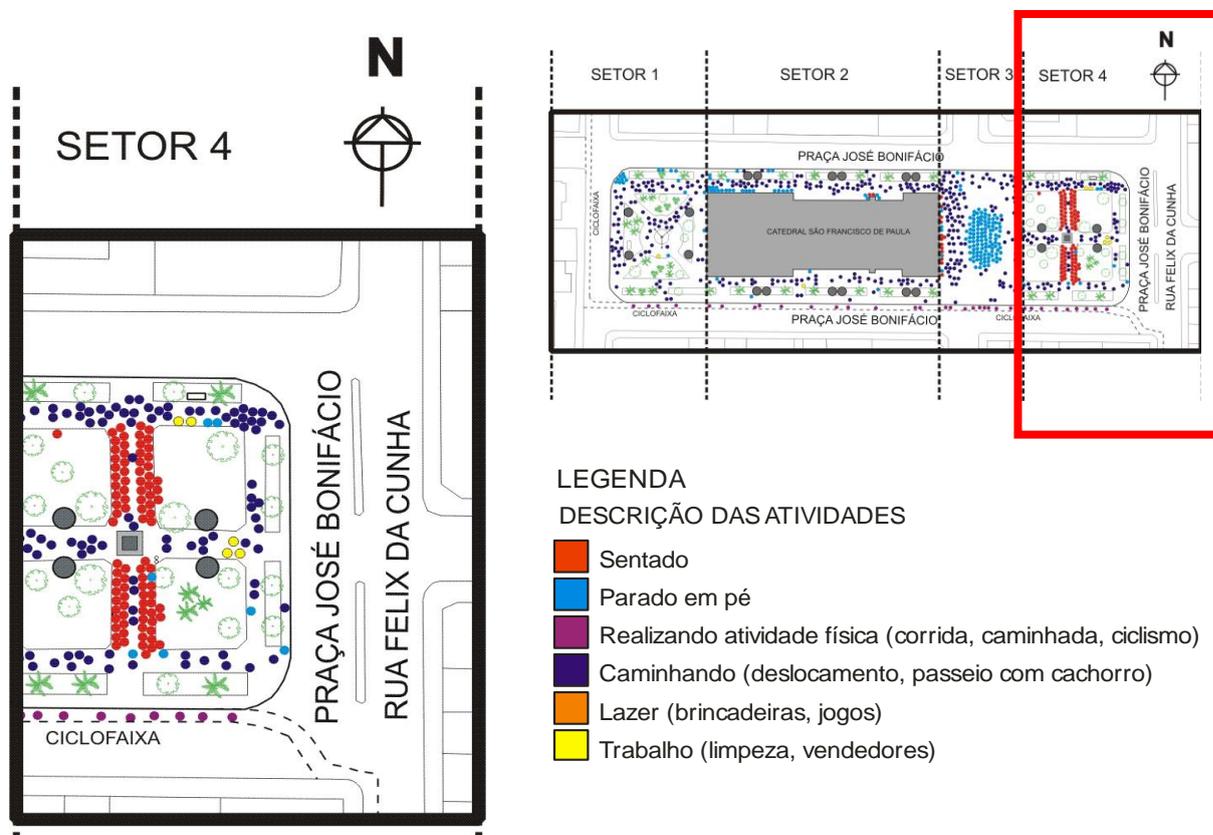
Fonte: Autora, 2019.

Usuários socializando no largo da Praça – Formatura UCPel.

Ainda, outro comportamento observado nesse setor foi a utilização da ciclofaixa pelos usuários, que assim como nos outros setores foi possível notar que em praticamente todos os horários de observação existia alguém praticando esse comportamento (circulando de bicicleta) no espaço previsto.

Para concluir, podemos dizer que nesse setor da praça o comportamento mais comum foi o deslocamento dos usuários, cruzando o espaço. Além desse comportamento, é relevante destacar que o largo também foi muito utilizado como forma de socialização em determinadas datas específicas, quando são realizadas cerimônias que utilizam a Catedral como local de celebração. Nesses momentos, as pessoas ficam em pé e reúnem-se no centro do largo.

Figura 38- Mapa Comportamental da Praça José Bonifácio.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça José Bonifácio com a indicação do setor 4. Detalhe do setor 4 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

No setor 4, conforme observamos na Figura 38, havia uma grande concentração de usuários circulando nos caminhos (caminhos mais externos e internos da praça). Também existia uma grande concentração de usuários sentados nos bancos. Sobre esse comportamento, é relevante salientar que em praticamente todos os horários de observação de comportamento os bancos estavam ocupados. Nesse sentido, parece que existe uma necessidade por maior quantidade de bancos nessa praça, visto que só existem bancos nesse setor e, mesmo assim, são poucas unidades. Talvez, se existissem mais bancos os usuários utilizassem mais o espaço e permanecessem por mais tempo nele.

Nesse setor ainda foi observado que existiam alguns usuários parados e outros realizando serviço de limpeza e manutenção da praça (cortando grama, aguando as

plantas, limpando os caminhos e outros serviços). Também nesse setor, como em todos os outros, passa a ciclofaixa, onde foi possível observar que ela foi bastante utilizada durante os períodos de observação de comportamento.

Para concluir, foi possível notar que nesse setor o comportamento mais usual entre os usuários observados foi o deslocamento, caracterizado por aqueles usuários que estão caminhando no espaço. Da mesma forma, observamos que nesse espaço também existiam muitos usuários sentados, aproveitando o ambiente da praça. Entretanto, como já foi dito antes, vale lembrar que esse comportamento foi visto nesse espaço porque existem bancos que favorecem esse tipo de comportamento. Esse aspecto pode não ser observado em outros setores, pois não existe a presença de bancos para apoiar esse tipo de comportamento. Talvez se existissem mais bancos, poderíamos observar mais pessoas sentadas, apreciando o ambiente.

Assim, com base nas observações realizadas e descritas anteriormente, podemos concluir que as atividades identificadas nessa praça com maior predominância foram aquelas do tipo transitórias, caracterizadas principalmente pelo comportamento daquelas pessoas que estão em deslocamento, caminhando através do espaço, ou seja, deslocando-se de um ponto a outro da cidade.

Também havia uma grande quantidade de pessoas exercendo atividades contemplativas, como, por exemplo, aquelas pessoas que utilizavam os bancos para sentar-se, apreciar a paisagem, conversar com amigos e esperar por algo ou alguém.

Ademais, existia nessa praça a presença de atividades de lazer, porém, em menor quantidade do que as demais. Esse tipo de atividade foi observado nessa praça por meio de pessoas que estavam passeando com o cachorro, sentadas lendo um livro ou fazendo lanche, conversando com amigos e namorando. Uma possibilidade que talvez favoreça com que os usuários utilizem muito essa praça para atividades contemplativas e de lazer é que no seu entorno o uso das edificações é predominantemente residencial. Assim, parece que muitos usuários utilizavam a praça para passear com animais e praticar atividades ao ar livre.

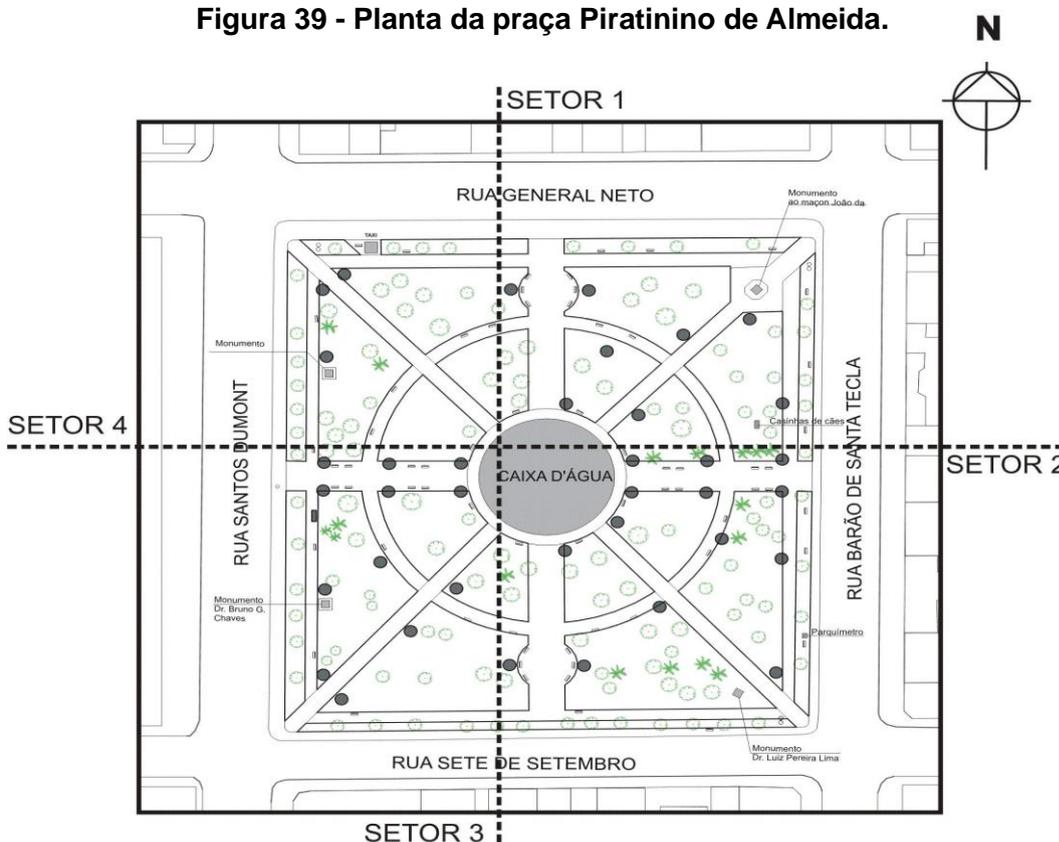
Sobre as atividades remuneradas, muito pouco foi observado nesse ambiente, a não ser os trabalhadores que faziam a manutenção dos jardins, os guardadores de carro, que frequentam muito o ambiente, e, também, o vendedor de pipocas que fica próximo ao Colégio Gonzaga e está no local principalmente no horário de saída dos alunos da escola.

4.1.1.2 Praça Piratinino de Almeida

Percepção física:

Aqui é realizada uma descrição física do ambiente da praça Piratinino de Almeida. De maneira geral, podemos descrever fisicamente o desenho dessa praça como, aproximadamente, um quadrado, com caminhos radiais. Os caminhos diagonais (Figura 39) são pavimentados com ladrilho hidráulico e levam ao centro da praça, onde está localizada a caixa d'água de ferro, que até hoje está em funcionamento e abastece a distribuição de água no centro da cidade de Pelotas.

Figura 39 - Planta da praça Piratinino de Almeida.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Planta da Praça Piratinino de Almeida dividida em setores.

Esses caminhos diagonais apresentam sinalização tátil de alerta no piso¹² a fim de tentar atender às premissas do desenho universal e da acessibilidade, colaborando

¹² Essa sinalização tátil de alerta no piso é estabelecida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e está prevista na NBR 16537:2016.

para o livre acesso e a democratização dos espaços públicos (Figura 40). Assim, é previsto na NBR 16537:

A sinalização tátil no piso é considerada um recurso complementar para prover segurança, orientação e mobilidade a todas as pessoas, principalmente àquelas com deficiência visual ou surdo-cegueira. Ao acatar os preceitos do desenho universal, o projetista está beneficiando e atendendo às necessidades de pessoas de todas as idades e capacidade (NBR 16537:2016).

Também existem outros caminhos, formando uma cruz, não pavimentados, definidos pelos canteiros e bancos alinhados num eixo horizontal e vertical que divide a praça em quadrantes. A iluminação da praça é realizada por postes de médio porte (Figura 41), que estão dispostos no ambiente conforme levantamento realizado e espacializado na planta baixa (Figura 39).

Figura 40 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020.

Revestimento dos caminhos principais

Figura 41 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020.

Luminárias

Os bancos dessa praça são de ferro e madeira, sendo a estrutura de ferro, e o assento e o encosto constituído de tábuas de madeira (Figura 42). As lixeiras são de plástico e apresentam padrão condizente com as cores estabelecidas para a coleta de lixo reciclado e orgânico – verde e laranja (Figura 43).

Figura 42 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020.

Bancos.

Figura 43 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020.

Lixeiras.

Vale ressaltar que durante a realização do levantamento físico essa praça passava por manutenção (outubro de 2020), sendo assim, o levantamento apresentado diz respeito ao que estava sendo realizado durante essa etapa do trabalho. Alterações estavam sendo realizadas, como: alguns canteiros sendo redefinidos, bancos sendo substituídos e outros relocados e luminárias de médio porte também sendo substituídas por novos exemplares.

Quanto a vegetação, de maneira geral, essa praça apresenta pouca vegetação rasteira e de pequeno porte e quase nenhuma cobertura de piso (como grama, por exemplo). Ela possui muitas árvores de grande porte, muito copadas, o que dá à praça bastante sombreamento e, em certos pontos, até faz um fechamento superior (Figura 44). Ainda sobre a vegetação, um aspecto observado no levantamento físico (sem expressar juízo de valor sobre esse aspecto) foi que em função da vasta copa das árvores existentes, a vista do reservatório de ferro existente no interior da praça é dificultada e, muitas vezes, obstruída pela copa das árvores a

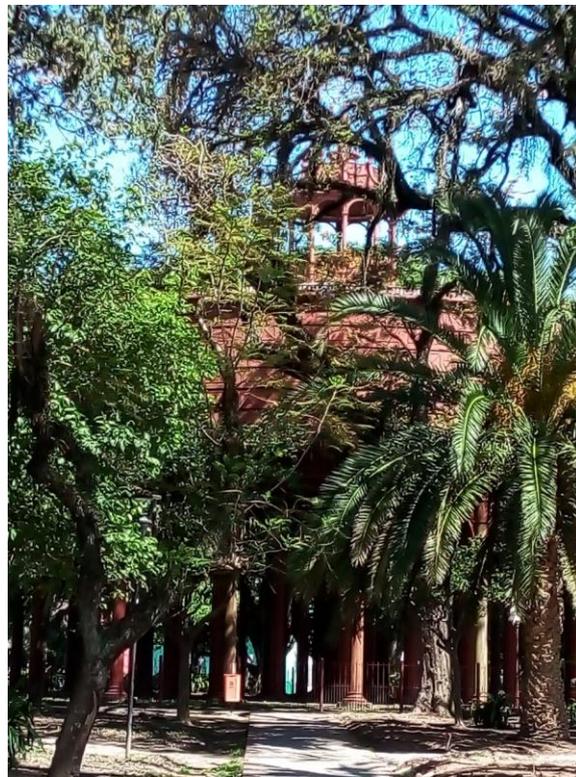
partir da visão de quem está fora da praça e até mesmo a partir da visão de quem circula por seu interior, dependendo da posição (Figura 45).

Figura 44 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020.
Fechamento superior com vegetação.

Figura 45 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020.
Obstrução visual da caixa d'água de ferro.

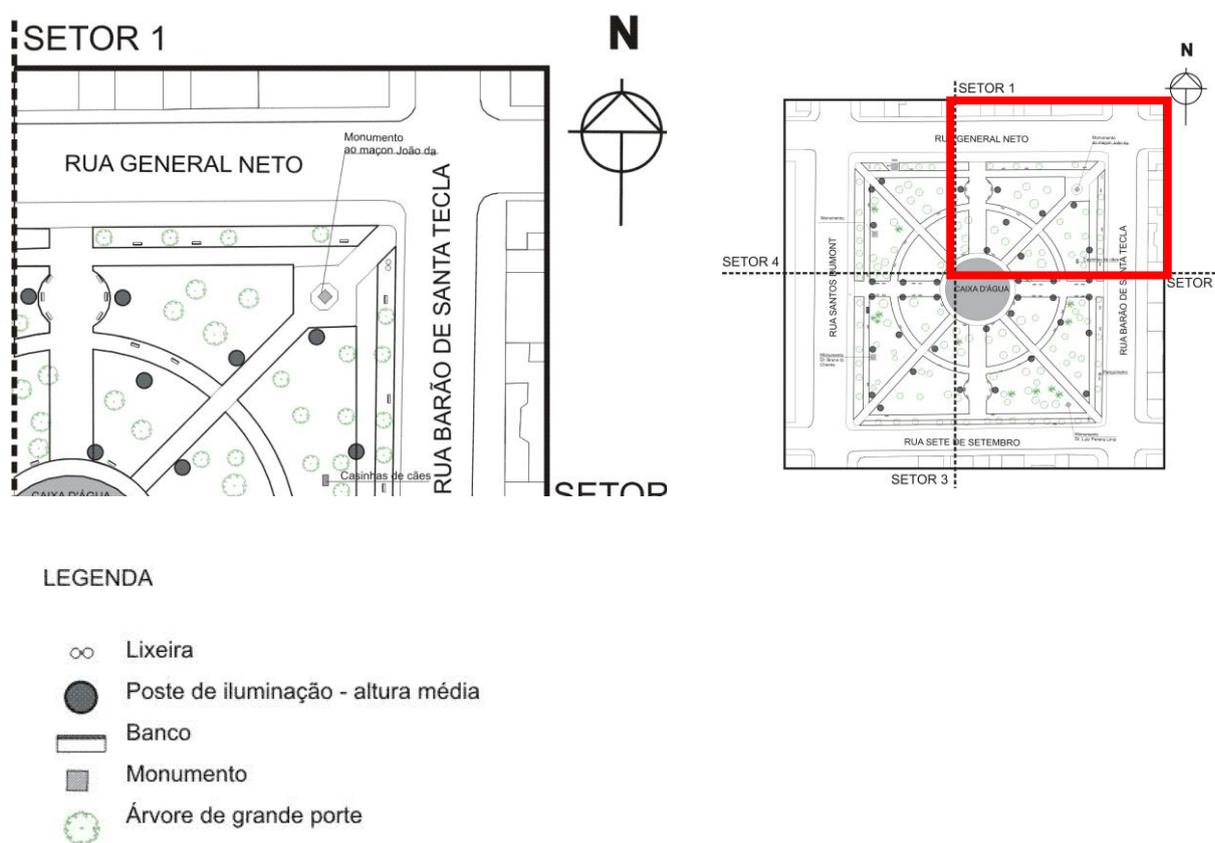
Para melhor apresentar todos os elementos presentes nesse ambiente, dividimos a praça em setores, conforme a Figura 39. Em cada um dos setores é apresentada a marcação dos equipamentos urbanos, como: postes de iluminação, bancos e lixeiras. Além desses elementos, também existe a marcação dos canteiros, caminhos, monumentos e outros.

Os setores dessa praça foram definidos em quadrantes em função do formato da praça ser aproximadamente um quadrado. Entretanto, vale destacar que os eixos vertical e horizontal que definem esses quadrantes foram deslocados do eixo principal da praça como forma de, no momento da marcação do comportamento dos usuários no ambiente, a visualização desse comportamento não ficasse prejudicada em função da separação desses setores.

Assim, o setor 1 da praça foi definido como o quadrante localizado no cruzamento das ruas General Neto com Santa Tecla. O setor 2 foi definido como o quadrante onde existe o cruzamento das ruas Santa Tecla com Sete de Setembro. O setor 3 é o quadrante onde está o cruzamento das ruas Sete de Setembro com Santos Dumont. E, por fim, o setor 4 é o quadrante formado pelas ruas Santos Dumont com General Neto.

A seguir, será apresentado cada um dos setores definidos anteriormente a fim de realizar uma descrição física mais detalhada, por meio de desenhos e fotos obtidos através dos levantamentos realizados.

Figura 46 - Planta parcial da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Piratinino de Almeida com a indicação do setor 1. Detalhe do setor 1 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos presentes.

O setor 1 dessa praça (Figura 46) apresenta mobiliário urbano, como: luminárias, bancos e lixeiras, conforme descrito e apresentado anteriormente (Figuras

41, 42 e 43). A pavimentação do caminho principal é realizada com ladrilho hidráulico, conforme também já descrito anteriormente. Entretanto, nesse caminho existe uma peculiaridade em relação aos outros caminhos diagonais dos outros setores que levam ao centro da praça. Nesse setor existe um alargamento do caminho e nesse ponto existe um monumento da Maçonaria em homenagem ao Maçom João da Silva Silveira (Figura 48). Esse é um monumento de grande destaque na praça, em função do seu posicionamento, pois é difícil cruzar a praça utilizando esse caminho e não visualizar o monumento, sendo que o usuário precisa desviar dele em seu trajeto.

Nesse setor também existe a presença de casinhas para cachorros de rua (Figura 47). Esses animais são cuidados pelos comerciantes do entorno que se unem para doar ração e colocar água todo dia para eles.

Figura 47 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020.
Casinhas de Cachorros.

Figura 48 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020.
Monumento da Maçonaria.

No setor 2 dessa praça (Figura 49), além de existir tudo o que já foi apresentado anteriormente, como bancos, lixeiras, luminárias e a pavimentação do caminho principal padronizada, existe ainda o monumento em homenagem ao Dr. Luiz Pereira Lima (Figura 51), obra do renomado artista pelotense Antônio Caringi,

localizado em um dos canteiros, próximo ao caminho principal. Também existe nesse setor um parquímetro¹³ (Figura 50) para fazer o pagamento do estacionamento rotativo¹⁴. Esse parquímetro está localizado próximo à calçada da Rua Barão de Santa Tecla, conforme identificado na planta parcial do setor 2 (Figura 49).

Figura 49 - Planta parcial da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Piratinino de Almeida com a indicação do setor 2. Detalhe do setor 2 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos presentes.

¹³ Parquímetro é um dispositivo eletromecânico ou eletrônico usado para controle de estacionamento rotativo em vias públicas. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Parqu%C3%ADmetro> (acesso em 05/07/2021)

¹⁴ O estacionamento rotativo em Pelotas foi instituído pela Lei nº 5879, de 16 de Fevereiro de 2012, e, posteriormente, em 2015, teve seus limites ampliados para atender a uma área maior do centro da cidade.

Figura 50 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020
Parquímetro

Figura 51 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



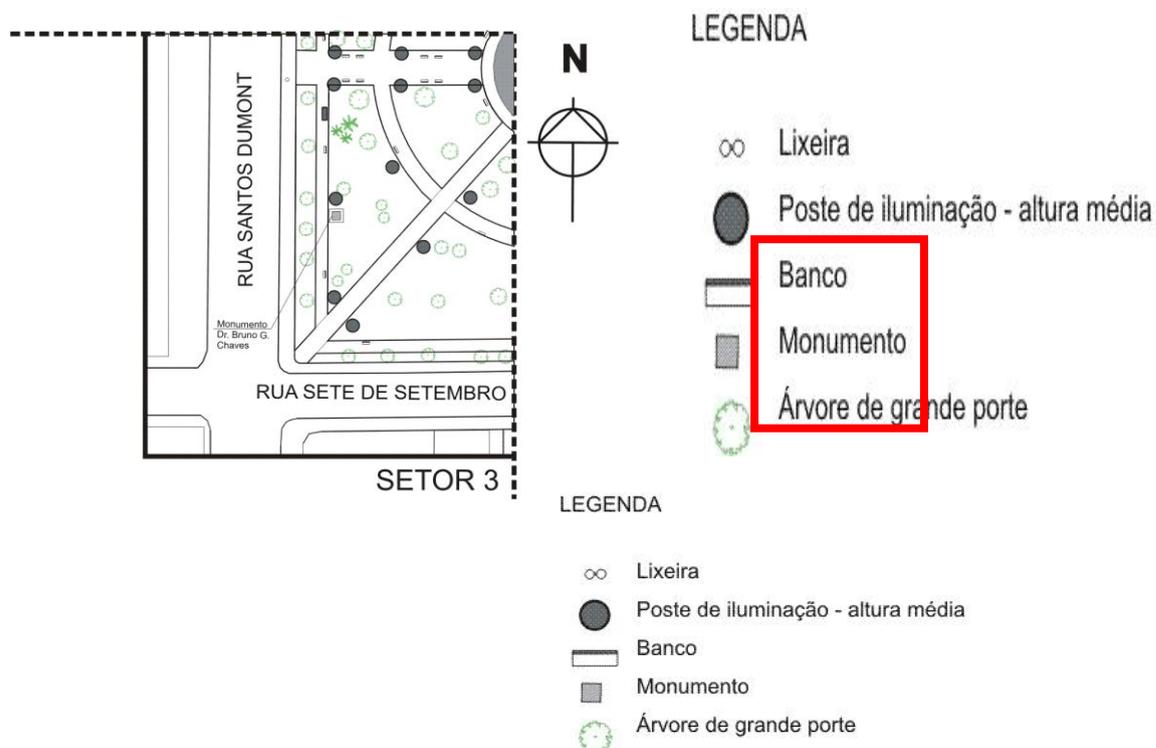
Fonte: Autora, 2020
Monumento Dr. Luiz Pereira Lima

No setor 3 (Figura 52), existe a presença do monumento ao Doutor Bruno Chaves (Médico) (Figura 54), que está voltado para a Rua Santos Dumont em frente ao prédio da Santa Casa de Misericórdia. Próximo à esse monumento, também em frente ao prédio da Santa Casa, está um Painel de Sinalização Turística¹⁵ (Figura 53). Esse painel específico apresenta um mapa geral do centro da cidade com a localização da praça e, também, um mapa de localização da praça com seu entorno imediato (mostrando inclusive os prédios inventariados) e uma tabela com as distâncias da praça até alguns pontos de interesse na cidade, como, por exemplo, distância até outras praças próximas. Além disso, no painel também é possível ter conhecimento a respeito da origem do nome da praça, conhecer um pouco mais sobre

¹⁵ O Painel de Sinalização Turística foi um instrumento instituído pela Prefeitura de Pelotas para proporcionar a divulgação e o conhecimento sobre os principais pontos turísticos de Pelotas. Existem diversos desses painéis colocados em pontos específicos da cidade, como, por exemplo, Praça José Bonifácio, Praça Coronel Pedro Osório e Praça Piratinino de Almeida. Todos os painéis, de forma geral, apresentam o mapa da zona central com a localização do local onde a pessoa está. Além disso, o painel mostra outro mapa mais específico com o entorno imediato e os prédios inventariados, bem como informações de distâncias a pontos próximos do local onde a pessoa se encontra. Por fim, o painel apresenta, também, uma pequena história do local e de alguns monumentos e/ou prédios de destaque do entorno.

o reservatório existente nesse ambiente, bem como saber a respeito do prédio da Santa Casa de Misericórdia.

Figura 52 - Planta parcial da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Piratinino de Almeida com a indicação do setor 3. Detalhe do setor 3 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos presentes.

Figura 53 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020.
Painel de Sinalização Turística.

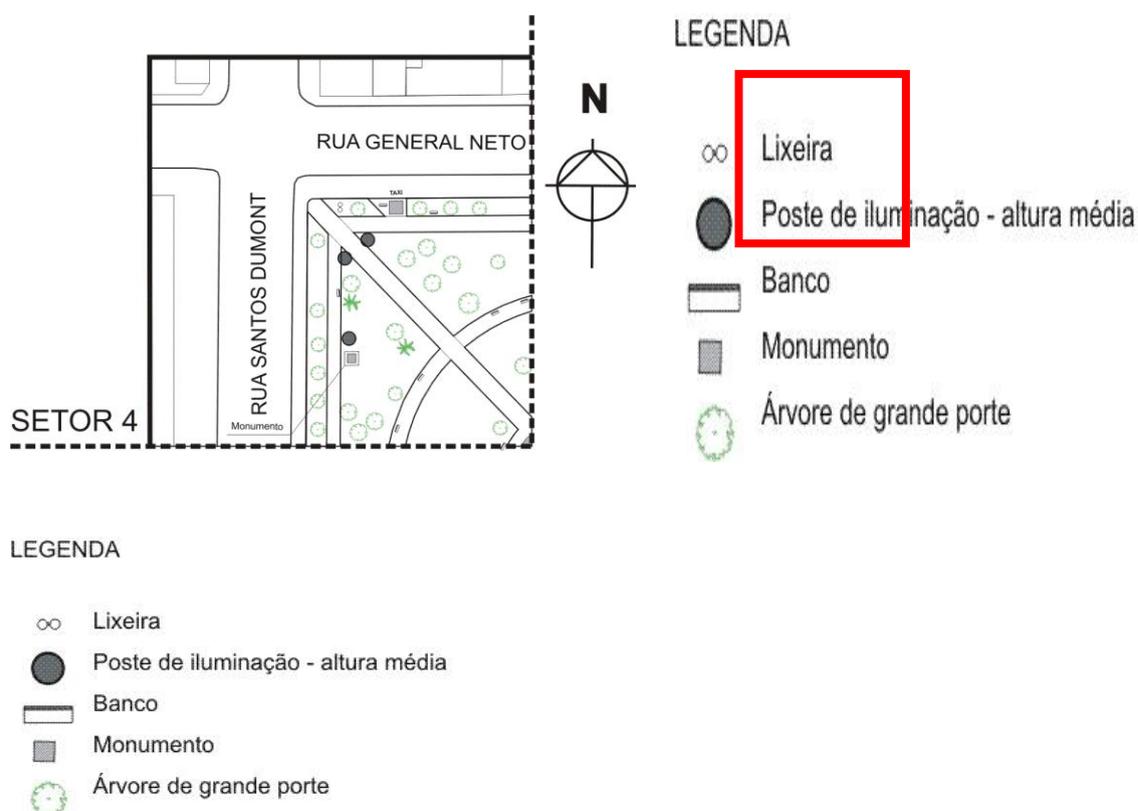
Figura 54 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020.
Monumento Dr. Bruno Chaves.

No setor 4 da praça (Figura 55) existe a presença do busto do Doutor José Cypriano Nunes Vieira (Figura 57), datado de 1919. Além desse monumento, nesse setor também existe a presença do abrigo de táxi (Figura 56), que serve de apoio aos taxistas que possuem ponto localizado na esquina das ruas Santos Dumont com General Neto.

Figura 55 - Planta parcial da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Piratinino de Almeida com a indicação do setor 4. Detalhe do setor 4 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos presentes.

Por último, é relevante destacar quanto à descrição física dessa praça, na qual o acesso à caixa d'água de ferro atualmente não é permitido para a população. Dessa forma, o reservatório está cercado com grade em todo o seu contorno. Há algum tempo atrás era permitida a circulação em sua base, já que ele é elevado do solo, entretanto, talvez devido à atos de vandalismo, hoje em dia esse acesso ficou interdito.

Figura 56 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020.

Abrigo do Ponto de Táxi.

Figura 57 Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2020.

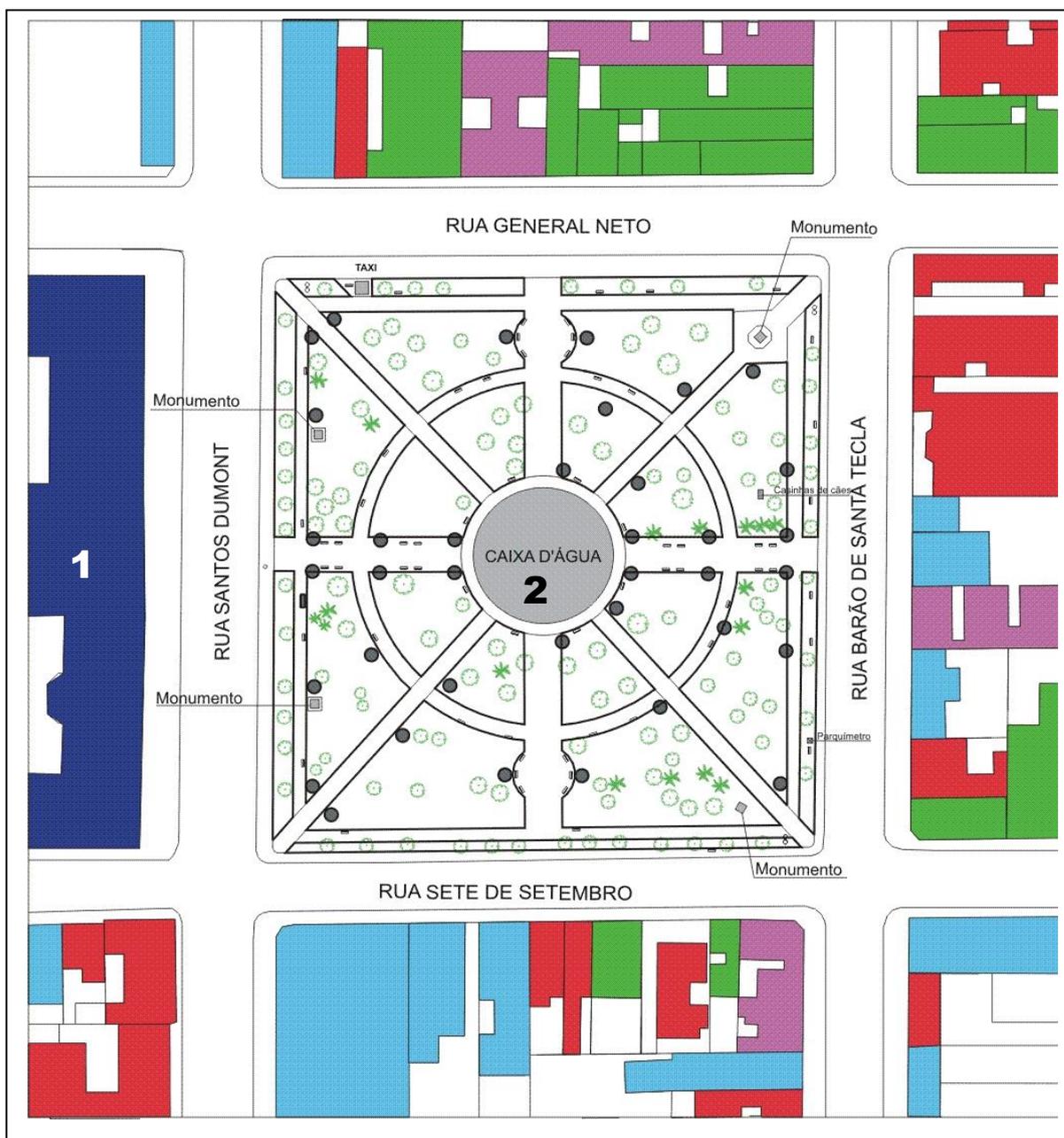
Monumento ao Doutor José Cypriano Nunes Vieira.

Levantamentos dos usos dos prédios do entorno:

A partir do levantamento dos usos dos prédios do entorno da Praça Piratinino de Almeida foi possível observar que existe um número equilibrado entre a quantidade de unidades residenciais (14), comerciais (15) e serviços (12).

Assim, através da identificação da quantidade de usos de cada tipo, mostrada na Tabela 2, e da espacialização desses dados no mapa de usos (Figura 58), verificamos que a grande maioria dos usos dos prédios são comerciais e serviços. Dentre os usos comerciais, existe grande variedade de lojas, que comercializam produtos agropecuários, tintas, equipamentos hospitalares, móveis e outros. Quanto a prestação de serviços, é possível citar a presença de restaurante, lancheria, minimercado e outros. Além desses, é relevante destacar que existe o edifício localizado na Rua Sete de Setembro esquina Santos Dumont que possui grande altura e abriga, principalmente, consultórios médicos, odontológicos e afins.

Figura 58 - Mapa de Usos do Entorno da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

O tipo de uso “**Sem uso definido**” no caso dessa praça não foi identificado.

IDENTIFICAÇÃO DOS PRÉDIOS:

1 – Prédio da santa Casa de Misericórdia;
2 – Caixa d’água.

LEGENDA:

TIPOS DE USO

- Uso residencial
- Uso comercial
- Uso serviço
- Uso religioso
- Uso institucional
- Sem uso definido
- Uso misto

Também existem vários prédios com característica residencial, sendo muitos deles unidades multifamiliares com vários andares, entretanto, como já foi mencionado, a maioria dos usos no entorno dessa praça abriga atividades de comércio e serviço.

Outra observação relevante sobre o mapeamento de usos da praça é que, embora exista somente uma edificação do entorno com uso institucional, essa edificação possui grande dimensão, ocupando a fachada inteira de uma lateral da praça. Além disso, essa instituição – Hospital da Santa Casa de Misericórdia – é de grande importância no atendimento à saúde na cidade de Pelotas e, inclusive, na região (Figura 58). Com isso, esse prédio possui grande destaque em relação aos demais, sendo tanto em termos visuais, pois de qualquer ponto da praça é possível visualizar o prédio, quanto em termos de referência urbana no que diz respeito à saúde da população.

Tabela 2 - Identificação dos tipos de uso na Praça Piratinino de Almeida.

TIPOS DE USOS	Nº de unidades	% em relação ao total de unidades*
Residencial - edificação residencial unifamiliar ou multifamiliar.	14	30,43%
Comercial - edificação destinada ao comércio de produtos. P. ex. padaria, farmácia e outros.	15	32,6%
Serviço – edificação destinada a prestação de serviços à comunidade. P. ex. consultórios, escritórios e outros.	12	26,1%
Institucional – edificação destinada a instalação de instituição pública ou privada. P. ex. escola, hospital e outros.	1	2,17%
Religioso – edificação destinada a prática religiosa e/ou ligada a alguma religião. P. ex. Igreja, Centro Espírita e outros.	0	0%
Misto – edificação que abriga mais de uma das classificações acima descritas.	4	8,69%

*OBS.: É relevante salientar que o somatório da porcentagem nessa tabela é 99,99%. Esse erro se deve ao arredondamento dado em relação ao total de unidades de tipos de usos diferentes e essa diferença não vem a ser relevante para o presente trabalho.

Fonte: Autora, 2020.

Vale destacar que dentre todos esses prédios mencionados anteriormente, alguns são identificados no mapa de usos dos prédios do entorno da Praça Piratinino de Almeida (Figura 58) através de numeração, colocada na legenda desse mapa. Assim, o prédio da Santa Casa de Misericórdia (Figura 59) e a Caixa d'água de ferro (Figura 60) são colocados em destaque no mapa em função de terem sido mencionados nas entrevistas como um dos motivos para os usuários estarem no ambiente da praça ou, ainda, como motivos que explicam essa praça ser patrimônio

cultural (na opinião dos usuários). Esses motivos são tratados a seguir no decorrer do trabalho. Da mesma forma, alguns desses prédios também foram destacados como referenciais urbanos por esses mesmos usuários entrevistados.

Figura 59 - Fotografia de prédio do entorno da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2019.

Prédio da Santa Casa de Misericórdia.

Figura 60 - Fotografia de monumento da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2019.

Caixa D'Água de Ferro.

Motivo de uso da praça:

A partir de entrevistas realizadas com 20 usuários da Praça Piratinino de Almeida (dados organizados no apêndice D deste trabalho), foi possível identificar que esse grupo de pessoas utilizava o espaço principalmente em função dos usos dos prédios existentes no entorno dessa praça, nesse sentido, destaca-se o Hospital Santa Casa de Misericórdia. Além disso, também foi muito utilizada para encontros e momentos de espera entre uma atividade e outra desenvolvida pelos usuários entrevistados. Com menor incidência, também observamos que essa praça é utilizada para atividades de lazer, como descansar.

Quanto aos usos dos prédios do entorno da praça, um dos mais relevantes, que parece intensificar a utilização desse espaço é, primeiramente, o Hospital Santa Casa de Misericórdia. Segundo as entrevistas realizadas, muitas dessas pessoas

(entrevistados) vêm de outras cidades para realizar procedimentos e consultas no hospital. Alguns desses usuários, que utilizam o transporte coletivo para vir até Pelotas (ônibus e micro-ônibus), utilizavam o ambiente da praça como local para esperar o transporte.

Nesse sentido, um dos entrevistados comenta: “[...] venho de outra cidade para consultar na Santa Casa e depois da consulta fico aqui na praça esperando minha carona de volta” (entrevistado 1). Segundo ela, isso se repete toda vez que precisa consultar, pois na cidade dela não existe um médico (especialista) com quem ela possa consultar. Outro entrevistado ainda reforça esse comportamento dizendo: “[...] vim de Rio Grande acompanhar minha esposa na consulta aqui no hospital e agora estou aguardando ela para voltar” (entrevistado 11). Assim, do total de entrevistados (20 usuários), 6 deles, conforme apêndice D, manifestaram que o principal motivo para estarem na praça era em função de esperar o transporte para retornar para suas cidades de origem após terem realizado algum tipo de consulta, exame e/ou procedimento no Hospital da Santa Casa de Misericórdia.

Outro motivo para estar na praça, também em função da proximidade dela com o Hospital, foi quando os entrevistados estavam cuidando de algum paciente internado e utilizam a praça. Dessa forma, um dos entrevistados comenta: “[...] estou acompanhando familiar no hospital e venho aqui no intervalo...” (entrevistado 2). Esse entrevistado disse que quando chega uma visita para ver seu familiar, ela vai até a praça para fumar um cigarro e descansar. Outro entrevistado também comenta utilizar a praça enquanto descansa de sua atividade no hospital: “Vim aqui na praça fumar um pouco e descansar para depois voltar para o hospital acompanhar minha tia” (entrevistado 16).

Assim, conforme as entrevistas realizadas, foi possível observar indícios de que para essas pessoas o ambiente da praça é um espaço mais agradável do que o próprio hospital, ou outro espaço do entorno, tanto para descansar do ambiente hospitalar quanto para aguardar o retorno para a cidade de origem após ter realizado algum tipo de consulta, exame ou procedimento no Hospital.

Além da questão locacional da praça em relação aos usos do entorno, também outro aspecto que se destacou como um dos principais motivos para os entrevistados utilizarem a praça é para a espera entre uma atividade e outra e a prática de interação social. No caso dessa praça, a questão da interação social de certa forma está ligada

à espera também, pois todos os respondentes que disseram estar no ambiente em função de um encontro, estavam aguardando por outra pessoa. Podemos verificar esse aspecto conforme as seguintes falas: “[...] estou aqui na praça esperando uma amiga. Combinamos de nos encontrar aqui [...]” (entrevistado 5); “[...] combinei com minha filha de esperar ela aqui porque a gente se sente mais à vontade e é fresquinho [...]” (entrevistado 8); “Estou esperando meu filho que foi no centro pagar uma conta” (entrevistado 18).

Quanto a questão da espera entre a realização de uma atividade e outra, alguns entrevistados (3 do total de 20 entrevistados) responderam estar na praça esperando o ônibus para retornar para suas casas depois de terem realizado alguma atividade. Dessas atividades, a principal parece estar relacionada ao centro da cidade de Pelotas, conforme explica o entrevistado 6: “[...] vim fazer compras e agora estou aqui esperando o ônibus para voltar para casa [...]”. Outro entrevistado também comenta: “[...] vim no centro e estou aqui enquanto espero o ônibus” (entrevistado 15).

Atividades econômicas relacionadas a algum tipo de trabalho também foram citadas como um dos motivos de uso dessa praça. Observamos (apêndice D) que um dos entrevistados vende produtos numa carrocinha na esquina da Rua General Neto com Rua Barão de Santa Tecla: “[...] passo o dia aqui na praça vendendo produtos da minha carrocinha [...]” (entrevistado 7). O entrevistado 13 é taxista, que possui um ponto de táxi localizado na praça, mais precisamente na esquina da Rua General Neto com Santos Dumont; e o entrevistado 14 é motorista de ônibus e durante o intervalo na sua rota permanece na praça.

A atividade de lazer e descanso foi uma das menos mencionadas pelos respondentes como sendo um dos motivos para estar na praça. Essa atividade foi citada por um dos respondentes, que disse “[...] utilizo essa praça depois do almoço para depois voltar para o trabalho” (entrevistado 17). Esse respondente trabalha em uma loja no centro e almoça num restaurante próximo da praça, sendo assim, estava sentado num banco, utilizando o celular enquanto descansava antes de voltar ao trabalho. Outro respondente disse: “[...] estou aqui descansando um pouco para depois ir ao centro [...]” (entrevistado 9). Esse usuário também estava sentado em um banco utilizando o celular e percebemos que, embora ele estivesse descansando na praça, estava ali em função de ir realizar outra atividade no centro depois. Isso, novamente, mostra a importância da questão locacional para o uso da praça.

Sendo assim, em relação aos motivos de uso dessa praça, podemos verificar, conforme as entrevistas realizadas (apêndice D), que a questão locacional é muito forte para o seu uso. Fica evidente que a localização do hospital da Santa Casa de Misericórdia é um forte atrativo para os usuários que ficam no entorno da praça. É relevante salientar que outros motivos que levaram os respondentes à praça Piratinino de Almeida, como “estar esperando por alguém” ou “estar esperando o ônibus”, de certa forma também estão ligados ao aspecto locacional dessa praça, ou seja, por ela estar localizada próxima ao centro da cidade de Pelotas.

Nesse sentido, parece que os respondentes preferem estar nessa praça enquanto aguardam entre uma atividade e outra por ser um ambiente agradável, principalmente em termos de temperatura (entrevistado 8) e existirem muitos bancos para os usuários se sentarem (maioria dos entrevistados que não estavam em deslocamento, estavam sentados no ambiente).

Por fim, podemos concluir, com base nas entrevistas realizadas, que os motivos de uso da referida praça são basicamente do tipo transitórios, pois a maioria dos entrevistados estão no ambiente em função de atividades de curto prazo. Também verificamos alguns motivos de uso em função de trabalho remunerado, como é o caso dos taxistas, motoristas de ônibus e vendedores ambulantes. E, ainda, observamos alguns poucos casos de usuários que estavam utilizando o espaço em função de atividades contemplativas ou de lazer.

Identificação do nome da praça:

Conforme foi possível observar, de acordo com o gráfico abaixo (Figura 61), do total de entrevistados, podemos dizer que a maioria (80%) não sabia o nome da Praça Piratinino de Almeida, ou seja, dos 20 entrevistados somente 4 (20%) souberam o nome da praça.

Desse total de pessoas que não sabe o nome oficial dessa praça (16 pessoas, ou 80%), a maioria (12 pessoas ou 75%) identifica ou se refere a ela como a “*Praça da Santa Casa*”, os demais (4 pessoas ou 25%) denominam essa praça como praça da “*Caixa d’água*” (Figura 62).

Figura 61 - Gráfico da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2021.
Identificação da quantidade de usuários que reconhece o nome oficial da Praça Piratinino de Almeida.

Figura 62 - Gráfico Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2021.
Identificação dos nomes não oficiais da Praça Piratinino de Almeida.

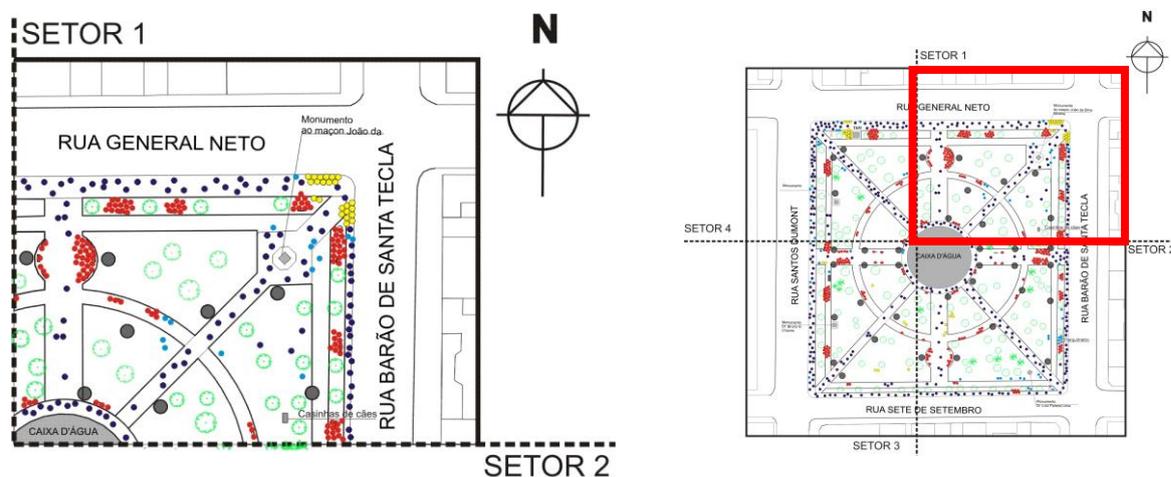
Os dados para elaboração dos gráficos acima (Figuras 61 e 62) estão presentes no apêndice F deste trabalho.

Sendo assim, para o caso da Praça Piratinino de Almeida, podemos dizer que as pessoas entrevistadas que frequentam a praça reconheceram e identificaram o local em função da presença do Hospital Santa Casa de Misericórdia e não através do nome “Praça Piratinino de Almeida”. Para essas pessoas, a Santa Casa parece ser um elemento marcante no ambiente, sendo referência para identificação do local onde o usuário se encontra. Da mesma maneira, porém com menor intensidade, a presença da Caixa d’água também parece ser um elemento que favorece o reconhecimento e a identificação dessa praça para seus usuários.

O comportamento dos usuários na praça:

Para melhor identificar o comportamento dos usuários na Praça Piratinino de Almeida, ela foi dividida em setores. Sendo assim, a seguir será apresentado cada um desses setores.

Figura 63 - Mapa Comportamental Praça Piratinino de Almeida.



LEGENDA

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

- Sentado
- Parado em pé
- Realizando atividade física (corrida, caminhada, ciclismo)
- Caminhando (deslocamento, passeio com cachorro)
- Lazer (brincadeiras, jogos)
- Trabalho (limpeza, vendedores)

Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Piratinino de Almeida, com a indicação do setor 1. Detalhe do setor 1 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

Foi possível observar, de acordo com o mapa comportamental realizado no setor 1 da praça Piratinino de Almeida (Figura 63), que existia uma grande concentração de pessoas no momento da realização dos mapas circulando pelos caminhos, ou seja, estavam realizando algum tipo de deslocamento. Esse deslocamento se dava principalmente pelos caminhos mais externos que circundam o ambiente, assim, foi possível notar que os usuários que se deslocavam em direção ao centro da praça são em menor quantidade do que aqueles que transitavam pelas calçadas externas.

Outro tipo de comportamento observado através do mapa comportamental nesse setor foi a presença de grande quantidade de pessoas sentadas nos bancos. Foi possível notar que todos os bancos desse setor eram utilizados, sendo que

aqueles ocupados com maior frequência são os voltados para o exterior do ambiente. Também foram muito utilizados os bancos posicionados no alargamento do caminho (parte curva) em direção a Caixa D'água, à esquerda no mapa (Figura 63).

Por fim, observamos, no cruzamento das Ruas General Neto com Barão de Santa Tecla, que havia uma grande concentração de usuários praticando a atividade descrita como “trabalho”, conforme legenda do mapa (Figura 63). Essa concentração se justifica, pois nesse local (pela Rua General Neto) se encontra, praticamente todos os dias, uma vendedora ambulante que coloca sua carrocinha para vender produtos, como: rapaduras e docinhos (Figura 64). Na mesma esquina (pela Rua Barão de Santa Tecla) também existe um ponto de táxi, sendo assim, os motoristas ficam ali parados, sentados, conversando e esperando o cliente (Figura 65).

Em menor quantidade, encontramos nesse setor alguns usuários parados em pé conversando. E conforme as observações realizadas, não foram encontrados usuários praticando atividade física ou outra atividade caracterizada como lazer.

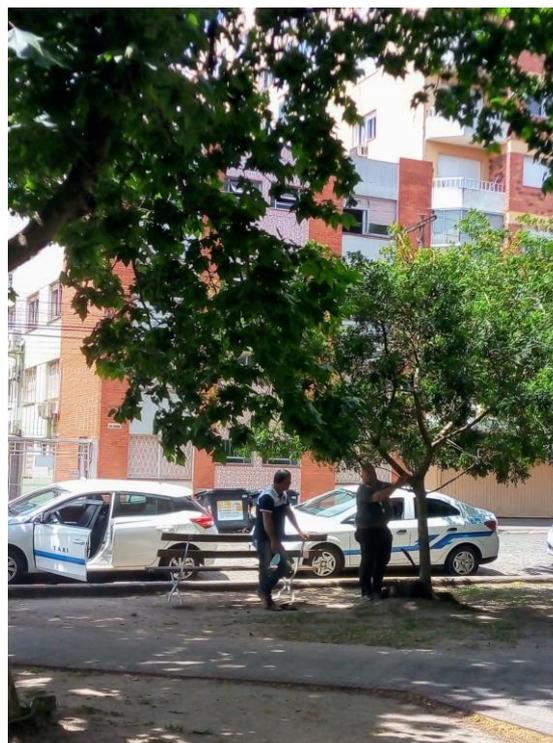
Para concluir, podemos salientar que uma das atividades mais praticadas nesse setor dessa praça foi o deslocamento, seguida pelos usuários que ficam sentados, principalmente nos bancos mais externos ao ambiente.

Figura 64 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



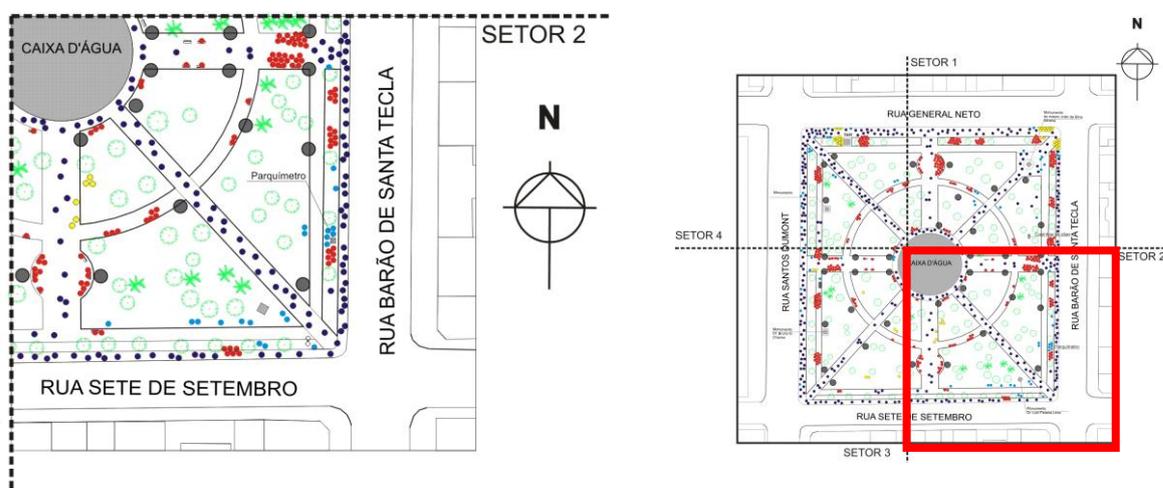
Fonte: Autora, 2021.
Vendedora de Doces.

Figura 65- Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2021.
Motoristas de táxi.

Figura 66 - Mapa Comportamental da Praça Piratinino de Almeida.



LEGENDA

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

- Sentado
- Parado em pé
- Realizando atividade física (corrida, caminhada, ciclismo)
- Caminhando (deslocamento, passeio com cachorro)
- Lazer (brincadeiras, jogos)
- Trabalho (limpeza, vendedores)

Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Piratinino de Almeida, com a indicação do setor 2. Detalhe do setor 2 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

No setor 2 dessa praça (Figura 66), da mesma forma que no setor 1, foi observado que o deslocamento de usuários foi a principal atividade realizada. Essa atividade foi realizada com maior destaque, principalmente nos caminhos mais externos ao ambiente. Ainda foi possível observar que a calçada da Rua Barão de Santa Tecla parece ser mais utilizada para circulação de pessoas do que a da Rua Sete de Setembro. Um dos possíveis motivos para esse tipo de comportamento pode ser devido a maior proximidade dessa calçada com a zona de comércio e/ou também em função da localização de um ponto de ônibus (que fica em frente a essa calçada).

Igualmente ao setor 1 dessa praça, também foi observado nesse setor (setor 2) que as pessoas sentadas foi a segunda atividade mais realizada, sendo ocupados, da mesma forma que no setor 1, principalmente os bancos mais externos ao ambiente.

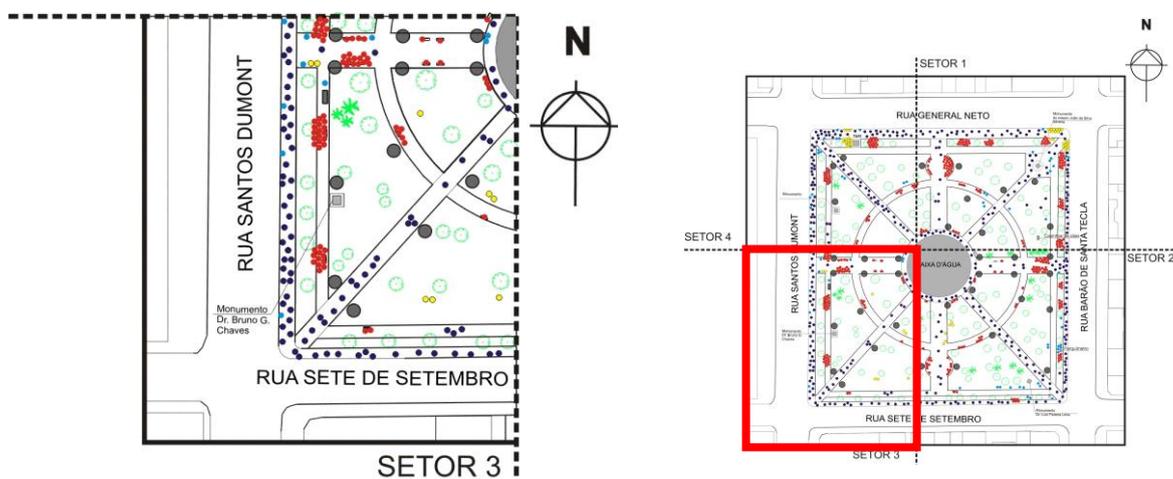
Pudemos observar algumas pessoas paradas em pé em diversos pontos desse setor, mas é relevante dar destaque principalmente para o local onde se encontra o parquímetro. Nesse ponto existia uma maior concentração de pessoas paradas esperando sua vez de utilizar o equipamento. Também havia muitas pessoas paradas em pé no cruzamento das ruas Sete de Setembro com Barão de Santa Tecla. Esse comportamento se justifica, pois muitos motoristas de ônibus, cuja parada é próxima a esse local, reúnem-se ali para conversar e esperar o horário da partida do ônibus.

Por fim, ainda observamos a presença de alguns trabalhadores nesse setor, que realizam a limpeza dessa praça. Conforme observações realizadas, esses trabalhadores muitas vezes estão trabalhando nos canteiros, tirando lixo do ambiente ou varrendo os caminhos.

No setor 3 dessa praça (Figura 67), conforme foi possível observar no mapa anterior (Figura 66), a maioria das pessoas estava em deslocamento, utilizando as calçadas mais externas ao ambiente. Dessas calçadas, a da Rua Santos Dumont parece ser bem mais utilizada que a da Rua Sete de Setembro. Isso talvez seja justificado pela presença do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, que favorece o trânsito de pessoas entrando e saindo do local, gerando, assim, maior fluxo de pessoas. Já em relação aos caminhos diagonais, que acessam o interior da praça onde está a caixa d'água, foi observado que poucas pessoas transitam por esses caminhos.

Quanto às pessoas sentadas, pudemos observar que praticamente todos os bancos desse setor eram utilizados, sendo que os mais utilizados eram aqueles mais externos ao ambiente, conforme comportamento já observado nos outros setores dessa mesma praça (Figura 68).

Figura 67 - Mapa Comportamental da Praça Piratinino de Almeida.



LEGENDA

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

- Sentado
- Parado em pé
- Realizando atividade física (corrida, caminhada, ciclismo)
- Caminhando (deslocamento, passeio com cachorro)
- Lazer (brincadeiras, jogos)
- Trabalho (limpeza, vendedores)

Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Piratinino de Almeida, com a indicação do setor 3. Detalhe do setor 3 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

Outro comportamento observado nesse setor, mas com menor intensidade, foram algumas pessoas paradas em pé tanto na calçada da Rua Santos Dumont quanto no acesso central que conduz ao interior da praça. De acordo com as observações realizadas, essas pessoas, muitas vezes, eram guardadores de carros que ficam parados por ali, com um balde de água, oferecendo também o serviço de limpeza dos carros (Figura 69).

Figura 68 - Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2021.

Usuários sentados, ocupando os bancos próximos às calçadas externas da praça.

Figura 69 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2021.

Guardador de carros da Praça Piratinino de Almeida.

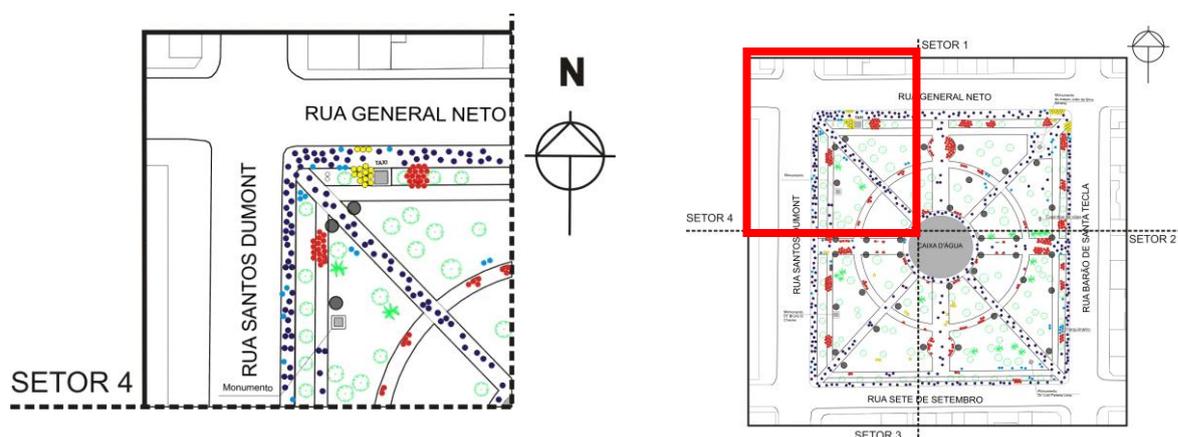
No setor 4 dessa praça (Figura 70), foi possível observar um grande fluxo de pessoas em deslocamento, tanto nas calçadas externas da Rua General Neto e da Rua Santos Dumont quanto na calçada diagonal em direção ao centro da praça. De acordo com essa observação, parece que esse setor é um dos mais movimentados dessa praça.

Além de ser um dos mais movimentados setores dessa praça, também existiam muitas pessoas sentadas nos bancos, principalmente aqueles mais externos ao ambiente, como já foi observado anteriormente. Vale destacar que os bancos próximos à esquina da Rua General Neto com Santos Dumont eram muito utilizados e, conforme observações realizadas, parecem ser uns dos preferidos do ambiente.

Também nesse setor, onde fica a localização do ponto de táxi, há sempre uma grande concentração de taxistas que ficam esperando os clientes e conversando para passar o tempo. Na esquina próxima a esse ponto de táxi, pode ser observado que também existiam muitas pessoas paradas em pé, o que se justifica por essas muitas

peças ficarem ali, conversando com os taxistas, esperando e apreciando a paisagem.

Figura 70 - Mapa Comportamental da Praça Piratinino de Almeida.



LEGENDA

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

- Sentado
- Parado em pé
- Realizando atividade física (corrida, caminhada, ciclismo)
- Caminhando (deslocamento, passeio com cachorro)
- Lazer (brincadeiras, jogos)
- Trabalho (limpeza, vendedores)

Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Piratinino de Almeida, com a indicação do setor 4. Detalhe do setor 4 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

Assim, com base nas observações realizadas e descritas anteriormente, podemos concluir que as atividades identificadas nessa praça com maior predominância foram aquelas do tipo transitórias, caracterizadas principalmente pelo comportamento daquelas pessoas que estão em deslocamento, caminhando através do espaço, ou seja, deslocando-se de um ponto a outro da cidade. Em relação a esse deslocamento, é importante destacar que, conforme o mapa comportamental, foi possível observar que esse deslocamento se dá principalmente no sentido norte-sul da praça, utilizando o caminho diagonal da esquina superior esquerda para a esquina inferior direita e vice-versa. Também eram utilizadas com muita frequência todas as calçadas externas da praça, sendo a menos utilizada a da Rua Sete de Setembro.

Nesse sentido, uma possibilidade para justificar esse tipo de comportamento seria a tendência das pessoas de se deslocarem em direção ao centro da cidade (zona de comércio central). Dessa forma, cruzar a praça seria uma tendência natural de encurtar caminho e chegar mais rápido ao objetivo final.

Também existia uma grande quantidade de pessoas exercendo atividades contemplativas, como, por exemplo, aquelas pessoas que utilizavam os bancos para sentar-se, apreciar a paisagem, conversar com amigos e esperar por algo ou alguém. Sobre essas pessoas que estavam sentadas ou paradas no ambiente, vale destacar que a preferência para realizar esse tipo de atividade é sempre naqueles espaços mais externos ao ambiente. Assim, os bancos mais ocupados eram sempre aqueles mais próximos às calçadas e não aqueles próximos ao centro (Caixa D'água de ferro). Uma possibilidade para esse padrão no comportamento pode ser porque nesses locais os usuários podem apreciar uma movimentação maior tanto de pessoas a pé quanto de carros, motos, bicicletas e ônibus. Também outra possibilidade seria a questão de que, como existe uma maior circulação de pessoas, os usuários se sintam mais seguros onde existe mais movimento e, assim, deem preferência para ocupar esses espaços em relação a outros.

Nessa praça não foi identificado praticamente nenhum tipo de atividade de lazer. Não foi encontrado, nesse espaço, pessoas passeando com animais de estimação ou sentadas no espaço lendo um livro, realizando algum tipo de atividade física, crianças brincando ou alguma outra atividade do tipo. Assim, podemos encontrar indícios de que esse espaço não se caracteriza por proporcionar esse tipo de atividade aos usuários.

Sobre as atividades remuneradas, foram observados diversos tipos de atividades nesse ambiente. Foram encontrados trabalhadores que fazem a manutenção dos jardins, guardadores de carro que frequentam muito o ambiente e, também, vendedores de produtos alimentícios, além de motoristas de táxis e de ônibus que ocupam o local durante seu horário de trabalho.

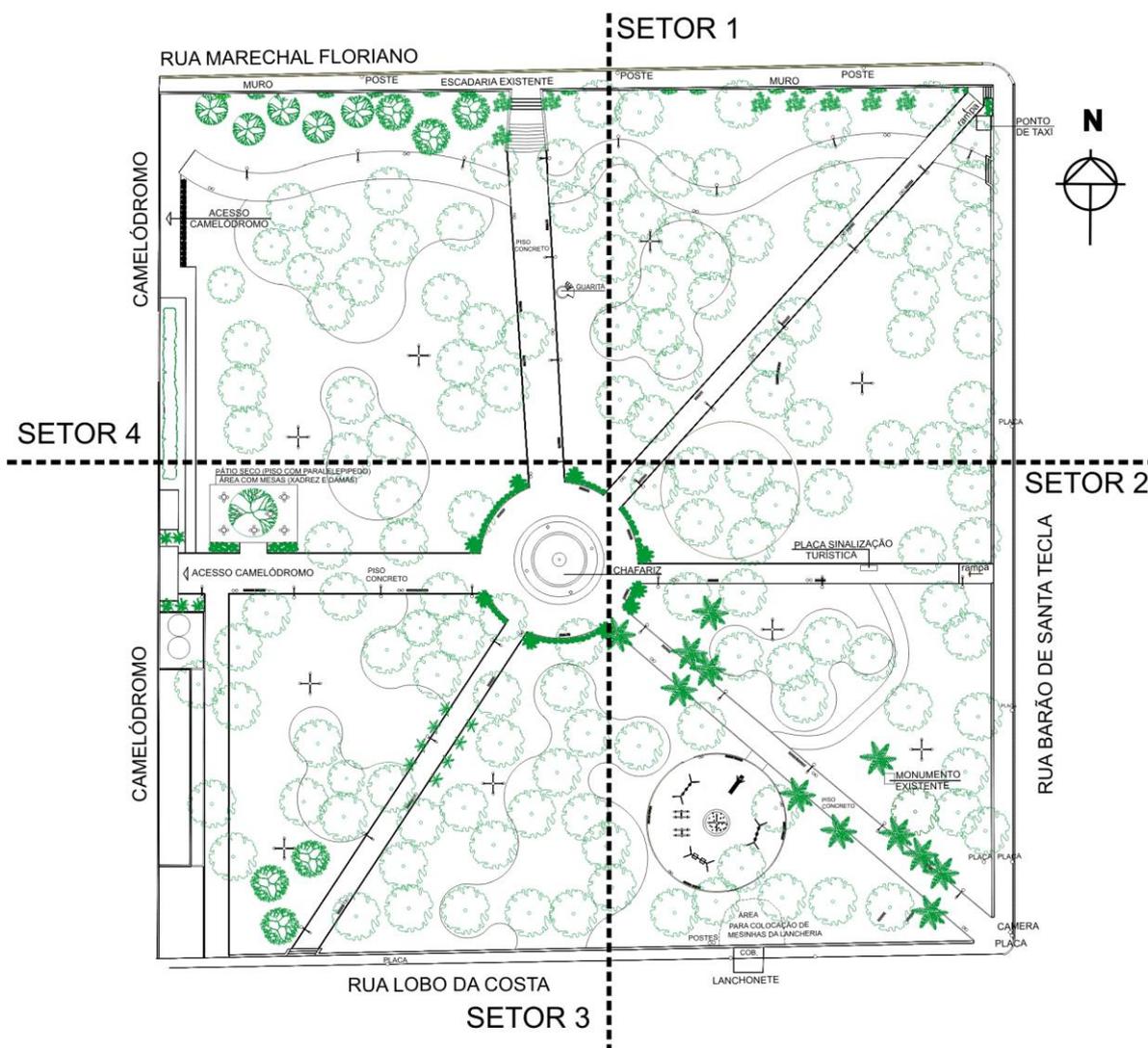
4.1.1.3 Praça Cipriano Barcelos

Descrição física:

Essa é uma praça que, atualmente, tem a forma aproximando-se de um quadrado, com seus caminhos principais formando raios direcionados para o centro

do quadrado, onde está posicionado o chafariz (denominado Chafariz dos Cupidos) (Figura 71).

Figura 71 - Planta da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

Planta da Praça Cipriano Barcelos dividida em setores.

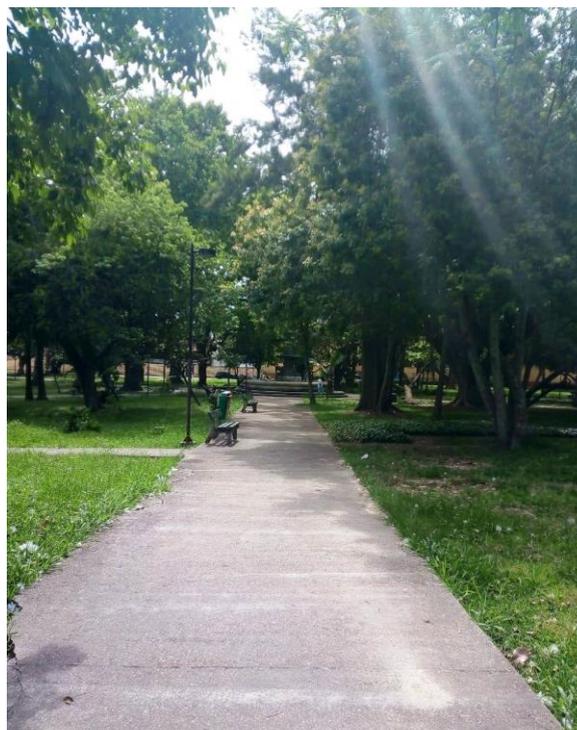
Essa praça possui um grande desnível em relação a Rua Marechal Floriano Peixoto, onde existe uma escadaria para vencer o desnível. Assim, a praça possui uma declividade, sendo o nível mais alto na rua Floriano Peixoto e o mais baixo na rua Lobo da Costa (Figura 72).

Figura 72 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2021.
Escadaria.

Figura 73 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2021.
Caminhos cimentados.

Os caminhos principais dessa praça são praticamente todos cimentados (Figura 73). Também há muitos canteiros com vegetação rasteira e a arborização é bem intensa, ou seja, existem muitas árvores de grande porte e algumas de pequeno e médio porte. Ela é uma praça que possui mobiliário urbano, como postes de iluminação, bancos para os usuários se sentarem, lixeiras (Figura 74 e 75) e, inclusive, alguns monumentos que serão descritos de maneira mais detalhada a seguir.

Existe nessa praça áreas para atividades específicas, como o parquinho infantil, área com mesas para jogos de xadrez e damas e, ainda, uma área destinada a localização de um trailer de lanches, com mesinhas que são colocadas e retiradas do ambiente da praça todos os dias.

É relevante salientar, também, que essa praça possui uma característica um pouco diferente das demais estudadas neste trabalho, por se tratar de uma praça onde nem todos os seus limites são definidos por ruas. Ela possui três faces definidas pelas Ruas Marechal Floriano, Barão de Santa Tecla e Lobo da Costa, e a outra face é definida pelo prédio do Camelódromo ou “Pop Center”, cujo acesso pode ser realizado através do ambiente da praça.

Figura 74 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2020.

Bancos e Postes de Iluminação.

Figura 75 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2020.

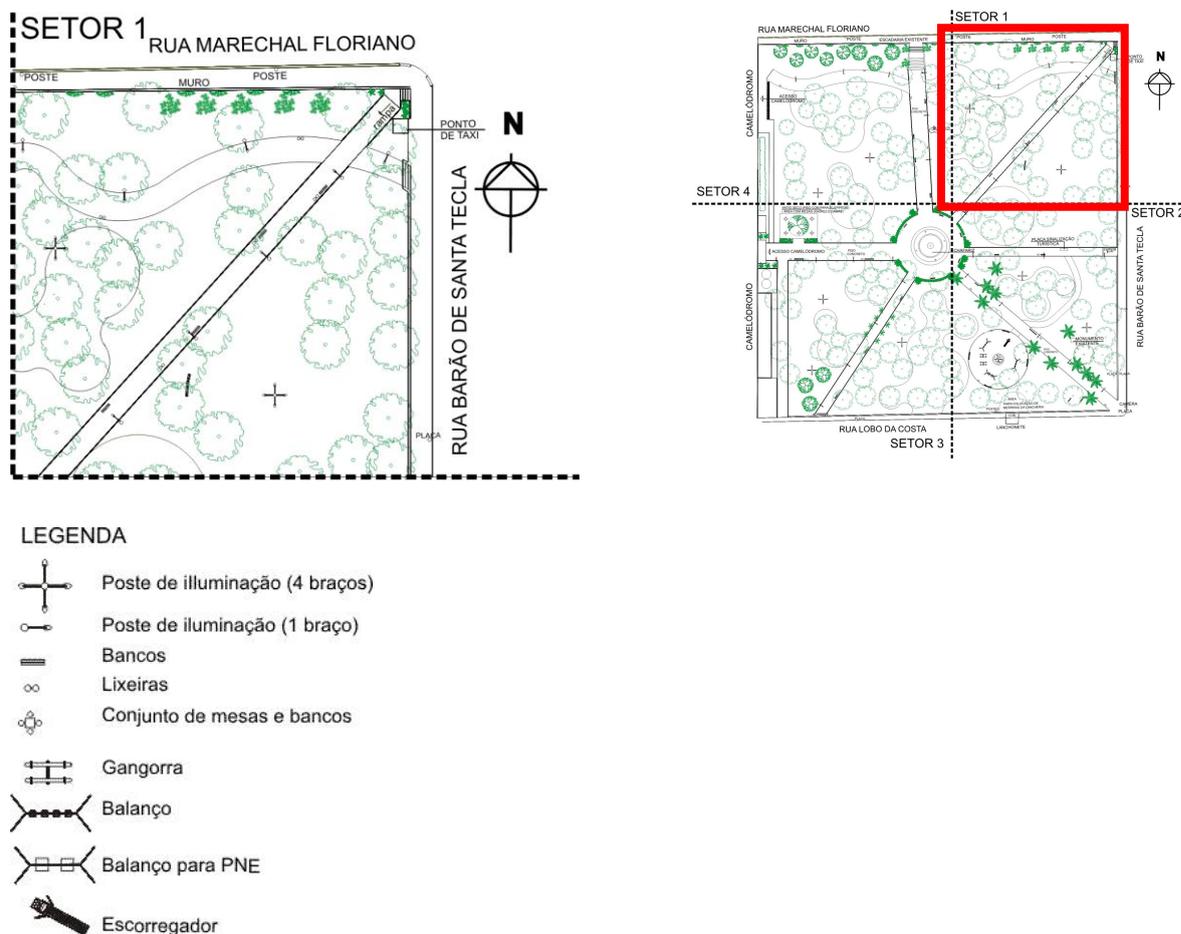
Lixeiras.

Para melhor apresentar todos os elementos presentes no ambiente dessa praça, dividiu-se ela em setores, conforme figura 71. Em cada um dos setores é apresentada a marcação dos equipamentos urbanos, como: postes de iluminação, bancos, lixeiras e demais equipamentos. Além desses elementos, também existe a marcação dos canteiros, caminhos, monumentos e outros.

Dessa forma, o setor 1 da praça foi definido como a parte localizada no cruzamento das Ruas Marechal Floriano e Santa Tecla, na qual existe um caminho diagonal (partindo da esquina) direcionado para o centro da praça, onde está localizado o chafariz. O setor 2 está localizado no cruzamento das Ruas Santa Tecla com Lobo da Costa, no qual também existem caminhos direcionando o fluxo de pedestres para a parte central, onde está localizado o chafariz. Além disso, existe o parquinho infantil e a lanchonete. O setor 3 está voltado para a Rua Lobo da Costa e, assim como o setor 4, tem ligação com o prédio do camelódromo, permitindo o acesso ao prédio. O setor 4 tem ligação com a Rua Marechal Floriano através de uma escadaria, pois essa rua encontra-se em desnível em relação ao restante da praça. A

seguir, será apresentado cada um dos setores a fim de realizar uma descrição física por meio de desenhos e fotos obtidos através dos levantamentos realizados.

Figura 76 - Planta parcial da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

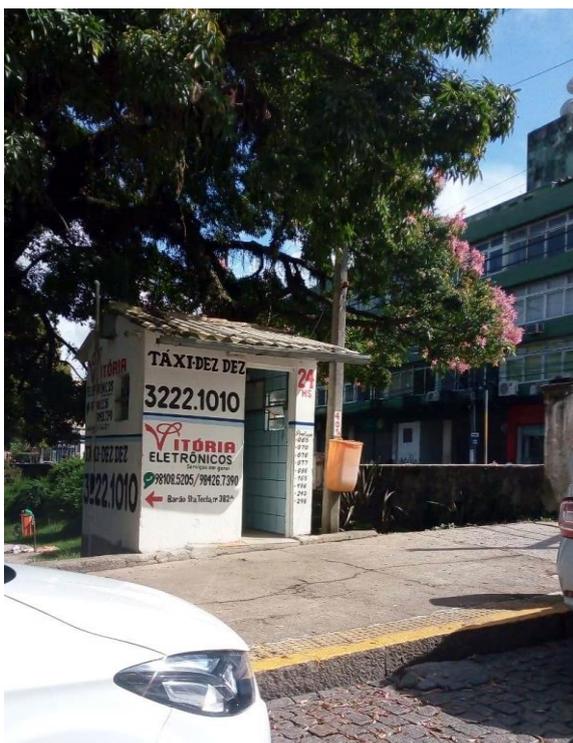
Imagem mostrando uma planta geral da Praça Cipriano Barcelos com a indicação do setor 1. Detalhe do setor 1 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos em legenda.

O setor 1 dessa praça (Figura 76) apresenta mobiliário urbano, como: bancos, lixeiras e luminárias, conforme descrito e apresentado anteriormente e da mesma forma que existe em todos os outros setores da praça. A pavimentação do caminho principal e secundário é realizada com cimento, conforme também já descrito anteriormente. Nesse setor existe um ponto de táxi, localizado no cruzamento das Ruas Marechal Floriano e Barão de Santa Tecla (Figura 77). É um setor que

apresenta, assim como os demais setores, muitas árvores de grande porte (Figura 78), proporcionando sombreamento e uma temperatura agradável no verão, conforme descrito por um dos entrevistados: *“Estou aqui esperando o ônibus, porque não é tão quente”* (entrevistado 13).

Vale destacar que existe um desnível da praça em relação a calçada da Rua Marechal Floriano, tanto no setor 1 quanto no setor 4. Esse desnível parece criar uma certa desconexão entre essa rua e o interior da praça. Nesse sentido, parece que a pessoa que está caminhando na rua não se sente na praça propriamente dita, pois a praça está “lá em baixo”, e a pessoa que está na praça também não sente que a Rua Marechal Floriano faz parte da praça, pois o desnível se torna uma barreira visual e física.

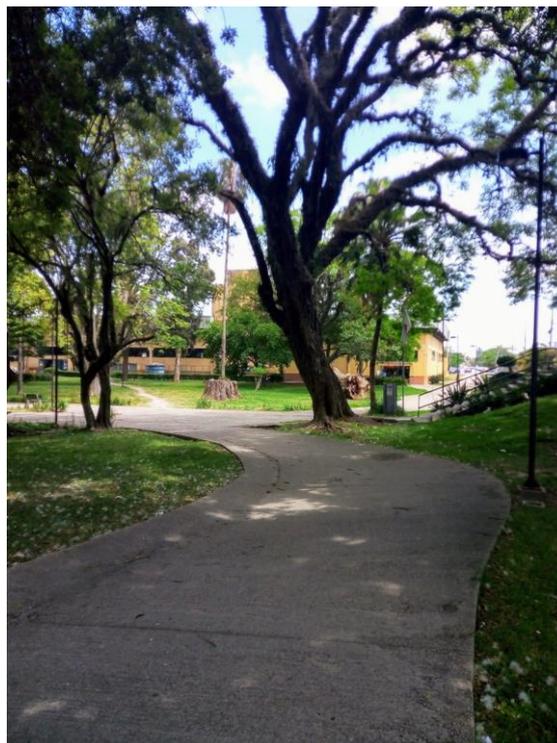
Figura 77 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2021.

Ponto de táxi localizado na esquina da Rua Marechal Floriano com Barão de Santa Tecla.

Figura 78 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



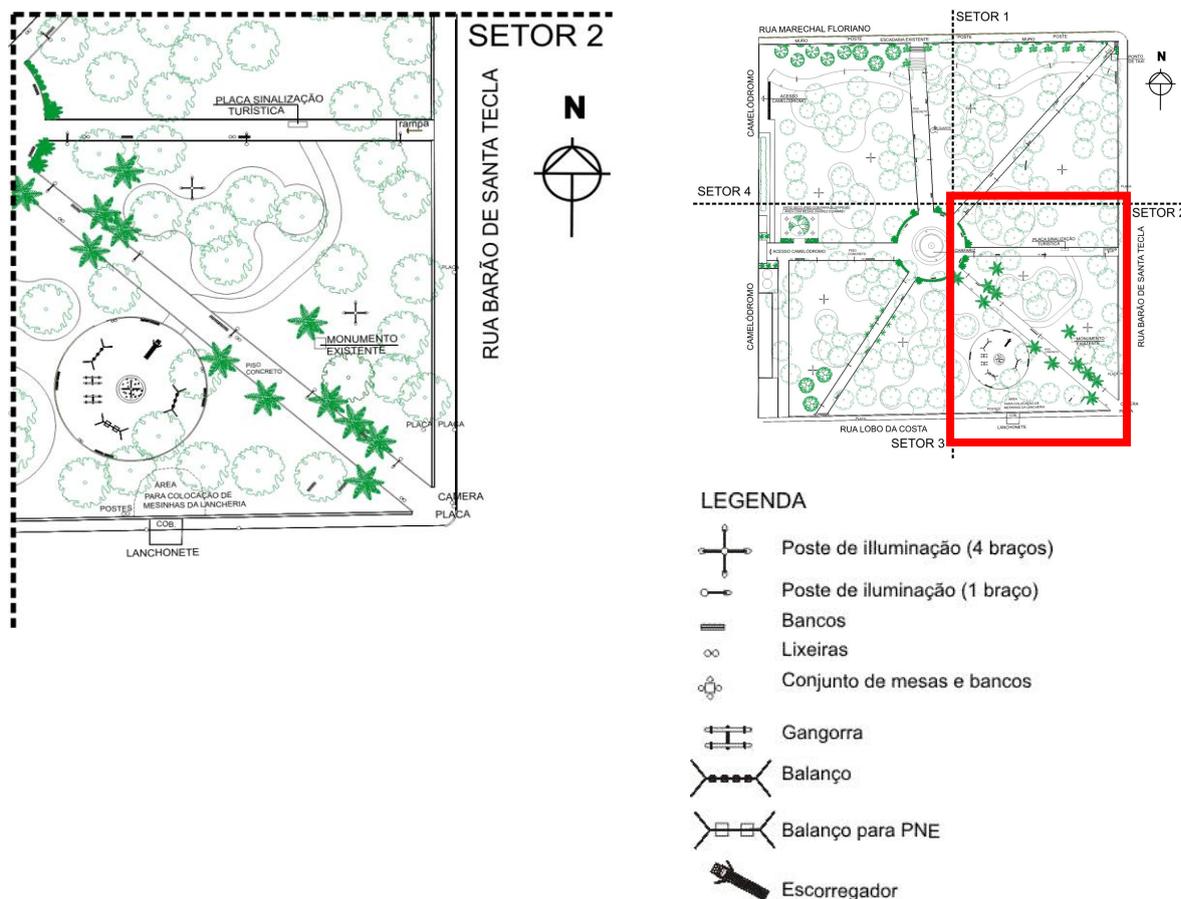
Fonte: Autora, 2021.

Vegetação de grande porte.

No setor 2 da praça (Figura 79) existe, além de tudo que já foi descrito anteriormente, o “Parquinho Infantil”. Esse parquinho apresenta piso de areia e diversos brinquedos infantis, como: gangorra, balanço comum, balanço para PNE

(portadores de necessidades especiais) e escorregador (Figura 80). Também existem, próximo ao parquinho infantil, diversos bancos para os pais e/ou acompanhantes permanecerem

Figura 79 - Planta parcial da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Cipriano Barcelos com a indicação do setor 2 Detalhe do setor 2 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos em legenda.

Nesse setor também existe um trailer de lanche que estaciona na Rua Lobo da Costa, próximo ao parquinho infantil. Esse trailer, denominado “Borges Lanches”, coloca mesas e cadeiras no gramado para as pessoas se acomodarem (Figura 81).

Nessa praça existem poucos monumentos, um deles é o busto em homenagem ao médico Armando Fagundes¹⁶. Esse monumento está localizado em um dos

¹⁶ Informação sobre o monumento em homenagem ao médico Armando Fagundes obtida em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/download/7827/5265>. Acesso em 03/03/2020.

canteiros desse setor, afastado dos caminhos principais, sendo um pouco difícil a sua visualização. Além disso, a placa de identificação dessa escultura foi retirada, dificultando ainda mais a apreciação da obra de arte (Figura 82).

Figura 80 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2020.

Parquinho Infantil.

Figura 81 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2021.

Trailer de Lanche.

Também nesse setor está localizado um “Painel de Sinalização Turística” (Figura 82), elaborado pela Prefeitura Municipal de Pelotas (conforme já descrito na nota de rodapé nº 8, p. 82). O Painel está localizado próximo a um dos caminhos principais que leva ao centro da praça, o que permite uma fácil visualização e consulta por parte do usuário.

Figura 82 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2020.

Busto do médico Armando Fagundes.

Figura 83 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



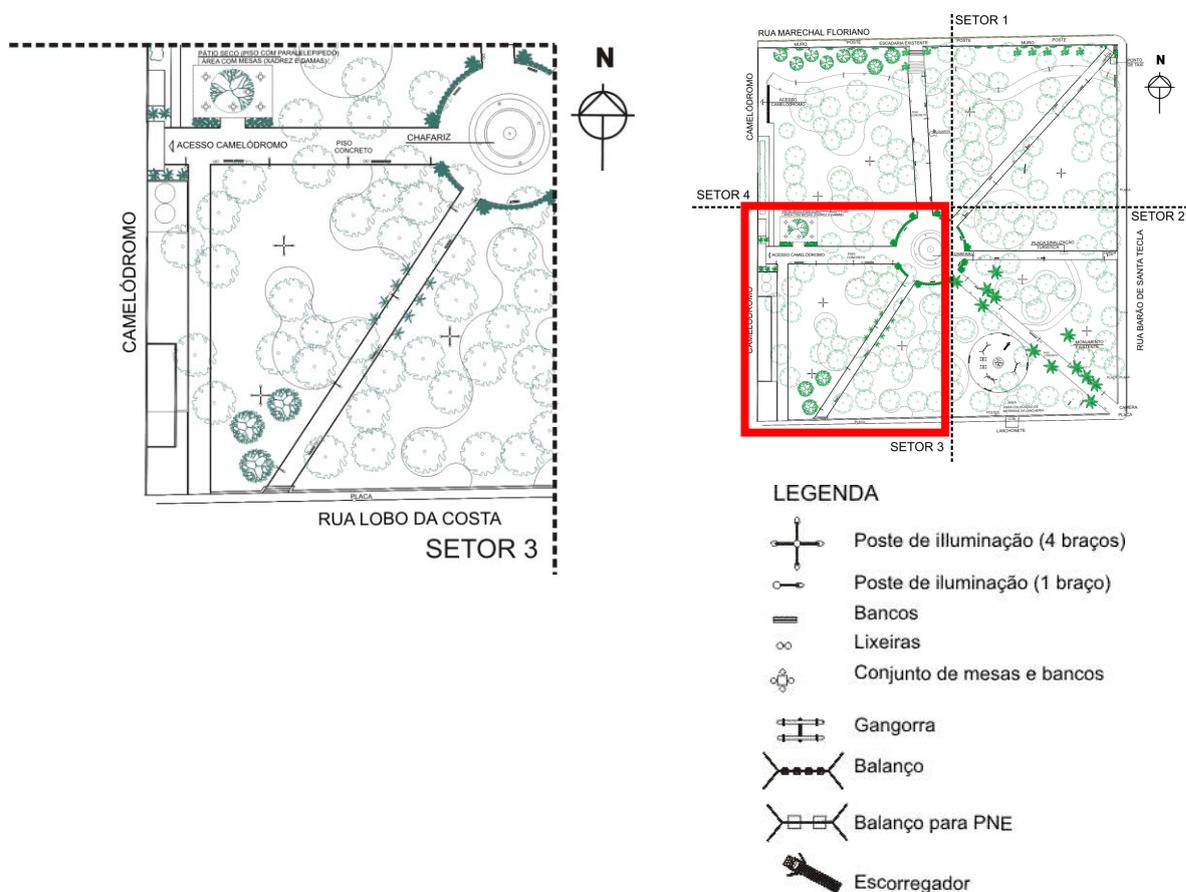
Fonte: Autora, 2020.

Painel de Sinalização Turística.

O setor 3 dessa praça (Figura 84) é um dos principais setores (além do setor 4) que faz conexão com a edificação do “Camelódromo” ou “Pop Center” (Figura 85). Essa edificação é um espaço comercial popular construído pela Prefeitura para abrigar os comerciantes informais que antes realizavam o comércio nas ruas da cidade. Sendo assim, esse setor conecta diretamente o centro da praça, onde se encontra o chafariz, com um dos acessos principais do Pop Center (SANTOS e ROSENTHAL, 2013).

Nesse setor ainda existe a presença de um chafariz, localizado no eixo central da praça, denominado “Chafariz dos Cupidos” (Figura 86). É um elemento de grande destaque nessa praça, pois todos os caminhos principais formam eixos radiais em direção ao centro da praça onde está localizado o chafariz (conforme Figura 84).

Figura 84 - Planta parcial da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Cipriano Barcelos com a indicação do setor 3. Detalhe do setor 3 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos em legenda.

Figura 85 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2020.

Conexão da Praça Cipriano Barcelos com o Prédio do Pop Center ou Camelódromo.

Figura 86 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2020.

Chafariz dos Cupidos.

Outro ponto de destaque que está nesse setor são as mesas e bancos localizados em um dos acessos ao Pop Center. Essas mesas foram colocadas com a finalidade de serem mesas para jogos, como xadrez e damas, mas foi observado que na maioria das vezes elas são utilizadas como mesas de apoio para refeições rápidas e encontro entre pessoas (Figura 87). Nessa pequena área, o piso é revestido com paralelepípedo, diferente dos caminhos principais. No entorno, existem arbustos e vegetação de pequeno porte delimitando esse espaço com características diferenciadas.

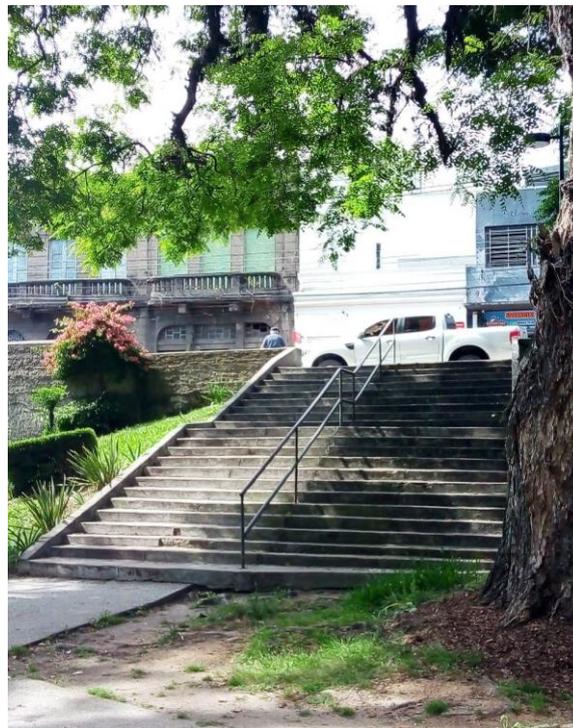
Figura 87 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2020.

Mesas e Cadeiras no acesso ao Pop Center.

Figura 88 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.

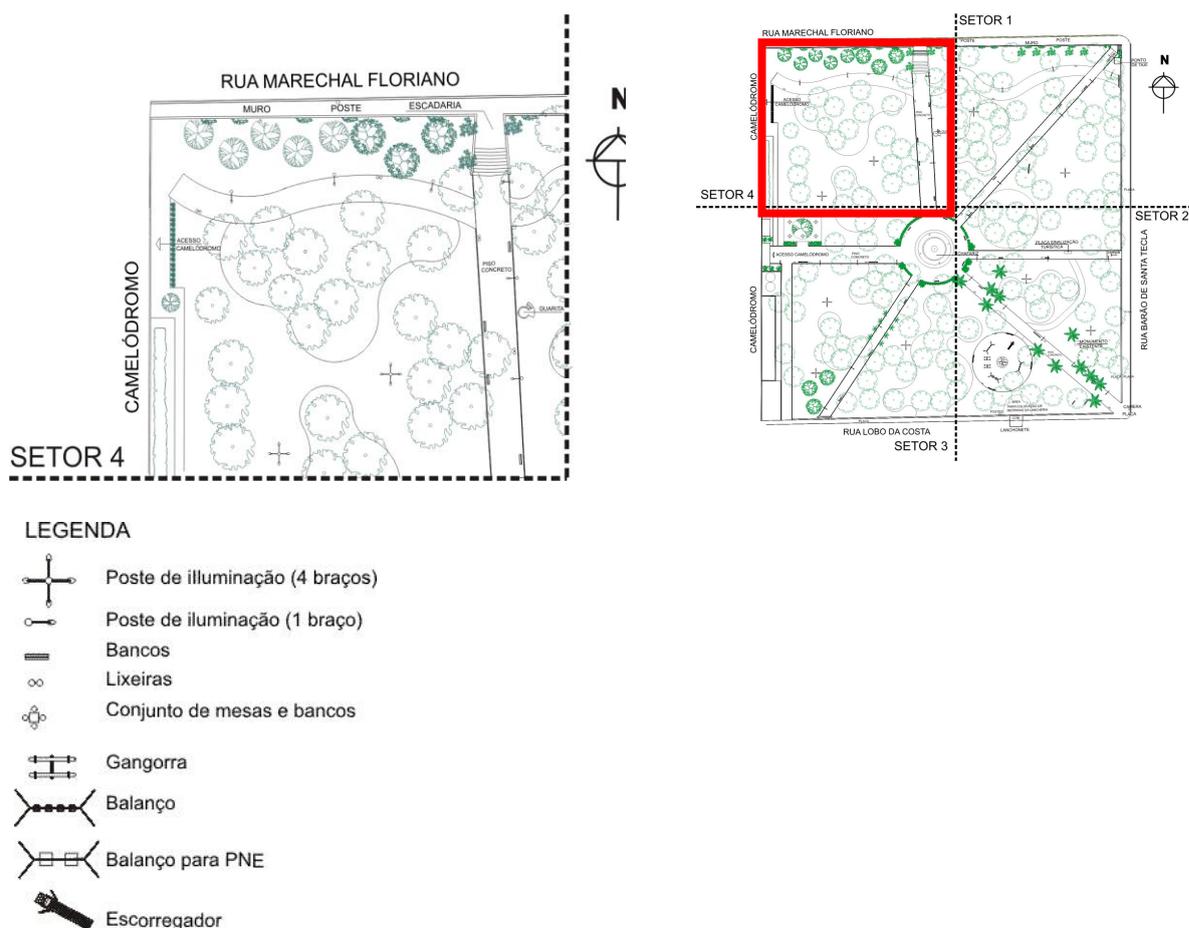


Fonte: Autora, 2020

Escadaria de acesso ao interior da praça

No setor 4 dessa praça (Figura 89) existem dois principais pontos de destaque: o primeiro é a escadaria que dá acesso ao interior da praça, visto que existe um grande desnível da Rua Marechal Floriano em relação ao nível da praça propriamente dita (Figura 88). O segundo ponto de destaque é que a partir dessa escadaria existe um caminho lateral, em curva, que dá acesso ao Pop Center – esse caminho é muito utilizado pelos usuários da praça, conforme será tratado mais adiante quando analisado o comportamento dos usuários na praça.

Figura 89 - Planta parcial da Praça Cipriano Barcelos.



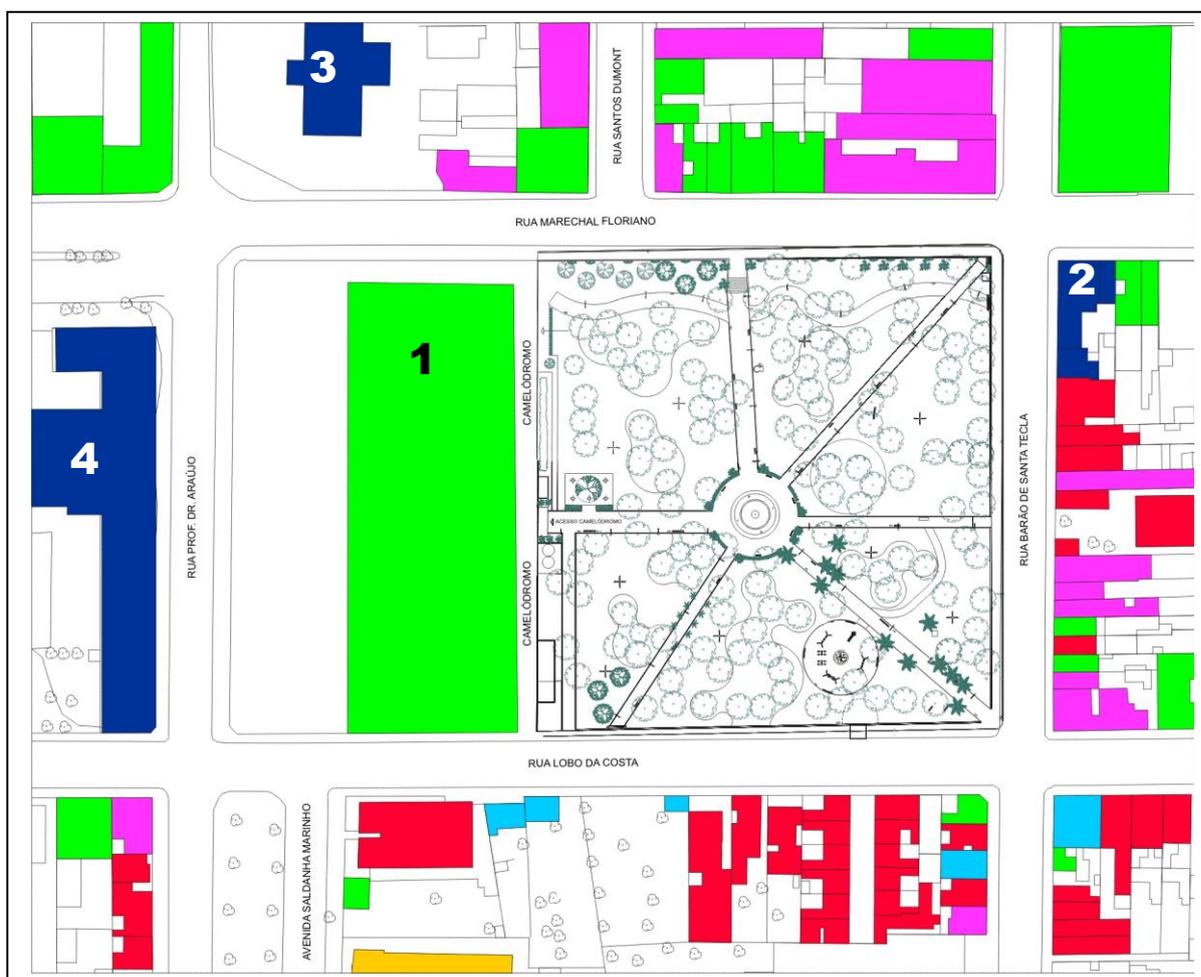
Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Cipriano Barcelos com a indicação do setor 4. Detalhe do setor 4 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos em legenda.

Levantamentos dos usos dos prédios do entorno:

A fim de colaborar para a descrição do espaço visível da Praça Cipriano Barcelos foi elaborado um mapa (Figura 90) contendo o levantamento dos usos dos prédios do entorno dessa praça. Para a análise desses dados foram considerados um total de 67 lotes, apresentando os prédios do entorno imediato da praça, conforme mostra o mapa. Assim, a partir do levantamento dos usos desses prédios (Figura 90), foi possível observar que existe um número equilibrado entre a quantidade de unidades residenciais (22) e comerciais (21).

Figura 90 - Mapa de Usos do Entorno da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

O tipo de uso **“Sem uso definido”**, no caso dessa praça, ocorreu apenas em uma edificação que, nesse caso, estava em obras e então foi incluída dentro dessa categoria.

IDENTIFICAÇÃO DOS PRÉDIOS:

- 1 – Centro Comercial Pop Center ou Camelódromo;
- 2 – Prédio da Antiga Escola de Belas Artes (UFPel);
- 3 – Prédio da Receita Federal;
- 4 – Prédio da CEEE (Companhia Estadual de Energia Elétrica).

TIPOS DE USO	
■	Uso residencial
■	Uso comercial
■	Uso serviço
■	Uso religioso
■	Uso institucional
■	Sem uso definido
■	Uso misto

Dessa forma, a partir da identificação da quantidade de usos de cada tipo, mostrada na Tabela 3, e da espacialização desses dados no mapa de usos (Figura 90), observamos que, embora no entorno dessa praça a maioria de usos dos prédios

sejam residenciais e comerciais, existem também muitos prédios de uso misto, sendo o pavimento térreo de uso comercial e o andar superior de uso residencial ou serviço.

Tabela 3 - Identificação dos tipos de uso na Praça Cipriano Barcelos.

TIPOS DE USOS	Nº de unidades	% em relação ao total de unidades *
Residencial - edificação residencial unifamiliar ou multifamiliar	22	32,9%
Comercial - edificação destinada ao comércio de produtos. P.ex. padaria, farmácia e outros.	21	31,3%
Serviço – edificação destinada a prestação de serviços à comunidade. P.ex. consultórios, escritórios e outros.	5	7,4%
Institucional – edificação destinada a instalação de instituição pública ou privada ...P. ex. escola, hospital e outros.	4	5,9%
Religioso – edificação destinada a prática religiosa e/ou ligada a alguma religião. P. ex. Igreja, Centro Espírita e outros.	0	0%
Misto – edificação que abriga mais de uma das classificações acima descritas.	15	22,4%

*OBS.: É relevante salientar que o somatório da porcentagem nessa tabela é 99,99%. Esse erro se deve ao arredondamento dado em relação ao total de unidades de tipos de usos diferente e essa diferença não vem a ser relevante para o presente trabalho.

Fonte: Autora, 2020.

Dentre os usos comerciais, existe grande variedade de lojas que comercializam produtos, como roupas, calçados e produtos eletrônicos. Dentre todos os estabelecimentos comerciais do entorno, é citado como principal o Centro Comercial Pop Center ou Camelódromo (Figura 92). Esse prédio parece ter grande destaque tanto em função do uso que possui quanto em função de suas dimensões, pois ele ocupa toda uma fachada voltada para a praça. Quanto aos prédios de uso institucional, temos, por exemplo, o prédio da Receita Federal, da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) e da antiga Escola de Belas Artes da UFPel (Figura 91).

Dentre os esses prédios mencionados anteriormente, alguns são identificados no mapa de usos dos prédios do entorno da Praça Cipriano Barcelos (Figura 90), através de numeração colocada na legenda desse mapa. Esses prédios são colocados em destaque no mapa em função de terem sido mencionados nas entrevistas como um dos motivos para os usuários estarem no ambiente da praça ou que explicam a praça ser patrimônio cultural (na opinião dos usuários). Esses motivos são tratados a seguir no decorrer do trabalho. Da mesma forma, alguns desses prédios também foram destacados como referenciais urbanos por esses mesmos usuários entrevistados.

Figura 91 - Fotografia de prédio do entorno da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2021.

Prédio da Antiga Escola de Belas Artes – UFPel.

Figura 92 - Fotografia de prédio do entorno da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2019.

Prédio do Pop Center ou Camelódromo.

Motivo de uso da praça:

A partir de entrevistas realizadas com 20 usuários da Praça Cipriano Barcelos (dados organizados no apêndice F deste trabalho), foi possível identificar que esse grupo de pessoas utilizava o espaço principalmente em função dos usos dos prédios existentes no entorno dessa praça, nesse sentido destaca-se o Pop Center ou Camelódromo. Além disso, também era muito utilizada para encontros e momentos de espera entre uma atividade e outra desenvolvida pelos usuários. Com menor incidência também foi observado que essa praça era utilizada para atividades de lazer, como descansar.

Quanto aos usos dos prédios do entorno da praça, um dos mais relevantes, que parece intensificar a utilização desse espaço, é, primeiramente, o Pop Center. Segundo as entrevistas realizadas, muitas dessas pessoas (entrevistados) vinham por algum motivo ao centro comercial Pop Center e acabavam utilizando a praça. Dentre

os principais motivos, estava a justificativa de realizar compras, procurar mercadorias ou para trabalhar no prédio do Pop Center.

Nesse sentido, dos entrevistados que utilizam a praça pelo motivo de estarem fazendo compras no Pop Center, o entrevistado 1 comentou: “[...] vim fazer compras ali (apontou para o Pop Center) e agora estou aqui ligando para minha esposa para ver se ela quer mais alguma coisa do centro” (entrevistado 1). Outra entrevistada comentou: “Estou aqui esperando minha filha enquanto ela foi nos camelôs” (entrevistado 5). Da mesma forma, a entrevistada 10, que estava na pracinha disse: “[...] estou aqui com minha afilhada enquanto minha irmã foi nos camelôs”.

Outros entrevistados, que trabalham no Pop Center, também comentaram que utilizavam a praça por diversos motivos. Alguns utilizavam para realizar intervalo durante o horário de trabalho: “[...] estou no meu horário de intervalo e vim aqui na rua (praça) fazer um lanche e fumar para depois voltar” (entrevistado 2); “Trabalho ali (apontando para o prédio do Pop Center) e vim aqui fumar e conversar um pouco [...]” (entrevistado 7); “Estou esperando mercadorias para levar ali (referindo-se ao Pop Center) para a loja” (entrevistado 15). Foi possível observar, também, que o ambiente da praça era utilizado pelos trabalhadores para encontrar amigos e interagir socialmente, como já foi mencionado anteriormente pelo entrevistado 7 e é mencionado também pelo entrevistado 3: “Minha amiga trabalha ali (referindo-se ao Pop Center) e eu estou aqui aguardando ela para conversar um pouco”.

Das pessoas entrevistadas, também foi observado que muitas utilizavam a praça independente da presença do Pop Center, mas também eram trabalhadores, como, por exemplo, o entrevistado 14, que possuía um trailer de lanches no ambiente da praça e estava nesse ambiente praticamente todos os dias da semana trabalhando. Também existem os motoristas de táxi (entrevistado 11), que têm o ponto na praça e ficavam ali, aguardando seus clientes. Os motoristas de ônibus também utilizavam o ambiente para aguardar o horário de saída: “Fico aqui na praça aguardando o horário da partida, é bem agradável, gosto daqui” (entrevistado 6).

Nesse sentido, assim como os motoristas de ônibus ficavam aproveitando o ambiente da praça aguardando o horário de partida dos ônibus, parece que muitos passageiros também aguardavam o ônibus na praça. Esse era o caso dos entrevistados 13 e 17, sendo que o entrevistado 17 ainda justificava o motivo de estar esperando o ônibus na praça dizendo: “Estou aqui esperando o ônibus, porque não é

tão quente". Essa fala dá indícios de que a temperatura amena no verão (quando foram aplicadas as entrevistas), em virtude da ampla vegetação e sombreamento das árvores, é um dos motivos que justificava a preferência do ambiente da praça frente a outros ambientes.

A presença do parquinho infantil também parece ser um dos motivos que incrementa o uso dessa praça, pois alguns dos entrevistados comentaram que estavam lá pelo motivo de levar as crianças para brincar. Assim, já foi comentado pelo entrevistado 10 anteriormente quando disse: “[...] *estou aqui (na pracinha) com minha afilhada enquanto minha irmã foi nos camelôs*”. Além dessa entrevistada, outros também disseram estar na praça pelo mesmo motivo (entrevistado 4 e 9).

Além dos motivos para uso dessa praça já mencionados anteriormente, outro motivo comentado pelos entrevistados é para descansar entre uma atividade e outra e encontrar com amigos. Por exemplo, um dos entrevistados (entrevistado 16) disse: *“Fui no centro e agora estou aqui me refrescando para ir para casa”*. Da mesma forma, outros entrevistados já comentaram estar na praça por terem ido no Pop Center (por exemplo, entrevistado 1, 5, 10 e outros) e estarem também entre uma atividade e outra.

Sobre a questão de utilizar o espaço para encontrar pessoas, um dos entrevistados disse: *“Combinei com uma amiga da gente se encontrar aqui. Estou aguardando”* (entrevistado 8). Outro entrevistado jovem relata: *“Gosto de ficar aqui com meus amigos conversando e escutando música”* (entrevistado 18). Vale destacar que anteriormente outros entrevistados já comentaram sobre também utilizar a praça para encontro e interação social, entretanto, como eram trabalhadores do Pop Center, existe a possibilidade de estarem utilizando o ambiente simplesmente pela proximidade do centro comercial (justificativa de uso comentada anteriormente) e não pelo motivo de escolherem essa praça para encontrar outras pessoas. Contudo, sendo por um motivo ou outro, é relevante destacar que muitos entrevistados utilizavam esse espaço para encontrar pessoas e socializar.

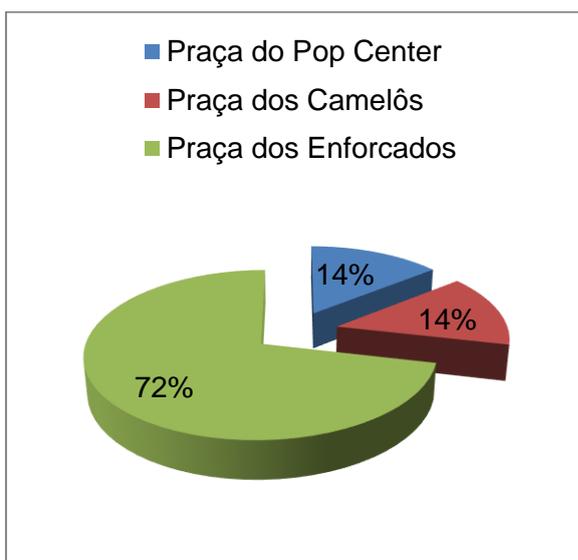
Sendo assim, para concluir sobre os motivos de uso da Praça Cipriano Barcelos, a partir das entrevistas realizadas, foi possível observar que os principais motivos de uso estão ligados diretamente à presença do Pop Center. Ou seja, os trabalhadores utilizavam o espaço para lazer, descanso no intervalo entre o trabalho e para interação social. Os consumidores que utilizavam o Pop Center também faziam

uso do espaço para descanso entre uma atividade e outra ou simplesmente para esperar enquanto outras pessoas estavam no Pop Center. Além disso, essa praça servia também como ponto de apoio, espera para outros trabalhadores, como os motoristas de ônibus (ponto de ônibus – Santa Tecla) e taxistas. E, também, pessoas do entorno e pessoas que estavam de passagem, entre uma atividade e outra, utilizavam o espaço para lazer e descanso.

Identificação do nome da praça:

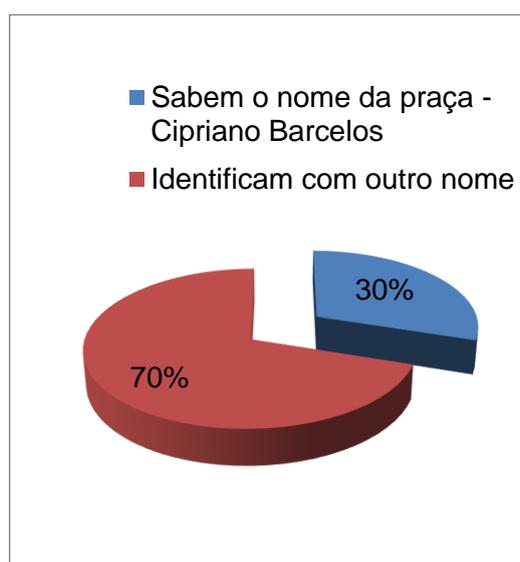
Conforme pudemos observar, de acordo com o gráfico abaixo (Figura 94), do total de entrevistados, a maioria dos 14 (70%) não sabia o nome da Praça Cipriano Barcelos ou identificava a praça por outro nome. Assim, dos 20 entrevistados, somente 6 (30%) sabiam o nome oficial da praça e se referiam a ela como Praça Cipriano Barcelos.

Figura 93 – Gráfico Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2021.
Identificação dos nomes não oficiais da Praça Cipriano Barcelos.

Figura 94 - Gráfico da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2021.
Identificação da quantidade de usuários que reconhece o nome oficial da Praça Cipriano Barcelos.

Os dados para elaboração dos gráficos acima (Figuras 93 e 94) estão presentes no apêndice H deste trabalho.

Do total de pessoas que não sabia o nome oficial dessa praça (Figura 93) (14 pessoas, ou 70%), a maioria desse grupo (10 pessoas ou 72%) identificava ou se referia a ela como a “*Praça dos Enforcados*”. Depois, ela foi identificada pela mesma

quantidade de respondentes (2 pessoas ou 14%) como “Praça dos Camelôs” ou “Praça do Pop Center”, que na verdade identifica o mesmo prédio do entorno dessa praça. Sendo assim, podemos dizer que 4 pessoas ou 28% identificaram essa praça como sendo a praça do Centro Comercial denominado “Pop Center” ou “Camelôs”.

Sendo assim, para o caso da Praça Cipriano Barcelos, podemos dizer que as pessoas entrevistadas que frequentam a praça reconheceram e identificaram o local em função de acontecimentos históricos que cercam o imaginário da população local, sendo esse um elemento que favorece o reconhecimento e a identificação dessa praça para seus usuários. Nesse caso, está o nome “Praça dos Enforcados”, devido a suicídios por enforcamento que aconteceram nesse local¹⁷ e que a comunidade ouviu falar e contar (MONQUELAT, 2015).

Por fim, a presença do Centro Comercial “Pop Center” ou “Camelôs” parece ser outro elemento marcante no ambiente, sendo referência para a identificação do local onde o usuário se encontra, porém, em menor intensidade.

O comportamento dos usuários na praça:

Para melhor identificar o comportamento dos usuários na Praça Cipriano Barcelos, ela foi dividida em setores. Sendo assim, a seguir será apresentado cada um desses setores.

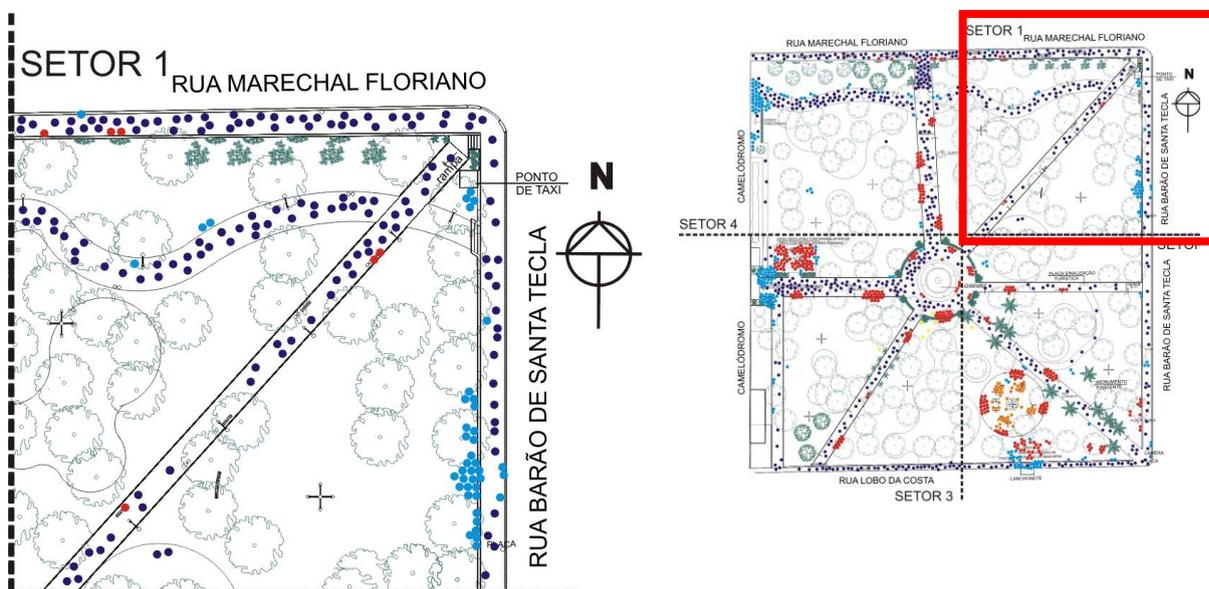
Foi possível observar, de acordo com o mapa comportamental realizado no setor 1 da praça Cipriano Barcelos (Figura 95), que existia uma grande concentração de pessoas no momento da realização dos mapas circulando pelos caminhos, ou seja, estavam realizando algum tipo de deslocamento. Esse deslocamento se dava, principalmente, pela calçada da Rua Marechal Floriano, que faz uma ligação do centro da cidade com o Bairro Fragata. Apesar de muitas pessoas fazerem esse percurso, ele parece que se dá de maneira um pouco desconexa com o interior da praça, pois como a calçada encontra-se num nível mais alto em relação ao interior da praça, os usuários têm a visual da praça, porém, somente podem acessar seu interior pela

¹⁷ Segundo A.F. Monquelat, 2018 existe a grande probabilidade do apelido dado a essa praça, “Praça dos Enforcados”, ter sido em função de diversos enforcamentos que ocorreram nesse espaço na década de 1920.

Fonte: <http://pelotasdeontem.blogspot.com/2018/03/praca-dos-enforcados-ou-praca-dos.html>

esquina da Rua Marechal Floriano com a Rua Barão de Santa Tecla, onde existe uma rampa, ou pela escadaria localizada no setor 4 dessa praça.

Figura 95 - Mapa Comportamental Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Cipriano Barcelos com a indicação do setor 1. Detalhe do setor 1 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

Ainda em relação ao deslocamento, foi possível observar, no setor 1, que existia também grande fluxo de pessoas que se deslocam no interior da praça, tanto no sentido leste-oeste quanto na diagonal, para o centro da praça, possivelmente, em função da presença do Pop Center.

Outro tipo de comportamento observado através do mapa comportamental nesse setor foi a presença de grande quantidade de pessoas paradas próximas à calçada da Rua Barão de Santa Tecla. Esse comportamento é justificado porque nesse local ficam estacionados ônibus aguardando o horário do embarque de passageiros para o Município do Capão do Leão/bairro Jardim América. Assim, existia uma grande quantidade de motoristas que ficavam conversando, enquanto aguardavam o horário de partida (Figura 97). Além dos motoristas, também havia

alguns usuários do transporte que aguardavam nesse local. Da mesma forma, próximo à esquina da Rua Marechal Floriano com a Rua Barão de Santa Tecla existe um ponto de táxi e, sendo assim, os motoristas também ficavam, muitas vezes, fora dos carros conversando e tomando mate, enquanto aguardavam os passageiros.

Nesse setor foi possível observar que existia pouca concentração de usuários sentados, os poucos que aparecem no mapa comportamental estão posicionados de maneira dispersa, alguns em bancos ao longo do percurso para o centro da praça e outros sentados na mureta da calçada, na da Rua Marechal Floriano (Figura 96).

Figura 96 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2021.
Usuário sentado na mureta da Rua Marechal Floriano (Praça Cipriano Barcelos).

Figura 97- Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.

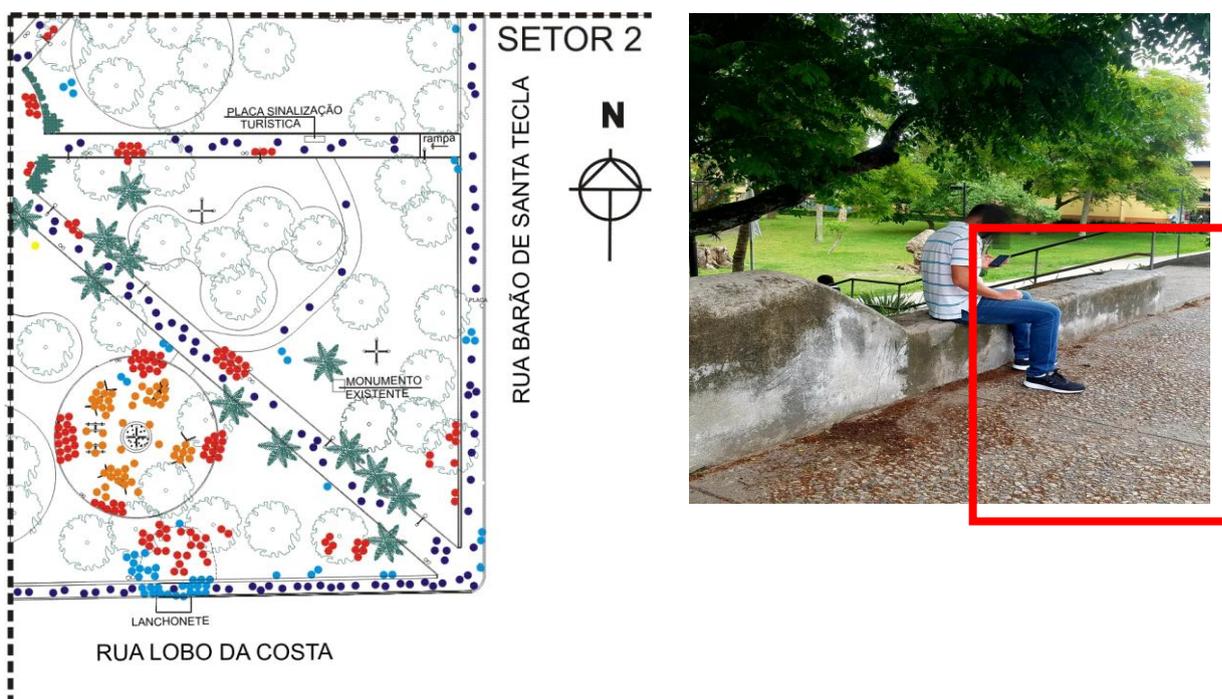


Fonte: Autora, 2020.
Motoristas aguardando horário de partida dos ônibus (praça Cipriano Barcelos).

No setor 2 da Praça Cipriano Barcelos (Figura 98), foi possível observar, em função do mapa comportamental, que existia grande fluxo de pessoas que se deslocavam em direção ao centro da Praça. Da mesma forma, muitos usuários também utilizavam a calçada da Rua Lobo da Costa para deslocamento no sentido leste-oeste.

Nesse setor, existe a presença da pracinha infantil, que favorece diversos tipos de comportamentos observados a partir do mapa comportamental. Assim, foi possível observar muitas crianças brincando no entorno dos equipamentos infantis, como: balanço, escorregador e gangorra. Ao redor desses equipamentos existem diversos bancos, onde podemos verificar que os usuários utilizavam bastante em função de favorecer aos cuidadores (pais, mães, tios e outros) visualizar as crianças enquanto brincam.

Figura 98 - Mapa Comportamental Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Cipriano Barcelos com a indicação do setor 2. Detalhe do setor 2 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

Observamos, também, através do mapa comportamental, que no local onde fica estacionado o trailer de lanches, na calçada da Rua Lobo da Costa, muitas pessoas ficavam paradas em pé esperando o lanche. Também existe um local onde o proprietário do trailer coloca mesas e cadeiras para os clientes (coloca e retira todos os dias mesas e cadeiras de plástico). Nesse local, os usuários se sentavam para

fazer o lanche e, muitas vezes, os adultos sentavam e aproveitavam o espaço, enquanto as crianças brincavam na pracinha infantil (Figura 99). Ainda foi possível observar que os bancos localizados próximos à esquina da Rua Lobo da Costa com a Rua Barão de Santa Tecla eram bastante utilizados. Isso talvez se justifique em função de estarem próximos de locais com grande movimento de usuários, como a pracinha infantil, o trailer de lanches, e, também, por existir muito fluxo de pessoas em deslocamento. Assim, pode ser que os usuários utilizassem para descanso durante esses percursos, entre uma atividade e outra (Figura 100).

Figura 99 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2020.

Usuários na pracinha infantil e nos bancos próximos a ela (Praça Cipriano Barcelos).

Figura 100 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2021.

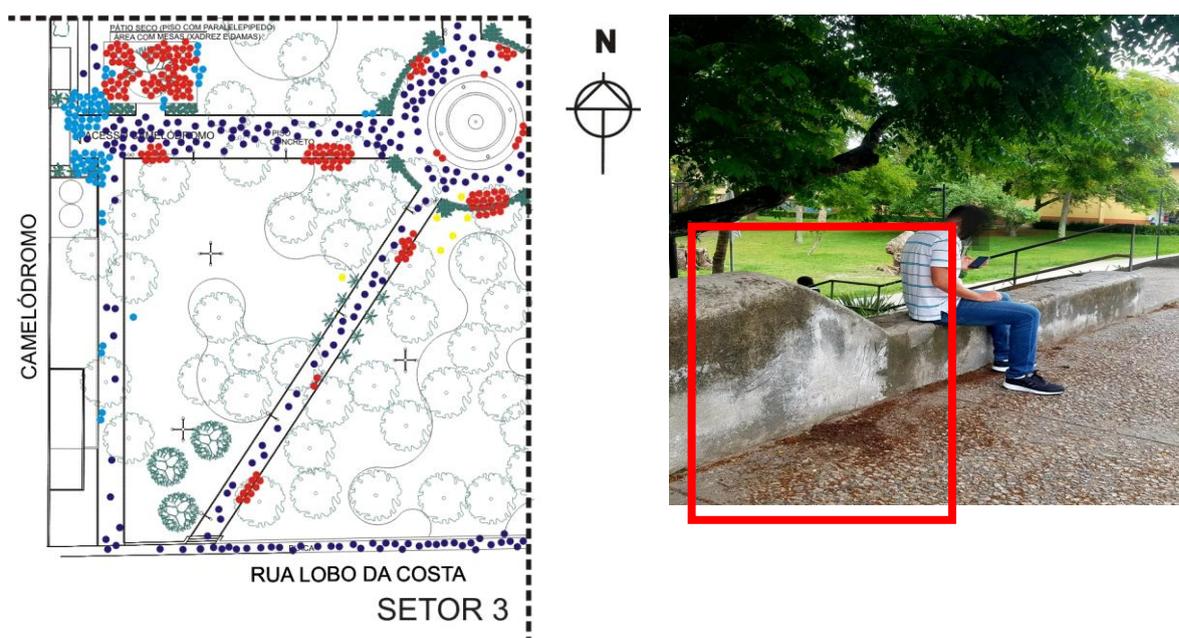
Usuários ocupando o local destinado para lanches (Praça Cipriano Barcelos).

No mapa comportamental do setor 3 da Praça Cipriano Barcelos (Figura 101), foi possível observar que existia um grande fluxo de usuários em deslocamento do centro da praça em direção a uma das entradas do Camelódromo e, também, no caminho diagonal que leva em direção à Rua Lobo da Costa.

Quanto às pessoas sentadas, verificamos, nesse setor, que existiam muitas pessoas sentadas no entorno chafariz, parte central da praça, assim como também

muitos usuários sentados nos bancos próximos ao acesso do Pop Center (Camelódromo). No entanto, a grande maioria dos usuários sentados nesse setor encontrava-se localizado na área destinada a jogos de tabuleiro, como Damas e Xadrez. Conforme foi observado, esse local era muito utilizado pelos trabalhadores e demais usuários do Pop Center (Camelódromo) para encontro com amigos e realização de lanches. Inclusive, existem vendedores ambulantes de lanches que levavam caixas térmicas com lanches prontos, sucos e café para ser comercializado nessa área em horários de intervalo do trabalho. Assim, essas mesas serviam mais como mesinhas de apoio, um tipo de área de alimentação e lazer, do que mesas de jogos propriamente ditas (Figura 102).

Figura 101 - Mapa Comportamental Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Cipriano Barcelos com a indicação do setor 3. Detalhe do setor 3 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

Nesse setor, ainda foi possível observar, através do mapa comportamental, que existia uma grande quantidade de pessoas paradas em pé na entrada de um dos

acessos ao Pop Center (Camelódromo). Essas pessoas representavam, muitas vezes, os seguranças, que ficam posicionados em todos os acessos ao centro comercial. Além dos seguranças, esse aglomerado de pessoas, muitas vezes, também representava pessoas que estão esperando outras que foram fazer compras e, sendo assim, preferiam ficar esperando nesse local em vez de entrar junto (Figura 103).

Figura 102 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos



Fonte: Autora, 2020.
Usuários ocupando as mesas para jogos.

Figura 103 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos

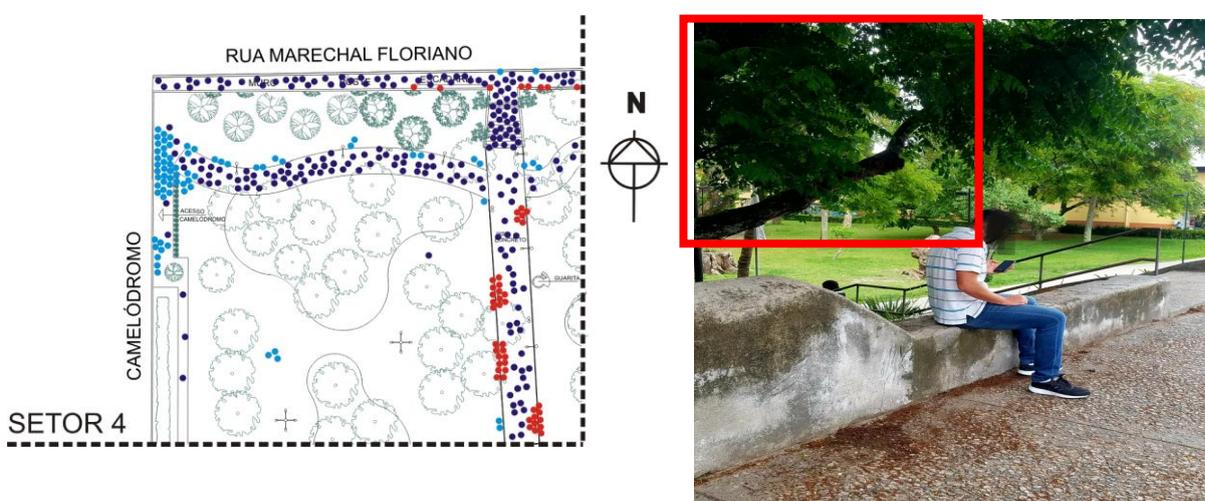


Fonte: Autora, 2021.
Usuários parados na porta de acesso ao Pop Center.

No mapa comportamental do setor 4 da Praça Cipriano Barcelos (Figura 104), foi possível observar que existia uma grande quantidade de pessoas em deslocamento. Esse deslocamento se dava principalmente pelas escadarias que ligam o interior da Praça com a calçada da Rua Marechal Floriano. No interior da Praça, os usuários se direcionavam, principalmente, ou pelo caminho curvo que leva em direção ao acesso do Pop Center (Camelódromo) ou pelo caminho em linha reta que conduz ao centro da Praça onde está o chafariz.

Observamos, também, que a maioria das pessoas sentadas nesse setor estavam localizadas nos bancos ao longo do caminho que leva à parte central da Praça, onde está o chafariz. Vale ressaltar que no caminho curvo que leva em direção ao acesso do Pop Center (Camelódromo) praticamente não existiam pessoas sentadas, e sim paradas em pé. Isso ocorre, possivelmente, porque nesse local não existem bancos para que as pessoas possam realizar esse tipo de comportamento, se existissem bancos nesse local, talvez fossem muito utilizados.

Figura 104 - Mapa Comportamental Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2020

Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Cipriano Barcelos com a indicação do setor 4. Detalhe do setor 4 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

Ainda sobre as pessoas sentadas, vale destacar que observamos, através do mapa comportamental, que existiam algumas pessoas que aproveitavam a mureta de contenção existente na calçada da Rua Marechal Floriano (que é mais alta que o nível da Praça) para se sentar, como já foi comentado anteriormente para o caso do setor 1 dessa mesma praça. Essas pessoas que se sentavam nesse local, normalmente, estavam conversando, fumando e apreciando a paisagem ou olhando o celular.

Quanto às pessoas que estavam paradas em pé, nesse setor, a maioria delas estava posicionada no acesso ao Pop Center (Camelódromo). Como já foi comentado no caso do outro acesso ao centro comercial (no setor 3), esse aglomerado de usuários parados em pé se deve, possivelmente, em função de existir sempre a presença de um guarda de segurança nos acessos. Além disso, parece que muitas pessoas preferem ficar na área externa esperando outras que foram fazer compras nas lojas.

Assim, com base nas observações realizadas e descritas anteriormente, podemos concluir que as atividades com maior predominância, identificadas nessa praça, foram aquelas do tipo transitórias. Caracterizadas, principalmente, pelo comportamento daquelas pessoas que estavam em deslocamento, caminhando através do espaço, ou seja, deslocando-se de um ponto a outro.

Em relação a esse deslocamento, é importante destacar que, conforme o mapa comportamental, foi possível observar que esse movimento parece se dar principalmente em função dos acessos ao Pop Center (Camelódromo). Assim, o fluxo dos usuários, na grande maioria, tende a vir da Rua Marechal Floriano (passando pela escadaria ou pela rampa da esquina com a Rua Barão de Santa Tecla) em direção a um dos acessos do Centro Comercial e vice-versa. Outro fluxo de usuários bastante presente nessa Praça diz respeito ao direcionamento dos usuários da Rua Lobo da Costa também em direção aos acessos do Centro Comercial, passando pelo centro da Praça (chafariz) e vice-versa.

Nesse sentido, foi possível notar que a maioria das pessoas que estavam em deslocamento nesse espaço pareciam utilizar a Praça para encurtar o caminho e acessarem o Pop Center (camelódromo). Dessa forma, cruzar a praça seria uma tendência natural de encurtar caminho e chegar mais rápido ao objetivo final.

Também existia uma grande quantidade de pessoas exercendo atividades contemplativas. como, por exemplo, aquelas pessoas que utilizavam os bancos para sentar-se, apreciar a paisagem, conversar com amigos e esperar por algo ou alguém. Sobre essas pessoas que estavam sentadas ou paradas no ambiente, vale destacar que a preferência para realizar esse tipo de atividade é sempre naqueles bancos posicionados ao longo dos caminhos principais e que possuem maior fluxo de pessoas circulando. E, também, a parte central da Praça, no entorno do chafariz, era um local de preferência dos usuários para sentar.

Outros dois locais de grande destaque foram os caminhos principais, onde foram observadas muitas pessoas sentadas, na área destinada a jogos de tabuleiro (dama e xadrez) e no entorno da pracinha infantil. A área destinada a jogos, como já foi dito anteriormente, é uma área que, embora tenha sido elaborada no projeto da praça para essa atividade, atualmente é utilizada como local de encontro e de realização de refeições rápidas ao ar livre (principalmente lanches), principalmente nos intervalos pelos trabalhadores do Pop Center (Camelódromo). Já os bancos no entorno da pracinha infantil são muito utilizados principalmente por ser o local mais próximo e confortável para estar e ao mesmo tempo cuidar das crianças que utilizam os equipamentos infantis.

Sendo assim, podemos concluir que, para o caso dessa praça, existe uma tendência dos usuários preferirem exercer atividades do tipo contemplativas principalmente nos locais onde existe grande quantidade de pessoas em movimento, como é o caso dos caminhos principais; bem como onde existem elementos interessantes para observar, como é o caso do entorno do chafariz; também, onde existem equipamentos urbanos que incentivem tais comportamentos, como é o caso dos bancos e mesas que propiciam a alimentação e o encontro de pessoas ao ar livre; e, também, o caso da pracinha infantil, que além de proporcionar observar as crianças, mantém as crianças brincando enquanto os adultos realizam outras atividades (como, por exemplo, atividades contemplativas).

Quanto às atividades de lazer, foi observado, em diversos pontos dessa Praça, pessoas realizando esse tipo de atividade, entretanto, verificamos uma tendência de concentração dessas atividades principalmente na pracinha infantil, onde as crianças estavam brincando nos equipamentos e correndo ao redor deles e os adultos, muitas vezes, conversando e tomando chimarrão. Outro local onde muitas pessoas estavam realizando atividades de lazer é nos bancos e mesas de jogos de tabuleiros (dama e xadrez). Lá os usuários se sentavam para lanchar enquanto conversam, leem e mexem no celular.

Sobre as atividades remuneradas, foram observadas nessa praça, principalmente, atividades relacionadas ao comércio de alimentos, sendo a predominância de vendedores ambulantes de lanches e sucos na área onde estão os bancos e mesas de jogos de tabuleiros (dama e xadrez). Também foi relevante destacar a presença do trailer de lanches, que se posiciona na calçada da Rua Lobo

da Costa todos os dias. Além dessas atividades relacionadas à alimentação, também foram encontrados trabalhadores que fazem a manutenção dos jardins e ficam dispersos em vários locais da praça e motoristas de táxis e de ônibus que se posicionam próximos aos ônibus, localizados na Rua Barão de Santa Tecla, durante o intervalo entre as viagens.

4.1.1.4 Praça Coronel Pedro Osório

Percepção física:

Essa é uma praça que atualmente tem a forma aproximando-se de um quadrado (Figura 105), com seus caminhos principais dispostos de maneira radial, direcionados para o centro do quadrado onde está posicionado o chafariz (denominado Fonte das Nereidas). Esses caminhos principais, que convergem ao centro, são todos revestidos com ladrilho hidráulico (Figura 107). Também existem muitos canteiros com vegetação rasteira e a arborização é bem intensa, ou seja, existem muitas árvores de grande porte e algumas ainda de pequeno e médio porte. Várias dessas árvores são muito antigas e raras, inclusive algumas possuem placas de identificação com o nome e a espécie (Figura 108).

atividades específicas, como o parquinho infantil, área com mesas para jogos de xadrez e damas e, ainda, a área do laguinho, destinada à contemplação.

Figura 106 - Montagem fotográfica com monumentos da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2020.

Montagem com fotografias dos principais monumentos presentes na praça Coronel Pedro Osório e a identificação de seus respectivos nomes.

Ela é uma praça que possui mobiliário urbano, como postes de iluminação, bancos para os usuários sentarem e lixeiras. Todos esses equipamentos urbanos são padronizados a fim de proporcionar uma linguagem única para a praça. Recentemente, em 2021, os postes de iluminação da praça foram substituídos, adotando uma iluminação de LED¹⁸, que parece ser mais adequada ao ambiente, por

¹⁸ Segundo dados da Prefeitura de Pelotas, a iluminação de LED foi utilizada, pois “O sistema de iluminação em LED produz luz branca, fria, com maior alcance para visualização. É mais econômico em consumo e durabilidade, além de gerar mais clareza. Os postes ornamentais receberam

ser mais econômica e proporcionar maior claridade e, conseqüentemente, maior segurança para os usuários (Figura 107).

Figura 107 - Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021
Fotografia do mobiliário urbano e do piso de ladrilho da praça Coronel Pedro Osório.

Figura 108 - Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.
Fotografia de placa de identificação existente nas árvores da Praça Coronel Pedro Osório.

Vale enfatizar, também, que a vegetação presente nessa praça apresenta diversos exemplares, como, por exemplo, o “Pau-Brasil”, e muitas dessas árvores estão referenciadas através de placas de identificação (Figura 108). É relevante destacar, também, que essa praça possui muitos espaços destinados a atividades específicas, como a área do lago para contemplação do ambiente, a área do parquinho infantil e área para jogos de xadrez. Assim, a seguir, para melhor apresentar todos os elementos presentes no ambiente dessa praça, dividiu-se ela em setores, conforme a Figura 105. Em cada um dos setores são apresentados os principais elementos, monumentos e a marcação dos equipamentos urbanos, como: postes de

luminárias de 75 Watts e refletores de 150. Cada estrutura de 9 metros foi equipada com quatro luminárias de 200 Watts” (Fonte: <https://www.pelotas.com.br/noticia/praca-coronel-pedro-osorio-esta-com-a-nova-iluminacao-concluida>).

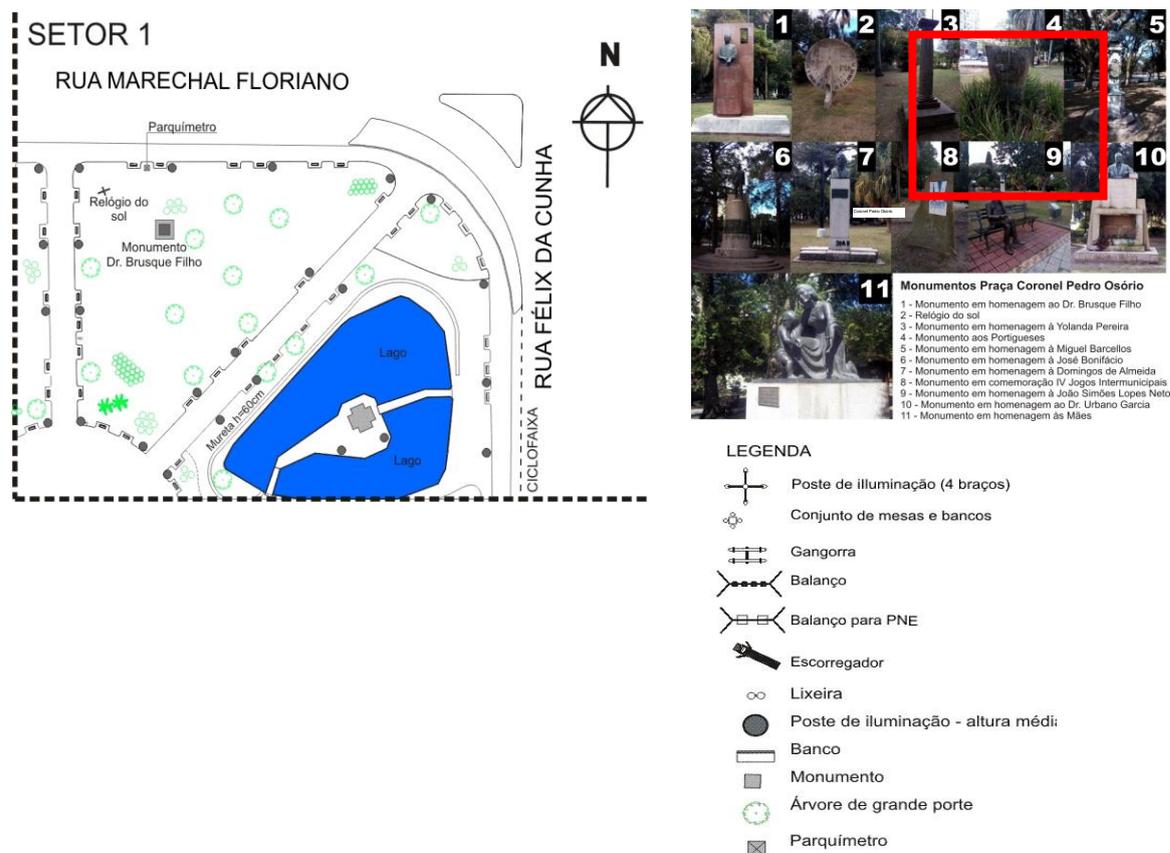
iluminação, bancos, lixeiras e demais equipamentos. Além desses elementos, também existe a marcação dos canteiros, caminhos e outros.

Dessa forma, o setor 1 dessa praça foi definido como a parte localizada no cruzamento das Ruas Marechal Floriano e Félix da Cunha. Nessa parte, existe o lago e alguns monumentos, como o Relógio de Sol e o monumento em homenagem ao Dr. Brusque Filho. O setor 2 está localizado no cruzamento das Ruas Félix da Cunha com Lobo da Costa. Nessa parte, existe o parquinho infantil, o quiosque da Guarda Municipal, o banheiro público, o monumento em homenagem às Mães e o de homenagem ao Dr. Urbano Garcia. O setor 3 compreende aquele localizado no cruzamento das Ruas Lobo da Costa com Quinze de Novembro. Esse é um setor mais livre de construções, onde existe bastante vegetação rasteira e árvores. Também existem monumentos, como a estátua de João Simões Lopes Neto sentada no banco da praça, o grande monumento a José Bonifácio, o monumento a Domingos José de Almeida e ao Dr. Francisco Amarante. Por fim, o setor 4 é aquele localizado no cruzamento das Ruas Quinze de Novembro com Marechal Floriano, onde está a esplanada do Teatro Sete de Abril e as mesinhas de xadrez. Também nesse setor estão os monumentos em homenagem a Miguel Barcellos, Iolanda Pereira, aos Portugueses e ao Dia Mundial do Turismo.

Assim, a seguir, será apresentado cada um dos setores a fim de realizar uma descrição física por meio de desenhos e fotos obtidos através dos levantamentos realizados.

O setor 1 dessa praça (Figura 109) possui como pontos de destaque, principalmente, a presença do Lago e da casinha do lago (Figura 110), cujo acesso é por meio de pontes (Figura 111). Essa casinha é utilizada para atividades esporádicas, como, por exemplo, informações turísticas e atividades culturais em determinados momentos, como durante a “Feira do Livro” (evento realizado anualmente nessa praça). Esse lago é cercado por uma grade de ferro e possui animais, como tartarugas e alguns peixes, e, além disso, existe uma mureta no entorno que serve como banco contínuo para as pessoas sentarem e apreciarem o ambiente.

Figura 109 - Planta parcial da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Coronel Pedro Osório com a indicação do setor 1. Detalhe do setor 1 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos presentes.

Ainda nesse setor existem monumentos, como o relógio do sol e o monumento em homenagem ao Dr. Brusque Filho (Figura 106 – número 1 e 2), obra do artista pelotense Antônio Caringi, que está disposta em um dos canteiros gramados, conforme Figura 109.

Quanto à vegetação, existe a presença de árvores de grande porte, bem copadas, que sombreiam o ambiente e promovem, também, um certo acolhimento a quem circula por ali. Também existe alguma vegetação de pequeno porte, como alguns arbustos que favorecem a qualidade estética do ambiente.

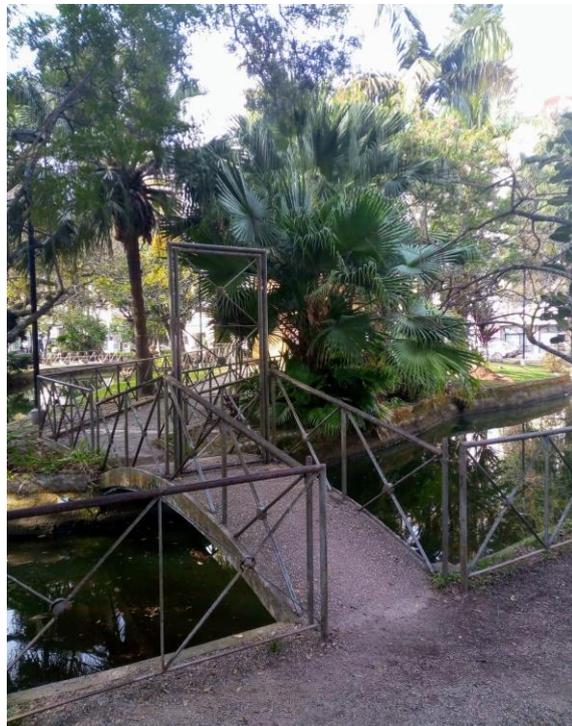
Figura 110 - Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

“Casa do Lago” existente na parte central do lago da Praça Coronel Pedro Osório.

Figura 111 - Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Ponte que dá acesso à “Casa do Lago” e do gradil que circunda o lado da Praça Coronel Pedro Osório.

No denominado setor 2 dessa praça (Figura 112), existem diversos pontos de destaque que vale a pena citar na descrição urbana desse espaço, como, por exemplo, o parquinho infantil e os banheiros públicos e o chafariz, denominado “Fonte das Nereidas”.

Primeiramente, o parquinho infantil (Figura 113) é um ambiente cercado por uma mureta curva muito similar à que existe nos arredores do lago. Essa mureta serve tanto como um limitador do ambiente, dificultando as crianças de saírem desse ambiente e correrem para a calçada da Rua Félix da Cunha, quanto de assento para os pais ou cuidadores ficarem próximos das crianças. Nesse parquinho existem diversos brinquedos, como gangorra, casinha com escorregador, balanços e outros equipamentos. O piso é de areia, o que leva muitas crianças a brincar na própria areia com pá e balde.

Figura 112 - Planta parcial da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Coronel Pedro Osório com a indicação do setor 2. Detalhe do setor 2 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos presentes.

Próximo ao parquinho infantil existe o prédio dos banheiros públicos (masculino e feminino) (Figura 114). Essa edificação, quanto ao seu posicionamento no ambiente da praça, parece bem adequada, pois sua proximidade com o parquinho infantil facilita aos pais/cuidadores terem acesso ao banheiro caso necessitem. Quanto à questão formal, tanto pela forma em si quanto pela cor e, também, por ser num nível um pouco inferior que o ambiente da praça, a edificação não interfere demais na paisagem, o que parece adequado, uma vez que a intenção do prédio é justamente não se destacar no ambiente. Vale ressaltar, também, quanto a edificação do banheiro público, que essa é a única das praças estudadas que possui esse tipo de equipamento urbano para oferecer aos usuários.

Figura 113 - Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021

Ambiente do parquinho infantil da Praça Coronel Pedro Osório.

Figura 114 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Banheiros públicos da Praça Coronel Pedro Osório.

Existe, também, ao lado da edificação dos banheiros, um quiosque de madeira que abriga a Guarda Municipal (Figura 116). Com essa edificação, a intenção da Prefeitura Municipal parece ser de garantir uma ronda permanente no ambiente e, principalmente, a localização desse ponto próximo aos banheiros e ao parquinho infantil ajuda a garantir maior segurança a esses locais, os quais merecem uma atenção especial. Outro aspecto relevante de ser destacado nesse setor da praça é a presença de uma estação de compartilhamento de bicicletas¹⁹. Com isso, a população pode, através de um aplicativo, utilizar o serviço para se locomover pela cidade (Figura 115).

Quanto aos monumentos, nesse setor está presente o monumento em homenagem ao Dr. Urbano Garcia (Figura 106, nº 10) e, também, o monumento em homenagem às Mães (Figura 106, nº 11) do artista pelotense Antônio Caringi. Podemos

¹⁹ BikePel – O serviço de compartilhamento de bicicletas é fiscalizado pela Prefeitura e está a cargo da empresa Serttel, credenciada pelo Poder Público e que investiu na compra de bicicletas, que agora ficam em estações espalhadas pela cidade.

Fonte: <https://www.pelotas.com.br/noticia/entenda-como-funciona-o-aplicativo-do-bikepel>

dizer que essa última obra se encontra em um local de destaque, pois está na parte central da praça, próxima do chafariz, onde existe grande circulação de pessoas.

Figura 115 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Ponto de empréstimo de bicicletas “BikePel”, localizado na Praça Coronel Pedro Osório.

Figura 116 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021

Quiosque da “Guarda Municipal”, localizado na Praça Coronel Pedro Osório.

Por último, mas não menos importante, nesse setor existe o chafariz, denominado de “Fonte das Nereidas” (Figura 117), um elemento de grande destaque na praça, para onde todos os caminhos convergem e muito conhecido dos usuários desse ambiente e da maioria dos moradores da cidade de Pelotas.

Figura 117 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



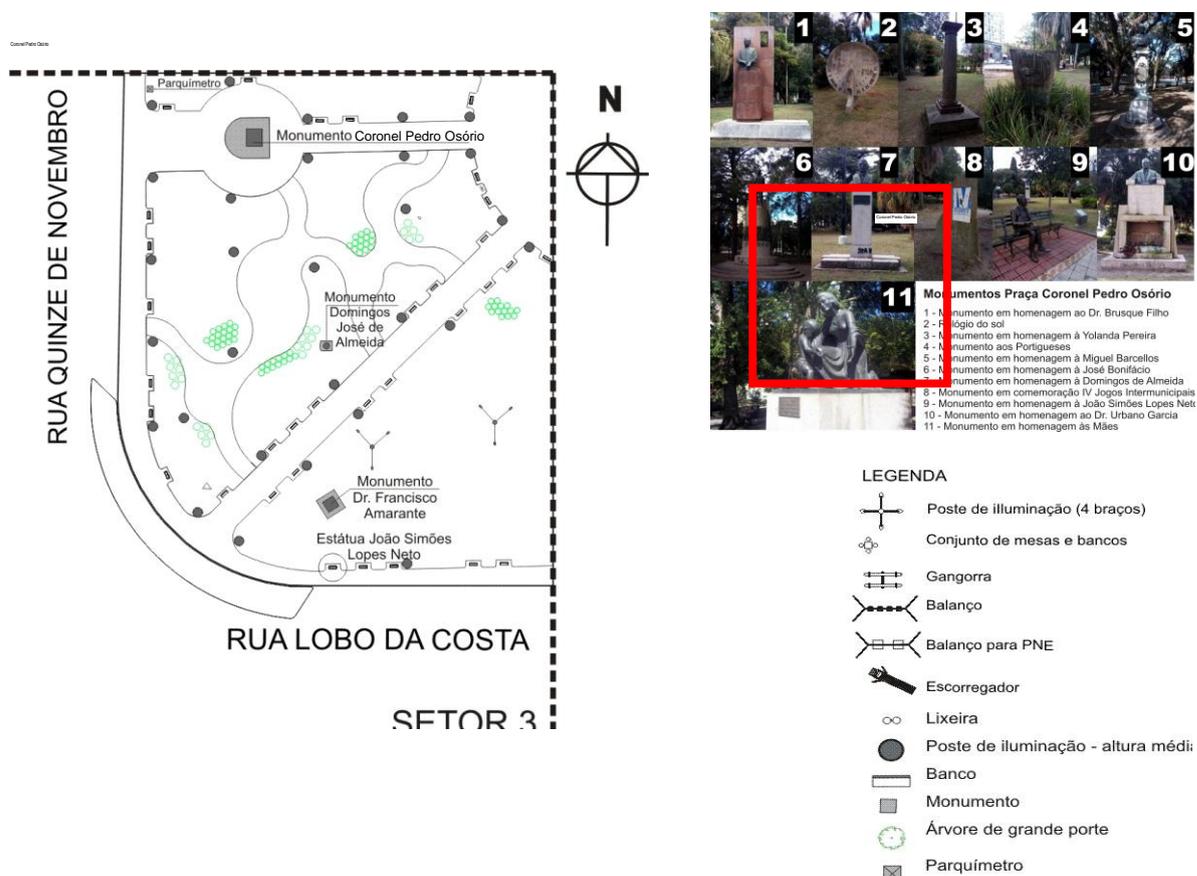
Fonte: Autora, 2021.

Chafariz da Praça Coronel Pedro Osório denominado de “Fonte das Nereidas”.

O setor 3 dessa praça (Figura 118) é caracterizado principalmente por ser um setor que não possui construções. É um local com muita vegetação e onde existe monumentos de grande destaque, como o monumento em homenagem à Coronel Pedro Osório (Figura 106, nº 6), que possui grandes dimensões e está centralizado em um dos caminhos que convergem para o centro da praça, onde está localizado o chafariz (Fonte das Nereidas). Depois, o monumento em homenagem à João Simões Lopes Neto (Figura 106, nº 9) também possui grande destaque, tanto por sua localização (encontra-se na Rua Lobo da Costa, quase esquina Rua Quinze de novembro, em frente ao prédio da Prefeitura Municipal e da Biblioteca Pública de Pelotas) quanto pela obra em si, pois ela é bem diferente dos demais monumentos presentes na praça. Nessa obra, a figura do ilustre escritor está sentada num dos bancos da praça e, sendo assim, muitas pessoas se sentam junto para tirar fotografia.

Além desses dois monumentos citados, existem, também, outros dois monumentos que são de homenagem a Domingos José de Almeida (Figura 106, nº 7) e Dr. Francisco Amarante (Figura 106, nº 8).

Figura 118 - Planta parcial da Praça Coronel Pedro Osório.



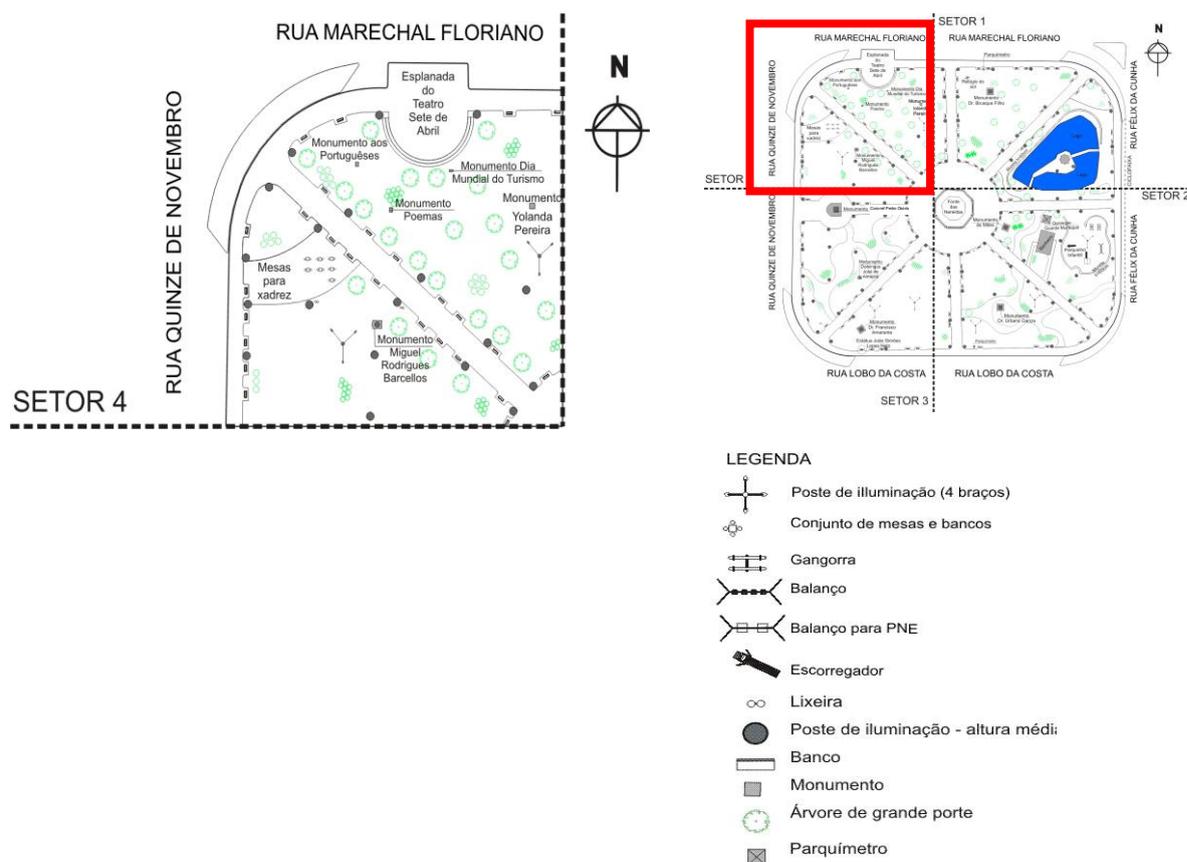
Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Coronel Pedro Osório com a indicação do setor 3. Detalhe do setor 3 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos presentes.

No setor 4 da praça Coronel Pedro Osório (Figura 119), podemos citar diversos pontos de destaque. Primeiramente, existe a esplanada do Teatro Sete de Abril, espaço que consiste num largo, em frente ao Teatro Sete de Abril, com uma mureta em forma de semicírculo em dois níveis, onde é possível sentar-se, apreciar a paisagem, assistir a eventos, espetáculos ao ar livre (Figura 120).

Também existe o local destinado aos jogadores de Damas e Xadrez, com mobiliário urbano próprio para tal atividade. Essa área fica próxima a um dos caminhos principais e é sombreado por árvores bem copadas, tornando o ambiente agradável para a prática dos jogos (Figura 121).

Figura 119 - Planta parcial da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Coronel Pedro Osório com a indicação do setor 4. Detalhe do setor 4 ampliado com indicação dos equipamentos urbanos presentes.

Figura 120 - Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Esplanada do Theatro Sete de Abril, localizada na Praça Coronel Pedro Osório.

Figura 121 - Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Mesas para jogos de Damas e Xadrez na Praça Coronel Pedro Osório.

Levantamentos dos usos dos prédios do entorno:

A fim de colaborar para a descrição do espaço visível da Praça Coronel Pedro Osório, foi elaborado um mapa (Figura 122), contendo o levantamento dos usos dos prédios do entorno dessa praça. Para a análise desses dados, foram considerados um total de 47 lotes, contendo prédios do entorno imediato da praça.

A partir do levantamento dos usos dos prédios do entorno da Praça Coronel Pedro Osório, pudemos observar que existe um número maior de edificações de uso do tipo serviço (12) e institucional (11) em relação aos demais tipos, como comercial (8), residencial (6) e misto (9).

Assim, através da identificação da quantidade de usos de cada tipo, mostrada na Tabela 4, e da espacialização desses dados no mapa de usos (Figura 122), observamos que, embora no entorno dessa praça a maioria de usos dos prédios sejam de serviço e institucionais, existem também muitos prédios de uso misto, sendo o pavimento térreo de uso comercial e o andar superior de uso residencial ou serviço.

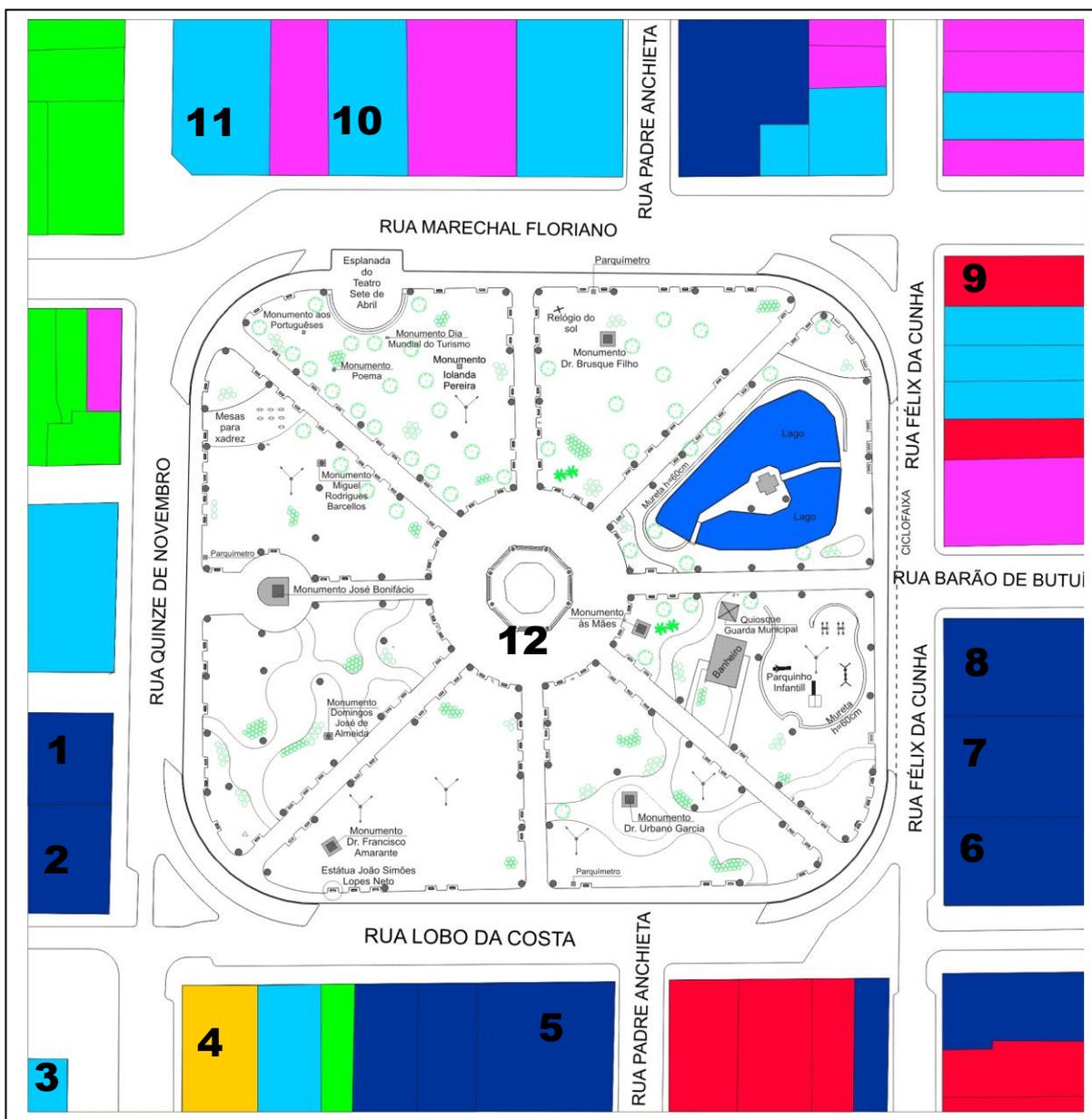
Tabela 4 - Identificação dos tipos de uso na Praça Coronel Pedro Osório.

TIPOS DE USOS	Nº de unidades	% em relação ao total de unidades*
Residencial - edificação residencial unifamiliar ou multifamiliar.	6	12,8%
Comercial - edificação destinada ao comércio de produtos. P. ex.: padaria, farmácia e outros.	8	17%
Serviço – edificação destinada a prestação de serviços à comunidade. P. ex.: consultórios, escritórios e outros.	12	25,5%
Institucional – edificação destinada a instalação de instituição pública ou privada. P. ex.: escola, hospital e outros.	11	23,4%
Religioso – edificação destinada a prática religiosa e/ou ligada a alguma religião. P. ex.: Igreja, Centro Espírita e outros.	0	0%
Misto – edificação que abriga mais de uma das classificações acima descritas.	9	19,1%
Sem uso definido – edificação que não tem um uso estabelecido.	1	2,1%

Fonte: Autora, 2020.

*OBS.: É relevante salientar que o somatório da porcentagem nessa tabela é 99,99%. Esse erro se deve ao arredondamento dado em relação ao total de unidades de tipos de usos diferente e essa diferença não vem a ser relevante para o presente trabalho.

Figura 122 - Mapa de Usos do Entorno da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021

O tipo de uso **“Sem uso definido”**, no caso dessa praça, ocorreu apenas em uma edificação que, nesse caso, estava em obras e, então, foi incluída dentro dessa categoria.

IDENTIFICAÇÃO DOS PRÉDIOS:

- 1 – Prédio da Biblioteca Pública Pelotense;
- 2 – Prédio da Prefeitura Municipal de Pelotas;
- 3 – Mercado Público;
- 4 - Prédio da Antiga Secretária de Finanças;
- 5 – Prédio do Grande Hotel;
- 6 – Casarão nº2;
- 7 – Casarão nº6;
- 8 – Casarão nº8;
- 9 – Prédio da “Casa de Pompas Fúnebres”;
- 10 – Teatro Sete de Abril;
- 11 – Prédio do Banco Itaú;
- 12 – Chafariz “Fonte das Nereidas”.

TIPOS DE USO

- Uso residencial
- Uso comercial
- Uso serviço
- Uso religioso
- Uso institucional
- Sem uso definido
- Uso misto

No entorno dessa praça, dentre os usos de serviço que mais se destacam, são o Teatro Sete de Abril e o Banco Itaú (Figura 123), que se encontram na mesma quadra e possuem prédios de grande destaque. Além desses, também existe o Prédio da Casa de Pompas Fúnebre e o Mercado Público (Figura 124).

Figura 123 – Fotografia de prédio do entorno da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Fotografia do Theatro Sete de Abril, localizado no entorno da Praça Coronel Pedro Osório.

Figura 124 - Fotografia de prédio do entorno da Praça Coronel Pedro Osório



Fonte: Autora, 2021

Fotografia do Mercado Público de Pelotas, localizado no entorno da Praça Coronel Pedro Osório.

Quanto aos usos institucionais, também existem vários prédios de destaque no entorno dessa praça, como, por exemplo, o prédio da Prefeitura Municipal, da Biblioteca Pública Pelotense (Figura 126) e os casarões 2, 6 e 8 (Figura 125), que abrigam a Secretaria Municipal de Cultura e o Museu do Doce.

Dentre os demais usos que se encontram no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, foi possível identificar que existe um certo equilíbrio quanto à quantidade de prédios de uso residencial (6), comercial (8) e misto (9) (Tabela 4). Quanto às residências no entorno dessa praça, foi identificado que são na maioria edifícios em altura, multifamiliares e linguagem arquitetônica, com características modernistas (Figura 127). Em relação aos imóveis considerados de uso misto, é relevante destacar

que são na maioria edifícios que abrigam no térreo uso comercial ou de serviço e na parte superior residências multifamiliares (Figura 128).

Figura 125 - Fotografia de prédio do entorno da Praça Coronel Pedro Osório



Fonte: Autora, 2021.

Casarões 2, 6 e 8 no entorno da Praça Coronel Pedro Osório.

Figura 126 - Fotografia de prédio do entorno da Praça Coronel Pedro Osório



Fonte: Autora, 2021.

Prefeitura Municipal e Biblioteca Pública Pelotense.

Dentre os prédios mencionados anteriormente, alguns são identificados no mapa de usos dos prédios do entorno da Praça Coronel Pedro Osório (Figura 122), através de numeração, colocada na legenda desse mapa. Esses prédios foram colocados em destaque no mapa em função de terem sido mencionados nas entrevistas como um dos motivos para os usuários estarem no ambiente da praça ou ainda motivos que explicam a praça ser patrimônio cultural (na opinião dos usuários). Esses motivos são tratados a seguir no decorrer do trabalho. Da mesma forma, alguns desses prédios também foram destacados como referenciais urbanos por esses mesmos usuários entrevistados.

Figura 127 - Fotografia de prédio do entorno da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Edifícios residenciais multifamiliares.

Figura 128 - Fotografia de prédio do entorno da Praça Coronel Pedro Osório



Fonte: Autora, 2021.

Edifícios multifamiliares de uso misto (comércio localizado no térreo).

Motivo de uso da praça:

A partir de entrevistas realizadas com 20 usuários da Praça Coronel Pedro Osório (dados organizados no apêndice H deste trabalho), foi possível identificar que esse grupo de pessoas utilizava o espaço dessa praça principalmente em função de atividades de lazer e descanso. Além disso, foi muito utilizada para encontros e momentos de espera entre uma atividade e outra desenvolvida pelos usuários. Por último, mas não menos importante, também foi utilizada em função de atividades específicas que ela proporciona, como é o caso da pracinha infantil e atividades físicas que as pessoas realizam no ambiente, como principalmente andar de bicicleta e roller.

Neste sentido, dos usuários entrevistados que estavam utilizando a praça em função de atividades de lazer e descanso, foi possível observar que eles utilizavam a praça apesar de, talvez, não ter sido seu motivo primeiro. Algumas das falas dos entrevistados que traduzem isso são: “[...] estou no meu horário de intervalo e vim aqui na praça descansar e fumar para depois voltar” (entrevistado 2); “Estou aqui

esperando minha filha enquanto ela foi fazer umas coisas ali no centro. Prefiro ficar aqui esperando para não caminhar demais” (entrevistado 5); *“Estou aqui descansando um pouco para depois ir no centro fazer umas compras e dar umas voltas”* (entrevistado 12); e outras. Nesse caso, observamos indícios de que a praça é muito utilizada para lazer e descanso, principalmente entre uma atividade e outra, o que evidencia, a princípio, que o aspecto locacional dessa praça também é muito importante para incrementar e garantir seu uso.

Outro motivo de uso dessa praça bastante destacado entre os entrevistados foi para promover encontro. Alguns entrevistados comentaram que simplesmente estavam ali em função de encontrar alguém. Por exemplo: *“[...] vim aqui encontrar com meu namorado para a gente se ver e conversar um pouquinho”* (entrevistado 1); *“Combinei com um amigo da gente se encontrar aqui. Estou aguardando”* (entrevistado 8); *“A gente está aqui conversando um pouco para depois ir para casa. É bom estar aqui porque é ao ar livre e temos contato com a natureza”* (entrevistado 13). Depois, outros entrevistados relataram que o principal motivo para estarem na praça seria em função de encontrar alguém, entretanto, foi possível observar, através de suas falas, que o aspecto locacional também, talvez, tenha influenciado na sua escolha de estar no ambiente dessa praça. Esses usuários comentaram: *“Minha amiga trabalha aqui perto, então marcamos de se encontrar aqui na praça para conversar um pouco”* (entrevistado 2); *“Nós trabalhamos aqui perto, então eu e minha amiga viemos aqui depois do almoço descansar um pouco para depois voltar para o trabalho”* (entrevistado 20).

Outro motivo que aparece bastante entre os entrevistados para justificarem estar no ambiente dessa praça é passear com os cachorros. Muitos deles comentaram que levam seus cachorrinhos para passear na praça: *“Moro aqui perto e costumo trazer meu cachorrinho aqui para passear”* (entrevistado 6). Outros, ainda, comentaram que trazem o cachorrinho para passear na praça e assim aproveitam para também caminhar, fazer algum tipo de atividade física ao ar livre: *“Eu moro aqui perto, então, todos os dias pego meu cachorro e venho aqui na praça para caminhar, fazer um exercício e ver os movimentos”* (entrevistado 15); *“Estou dando uma caminhada com meu cachorro, gosto de trazer ele aqui porque é bom para caminhar, tem grama, árvores [...]”* (entrevistado 19).

Também foi possível observar que alguns entrevistados comentaram que utilizavam a praça para passear com seu animal de estimação, entretanto, existem indícios de que outros aspectos, talvez, pudessem ser levados em consideração, como, por exemplo, o aspecto locacional, pois muitos entrevistados disseram que utilizavam essa praça para passear com o cachorro em função de morarem perto.

Além do aspecto locacional, também a questão da interação social pode ser levada em consideração quando o usuário diz que o motivo principal é o de passear com o cachorro, mas também gosta de ficar conversando com outras pessoas que estão realizando a mesma atividade. Nesse sentido, um desses entrevistados comentou: *“Eu gosto de trazer meu cachorro aqui para passear, é bonito e tem outras pessoas que trazem também, daí a gente fica conversando. Já nos conhecemos [...]”* (entrevistado 10).

Depois, outro motivo que aparece com menor intensidade entre os entrevistados como razão para estarem no ambiente dessa praça foi a prática de exercícios físicos. Um dos entrevistados, que estava de bicicleta, disse: *“Saí para andar de bike e agora parei aqui para descansar um pouco”* (entrevistado 17). Ainda acrescentou que costuma andar de bicicleta pela ciclofaixa da Rua Félix da Cunha e atravessar a praça, eventualmente, para descansar e tomar uma água.

A questão do trabalho remunerado também foi mencionada por um dos entrevistados como um dos motivos para estar na praça: *“Eu estou sempre aqui. Trabalho aqui na praça, sou auxiliar de parquímetro”* (entrevistado 11). Assim, com base nas entrevistas realizadas, o trabalho remunerado e a prática de exercícios físicos apareceram com menor intensidade entre o grupo de entrevistados como um dos motivos para estar no ambiente da praça.

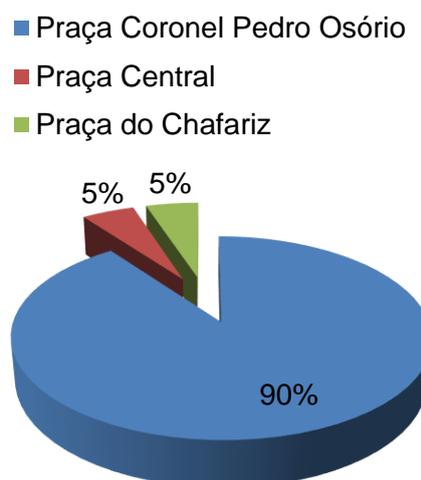
Identificação do nome da praça:

Conforme podemos observar, de acordo com o gráfico abaixo (Figura 129), do total de entrevistados, a maioria (18 pessoas ou 90%) sabia o nome da Praça Coronel Pedro Osório. Apenas uma minoria (2 pessoas ou 10%) não sabia o nome da praça e, então, identificou ela por outro nome. Desses respondentes que não sabiam o nome da praça (2 pessoas ou 10%), uma delas reconhece por “Praça do Chafariz” e a outra por “Praça Central”.

Assim, podemos concluir que o nome dessa praça é bem conhecido desse grupo de usuários que foi entrevistado. De todas as praças que fazem parte da

pesquisa, podemos dizer que essa é a que tem o nome mais reconhecido pelos entrevistados. Dessa forma, existem indícios que valem a pena ser investigados posteriormente em outro trabalho, de que o nome dessa praça seja o mais reconhecido pelos usuários das praças da cidade de Pelotas.

Figura 129 - Gráfico da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico com a identificação do nome pelo qual os usuários reconhecem a Praça Coronel Pedro Osório.

Os dados para elaboração dos gráficos acima (Figura 129) estão presentes no apêndice J desse trabalho.

Sendo assim, para o caso da Praça Coronel Pedro Osório, podemos dizer que as pessoas entrevistadas que frequentam a praça reconheceram e identificaram o local em função do nome dessa praça. Das praças estudadas do centro de Pelotas, foi possível identificar que essa parece ser a única delas onde isso acontece. As outras foram identificadas de várias outras formas, que não o nome correto. Por exemplo, a Praça José Bonifácio foi identificada como Praça da Catedral, a Praça Piratinino de Almeida como Praça da Caixa D'Água e a Praça Cipriano Barcelos foi reconhecida como Praça dos Enforcados. Já no caso da Praça Coronel Pedro Osório, ela foi reconhecida pelo seu próprio nome.

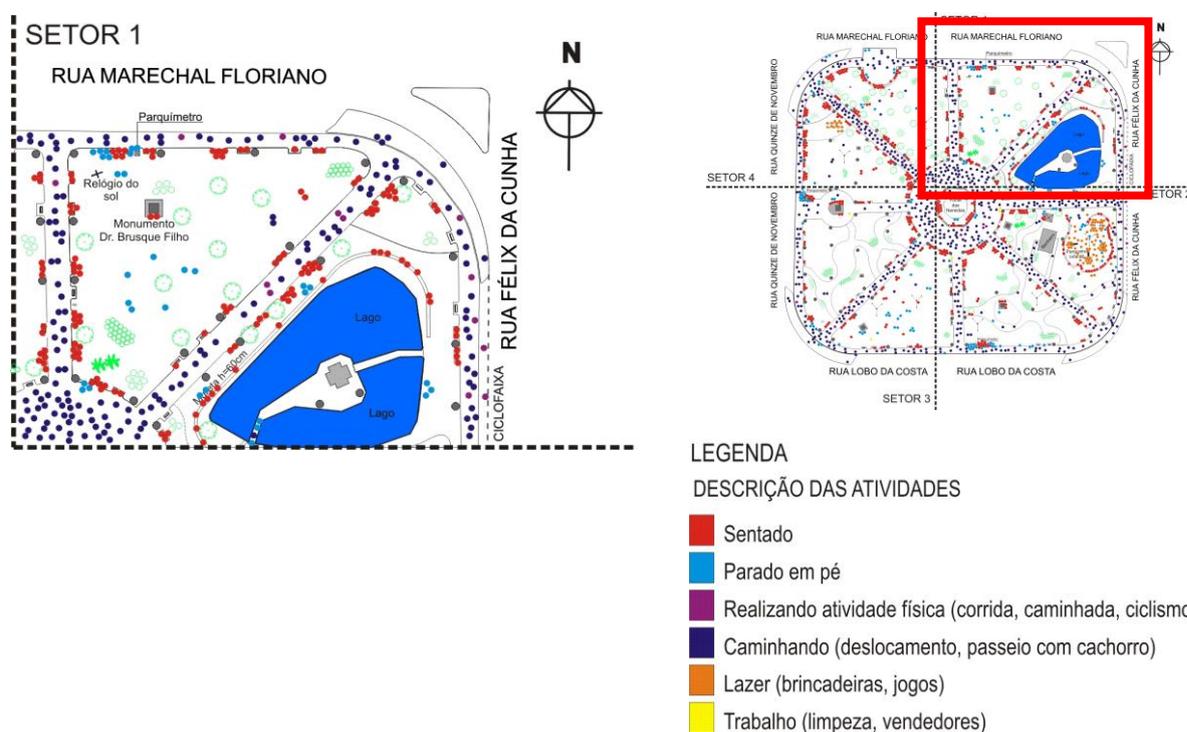
Isso talvez aconteça em função de ela ser uma das praças mais conhecidas da cidade. Além disso, a questão de os usuários saberem o nome da praça reforça a ideia de que ela realmente é um marco central da cidade, funcionando como um referencial em termos de localização no centro da cidade. Isso mostra indícios de que, embora os prédios e os elementos no interior da praça, como o chafariz e os monumentos, sejam importantes para valorizar e incrementar a atratividade desse

espaço urbano, no caso da Praça Coronel Pedro Osório, ela parece já possuir esse caráter de maior destaque em relação às demais praças da cidade.

O comportamento dos usuários na praça:

Para melhor identificar o comportamento dos usuários na Praça Coronel Pedro Osório, ela foi dividida em setores. Sendo assim, a seguir será apresentado cada um desses setores.

Figura 130 - Mapa Comportamental da Praça Coronel Pedro Osório



Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas). Editado pela autora, 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Coronel Pedro Osório, com a indicação do setor 1. Detalhe do setor 1 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

Foi possível observar, de acordo com o mapa comportamental realizado nesse setor da praça Coronel Pedro Osório, que existia uma grande concentração de pessoas circulando pelos caminhos, ou seja, estavam realizando algum tipo de deslocamento (Figura 130). Sobre esse deslocamento, a princípio, não havia a predominância de um maior número de pessoas circulando por um dos caminhos em relação a outro. Entretanto, foi possível notar que no interior da praça, onde se localiza o chafariz, existia uma predominância de pessoas circulando em relação aos

caminhos que convergem para esse centro da praça. Ainda foi possível destacar uma tendência dos usuários em circular predominantemente pelos caminhos estabelecidos e pavimentados e não pela grama, cruzando caminhos e encurtando distâncias.

Nesse sentido, o mapa comportamental desse setor mostra que os usuários, que se encontravam na grama (canteiros entre os caminhos que convergem para o centro da praça), estavam na maioria parados em pé e alguns sentados no gramado. Segundo essas observações de comportamento e entrevistas realizadas no local (identificando os motivos de uso dessa praça), esse comportamento foi adotado, predominantemente, por aqueles que estavam passeando com o cachorro e/ou conversando com outras pessoas (Figura 131).

Também foi possível observar, através do mapa comportamental, a presença de usuários parados em pé, junto ao lago, apreciando a paisagem e /ou em companhia de outras pessoas, próximo de algum banco, provavelmente realizando algum tipo de interação social (Figura 132). Por último, pessoas paradas em pé também foram encontradas, nas proximidades do parquímetro. Essas pessoas, na maioria, estavam realizando o pagamento do estacionamento rotativo e/ou aguardando a vez de realizar tal pagamento.

Figura 131 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório



Fonte: Autora, 2021.

Usuários sentados na grama (Praça Coronel Pedro Osório).

Figura 132 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório



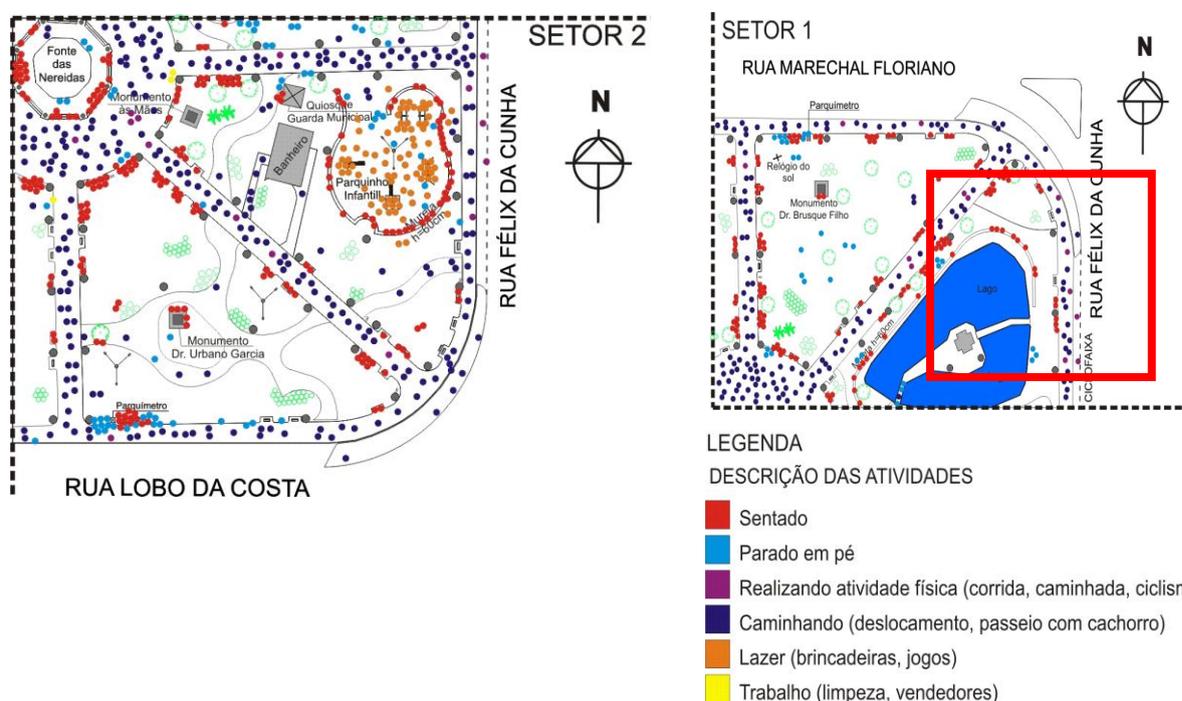
Fonte: Autora, 2021.

Usuários sentados na grama (Praça Coronel Pedro Osório).

Quanto à preferência em relação ao local para sentar-se, podemos notar, através do mapa comportamental (Figura 130), que parece existir uma tendência dos usuários se sentarem em locais que tenham algum tipo de atrativo, como, por exemplo, nas proximidades do lago, e também nos caminhos que convergem para o centro da praça, onde existem pessoas circulando. Da mesma forma, havia muitas pessoas que preferiam sentar-se no interior da praça, onde existe a presença do chafariz. Outras preferiam sentar-se nos bancos mais externos da praça voltados para as ruas laterais (Marechal Floriano e Félix da Cunha), onde podiam apreciar tanto o movimento de pedestres nas calçadas quanto os carros nas ruas.

Por último, nesse setor, foi possível observar pessoas praticando algum tipo de atividade física, como, por exemplo, correr, andar de skate, roller e bicicleta. No caso da bicicleta e do skate, os usuários andavam nos caminhos que convergem para o interior da praça, nas calçadas externas, e, também, na ciclofaixa. Já a prática do roller e da corrida foi observada, principalmente, nas calçadas externas.

Figura 133 - Mapa Comportamental da Praça Coronel Pedro Osório.

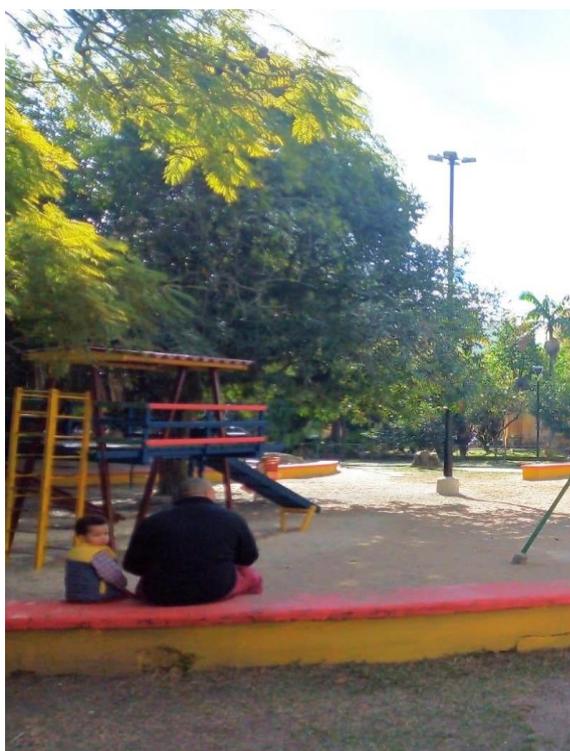


Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Coronel Pedro Osório, com a indicação do setor 2. Detalhe do setor 2 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

Nesse setor, existe a presença da pracinha infantil, que favorece diversos tipos de comportamentos observados a partir do mapa comportamental (Figura 133). Assim, observamos muitas crianças brincando no entorno dos equipamentos infantis, como: balanço, escorregador, gangorra e a casinha, que possui diversos equipamentos acoplados (escorregador, gangorra e balanço, além de escada com a parte de cima coberta). Ao redor desses equipamentos existe uma mureta, como já foi descrito anteriormente (na descrição física do ambiente), que é muito utilizada como assento. Ela parece oferecer dupla função, pois além de servir de banco, favorecendo aos cuidadores (pais, mães, tios e outros) visualizar as crianças enquanto brincam, também serve de barreira física para evitar que as crianças fiquem dispersas na praça ou acessem a Rua Félix da Cunha, onde existe o fluxo de carros (Figura 134).

Figura 134 – Fotografia dos usuários da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Usuários utilizando a mureta da pracinha infantil como assento.

Figura 135 – Fotografia do usuário da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Usuário sentado na Praça Coronel Pedro Osório.

Também, nesse setor, está localizada a construção do banheiro público masculino e feminino. Foi possível observar, através do mapa comportamental, que o

banheiro masculino é muito mais frequentado que o banheiro feminino, pois vemos que no acesso a esse local existe muito mais trânsito que no outro acesso (banheiro feminino).

Quanto ao deslocamento de pessoas, pudemos observar que todos os caminhos principais, os quais são pavimentados e convergem para o centro da praça, foram densamente utilizados. Da mesma forma, a circulação de usuários no entorno do chafariz também foi muito utilizada, com trânsito praticamente constante. Nesse setor, é difícil dizer quais caminhos são menos utilizados, no entanto, se tivermos um olhar muito atento, podemos dizer que a calçada externa da Rua Lobo da Costa e a circulação vertical, em direção ao norte, que dá acesso ao interior da praça, foram os caminhos menos utilizados pelos usuários que estavam em deslocamento nesse setor. Vale ressaltar que os caminhos secundários, curvilíneos, que ligam um caminho principal a outro, também foram pouco utilizados pelos usuários que estavam caminhando.

Nesse setor 2 não aparece a presença do lago, entretanto, foi possível observar, através do mapa geral (Figura 105), que esse lago está no limite entre o setor 1 e 2. Sendo assim, bem ao norte do setor 2, junto a linha divisória com o setor 1, havia a presença de usuários parados em pé. Esse tipo de comportamento foi observado em função da presença do lago (setor 1), onde as pessoas estavam paradas, apreciando a paisagem, olhando os animais e interagindo socialmente. Também existe nesse local a ponte que cruza o lago, onde os usuários paravam para ter a experiência de subir, descer e tirar fotos.

Depois, outro local nesse setor onde existiam pessoas paradas em pé é no parquinho infantil. Nesse local, muitos ficam parados em pé cuidando ou brincando com suas crianças. Também havia pessoas paradas em pé nas proximidades do chafariz, onde ficam apreciando a paisagem, tirando fotos ou interagindo socialmente com outros usuários (Figura 136). Muitos usuários também ficavam em pé no entorno do parquímetro, pois, assim como no setor 1, onde também existe esse equipamento, o mapa comportamental mostra que existe uma concentração de pessoas fazendo o pagamento do estacionamento ou aguardando sua vez para tal.

Quanto aos usuários sentados, pudemos observar, através do mapa comportamental, que nesse setor havia maior concentração de pessoas sentadas na parte mais central da praça (Figura 135). Isso, talvez, seja pela presença do chafariz,

que acaba por ser um grande atrativo ou simplesmente pelo grande número de usuários circulando, o que também passa a ser um forte atrativo para sentar e observar esse fluxo de pessoas. É interessante ressaltar que nessa parte central, a ocupação das pessoas sentadas se dá nos bancos que existem no entorno do largo do chafariz, mas existe também uma forte tendência dos usuários se sentarem nas escadarias que circundam o chafariz (Figura 137).

Figura 136 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Usuários parados em pé, no entorno do chafariz.

Figura 137 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

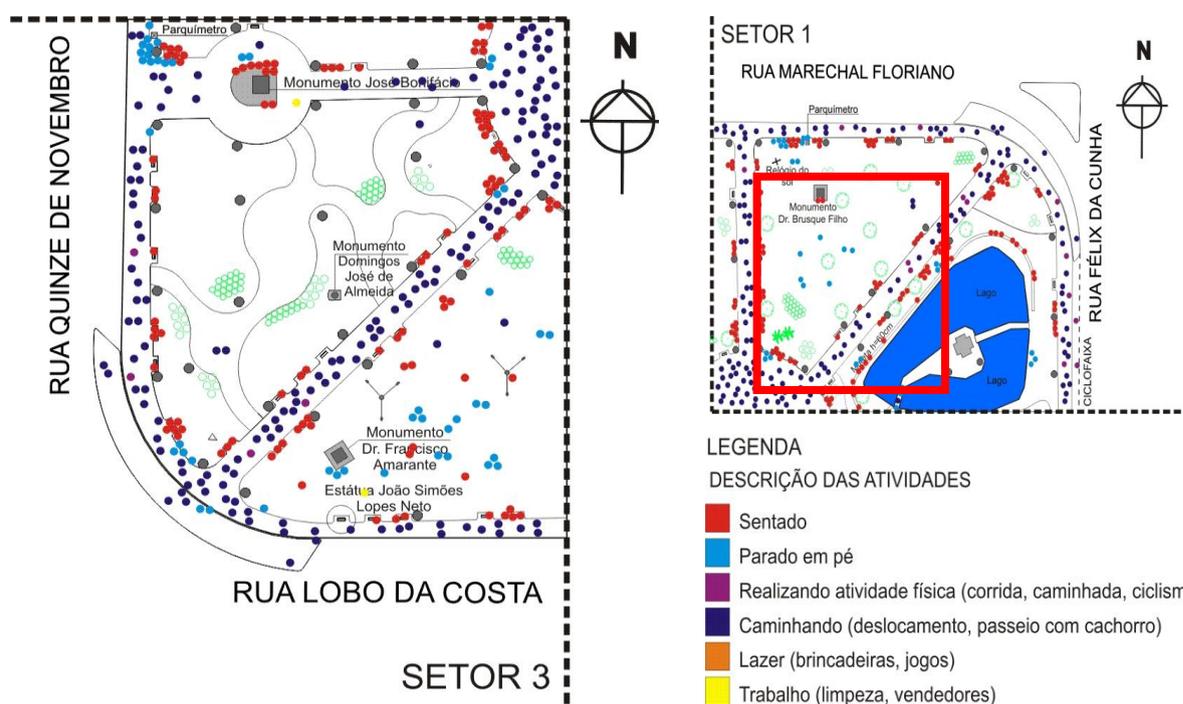
Usuários sentados nas escadarias do chafariz

Foi possível visualizar, também, nesse mapa comportamental, que os usuários que estavam praticando alguma atividade física nesse setor, estavam dispersos ao longo dos caminhos principais da praça, sendo na maioria ciclistas. Alguns, no entanto, estavam circulando pela ciclofaixa e não no interior da praça.

Por fim, quanto aos trabalhadores, existem nessa praça, os denominados auxiliares de parquímetro (antigos guardadores de carros), que ficam localizados um em cada parquímetro dessa praça e que estão no mapa comportamental incluídos

como “pessoas paradas”, uma vez que é difícil identificá-los por não possuírem identificação para sua função. Além desses trabalhadores, existem alguns que fazem a limpeza da praça e estão dispersos na representação do mapa comportamental. Por último, nesse setor, próximo ao parquinho infantil, está o fotógrafo, Seu Edgar²⁰ dos cavalinhos, que está sempre no mesmo local e trabalha há mais de 40 anos nessa praça.

Figura 138 - Mapa Comportamental da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Coronel Pedro Osório, com a indicação do setor 3. Detalhe do setor 3 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

No setor 3 da Praça Coronel Pedro Osório, observamos, novamente, como nos setores anteriores, uma grande quantidade de pessoas em deslocamento pelos principais caminhos pavimentados da praça que convergem para o centro, onde está

²⁰ Seu Edgar, fotógrafo conhecido da cidade de Pelotas, pois está sempre na praça e suas fotos nos tradicionais cavalinhos atravessam gerações.

Fonte: <http://ecult.com.br/geral/um-olhar-sob-as-lentes-do-seu-edgar-que-atraversa-geracoes-em-pelotas>

o chafariz (Figura 138). Poucas pessoas circulavam pelos caminhos secundários, que ligam um caminho principal ao outro. Poucas também cruzavam caminho, passando por cima da grama. A maioria das pessoas que estava na grama permanecia parada, conversando ou observando os cães brincarem.

É relevante salientar que o canteiro do setor 3, abaixo e a direita, parece ser um pouco diferente dos demais, pois, conforme mapa comportamental, pudemos observar que era o local de preferência daquelas pessoas que levavam seus cães para passear nessa praça. Assim, foi possível encontrar essas pessoas paradas em pé, sendo que muitas delas já se conheciam e ficavam conversando e trocando experiência sobre os cães (Figura 139). Nesse mesmo local, também, muitas pessoas gostam de ficar sentadas na grama pegando um sol, tomando chimarrão e conversando, inclusive algumas levavam toalhas para sentar no chão.

Figura 139 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Usuários levando seus cães para passear.

Figura 140 - Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



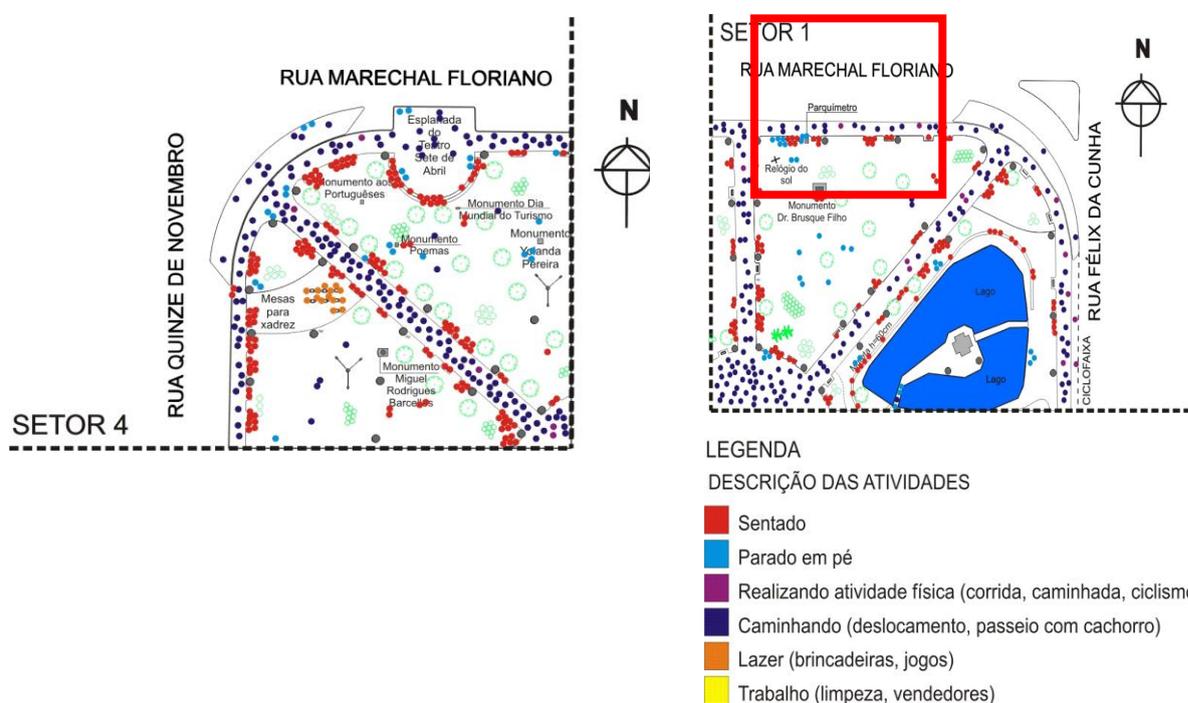
Fonte: Autora, 2021.

Usuários andando de roller.

Quanto às pessoas sentadas, os bancos, como no mapa comportamental dos outros setores, aparecem praticamente todos ocupados, com uma maior concentração de pessoas no centro da praça, onde fica o chafariz. Além dos bancos, no setor 3 dessa praça, as pessoas costumam sentar também no chão, como já foi comentado anteriormente, e, além desses locais, também observamos pessoas que se sentam nos monumentos. O monumento em homenagem a José Bonifácio é um dos preferidos para servir de assento, além também do monumento ao Dr. Urbano Garcia (localizado no setor 2 dessa praça) e o monumento ao Dr. Brusque Filho (localizado no setor 1 dessa praça).

A prática de atividades físicas, nesse setor, foi observada, através do mapa comportamental de maneira dispersa, ou seja, não estava localizada em um ponto específico da praça. Existiam usuários andando de bicicleta, skate e roller pelos caminhos principais e nas calçadas externas (Figura 140).

Figura 141- Mapa Comportamental da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Projeto elaborado pela arquiteta Fernanda Monteiro no ano de 2013 para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Planta atualizada e editada pela autora em 2020.

Imagem mostrando uma planta geral da Praça Coronel Pedro Osório, com a indicação do setor 4. Detalhe do setor 4 ampliado com indicação da descrição das atividades na legenda.

No setor 4 da praça Coronel Pedro Osório foi observado, através do mapa comportamental (Figura 141), que praticamente todos os bancos estavam ocupados pelos usuários. Parece existir uma tendência de os usuários preferirem os bancos ao longo do caminho principal que leva ao centro da praça. Muitos usuários também estavam ocupando os bancos posicionados na calçada externa voltada para a Rua Quinze de Novembro. Outro lugar bastante utilizado para sentar foi a “Esplanada do Teatro Sete de Abril” (Figura 143), voltada para a Rua Marechal Floriano, em frente ao Teatro Sete de Abril. Nesse setor, também, existe a presença das mesas para jogos de dama e xadrez, onde no mapa comportamental aparecem muitos usuários sentados, utilizando o espaço.

Quando aos usuários em deslocamento, esse setor apresentou um fluxo intenso de pessoas se movimentando de um ponto a outro do espaço. Esse movimento se dava, como nos demais setores já mencionados, principalmente pelos caminhos principais. Poucas pessoas cortavam caminho pela grama ou utilizavam caminhos secundários para o deslocamento. Vale destacar que a quantidade de pessoas caminhando é bastante uniforme entre todos os caminhos principais desse setor, logo, é difícil perceber qual deles apresenta maior movimento de pessoas.

As pessoas paradas em pé estavam dispostas ao longo de vários pontos, observados no mapa comportamental, não apresentando nenhuma tendência de concentração em algum lugar específico. É possível notar que algumas ficavam no gramado, outras nas calçadas externas e outras, ainda, próximas dos bancos.

A prática de atividade física também foi vista nesse setor de maneira dispersa, pois ao longo dos caminhos observamos algum usuário correndo, andando de bicicleta, skate ou roller, conforme já foi descrito em outros setores dessa mesma praça (Figura 142).

Figura 142 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Usuários andando de skate.

Figura 143 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Usuários sentados na esplanada do Theatro Sete de Abril.

Assim, com base nas observações realizadas e descritas anteriormente, podemos concluir que as atividades com maior predominância, identificadas nessa praça, foram aquelas do tipo transitórias. Caracterizadas, principalmente, pelo comportamento daquelas pessoas que estavam em deslocamento, caminhando através do espaço, ou seja, deslocando-se de um ponto a outro.

Em relação a esse deslocamento, é importante destacar que, conforme o mapa comportamental, foi possível observar que esse comportamento parece se dar principalmente em função de pessoas que cruzavam a praça, talvez como uma maneira de encurtar a distância do caminho que devem percorrer. Assim, o fluxo maior de usuários tende a vir da direção noroeste, cruzamento da Rua Marechal Floriano com a Rua Quinze de Novembro, no sentido sudeste, cruzamento da Rua Lobo da Costa com a Rua Félix da Cunha e vice-versa, sempre passando pelo centro da praça, ou seja, pelo chafariz.

Nesse sentido, notamos que esse trajeto de maior fluxo na praça parece ser daquelas pessoas que estavam cruzando a praça no sentido de diminuir a distância

percorrida entre um ponto e outro, que possivelmente pode ser o centro da cidade e a região sul de Pelotas. Dessa maneira, seria uma tendência natural encurtar o caminho e chegar mais rápido ao objetivo final.

Também havia uma grande quantidade de pessoas exercendo atividades contemplativas, como, por exemplo, aquelas que utilizavam os bancos para sentar-se, apreciar a paisagem, conversar com amigos e/ou esperar por algo ou alguém. Vale destacar que, em função do mapa comportamental, existem indícios de que a preferência para realizar esse tipo de atividade contemplativa é normalmente onde tenha algum tipo de atrativo. No caso dessa praça, podemos citar a parte central dela, onde está o chafariz (Fonte das Nereidas), os caminhos principais em direção ao centro e as calçadas externas, onde existe grande quantidade de pessoas circulando, a região próxima ao lago e a pracinha infantil.

Quanto às atividades de lazer, foi observado, em diversos pontos dessa praça, pessoas realizando esse tipo de atividade, mas foi verificada uma tendência de concentração dessas atividades principalmente na pracinha infantil, onde as crianças estavam brincando nos equipamentos e correndo ao redor deles e os adultos, muitas vezes, conversando e tomando chimarrão. Outro local onde muitas pessoas estavam realizando atividades de lazer é no local destinado aos jogos de tabuleiros (dama e xadrez).

A atividade remunerada foi pouco observada nessa praça, sendo relacionada principalmente aos auxiliares de parquímetro (ou guardadores de carros). Depois, existe o Seu Edgar, fotógrafo com os cavalinhos, que se localiza próximo a pracinha infantil, e, por último, alguns vendedores de pipoca e algodão doce que eventualmente aparecem por lá. Por último, também existem os trabalhadores que fazem a manutenção dos jardins e ficam dispersos em vários locais dessa praça.

Quanto a prática de atividade físicas foi possível concluir que, de todas as praças estudadas, na Praça Coronel Pedro Osório é onde existia uma maior concentração de pessoas realizando esse tipo de atividade. Além disso, nela foi possível encontrar pessoas realizando diversas atividades físicas diferenciadas. Por exemplo, a prática mais comum de ser encontrada foi pessoas andando de bicicleta. Talvez, a maioria das pessoas simplesmente cruze a praça de bicicleta, como parte do seu percurso de um ponto a outro da cidade, porém, alguns pareciam utilizar a bicicleta como meio de transporte para ir até a praça, como que realizando um

passeio. Foi possível perceber, também, que algumas pessoas realmente utilizavam a praça como local para a prática de exercício, como era o caso de algumas pessoas que andavam de roller. Essas pessoas utilizavam roupas apropriadas ao esporte e davam várias voltas no entorno da praça, como parte de um circuito. Depois, havia um outro grupo de pessoas que foi até a praça para andar de skate. Sobre esse grupo, é difícil dizer se seria um tipo de atividade física ou lazer, pois eles andavam por diversos lugares da praça, sentavam-se, conversavam e pareciam se divertir bastante, interagindo entre si.

4.1.2 Retorno ao passado: permanências e rupturas

Esta parte do capítulo 4 é destinada a apresentar e identificar as diferentes permanências e rupturas ocorridas nos espaços urbanos de cada uma das praças estudadas ao longo do tempo. Dessa maneira, procura-se descrever a complexidade vertical, conforme Lefebvre.

Assim, a partir da descrição da atualidade, busca-se no passado a reminiscência da pertinente ocorrência. Através desse exercício, de ida e volta ao passado, é possível perceber o processo de formação desses espaços, suas permanências e rupturas, até os dias atuais.

Através desse exercício, é possível perceber que as praças do centro de Pelotas foram fruto de um lento e progressivo processo de desenvolvimento da cidade, que iniciou com a criação do primeiro loteamento da cidade, quando foi estabelecida a primeira praça (José Bonifácio), seguindo até o presente com as constantes e pertinentes modificações realizadas em cada uma das praças.

Rocha (2000), que estudou as preexistências das praças gaúchas, diz que historicamente podemos classificar essas praças em três períodos distintos, relativos ao seu uso: como logradouro público, como espaço de lazer e contemplação e como espaço de passagem.

As praças como logradouro público dizem respeito àqueles espaços na cidade caracterizados por ser um vazio urbano, local para descanso dos viajantes e seus animais, um lugar público delimitado apenas pelos prédios que o circundam (ROCHA, 2000, p. 43).

Teve várias utilizações ao longo das épocas, desde a horta ou quintal até a oficina, garagem ou anexo [...] o logradouro vai oferecendo solo às modificações e intensificações de usos acolhendo numerosas

atividades que não encontram outro lugar na cidade. (LAMAS, 1960 p. 98 in: ROCHA, 2000, p. 43).

Como exemplo, podemos citar que, originalmente, enquadra-se nesse caso a Praça Piratinino de Almeida. Ela foi construída num terreno adquirido em 1878 pela Santa Casa de Misericórdia, cuja fundação data de 1847. Inicialmente, a praça era um terreno vazio destinado à comercialização do gado dirigido às salgadas, charqueadas, localizadas às margens do Arroio Pelotas, e por esse motivo a praça era chamada de praça da Cavalhada (GUTIERREZ, 2004).

As residências que circundavam essas praças, naquele período, seguiam as tradições urbanas de Portugal, conforme determinações estabelecidas no decreto Real de 1747, onde as residências deveriam ser construídas sobre o alinhamento das vias públicas e as paredes laterais sobre os limites dos terrenos (REIS FILHO, 1995, p. 22 In: ROCHA, 2000, p. 42). Essas características são possíveis de observar, principalmente, nas Praças José Bonifácio, figura 147, e na Praça Coronel Pedro Osório, figura 152, sendo relevante salientar, inclusive, que essas características foram mantidas e permanecem até os dias atuais.

Outro aspecto destacado por Rocha (2000, p. 43), sobre esse período das praças gaúchas, é a existência de pelourinhos nesses ambientes, geralmente localizados nos centros das praças daquelas cidades com maior concentração populacional e de renda, como é o caso de Pelotas, onde existiam muitos escravos, principalmente, em função das charqueadas (negros escravos eram os trabalhadores das charqueadas). Dentre as praças estudadas nesta pesquisa, Gutierrez (2004) descreve que, originalmente, a Praça Coronel Pedro Osório, logo após ter sido criada, foi um espaço que abrigou um pelourinho no seu interior para a prática de castigo físico aos escravos fugitivos.

Um segundo período histórico das praças no Rio Grande do Sul, segundo Rocha (2000), diz respeito às praças como locais de lazer e contemplação, já no final do século XIX, quando esses espaços passaram a ser locais onde as pessoas passeavam, com o objetivo de verem e serem vistas. Esse tipo de comportamento é estimulado em função da transição do trabalho escravo para o assalariado, aumentando o poder aquisitivo da população e proporcionando momentos de lazer e descanso.

Assim, as praças passam a ter um melhor tratamento em termos de pavimentação e uma preocupação maior quanto ao desenho dos caminhos internos.

Também, nessa época, as praças passam a ter no seu interior chafarizes, estátuas, vegetação exótica, entre outros elementos que replicam aqui no sul do país características do renascimento e barroco europeu (ROCHA, 2000).

Tanto na Praça Coronel Pedro Osório quanto na Piratinino de Almeida e na Cipriano Barcelos, podemos observar uma geometrização dos caminhos internos, com caminhos radiais, formando um espaço central onde existe um elemento de destaque (Chafariz das Nereidas, Caixa D'Água de Ferro e Chafariz dos Cupidos), características que permanecem até os dias atuais.

Outra observação realizada por Rocha (2000), que data desse segundo tempo relativo ao uso das praças, é quando os prédios do entorno sofrem gradativamente reformas e outros são construídos, adotando características do estilo arquitetônico denominado “ecletismo”²¹. Alguns desses prédios podem ser observados nos dias atuais e são, dentre outros motivos, o que justifica (segundo os respondentes desta pesquisa) a patrimonialização de praças, principalmente no caso da Coronel Pedro Osório, que possui um conjunto de casarões do século XIX. Além do Ecletismo, também características trazidas do Romantismo²² (pitoresco) foram utilizadas nessa época e podem ser apreciadas na Praça Coronel Pedro Osório ainda hoje em dia na área do lago, como a “Casa do Lago” e a “ponte de acesso à Casa do Lago”.

Também, o fechamento das praças com elementos decorativos a fim de proteger o ambiente do acesso de animais soltos no entorno foi uma prática comum nesse período em algumas praças do Rio Grande do Sul (ROCHA, 2000, p. 48). Esse fechamento foi realizado na Praça Coronel Pedro Osório e, através dessa prática, é possível notar uma preocupação no sentido de existir um espaço de lazer para a classe dominante da sociedade, ideias de salubridade importadas da Europa. Posteriormente, esse muro foi retirado.

O terceiro e último tempo identificado por Rocha (2000) no processo de evolução das praças gaúchas diz respeito a um período de progressiva industrialização, que separa em termos locais o trabalho e a residência, gerando

²¹ Ecletismo diz respeito a um estilo de arquitetura que mistura livremente estilos históricos diversos com o propósito de combinar as virtudes de diferentes fontes ou ampliar o conteúdo alusivo, particularmente durante a segunda metade do século XIX na Europa e nos EUA. (In: CHING, 1999, p. 146, apud, ROCHA, 2000, p. 46).

²² Romantismo diz respeito a um estilo de arquitetura que remete a uma atitude espiritual, própria dos alemães na segunda metade do século XIX, que contrapõe às regras do racionalismo Neoclássico, uma exaltação, com frequência visionária, da natureza e do sentimento (In: KOCH, 1998, p. 207, apud ROCHA, 2000, p. 48).

um crescimento das zonas periféricas das cidades. Nesse sentido, em cidades de grande e médio porte, como é o caso de Pelotas, as praças centrais passam a ser locais de passagem, em função da substituição de usos dos prédios do entorno das praças para usos comerciais e de serviços. Essa transição de usos abarca, também, uma reconstrução dos edifícios, modificando muitos prédios em estilo arquitetônico eclético para prédios com elementos modernistas²³ (ROCHA, 2000).

Novamente, na Praça Coronel Pedro Osório podemos observar muitos edifícios em altura, em meados do século XX, que modificam a horizontalidade existente até então nesse ambiente. Além dessa praça, também outras, como a José Bonifácio, Piratinino de Almeida e a Cipriano Barcelos, sofreram essas modificações em termos de volumetria e usos ao longo desse período.

A seguir, trata-se a respeito das permanências e rupturas identificadas individualmente, ou seja, de cada uma das praças. Por fim, foi elaborada uma conclusão geral, mostrando os principais pontos, de como elas mudaram ou não mudaram sua aparência, atividades realizadas no local e/ou relações sociais praticadas no espaço, ao longo dos anos.

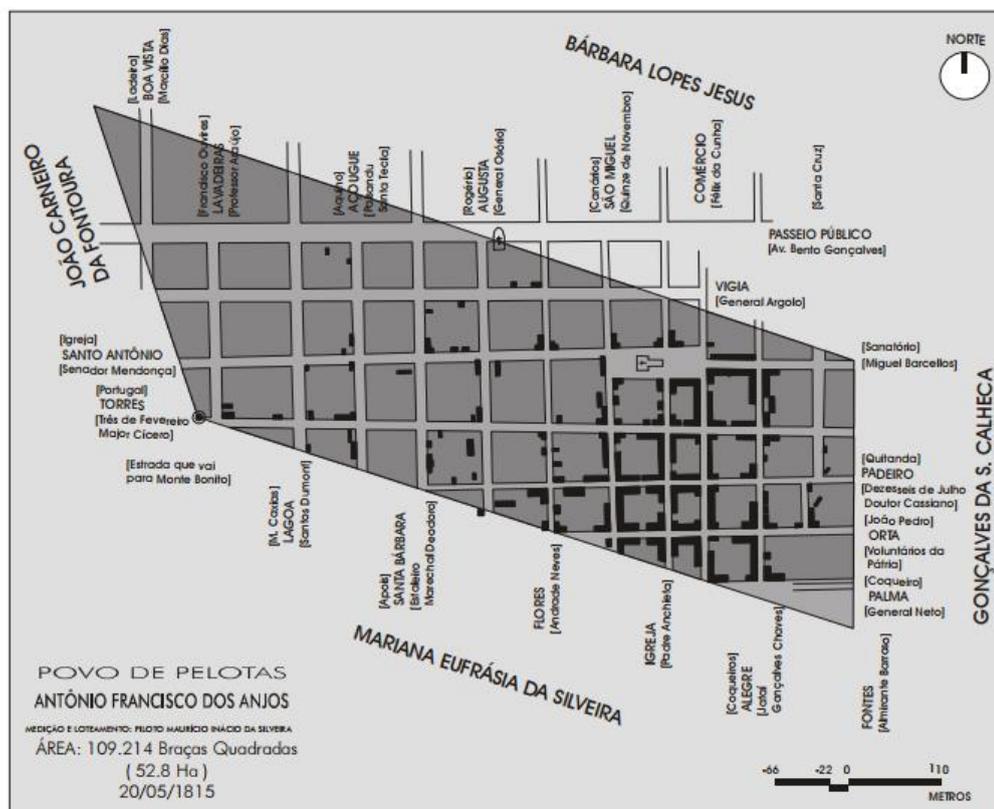
4.1.2.1 Praça José Bonifácio

Na planta do primeiro loteamento da cidade de Pelotas (Figura 144), já se localizava dentro da malha urbana proposta a localização da Igreja Matriz, juntamente com a praça na qual ela está inserida.

Desse modo, é observado nessa planta, e na Figura 145, embora sem data estabelecida, que a visual a partir da atual Rua Miguel Barcellos foi pensada de forma a criar uma perspectiva, dando destaque a essa Igreja e ao ambiente no entorno dela. Assim, essa rua direciona a vista do observador para a Praça José Bonifácio e ao fundo está a fachada da Catedral São Francisco de Paula com a porta principal bem no eixo dessa perspectiva.

²³ Elementos modernistas, neste trabalho, são caracterizados como aqueles elementos presentes nos edifícios com características inspiradas na arquitetura moderna, presentes no entorno da Praça Coronel Pedro Osório. Por exemplo, edifícios em altura sobre pilotis com janelas em fita.

Figura 144 - Planta do 1º loteamento da cidade de Pelotas.



Fonte: GUTIERREZ, 2001, p. 36.

Ainda sobre essa planta do primeiro loteamento da cidade de Pelotas (Figura 144), é observado que a praça projetada (atual José Bonifácio) possui dimensões, de certa maneira, reduzidas em relação ao conjunto geral do loteamento. Dessa forma, a praça acaba criando uma centralidade mais simbólica do que física, característica que parece permanecer até os dias atuais.

Atualmente, como se pode observar pela Figura 146, essa perspectiva não se alterou de forma a perder esse princípio estabelecido desde o projeto do primeiro loteamento. Esse eixo visual formado pela atual Rua Miguel Barcellos, Praça José Bonifácio e a fachada da Igreja São Francisco de Paula, continua sendo uma perspectiva marcante na paisagem da cidade. Algumas características se alteraram, como, por exemplo, os prédios do entorno e, principalmente, a vegetação da praça, que com o crescimento das árvores acabou obstruindo a visual por inteiro da fachada da Catedral, entretanto, a ideia inicial do projeto permanece.

Figura 145 - Fotografia antiga a partir da Rua Miguel Barcelos.



Fonte: <https://www.facebook.com/preteritaurbe/photos/a.473508669328811/1071944092818596>
acessado em 20/08/2020

Permanências do atual Colégio Monsenhor Queiroz, ao fundo a Catedral São Francisco de Paula, com o antigo chafariz que foi retirado. Fotografia sem data definida.

Figura 146 - Fotografia atual a partir da Rua Miguel Barcellos.



Fonte: Google Maps, acessado em 09/09/2020.

Uma mudança significativa nessa praça, que pode ser identificada como uma ruptura, foi a transferência do cemitério, implantado nesse local durante alguns anos para outro local. Sobre isso, Alberto Coelho da Cunha²⁴ comenta: “À frente da igreja se alargava um vasto terreiro, reservado a servir de pequena praça de povoação; aos seus fundos ficava outro terreiro destinado a servir de cemitério” (GUTIERREZ, 2001). Assim, esse cemitério, na Praça da Matriz, voltado para a atual Rua XV de Novembro, foi estabelecido por um período temporário. Segundo Gutierrez (2001), ele esteve em funcionamento de 1820 até 1825, quando foram construídas algumas catacumbas, que mais tarde foram demolidas com a transferência do cemitério para outro local da cidade.

Essa modificação na praça se torna relevante e, por isso, se caracteriza como uma ruptura, na medida em que a permanência do cemitério teria uma influência no uso do espaço e nas relações sociais que ocorrem atualmente nessa praça. Ou seja, partindo da atualidade, é observado que com a transferência do cemitério para outro local, tanto o espaço físico quanto o comportamento e as relações sociais que ocorriam na praça foram modificados.

Outra ruptura observada na Praça José Bonifácio, além do cemitério, diz respeito ao chafariz colocado nesse espaço. Xavier (2006) conta que, em 1873, a Companhia Hidráulica Pelotense instalou, na Praça em frente à Igreja Matriz, um chafariz com torneiras e candelabros para o serviço de venda de água durante o dia e a noite (Figura 147). Esse serviço era de muita utilidade para a população da época, já que não existia água encanada (XAVIER, 2006). Posteriormente, em 1916, a Praça foi ajardinada e o chafariz retirado. Ainda hoje essa praça permanece sem chafariz e no seu local foi localizado o busto em bronze de José Bonifácio, obra do artista Pelotense Antônio Caringi.

²⁴ CUNHA, Alberto Coelho da. Antigualhas de Pelotas. A Opinião Pública, Pelotas, 26/06/1928 a 20/12/1928, s.p. In: GUTIERREZ, Ester, J. B., A Cidade e os Valores Histórico e Artístico: Pelotas, 1815-1888, Pelotas, 2001.

Figura 147- Fotografia da Praça José Bonifácio.



Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas, volume1, 2012. In: https://issuu.com/andriemarchese/docs/almanaque_do_bicenten_rio_de_pelot acessado em: 17/07/2021.

Fotografia da Catedral, ainda com o chafariz em frente.

Também, a questão da interrupção da rua Padre Anchieta na quadra correspondente à Praça José Bonifácio, criando um largo em frente à porta da Catedral, é outro aspecto que acaba gerando uma ruptura, tanto em relação aos aspectos formais da praça (nivelamento da rua com a altura da calçada) quanto aos aspectos comportamentais estabelecidos ali. A partir desse momento, com a criação desse largo, os usuários têm mais espaço para interagir socialmente, principalmente na entrada e saída das missas e cerimônias religiosas, como casamentos, batizados, primeira eucaristia e outros, quando as pessoas se encontram para tirar fotos e receber cumprimentos. Esse tipo de comportamento permanece até os dias atuais, conforme foi possível notar nas observações de comportamento realizadas no local.

4.2.1.2 Praça Piratinino de Almeida

Atualmente, a Praça Piratinino de Almeida ainda comporta em seu interior a Caixa D'Água em ferro importada da Escócia em 1835. Sua instalação foi um marco tanto para a cidade de Pelotas, que inaugurou seu primeiro sistema de abastecimento

de água, quanto para o então Largo da Caridade, que incorporava no seu interior um novo monumento (XAVIER, 2006). Com a instalação desse novo elemento na praça, um novo comportamento dos usuários também foi verificado nesse espaço: a caixa d'água elevada do piso por meio de colunas possui no topo um mirante e, assim, por meio da vigilância de um guarda, era permitido o acesso da população para contemplar a vista da cidade (XAVIER, 2006).

Nesse sentido, é possível identificar que na época de sua instalação, a Caixa D'Água de ferro (Figura 148) representou uma ruptura que alterou tanto o espaço físico da praça quanto o comportamento dos usuários do espaço, que passaram a desejar acessar o novo monumento a fim de contemplar a vista proporcionada do alto de sua estrutura. Posteriormente, passado esse momento, a Caixa D'Água de ferro passou a ser uma permanência nesse espaço, que é perpetuada até os dias atuais. Embora as pessoas não possam mais ter acesso ao topo desse monumento, ele continua a ser valorizado e admirado, além de ainda estar em pleno funcionamento, abastecendo de água o centro da cidade de Pelotas.

Outro aspecto importante de salientar quanto às permanências e rupturas no espaço da Praça Piratinino de Almeida é que o conjunto de peças da Caixa 'D'água (peças pré-fabricadas) em ferro fundido que vieram da Escócia, chegavam de navio e desembarcavam no porto de Pelotas. Para conduzir o material, a Companhia Ferro Carril teve que estender trilhos de trem do porto até a praça. Hoje, podemos identificar que não existem mais esses trilhos, entretanto, observa-se ainda uma grande concentração de pontos de ônibus e táxis nesse ambiente. Nesse local, encontram-se os ônibus para os balneários Valverde, Santo Antônio, Barro Duro, Colônia Z3 e outros locais. Também existem dois pontos de táxis levando e trazendo pessoas de vários pontos da cidade para o centro. Logo, cabe destacar aqui a permanência dessa praça como um ponto de referência central em termos de concentração de pontos de ônibus e táxis.

Figura 148 – Fotografia da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: <http://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/05/Caixa-dagua-Pelotas-Autor-desconhecido.jpg> Acesso em: 13/07/2021.

Caixa D'água de ferro da Praça Piratinino de Almeida, sem data definida.

Vale lembrar que a Praça Piratinino de Almeida foi construída num terreno adquirido em 1878 pela Santa Casa de Misericórdia, cuja fundação data de 1847. Inicialmente, a praça era um terreno vazio destinado à comercialização do gado dirigido às salgadas (charqueadas) e, por esse motivo, a praça era chamada de praça da Cavahada. Nesse sentido, é relevante apontar que a Santa Casa de Misericórdia é uma presença permanente no entorno da Praça Piratinino de Almeida, que continua até os dias atuais.

Inclusive, conforme entrevistas realizadas, nessa praça identificamos que muitos usuários que utilizavam a praça, estavam no local em função do hospital. Muitos usuários estavam na praça aguardando para realizar algum exame, outros estavam aguardando horário de visita, outros já realizaram algum procedimento ou consulta no hospital e ficaram aguardando transporte para voltar para suas casas. Sendo assim, fica evidente que o Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas é uma permanência na Praça Piratinino de Almeida, tanto em termos da sua presença física no entorno quanto comportamental.

Segundo Monquelat (2015), em 1822 ocorreram as atividades de paisagismo na Praça Piratinino de Almeida. Nesse momento, talvez seja possível identificar uma ruptura tanto física quanto comportamental e social no ambiente da praça, pois com essa modificação do espaço ela deixa de ser um terreno vazio, onde colocavam animais, e passa a ser um espaço frequentado por pessoas, que utilizam o local com a finalidade de apreciar e circular pela praça.

4.1.2.3 Praça Cipriano Barcelos

A atual Praça Cipriano Barcelos, também conhecida, conforme entrevistas realizadas no local, como Praça dos Enforcados, teve início em 1880, recebendo o nome de Henrique d'Ávila. Em 1893, chamou-se Floriano Peixoto, em 1925, Dom Pedro II, e, em 1945, Cipriano Barcelos, em homenagem ao ilustre engenheiro que foi intendente do município durante três mandatos (LONER, GILL e MAGALHÃES, 2017).

Parece não existir uma resposta conclusiva dos motivos pelos quais a população ainda hoje conhece essa praça como "Praça dos Enforcados". Um dos motivos, talvez, seja em função da proximidade com a atual Praça Vinte de Setembro, antigamente denominada de Praça das Carretas ou da Constituição. Nesse sentido, segundo o Dicionário de História de Pelotas (2017), o Brasil possuía no séc. XIX uma legislação específica para a punição do escravo que ferisse ou tentasse ferir seu senhor (lei de 10 de junho de 1835). Embora a pena de morte no Brasil tenha sido extinta somente após a Proclamação da República (1890), em Pelotas essa prática durou até aproximadamente final da década de 1850 e, nesse sentido, outras práticas disciplinares foram adotadas posteriormente para controle e disciplinamento. Assim, até ser extinta, em Pelotas, o primeiro local das execuções públicas através da força foi ao norte da Igreja Matriz, área ocupada atualmente pelo Parque Dom Antônio Zattera. Posteriormente, por volta de 1850, essa prática foi transferida para a antiga Praça da Constituição ou das Carretas. Assim, possivelmente devido a essas execuções realizadas nas proximidades da Praça Cipriano Barcelos, ela acabou recebendo esse apelido.

Outro motivo poderia ser em função de alguns suicídios que ocorreram nessa Praça. Segundo Monquelat²⁵, o primeiro suicídio ocorrido nessa praça que, posteriormente, talvez tenha dado início a uma série de outros, teria acontecido em 1920, por meio de enforcamento com uma corda presa em uma árvore da praça. Esses suicídios ocorridos na Praça Cipriano Barcelos talvez sejam o motivo maior para o atual apelido da praça ainda perpetuar no imaginário da população de Pelotas, tanto por serem eventos mais recentes na história da cidade quanto por trazerem a ideia de uma tragédia ocorrida no local, e, sendo assim, ficar marcada nas lendas e histórias populares contadas de pais para filhos e assim por diante (MONQUELAT, 2015).

Outra permanência na Praça Cipriano Barcelos até os dias atuais é a ponte sobre o antigo leito do Arroio Santa Bárbara. Essa ponte foi construída em 1855, na atual Rua Marechal Floriano, devido ao intenso fluxo de pessoas chegando do interior com mercadorias para serem vendidas na cidade (Figura 150). Além disso, essa necessidade de ligação da zona urbanizada com o Oeste, também era necessária em função da passagem do gado que precisava chegar às charqueadas no arroio Pelotas (GUTIERREZ, 2004). Essa ponte permanece até os dias atuais, marcando o local do antigo leito do Arroio Santa Bárbara, que foi canalizado e, posteriormente, ainda foi construído sobre ele o prédio do Pop Center ou Camelódromo (Figura 149).

O chafariz dos Cupidos, que é atualmente na Praça Cipriano Barcelos, é outra permanência que, segundo Xavier (2006), foi colocado lá em 1910. Antes de ser transferido para a Praça Cipriano Barcelos, ele estava localizado desde 1876 em um terreno na Rua São Miguel (Quinze de novembro) esquina Santo Ignácio (Gomes Carneiro), local onde atualmente fica o Corpo de Bombeiros. Foi encomendado pela Companhia Hydraulica Pelotense da Fundição Durenne, de Paris, no ano de 1874.

Posteriormente, na década de 1960, a Praça Cipriano Barcelos passou por uma significativa modificação, que foi o aterramento do Canal Santa Bárbara. Isso acaba modificando o comportamento dos usuários desse espaço e gerando, de certa maneira, um vazio urbano, pouco utilizado pela população e sem um uso muito definido, pois em termos de praça era muito precário. Muitas vezes, o aterro do Arroio

²⁵MONQUELAT, A. (2018). Praça dos Enforcados ou Praça dos Suicidas? In: <http://pelotasdeontem.blogspot.com/2018/03/praca-dos-enforcados-ou-praca-dos.html> acessado em 17/07/2021.

Santa Bárbara era utilizado como espaço para acomodar eventuais parques de diversão e circos que visitavam a cidade.

Figura 149 – Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2021.

Fotografia da ponte sobre o antigo leito do Canal Santa Bárbara (Praça Cipriano Barcelos).

Figura 150 - Fotografia da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas, volume1, 2012. In: https://issuu.com/andriemarchese/docs/almanaque_do_bicenten_rio_de_pelot acessado em: 17/07/2021.

Nota: Ao fundo é possível observar as torres da capela da Santa Casa de Misericórdia.

Ponte sobre o Canal Santa Bárbara, ao fundo Cervejaria Ritter (Praça Cipriano Barcelos).

Finalmente, em 1998, teve início a construção do Pop Center ou Camelódromo, que novamente provocou uma ruptura na Praça Cipriano Barcelos, pois a partir daí o comportamento dos usuários na praça começou a modificar. A praça passou a deixar de abrigar, prioritariamente, uma população marginalizada e usuários de drogas e passou a ser utilizada pela população em geral, principalmente, para circulação e acesso ao Pop Center. Desde essa época, então, a praça passou a sofrer melhorias e uma profunda requalificação em 2016, pavimentando os caminhos internos, tratando os canteiros, colocando um novo parquinho infantil, assim como mobiliário urbano e luminárias novas.

4.1.2.4 Praça Coronel Pedro Osório

A Praça Coronel Pedro Osório está demarcada na planta do segundo loteamento da cidade de Pelotas, quando foram ampliados os limites urbanos ao sul até a região do Porto. Nesse projeto, estava estabelecida essa praça (maior que a do primeiro loteamento), denominada de “Campo”, onde foi erguido o pelourinho²⁶, símbolo da autonomia municipal. Em 1832, essa praça passou a ser denominada de Praça da Regeneração e a intenção era abrigar no seu entorno o centro administrativo e religioso da cidade. Entretanto, a construção da Igreja nunca se efetivou nesse local e o centro religioso da cidade continuou sendo na Praça José Bonifácio, onde está a Catedral São Francisco de Paula (primeiro loteamento) até os dias de hoje.

A partir da criação dessa praça e ao longo dos anos seguintes foram se instalando, em seu entorno, diversos prédios de destaque, tanto por sua composição estética e formal, que espelhava os gostos e costumes trazidos da Europa, quanto devido a sua importância em termos institucionais. Por exemplo, a construção do prédio da atual Prefeitura Municipal, a Biblioteca Pública, o Mercado Público e outros, como o Teatro Sete de abril, o Grande Hotel e os Casarões de grandes proprietários de terras e famílias da elite da sociedade Pelotense (LONER, GILL e MAGALHÃES, 2017), (GUTIERREZ, 2004).

Sendo assim, a Praça Coronel Pedro Osório, com os prédios em seu entorno, reforçou o caráter de centralidade e local da sede administrativa, diferente da Praça José Bonifácio, que centralizou o poder religioso. Isso passa a ser uma permanência na cidade de Pelotas, que parece ser percebida e identificada como de grande importância para os entrevistados ainda nos dias atuais, dada a relevância que é concedida à Praça Coronel Pedro Osório por aqueles que fizeram parte da pesquisa.

Outra permanência na Praça Coronel Pedro Osório é a presença do Chafariz (que substituiu o antigo pelourinho, o qual foi realocado), denominado de “Fonte das Nereidas”, localizado na parte central da praça para onde todos os caminhos convergem (Figura 151). Esse chafariz foi trazido da França e instalado em 1873, juntamente com outras fontes que foram colocadas em pontos estratégicos da cidade como forma de abastecimento de água mediante pagamento. Junto ao chafariz, que era cercado com grades de ferro, existiam candelabros que iluminavam o local e

²⁶ O pelourinho foi um local de castigo público dos escravizados.

permitted the distribution of water inclusive during the night, always under the supervision of a guard guaranteeing the safety. This was the first fountain to be installed, after that of the Church of the Matrix, then the one that is currently located on the sidewalk of Rua Andrade Neves at the intersection with Rua Sete de Setembro (which was in Praça Domingos Rodrigues, in Porto) and, finally, the one that is today in Praça Cipriano Barcelos (which was on a plot of land between the current streets Quinze de Novembro and Gomes Carneiro). Of all the fountains installed, the one in Praça Coronel Pedro Osório is the most decorated and seems to be the most referenced by the interviewed users of the squares in Pelotas (LONER, GILL e MAGALHÃES, 2017).

Figura 151 – Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2020.

Chafariz da Praça Coronel Pedro Osório denominado “Fonte das Nereidas”.

Através de estudos, como, por exemplo, o de Carlos Alberto Santos (SANTOS e ROSENTHAL, 2013) e fotografias antigas (Figura 152), é possível identificar que em 1875 ocorreu o cercamento e ajardinamento da Praça Coronel Pedro Osório, com o estabelecimento de horários de visitação, regras de comportamento e vestimenta para poder frequentar o ambiente (GUTIERREZ, 2004; GUTIERREZ, 2001).

Figura 152 - Fotografia da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas, volume1, 2012. In: https://issuu.com/andriemarchese/docs/almanaque_do_bicenten_rio_de_pelot acessado em: 17/07/2021.

Cercamento da Praça Coronel Pedro Osório.

Essas modificações criam, de certa forma, uma ruptura, pois nos dias atuais a praça não é cercada. Esse cercamento foi realizado, na época, para tornar o ambiente mais elitizado, com grande segregação social, onde pessoas de diferentes classes sociais não se encontravam. Assim, a praça passou a ser um local onde eram praticados comportamentos socialmente aceitos pela elite Pelotense, sem a presença de pobres, escravizados e de negros libertos.

Posteriormente, entre os anos de 1913 e 1916, a Praça Coronel Pedro Osório novamente passou por uma intervenção substancial em sua forma física. O chafariz deixou de ter finalidade de abastecimento de água e a praça passou por reforma paisagística, ela perdeu o muro e o chafariz ganhou escadaria de acesso, permanecendo com essas características até os dias atuais (SANTOS e ROSENTHAL, 2013).

Toda essa reforma realizada buscou melhorias na qualidade estética desse ambiente, consolidando ainda mais seu papel como a principal praça da cidade de

Pelotas. Além disso, a abertura da praça, com a retirada do muro, garantiu novamente à praça seu caráter público e democrático, que parece permanecer até os dias atuais, onde todos podem ou deveriam poder frequentar. Não é possível dizer que essa questão é uma permanência no ambiente da praça, porque na verdade ela nunca foi um espaço totalmente democrático, entretanto, a retirada do muro voltou a garantir pelo menos o livre acesso de todos a seu interior.

Conclusão sobre as permanências e rupturas:

Através desse exercício, é possível perceber que as praças do centro de Pelotas foram fruto de um lento e progressivo processo de desenvolvimento da cidade, que iniciou com a criação do primeiro loteamento, quando foi estabelecida a primeira praça (José Bonifácio). A seguir, com a conseqüente expansão da cidade e criação do segundo loteamento, em direção ao porto, foram sendo estabelecidas as outras praças, inclusive, gerando uma nova centralidade urbana. Assim, podemos dizer que a Praça Coronel Pedro Osório ficou estabelecida como a principal praça da cidade em termos administrativo e de caráter social, enquanto a José Bonifácio continuou com a centralidade em termos religioso e, de certa forma, histórica. Cada uma delas seguem até o presente, com as constantes e pertinentes modificações realizadas em cada uma.

Quanto à Praça Piratinino de Almeida, permanece até os dias atuais com a sua forte ligação com o Prédio da Santa Casa de Misericórdia e com a também forte referência em relação ao monumento da Caixa d'água, desde o momento em que ela foi instalada no seu interior.

Por fim, a Praça Cipriano Barcelos foi marcada por uma profunda modificação (ruptura), que foi a canalização e a perda da identidade do entorno, inclusive com a construção do Centro Comercial Pop Center sobre o leito do antigo Arroio Santa Bárbara, restando somente partes da ponte que cruzava o Arroio na atual Rua Marechal Floriano. Entretanto, podemos dizer que uma forte permanência no seu entorno é o caráter comercial que existe na atualidade com a existência do Pop Center e a antiga Praça das Carretas, que ficava no lado esquerdo do Arroio Santa Bárbara, onde era comercializado suprimentos vindos da zona rural para a cidade.

Nesse sentido, parece que todas as expansões são reflexos do crescimento da cidade e de sua necessária ampliação, ou para atender o maior número de pessoas

que passaram a convergir para o centro ou para dar conta das novas imposições trazidas ao espaço pelas inovações tecnológicas.

4.1.3 Apontando para o futuro: panorama de futuro das praças

Esta parte é destinada a tentar imaginar uma previsão de futuro para as praças estudadas, com base nesse movimento dialético de conhecer as praças na atualidade e ir ao passado para reconhecer as permanências e modificações ocorridas. Com isso, e com o conhecimento do motivo que implicou nessas permanências e modificações, poderíamos tentar prever um panorama de futuro para esses ambientes urbanos.

Sendo assim, para auxiliar nesse panorama de futuro, é apresentado o diagnóstico das necessidades e vontades dos usuários entrevistados para o futuro das praças. Assim como nas demais partes apresentadas do trabalho, os resultados serão apresentados individualmente, ou seja, em relação a cada uma das praças estudadas. Por fim, então, será elaborada uma conclusão geral, tentando prever um panorama de futuro para essas praças na cidade de Pelotas.

4.1.3.1 Praça José Bonifácio

No caso da Praça José Bonifácio, do total de entrevistados (20 usuários) foram obtidas 22 citações de melhorias necessárias para essa praça (Apêndice M). Dentre essas melhorias mencionadas pelos respondentes (Figura 154), grande parte, 29% (9 de 22 citações), comentou sobre a necessidade de ter uma maior manutenção na praça. Dentre os tipos de manutenção comentadas, a maior parte disse respeito a limpeza do ambiente, mas algumas citações foram no sentido de cuidado com os canteiros. Um dos entrevistados disse: *“Penso que para delimitar os canteiros, poderia ter algum tipo de cerquinha, baixa, para as pessoas não pisarem nas plantas e ficar bonito”*.

Também parte da opinião dos usuários, 26% (8 de 22 citações), foram no sentido de que o ambiente deveria permanecer como está, sem grandes modificações. Isso parece demonstrar, de certa forma, uma satisfação dos respondentes com o ambiente. Outra parcela das citações, 23% (7 de 22 citações), pareceu indicar que nessa praça deveria existir, no futuro, uma maior quantidade de bancos. Foi dito por um entrevistado: *“O que mais falta nessa praça são bancos! Estão*

todos sempre ocupados". Outro entrevistado, inclusive, complementou, manifestando o desejo da localização dos bancos: *"Deveriam existir mais bancos nesta praça, bancos na parte de trás da Catedral, alguns aqui na frente e ainda poderia ter ali no centro da praça, perto da porta lateral da Igreja, com isso acho que a praça seria mais usada"*.

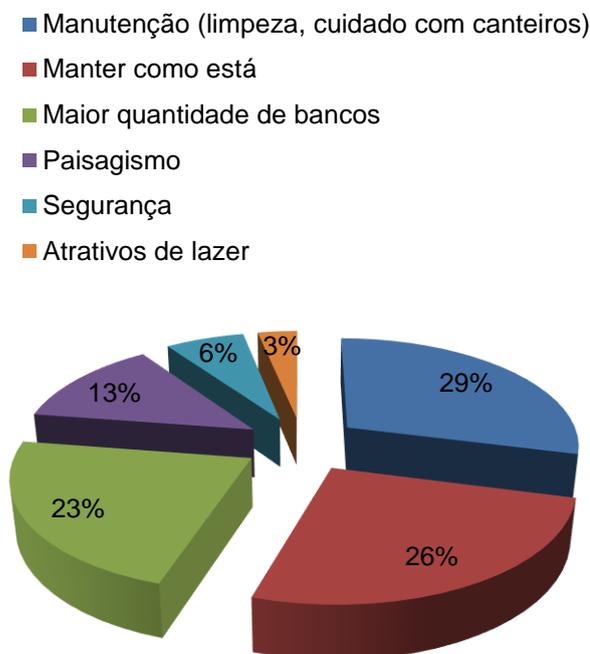
Depois, existem citações, 13% (4 de 22 citações), que indicaram uma certa preocupação com a questão do paisagismo na praça. Nesse sentido, foi dito: *"Gostaria de ver mais flores coloridas nessa praça, é legal a gente sentar e ficar olhando [...]"*. Outro aspecto comentado sobre o futuro da praça é que deveria ter mais segurança no ambiente (6% - 2 de 22 citações). Um dos entrevistados comentou: *"Nessa praça deveria ter um maior policiamento. Um dia, eu vi uns meninos caçando Pokémon com o celular, passou um marginal e levou tudo. Tinha que ter um guarda municipal sempre aqui para dar segurança"*.

Por último, um dos entrevistados comentou (3% - 1 de 22 citações) que no futuro essa praça deveria ter mais atrativos de lazer para o público, inclusive, sugeriu: *"Acho que se essa praça tivesse algum brinquedo para criança, as pessoas usariam mais, o que leva mais as famílias é as crianças. Se for olhar aqui não tem nada, mas também não tem muito espaço, só ali perto das árvores, mas essa praça é bem pequena mesmo [...]"*. Apesar dessa sugestão ser válida, é relevante destacar que o entrevistado reconheceu que essa praça é uma praça pequena e que, talvez, não comporte muitos atrativos, como mencionado.

Sendo assim, podemos concluir, com base na opinião dos entrevistados, que no futuro essa praça não deveria sofrer grandes mudanças, pois muitas das citações levam a crer que os usuários entrevistados pareciam satisfeitos, de maneira geral, com o que a praça oferece. Entretanto, das necessidades de melhorias mencionadas, muitas foram no sentido de simplesmente dar melhor manutenção ao local, proporcionando limpeza adequada ao ambiente e aos canteiros. Outra melhoria solicitada foi quanto ao paisagismo da praça, colocando mais flores nos canteiros e cuidando dos mesmos. Depois, a intervenção que mais modificaria o espaço, em termos visuais, seria a colocação de mais bancos. Apesar disso, essa solicitação parece ser muito pertinente, já que, conforme observações no local, os bancos existentes indicam que não são suficientes, pois estão sempre ocupados. Talvez se

existissem mais bancos, as pessoas poderiam utilizar mais e por um tempo mais prolongado essa praça.

Figura 153 - Gráfico da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico das melhorias identificadas pelos usuários como necessárias para a Praça José Bonifácio.

Vale ressaltar que é comum entre as respostas dos entrevistados a menção a mais de uma necessidade de melhoria da praça. Sendo assim, o total de respostas entre os entrevistados (20 usuários) correspondeu a 22 citações (Apêndice M).

4.1.3.2 Praça Piratinino de Almeida

No caso da Praça Piratinino de Almeida, do total de entrevistados (20 usuários), foram obtidas 25 citações de melhorias necessárias para essa praça (Apêndice M). Dentre as melhorias mencionadas pelos respondentes (Figura 154), grande parte, 28% (7 de 25 citações), comentou sobre a necessidade de ter maiores atrativos para o público frequentar mais o espaço. Um dos entrevistados disse: *“Penso que no futuro ela possa ser melhor ocupada pela população, espero que ela ofereça atrativos, como brinquedos infantis e até quem sabe uma horta comunitária”*. Outro ainda comentou transformar a praça em um ponto turístico de visitação: *“Poderiam restaurar as estruturas da caixa d’água, transformando a praça em um ponto turístico, desativando*

a caixa d'água como equipamento e transformando num mirante, um local de visitação”.

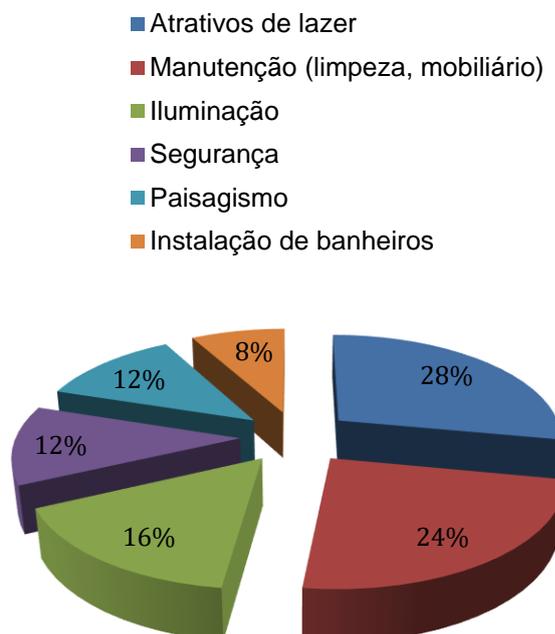
Outra necessidade bastante mencionada em 24% das citações (6 de 25 citações) foi sobre a manutenção nesse ambiente. Em relação a esse aspecto, foi citada, principalmente, a necessidade de cuidado, de maneira geral, entretanto, muitos comentaram quanto à limpeza e ao mobiliário urbano, pois muitos bancos estão quebrados e faltam lixeiras.

A precariedade em relação a iluminação na praça foi evidenciada em 16% (4 de 25 citações) dos comentários, sendo que alguns respondentes mencionaram que, no futuro, esperam que a iluminação traga mais segurança para as pessoas que circulam e movimento para a praça.

A questão da falta de segurança e descaso com o paisagismo foram citadas em 12% (3 de 25 citações) dos comentários. No caso do paisagismo, mais de um dos respondentes disse sentir necessidade de existir grama na praça, outro ainda complementou: “[...] *precisa ter flores, grama e identificação das plantas*”. Também foi mencionado que as árvores nessa praça precisam ser podadas: “*A vegetação deve ser manejada de forma que o paisagismo favoreça a visualização da Caixa d'água*”.

Por último, foi comentado por 8% (2 de 25 citações) dos entrevistados a respeito da necessidade de existir, no futuro, a presença de banheiro público nessa praça.

Figura 154 - Gráfico da Praça Piratinino de Almeida.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico das melhorias identificadas pelos usuários como necessárias para a Piratinino de Almeida.

Vale ressaltar que é comum entre as respostas dos entrevistados a menção a mais de uma necessidade de melhoria da praça. Sendo assim, o total de respostas entre os entrevistados (20 usuários) correspondeu a 25 citações (Apêndice M).

4.1.3.3 Praça Cipriano Barcelos

No caso da Praça Cipriano Barcelos, do total de entrevistados (20 usuários), foram obtidas 43 citações de melhorias necessárias para essa praça (Apêndice M). Dentre as melhorias mencionadas pelos respondentes (Figura 155), grande parte, 35% (15 de 43 citações), comentou sobre a necessidade de ter maiores atrativos para o público frequentar mais o espaço. Um dos entrevistados disse: “[...] *poderia ter espaços de lazer para convivência, como cafeterias, brinquedos e outros*”. Outro entrevistado sugeriu, também: “*Ela poderia abrigar eventos, para torná-la mais popular, culturalmente, poderia ser instalada placas autoexplicativas, as árvores poderiam receber a classificação, os moradores de rua realocados nos abrigos, mais cores vivas, como grafites nos muros valorizando os artistas locais*”.

Outra necessidade bastante comentada, sendo mencionada em 18% das citações (8 de 43 citações), foi sobre a necessidade de maior cuidado e, inclusive, planejamento do paisagismo da praça. Nesse sentido, foi comentado: “*Nessa praça, existe a necessidade de valorização dos espaços verdes e cuidado com o*

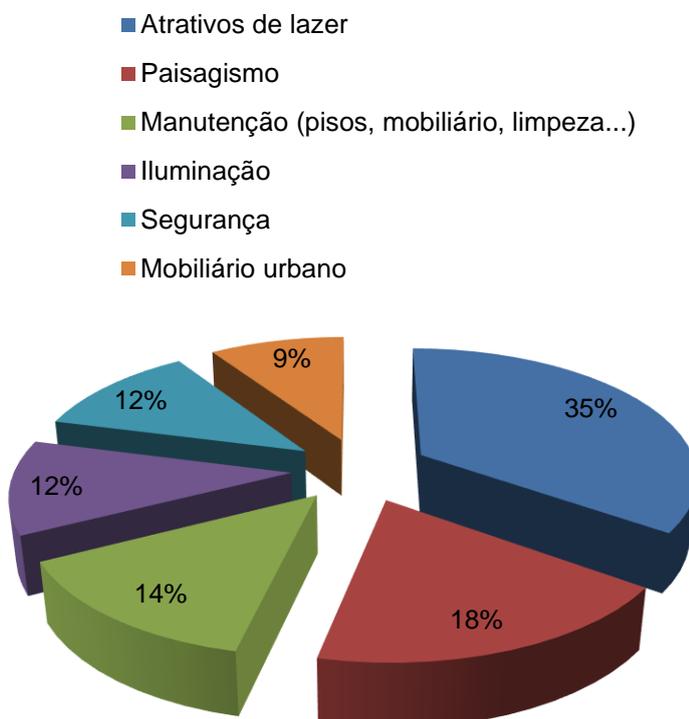
paisagismo". Outro entrevistado também comentou: *"Aqui deveria ter jardins com flores, um paisagismo bem elaborado, inclusive que falta nas nossas praças"*.

Muitas citações, 14% (6 de 43 citações), também foram direcionadas no sentido desse espaço ter uma maior manutenção. Esse termo foi mencionado de maneira bastante abrangente, como, por exemplo: *"[...] imagino que ela possa ser melhor usufruída pela população, que seja investido na sua infraestrutura e que assim possamos aproveitá-la com melhor qualidade"*. Outros respondentes foram mais específicos quando falaram da necessidade de bancos novos, limpeza do espaço e cuidado com os buracos nos caminhos.

A questão da iluminação e da segurança foram citadas de maneira igualitária, 12% (5 de 43 citações), até porque parece que são aspectos que caminham juntos, pois já que existe mais iluminação, de certa forma, parece proporcionar maior segurança e vice-versa. Nesse sentido, inclusive, um respondente disse: *"Espero que ela seja mais iluminada para nos sentirmos seguros ao frequentar"*. Outro também comentou: *"Gostaria que fosse um lugar de lazer ou que ao menos possa se passar sem se preocupar com assaltos"*.

Por último, foi mencionado, 9% (4 de 43 citações), a respeito da necessidade de melhorias no mobiliário urbano. Sobre esse aspecto, a maioria mencionou sobre a possibilidade de ter maior quantidade de bancos e lixeiras disponíveis nessa praça.

Figura 155- Gráfico da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico das melhorias identificadas pelos usuários como necessárias para a Praça Cipriano Barcelos.

Vale ressaltar que é comum entre as respostas dos entrevistados a menção a mais de uma necessidade de melhoria da praça. Sendo assim, o total de respostas entre os entrevistados (20 usuários) correspondeu a 43 citações (Apêndice M).

Sendo assim, existem indícios de que na opinião dos entrevistados, no futuro, essa praça precisaria ter mais atrativos para, conseqüentemente, trazer mais frequentadores para o local, inclusive, eventos culturais e espaços de convivência, como bares e cafés talvez fossem bem-vindos no local. Além disso, também a questão do cuidado com o paisagismo da praça, juntamente com a manutenção do ambiente como um todo, ou seja, mobiliários adequados e suficientes e a limpeza da praça, são aspectos que devem ser levados em consideração para o planejamento futuro do espaço. Também, a preocupação com a iluminação e segurança do local é um aspecto preocupante e deve ser melhorado urgentemente.

4.1.3.4 Praça Coronel Pedro Osório

No caso da Praça Coronel Pedro Osório, do total de entrevistados (20 usuários), foram obtidas apenas 33 citações de melhorias necessárias para essa praça (Apêndice M). Dentre as melhorias mencionadas pelos respondentes (Figura

156), grande parte, 25% (8 de 33 citações), comentou sobre a necessidade de ter mais segurança nessa praça. Inclusive, um dos entrevistados sugeriu que o local possua um serviço de vigilância permanente e que seja feito algo, no sentido de incluir o pessoal de rua que mora nessa praça em algum programa social da Prefeitura para que eles sejam atendidos e deixem de habitar o local.

Por outro lado, depois, 21% (7 de 33 citações) dos comentários revelaram uma certa satisfação com o ambiente da praça. Nesse sentido, um respondente disse: *“Acho que o que ela oferece hoje está adequado, tem lazer, playground e local para eventos”*. Outro respondente complementou, dizendo: *“Espero que ela seja preservada e permaneça como esta”*. Também foi dito: *“Gostaria que a população utilizasse cada vez mais a praça, acho que ela já oferece as condições para isso”*.

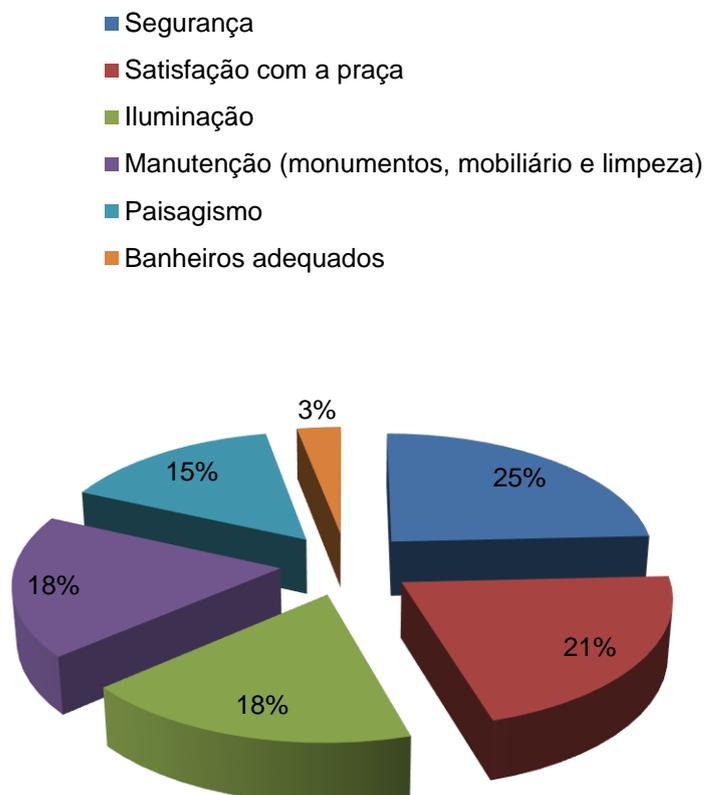
Depois, comentários sobre a manutenção e a iluminação apareceram igualmente, com 18% (6 de 33 citações) das citações. No caso da manutenção, as melhorias mencionadas foram mais no sentido de cuidar da limpeza do espaço e, também, do laguinho, pois foi dito por um dos respondentes que a água e os animais (peixes e tartarugas) precisam ser mais cuidados, pois são um grande atrativo na praça e representam a cidade. Outra reclamação foi quanto à existência de muitos bancos e lixeiras quebradas e que precisam de manutenção constante. Quanto aos monumentos foi tratado, por um dos respondentes, a respeito de no futuro eles serem limpos com maior frequência.

Posteriormente, em muitas citações, 15% (5 de 33 citações), comentaram para que no futuro a praça tenha melhorias quanto ao paisagismo. Um dos respondentes disse: *“Espero que tenha grama, bastante espaço para sentar e observar a paisagem, um local limpo e seguro”*. Outro respondente comentou sobre a necessidade de preservar a quantidade de espécies raras que existem na praça e, inclusive, sugeriu para que no futuro a prefeitura coloque placas de identificação nas árvores, reconhecendo a importância de cada uma e ajudando na preservação delas para as gerações futuras.

Por fim, um dos últimos comentários dos respondentes foi em relação a necessidade de maior cuidado, no futuro, com os banheiros públicos existentes nessa praça, 3% (1 de 33 citações), dizendo: *“Essa praça precisa de banheiros bem*

cuidados e limpos, com uma equipe de limpeza permanente, é o único banheiro público que temos no centro da cidade, eu acredito”.

Figura 156- Gráfico da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico das melhorias identificadas pelos usuários como necessárias para a Praça Coronel Pedro Osório.

Vale ressaltar que é comum entre as respostas dos entrevistados a menção a mais de uma necessidade de melhoria da praça. Sendo assim, o total de respostas entre os entrevistados (20 usuários) correspondeu a 33 citações (Apêndice M).

Sendo assim, existem indícios de que no futuro, na opinião dos entrevistados, a Praça Coronel Pedro Osório não deveria sofrer grandes mudanças, pois muitas das citações levam a crer que os usuários entrevistados parecem satisfeitos, de maneira geral, com o que essa praça oferece. Entretanto, das necessidades de melhorias, algumas foram no sentido de garantir maior segurança e manutenção, em termos de limpeza do espaço, iluminação e cuidado com o mobiliário urbano, monumentos e com o banheiro público existente no local. Outras foram quanto a aspectos relacionados

ao paisagismo da praça, da necessidade de possuir mais espaços gramados para apreciar a paisagem, bem como da necessidade de preservação das espécies existentes nesse ambiente.

Conclusão sobre o panorama de futuro das praças estudadas:

Assim, para concluir sobre a etapa de panorama de futuro das praças centrais de Pelotas, é possível dizer que, com base nesse exercício dialético de conhecer as praças na atualidade, levando em consideração a opinião dos usuários, e voltar ao passado para conhecer as permanências e modificações ocorridas no espaço, foi possível elaborar um panorama de futuro para essas praças.

Dessa maneira, é possível concluir que a Praça José Bonifácio, possivelmente, é um espaço que não sofrerá grandes modificações. Ela possui um caráter religioso, em função da presença da Catedral no seu interior, e histórico muito forte, em função de ser a origem do assentamento urbano de Pelotas. Além disso, por ser uma praça pequena, não possui muito espaço para comportar outros tipos de atividades no seu interior que não seja, prioritariamente, de contemplação e circulação de pessoas. Para melhorar ainda mais sua vocação, parece que precisa de uma maior quantidade de bancos, o que se mostra ser perfeitamente possível, principalmente na parte da praça onde fica os fundos da Catedral São Francisco de Paula. Também existe a necessidade de melhorias em termos de paisagismo, cuidado com os canteiros e a presença de flores coloridas. Por fim, foi identificado, principalmente pelos usuários, uma necessidade de policiamento maior, pois os usuários entrevistados que frequentam têm muita preocupação com assaltos.

A Praça Piratinino de Almeida é uma praça que desde a sua criação teve uma forte ligação com a Santa Casa de Misericórdia (fora um primeiro momento, quando foram comercializados animais nesse local), visto que foi um terreno comprado por essa instituição. Até os dias atuais, essa ligação é identificada, uma vez que, conforme entrevistas realizadas no local e observações de comportamento realizadas, foi observado que muitos dos frequentadores da praça eram pessoas que estavam ali em função do hospital. Por exemplo, estavam esperando horário de consultas, aguardando transporte para voltar para suas casas, em intervalo, aguardando horário de visitas e assim por diante. Apesar de muitos usuários estarem esperando algo ou alguém nesse espaço, também é identificado muitos usuários circulando pelo espaço,

visto que ela está localizada próxima ao centro comercial da cidade e é possível, através dela, encurtar distâncias.

Sendo assim, em função dos tipos de comportamentos praticados no seu ambiente (principalmente em função das edificações do entorno) e de seu tamanho ser relativamente pequeno (um quarteirão), visto que ela ainda comporta no seu interior o importante monumento da Caixa 'D'água, possivelmente ela não irá sofrer grandes modificações em termos formais e comportamentais num panorama de futuro próximo. Entretanto, existem diversas necessidades, principalmente em termos de manutenção, como, por exemplo, limpeza e melhoria do mobiliário urbano, que devem ser contempladas. Também a iluminação da praça deve melhorar, pois ela é muito escura, inclusive durante o dia, pois como existem muitas árvores, suas copas acabam por sombrear demais o ambiente. Esse sombreamento aliado a falta de policiamento pode ser outra causa de grande reclamação pelos usuários entrevistados, que foi a falta de segurança e medo de assaltos, que também deve ser sanado nesse panorama de futuro dessa praça.

A Praça Cipriano Barcelos, em termos de panorama de futuro, é a que parece ser mais propensa a sofrer modificações, visto que desde a sua criação ela foi a que mais sofreu com modificações drásticas no seu entorno, como a canalização do Canal Santa Bárbara e, também, aquela que nunca parece ter tido uma vocação, uma característica própria relativamente forte. Atualmente, ela possui no seu entorno, sobre o leito do antigo Canal Santa Bárbara, o Centro Comercial Pop Center (Camelódromo), o que acabou gerando novos usos e comportamentos para essa praça. Através do mapa comportamental e entrevistas realizadas nessa praça, foi possível identificar que muitos usuários frequentam o local, atualmente, em função do Pop Center.

Sendo assim, parece que essa praça, no futuro próximo, poderia ter novos atrativos como forma de atender a essa nova demanda. A praça é bastante ampla e possui muitos espaços vagos que poderiam ser ocupados com equipamentos, como, por exemplo, quiosques para venda de alimentação (demanda que hoje é suprida no local destinado a jogos de tabuleiro), áreas de estar e contemplação para aqueles que aguardam quem entra no centro comercial ou aqueles que trabalham e estão no horário de intervalo. Além desses atrativos urbanos, no futuro dessa praça também existe a necessidade de manutenção daquilo que já existe, como melhoria dos

bancos, limpeza do ambiente e cuidado com o paisagismo, com o plantio de flores e manutenção dos canteiros. Outra demanda urgente nessa praça é a melhoria da iluminação e segurança, visto que muitos usuários relataram ter medo de assaltos nessa praça.

Quanto ao panorama de futuro da Praça Coronel Pedro Osório, ela é uma praça que, assim como a José Bonifácio, possivelmente, não irá sofrer grandes mudanças, visto que possui um caráter histórico e social forte, além disso, os usuários pareceram se identificar muito com ela. Inclusive, muitos entrevistados disseram que não precisaria mudar nada nessa praça, pois ela está muito bem assim. As melhorias que, talvez, fossem necessárias nessa praça estão ligadas a questões como a manutenção do mobiliário urbano, como bancos e lixeiras, cuidados com o paisagismo e, principalmente, cuidado com a segurança, possivelmente colocando um guarda em tempo integral no local. Recentemente, as luminárias da praça foram substituídas por LED, o que qualificou muito o ambiente, principalmente à noite, garantindo mais segurança para a população.

Por fim, vale destacar que quanto ao futuro das praças estudadas, nenhuma delas, deveria sofrer grandes mudanças em termos configuracionais e formais, visto que todas são praças antigas, que datam das origens da cidade de Pelotas e que mostram, através de sua história e transformações ocorridas, a evolução urbana e os modos e costumes da sociedade Pelotense. As mudanças pertinentes deveriam ser em termos de manutenção dos equipamentos urbanos presentes, conservação e restauro dos monumentos existentes e, também, em termos de cuidado com o paisagismo e canteiros das praças. Além disso, um aspecto que parece ser importante para o futuro das praças, para que elas continuem sendo usadas e apreciadas pela população, é a garantia de segurança e policiamento nesses espaços, permitindo que os usuários se sintam seguros para usufruir do ambiente.

4.2 Aspectos relacionados a patrimonialização e a importância das praças para os usuários

Esta parte do capítulo 4 é destinada a tentar entender se as praças são identificadas como uma forma de patrimônio cultural para os entrevistados, os motivos para tal, bem como identificar a importância delas para esse grupo de pessoas.

4.2.1 As praças como patrimônio cultural

A fim de entender se as praças estudadas representam uma forma de patrimônio cultural para os entrevistados, primeiramente será colocado o entendimento de patrimônio cultural para esse grupo de pessoas.

Vale ressaltar que do total de pessoas entrevistadas (80 usuários) em todas as praças que fazem parte do estudo (José Bonifácio, Piratinino de Almeida, Cipriano Barcelos e Coronel Pedro Osório), somente alguns (40 usuários) responderam a essa questão. Dos usuários entrevistados que não responderam, a maioria disse que não saberia responder, outros disseram que nunca tinham pensado sobre isso e, logo, também não saberiam responder. Outros falaram assuntos aleatórios que não condiziam com a pergunta pertinente e, portanto, as respostas foram desconsideradas.

As respostas consideradas foram transcritas para uma tabela (apêndice J) e organizadas em categorias, de forma que fosse possível chegar a uma conclusão aproximada do significado de patrimônio cultural para esse grupo de pessoas. Dessa forma, podemos dizer, com base nas entrevistas realizadas, que patrimônio cultural são criações ou produções – tanto materiais quanto imateriais – feitas por um grupo, que remete à história e/ou à cultura desse grupo, trazendo lembranças e memórias que serão transmitidas para gerações futuras.

Alguns entrevistados, enquanto dialogavam a respeito do significado de “patrimônio cultural”, davam alguns exemplos como forma de auxiliar na elaboração desse conceito. Assim, alguns, inclusive, citaram as praças como exemplo de patrimônio cultural: “[...] pode ser um lugar como uma praça, uma edificação, ou a forma de produzir algo”. Outro respondente falou: “Patrimônio cultural é tudo aquilo que a cidade tem em termos culturais, como, por exemplo, teatros, museus e praças”. Um respondente foi mais específico, dizendo: “O patrimônio cultural pode ser aquele físico (prédios, praças, ruas históricas) e o patrimônio cultural que diz respeito aos hábitos, costumes, como, por exemplo, o doce, a dança, as festividades e etc.”.

Além disso, alguns entrevistados deram muita importância para a questão de que o “patrimônio cultural” é algo que deve ser cuidado e respeitado: “São as praças e os prédios antigos que devem ser cuidados e respeitados”. Outro respondente mencionou: “São as coisas antigas que devem ser zeladas”. Outra fala bastante relevante, por identificar o motivo pelo qual o patrimônio deve ser preservado, foi: “São

coisas que devem ser mantidas e preservadas para as gerações futuras conhecerem a história”.

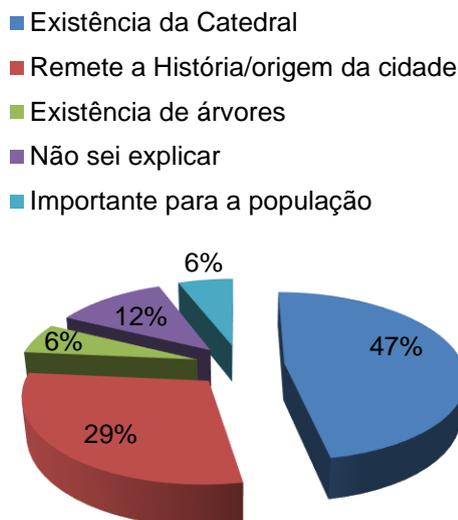
Assim, através dessas falas, é possível notar indícios de que as praças são espaços urbanos que são considerados pelos respondentes como uma das representações de patrimônio cultural da cidade de Pelotas.

4.2.1.1 Praça José Bonifácio

No caso da Praça José Bonifácio, do total de entrevistados (20 usuários), 14 responderam (70% dos entrevistados) que consideram essa praça como patrimônio histórico e cultural da cidade de Pelotas. Os demais respondentes (6 usuários ou 30%) não quiseram responder ou disseram que não sabiam responder a essa questão.

Dentre as respostas dos 14 entrevistados que consideram a Praça José Bonifácio como patrimônio histórico e cultural da cidade de Pelotas, o motivo mais citado como justificativa para tal fato foi a existência do prédio da Catedral São Francisco de Paula, que corresponde a 47% dos motivos mencionados (8 de 17 citações) (Figura 157). Nesse caso, um dos entrevistados comentou: “[...] *para mim, essa praça é patrimônio porque tem o prédio da Catedral que é lindo e embeleza a praça*”. Outro usuário ainda disse: “*A catedral é o que dá valor a essa praça, porque justamente a praça foi construída para ter esse lindo prédio como destaque*”. A seguir, 29% (5 de 17 citações) das justificativas consideraram a Praça José Bonifácio patrimônio, pois esse local remete a história, a origem da cidade de Pelotas. Depois, 12% (2 de 17 citações), embora considerem a praça patrimônio cultural, não souberam explicar o motivo. Por fim, 6% (1 de 17 citações) das justificativas consideraram essa praça patrimônio pela existência de árvores muito antigas e vegetação. Também, outros 6% (1 de 17 citações) disseram simplesmente que o motivo para essa praça ser patrimônio é porque ela é importante para a população (Figura 157).

Figura 157 - Gráfico da Praça José Bonifácio.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico dos motivos que explicam a Praça José Bonifácio ser considerada patrimônio histórico e cultural para os entrevistados.

Vale ressaltar que é comum entre as respostas dos entrevistados a menção a mais de um motivo que explica a praça ser considerada patrimônio histórico e cultural para a cidade de Pelotas. Sendo assim, o total de respostas entre os entrevistados (14 usuários) correspondeu a 17 justificativas (Apêndice L).

Sendo assim, para concluir, com base nas respostas dos entrevistados (Figura 157), os principais motivos que justificaram a Praça José Bonifácio ser considerado patrimônio cultural da cidade de Pelotas foi principalmente a presença do prédio da Catedral São Francisco de Paula. Além disso, também a localização geográfica dessa praça justificou tal fato, pois, segundo os entrevistados, ela remete a origem da cidade, visto que foi nesse local o primeiro loteamento da cidade, inclusive, com a delimitação e desenho dessa praça.

4.2.1.2 Praça Piratinino de Almeida

No caso da Praça Piratinino de Almeida, do total de entrevistados (20 usuários), 17 responderam (85% dos entrevistados) que consideram essa praça como patrimônio histórico e cultural da cidade de Pelotas. Os demais respondentes (3 entrevistados ou 15%) não quiseram responder ou disseram que não sabiam responder a essa questão.

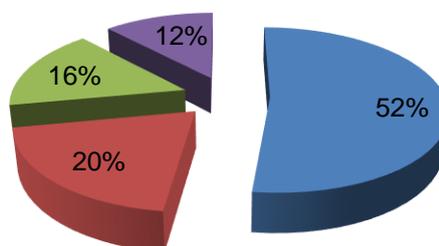
Dentre as respostas dos 17 entrevistados que consideram a Praça Piratinino de Almeida como patrimônio histórico e cultural da cidade de Pelotas, foram citados 25 motivos para tal fato. O motivo mais citado dentre todos foi a existência da caixa

d'água de ferro, que corresponde a 52% (13 de 25 citações) dos motivos mencionados (Figura 158). Um dos entrevistados, inclusive, comentou: “[...] essa praça é patrimônio porque traz nela a Caixa D'água que também é um patrimônio para a cidade”. A seguir, 20% (5 de 25 citações) das justificativas dizem respeito à existência do prédio da Santa Casa de Misericórdia no entorno dessa praça. Nesse caso, um dos entrevistados disse: “[...] essa praça é patrimônio por estar junto a uma das mais antigas casas de saúde de Pelotas que é a Santa Casa”. Depois, 16% (4 de 25 citações) das justificativas consideraram essa praça patrimônio, pois mencionaram que remete a história da cidade de Pelotas. Por fim, 12% (3 de 25 citações) consideraram essa praça patrimônio, pois dizem que ela é um ponto turístico da cidade de Pelotas (Figura 158).

Sendo assim, para concluir, com base nas respostas dos entrevistados (Figura 158), os principais motivos que justificaram a Praça Piratinino de Almeida ser considerada patrimônio cultural da cidade de Pelotas foi, principalmente, a presença da Caixa D'Água de ferro no seu interior. Além disso, também a presença do prédio da Santa Casa de Misericórdia no seu entorno foi um dos aspectos que apareceu com destaque como uma das justificativas para essa praça ser patrimônio para a cidade de Pelotas.

Figura 158 - Gráfico da Praça Piratinino de Almeida.

- Existência da Caixa d'água de ferro
- Existência do prédio da Santa Casa
- Remete a história da cidade/ patrimônio
- Ponto turístico da cidade



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico dos motivos que explicam a Praça Piratinino de Almeida ser considerada patrimônio histórico e cultural para os entrevistados.

Vale ressaltar que é comum entre as respostas dos entrevistados a menção a mais de um motivo que explica a praça ser considerada patrimônio histórico e cultural para a cidade de Pelotas. Sendo assim, o total de respostas entre os entrevistados (17 usuários) correspondeu a 25 justificativas (Apêndice L).

4.2.1.3 Praça Cipriano Barcelos

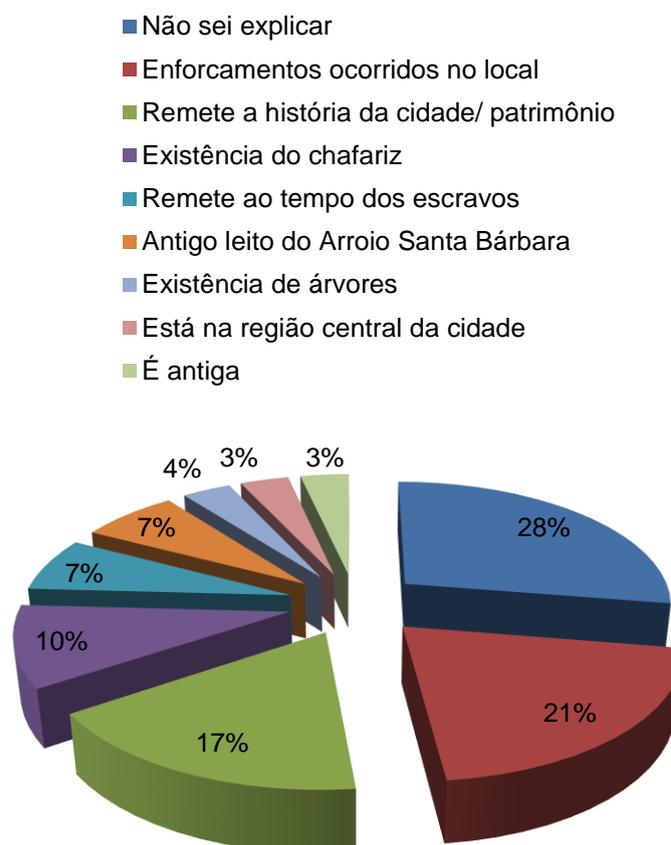
Na Praça Cipriano Barcelos, do total de entrevistados (20 usuários), todos eles (100% dos entrevistados) responderam que consideram essa praça como patrimônio histórico e cultural da cidade de Pelotas. Considerando a resposta de todos os entrevistados, foram citados 29 motivos que explicam o fato dessa praça ser considerada patrimônio cultural por esse grupo de pessoas (Figura 159).

É relevante salientar, primeiramente, que a citação mais mencionada dentre as justificativas (28% que corresponde a 8 de 29 citações) foi o fato de não saber explicar o motivo para a praça Cipriano Barcelos ser considerada patrimônio cultural da cidade de Pelotas (Figura 159). A seguir, com 21% (6 de 29 citações), dentre os motivos mencionados está o fato dessa praça ser considerada patrimônio em função dos enforcamentos ocorridos no local antigamente. Nesse caso, um dos respondentes comentou: “[...] contam que muitas pessoas no passado se enforcavam aqui, daí o nome da praça, acho que é por causa das árvores altas”. Depois, 17% (5 de 29 citações) das justificativas consideraram essa praça patrimônio, pois mencionaram que remete a história da cidade de Pelotas. Posteriormente, 10% (3 de 29 citações) disseram ser em função da presença do chafariz, 7% (2 de 29 citações) referiram ser porque remete ao tempo dos escravos e, também, 7% (2 de 29 citações) em função de ser o antigo leito do Arroio Santa Bárbara. Inclusive, um dos respondentes comentou: “[...] essa praça é importante, pois é um local que ficava as margens do Arroio Santa Bárbara, até mantiveram a ponte ali, perto dos Camelôs para as pessoas olharem”. Por fim, 1% (1 de 29 citações) destacou a presença de árvores, assim como 1% (1 de 29 citações) mencionou o aspecto locacional da praça (posicionamento na região central da cidade) e 1% (1 de 29 citações), também, comentou sobre a antiguidade da praça como um dos motivos relevantes que explicam o fato dessa praça ser considerada patrimônio cultural da cidade.

Para concluir, a respeito dos motivos que explicam essa praça ser considerada patrimônio da cidade de Pelotas, podemos dizer que, com base nas respostas dos entrevistados (Figura 159), existem indícios de que é difícil para eles ter clareza nessas justificativas. Esse fato indica que, embora todos os entrevistados considerem essa praça patrimônio, nas justificativas os respondentes pareceram ter dificuldade de explicar os motivos para isso. Apesar disso, alguns aspectos referentes à história da cidade e a acontecimentos históricos ocorridos no local (como, por exemplo, os

enforcamentos) apareceram também como justificativas para essa praça ser considerada patrimônio histórico e cultural da cidade de Pelotas.

Figura 159 - Gráfico da Praça Cipriano Barcelos.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico dos motivos que explicam a Praça Cipriano Barcelos ser considerada patrimônio histórico e cultural para os entrevistados.

Vale ressaltar que é comum entre as respostas dos entrevistados a menção a mais de um motivo que explica a praça ser considerada patrimônio histórico e cultural para a cidade de Pelotas. Sendo assim, o total de respostas entre os entrevistados (20 usuários) correspondeu a 29 justificativas (Apêndice L).

4.2.1.4 Praça Coronel Pedro Osório

Na Praça Coronel Pedro Osório, do total de entrevistados (20 usuários), todos eles (100% dos entrevistados) responderam que consideravam essa praça como patrimônio histórico e cultural da cidade de Pelotas. Considerando a resposta de todos

esses entrevistados, foram citados 33 motivos que explicam o fato dessa praça ser considerada patrimônio por esse grupo de pessoas (Figura 161).

Dentre as justificativas mais mencionadas, com 34% (11 de 33 citações), estão os casarões do entorno dessa praça, tal fato mostra indícios da importância dada a esses casarões pelos respondentes. Esses casarões foram citados, muitas vezes, de maneira geral, como, por exemplo, “[...] para mim essa praça é patrimônio por causa dos casarões antigos da volta da praça [...]”, mas também alguns foram citados de maneira mais pontual, como o prédio do Teatro Sete de Abril, o Teatro Guarani, a Prefeitura, a Biblioteca Pública e o Prédio do Grande Hotel.

Outras justificativas, 27% (9 de 33 citações), estavam vinculadas à questão locacional da praça, ou seja, ao seu posicionamento geográfico em termos de centralidade. Dessa forma, os respondentes parecem associar essa praça a ser a praça central da cidade de Pelotas. Um dos entrevistados comentou sobre ela da seguinte forma: “[...] para mim é a principal praça da cidade, ponto de referência para a cidade”. Outro disse: “[...] para mim, ela é o coração do centro, é local de passagem dos pelotenses [...]”. E outro, ainda, complementou: “[...] ela é importante porque fica bem no centro histórico da cidade, configurando um ponto de referência para as pessoas”. Depois, 15% (5 de 33 citações) das justificativas consideraram que essa praça é patrimônio porque remete à história da cidade. Nesse sentido, a maioria das justificativas disse respeito a essa ser uma praça antiga, que remete às origens do assentamento urbano da cidade. Posteriormente, 12% (4 de 33 citações) dos motivos foram mencionados em função da presença do chafariz (Fonte das Nereidas). Outros 6% (2 de 33 citações) disseram respeito a praça ter muitos monumentos e aqui vale destacar que, numa das citações, o respondente se referiu a monumentos de maneira geral, entretanto, outro destacou: “[...] existem muitos monumentos bonitos, inclusive obras de Antônio Caringi, que é um artista famoso daqui de Pelotas, como aquela em homenagem as mães que eu gosto muito”. Por fim, também 6% (2 de 33 citações) das justificativas para a praça ser patrimônio estavam ligadas ao evento da “Feira do Livro” que é realizada nesse espaço urbano.

Figura 160 - Gráfico da Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico dos motivos que explicam a Praça Coronel Pedro Osório ser considerada patrimônio histórico e cultural para os entrevistados.

Vale ressaltar que é comum entre as respostas dos entrevistados a menção a mais de um motivo que explica a praça ser considerada patrimônio histórico e cultural para a cidade de Pelotas. Sendo assim, o total de respostas entre os entrevistados (20 usuários) correspondeu a 33 justificativas (Apêndice L).

Para concluir, a respeito dos motivos que explicam a Praça Coronel Pedro Osório ser considerada patrimônio histórico e cultural da cidade de Pelotas, podemos dizer que, com base nas respostas dos entrevistados (Figura 160), existem indícios de que o principal motivo que parece explicar esse fato para esse grupo de pessoas é a existência dos casarões no entorno dessa praça. A importância dada a esses prédios parece ser tanto por eles serem exemplares antigos, do século XIX, uma arquitetura imponente e de destaque, quanto pelo uso e pela referência locacional que esses prédios proporcionam aos pelotenses. Nesse caso, muitos prédios foram citados pelos respondentes, como, por exemplo, a Prefeitura, a Biblioteca, o Teatro Sete de Abril, o Grande Hotel e outros. Outro aspecto referente aos prédios do entorno citado pelos respondentes que cabe mencionar é o aspecto deles serem tombados pelo IPHAN, nesse caso, esse local acabou se tornando o denominado “centro histórico” da cidade de Pelotas e isso parece proporcionar grande importância desse

local para os entrevistados. Nesse sentido, também, a praça se tornou parte do “centro histórico” e, assim, para muitos é considerada a principal praça da cidade, o que apareceu também como uma das principais justificativas para ela ser considerada patrimônio da cidade para o grupo de entrevistados.

4.2.3 Análise dos aspectos relacionados a patrimonialização e a importância das praças para os usuários

Foi possível concluir, com base nas respostas dos entrevistados, que as praças estudadas (praça José Bonifácio, Piratinino de Almeida, Cipriano Barcelos e Coronel Pedro Osório) parecem representar uma forma de patrimônio cultural para esse grupo de pessoas. Todos esses espaços urbanos mostram indícios de que são muito representativos para os usuários entrevistados, entretanto, os motivos que explicam tal fato difere um pouco de uma praça para outra.

De maneira geral, o aspecto que parece mais se destacar como um motivo que explica as praças estudadas serem consideradas patrimônio, na opinião dos entrevistados, são os prédios do entorno desse espaço. Isso foi evidenciado no caso do prédio da Catedral São Francisco de Paula na praça José Bonifácio, o prédio da Santa Casa de Misericórdia na praça Piratinino de Almeida, o prédio do Pop Center (Camelódromo) na praça Cipriano Barcelos e através de vários prédios de destaque, como a Prefeitura Municipal, Biblioteca Pública Pelotense, Teatro Sete de Abril, Grande Hotel e outros na praça Coronel Pedro Osório.

Outro aspecto ligado à materialidade do espaço urbano que parece justificar, no caso das praças estudadas, elas serem patrimônio cultural para os entrevistados é a presença de monumentos, como, por exemplo, a Caixa D'Água de Ferro na praça Piratinino de Almeida, o Chafariz dos Cupidos na praça Cipriano Barcelos e o Chafariz das Nereidas na praça Coronel Pedro Osório.

Depois, fora da materialidade do espaço urbano, também a antiguidade e a história vivida e contada sobre o ambiente parece ser um aspecto que influencia na opinião dos entrevistados para a praça ser considerada patrimônio. Assim, foi destacada, na praça José Bonifácio, a importância de ter sido naquele espaço a origem da cidade de Pelotas, com o desenho do primeiro loteamento e já a definição do espaço destinado para a praça, que hoje ainda permanece no local. Da mesma forma, no caso da Praça Coronel Pedro Osório, igualmente, foi destacada a

importância dada por ser os primórdios do segundo loteamento urbano na cidade. Por fim, no caso da Praça Cipriano Barcelos, foi evidenciada a questão histórica de ter sido o antigo leito do Arroio Santa Bárbara, o qual teve seu curso desviado. Além disso, no caso dessa praça também foi destacado a respeito dos casos de enforcamentos (suicídios) ocorridos ali, deixando a marca nesse local, que até hoje é conhecida como “Praça dos Enforcados”.

Sendo assim, portanto, concluímos que, para os casos estudados, as praças denominadas patrimônio cultural da cidade de Pelotas foram identificadas dessa maneira pelos usuários respondentes da pesquisa principalmente pelos aspectos relacionados aos prédios do entorno dessas praças, pelos monumentos e elementos de destaque (chafariz, caixa d’água) que elas possuem e, também, pelas histórias vividas e contadas de geração em geração sobre o respectivo ambiente (como no caso da Praça dos Enforcados).

4.2.4 As praças como referenciais urbanos para os usuários

A seguir, retomamos um dos objetivos específicos deste trabalho, que foi verificar se as praças estudadas são referenciais urbanos tanto físicos quanto identitários para os usuários. Assim, com base na pergunta: “Cite alguns locais que você considera importante no centro de Pelotas”, as respostas foram ranqueadas conforme a frequência de respostas (ver Figura 161). Vale ressaltar que foi dito aos entrevistados que eles poderiam enunciar locais que eles consideram importantes, tanto por algum motivo pessoal quanto um local que eles indicariam para alguém visitar, bem como um local que eles consideram importante para eles se localizarem dentro da cidade, ou seja, utilizado como ponto de referência urbana.

No total, foram aplicadas 80 entrevistas, sendo 20 em cada uma das 4 praças que fazem parte do trabalho. Quando essa pergunta foi feita aos respondentes, muitos deles citaram mais de um local importante, enquanto outros diziam que não lembravam de nenhum local no momento da entrevista.

Assim, de acordo com essas respostas obtidas, os principais referenciais urbanos mais citados foram a Praça Coronel Pedro Osório (28 respondentes), em primeiro lugar, sendo que alguns usuários citaram o chafariz da Praça Coronel Pedro Osório, mas, nesse caso, as respostas foram contabilizadas no mesmo item, pois

adotamos o entendimento de que a pessoa estava se referindo ao mesmo espaço urbano.

Em segundo lugar, foi mais citado o Mercado Público (20 respondentes), sendo que alguns citaram o prédio do mercado como importante e outros destacaram o largo do mercado público como de grande significação no centro da cidade. Nesses dois casos, as respostas foram contabilizadas como uma somente.

Em terceiro lugar, em ordem de importância no centro de Pelotas foram citados os casarões do entorno da Praça Coronel Pedro Osório (15 respondentes). Nesse caso, os usuários falaram da importância desses prédios de maneira geral, mas não chegaram a citar nenhum específico. Quando foi solicitado que especificassem alguns desses casarões, foram mencionados, principalmente: a Prefeitura, a Biblioteca Pública, o Museu do Doce, o Teatro Sete de Abril ou, simplesmente, disseram: *“aqueles prédios antigos da volta da praça”*.

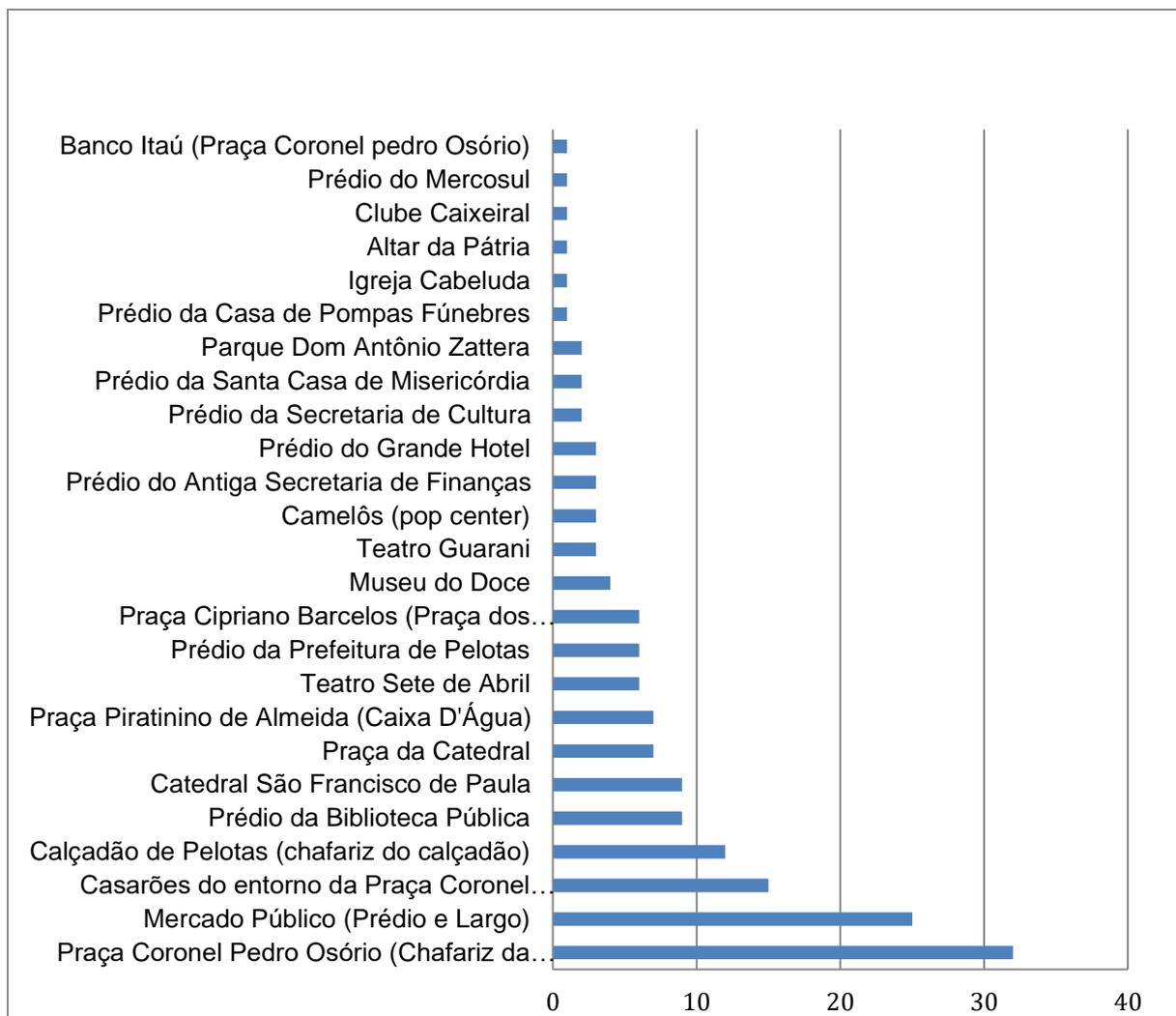
Posteriormente a esses locais mais citados estão o prédio da Biblioteca Pública (8 respondentes), a Catedral São Francisco de Paula (7 respondentes), o Teatro Sete de Abril e o Calçadão de Pelotas ou Chafariz do Calçadão de Pelotas (6 respondentes cada). No caso, tanto o Chafariz do Calçadão quanto o Calçadão de Pelotas foram incluídos dentro do mesmo item por entendermos que o usuário se referia ao mesmo ambiente urbano. Na sequência, mencionaram a respeito da Praça Piratinino de Almeida e da Caixa D'Água como importantes locais do centro (5 respondentes) e do prédio da Prefeitura (4 respondentes).

A seguir foi identificado o Museu do Doce, as praças em geral e o Teatro Guarani (3 respondentes). Nesse caso, o termo *“as praças em geral”* foi usado pelos respondentes quando eles acreditavam que todas as praças do centro eram importantes locais de referência para eles, não especificando uma em especial. Também os Camelôs ou prédio do Pop Center, o prédio da antiga Secretaria de Finanças, o prédio do Grande Hotel, o prédio da Secretaria de Cultura, a Praça da Catedral e o Parque Dom Antônio Zattera foram destacados como importantes locais do centro de Pelotas (2 respondentes).

Por fim, foram identificados, também, o prédio da casa de Pompas Fúnebre, a Catedral do Redentor (ou Igreja Cabeluda), a Praça Cipriano Barcelos (ou Praça dos Enforcados), a Rua do Doce, o prédio da Santa Casa de Misericórdia, o prédio do

Clube Caixeiral, o prédio do Mercosul, o prédio do Banco Itaú (na Praça Coronel Pedro Osório), a rua XV de Novembro e a Avenida Bento Gonçalves (1 respondente).

Figura 161 - Referenciais urbanos do centro de Pelotas.



Fonte: Autora, 2021.

Os referenciais urbanos identificados na figura acima foram citados pelos usuários entrevistados nas praças, e a cada referencial urbano corresponde um número relativo à quantidade de usuários que citou o respectivo referencial.

Posteriormente, todos esses elementos citados como importantes referenciais urbanos do centro de Pelotas foram agrupados de forma que tivessem as praças estudadas como núcleo central e os demais elementos mencionados no respectivo entorno de cada uma das praças. Assim, como resultado desse processo, foi montada a Tabela 5 com o objetivo de tentar auxiliar no entendimento se as praças estudadas são identificadas pelos respondentes da pesquisa como importantes referenciais urbanos do centro de Pelotas.

Dessa forma, observando esses dados (Tabela 5), no que diz respeito às praças, quanto à identificação dos referenciais urbanos do centro de Pelotas, foi possível identificar que a Praça Coronel Pedro Osório é um referencial de bastante relevância para os respondentes da pesquisa. Além dela, as outras praças que fazem parte do estudo também foram identificadas e lembradas como elementos marcantes do centro de Pelotas.

Quanto a Praça Coronel Pedro Osório, além dela propriamente dita (citada por 32 entrevistados), também foram citados referenciais urbanos do entorno dessa praça, mostrando que seu entorno também é bastante presente na memória dessas pessoas e que todo esse ambiente é importante como referencial urbano da cidade de Pelotas. Foram bastante citados, por exemplo, os casarões do entorno da praça Coronel Pedro Osório, o Mercado Público Central, a Biblioteca Pública, o Teatro Sete de Abril, a Prefeitura e o Museu do Doce. Além desses, também foram mencionados, porém, com menor frequência, o prédio da antiga Secretaria de Finanças, o Grande Hotel, o prédio da Secretaria de Cultura, a Casa de Pompas Fúnebres, o Clube Caixeiral e o prédio do Banco Itaú (conforme Tabela 5).

A Praça José Bonifácio também é um espaço urbano bastante mencionado pelos entrevistados como um referencial urbano do centro de Pelotas (16 respondentes), pois ela é citada tanto pela própria praça propriamente dita (7 respondentes) quanto pela existência do Prédio da Catedral São Francisco de Paula (9 respondentes).

A Praça Piratinino de Almeida foi lembrada pelos entrevistados (9 respondentes) principalmente pela presença da Caixa d'água de Ferro no seu interior (7 respondentes) e, também, pelo prédio da Santa Casa de Misericórdia no seu entorno (2 respondentes). A Praça Cipriano Barcelos também foi citada pelos respondentes (9 respondentes), tanto pela própria praça (6 respondentes) quanto pela existência do Pop Center (3 respondentes) no seu entorno.

Nesse sentido, existem indícios de que a Praça Coronel Pedro Osório principalmente, seguida pelas outras praças centrais de Pelotas que fazem parte do estudo – José Bonifácio, Piratinino de Almeida e Cipriano Barcelos – são elementos marcantes que foram lembrados e que puderam ser identificados como referenciais urbanos pelos usuários entrevistados para se localizarem no espaço urbano, ajudando no deslocamento de onde estão e para onde devem ir.

Tabela 5 - Praças com respectivos referenciais urbanos.

PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO	
Praça Coronel Pedro Osório (Chafariz da Praça)	32
Mercado Público (Prédio e Largo)	25
Casarões do entorno da Praça Coronel Pedro Osório	15
Prédio da Biblioteca Pública	9
Teatro Sete de Abril	6
Prédio da Prefeitura de Pelotas	6
Museu do Doce	4
Prédio da Antiga Secretaria de Finanças	3
Prédio do Grande Hotel	3
Prédio da Secretaria de Cultura	2
Prédio da Casa de Pompas Fúnebres	1
Clube Caixeiral	1
Banco Itaú (Praça Coronel Pedro Osório)	1
TOTAL	108
PRAÇA JOSÉ BONIFÁCIO	
Praça da Catedral	7
Catedral São Francisco de Paula	9
TOTAL	16
PRAÇA PIRATININO DE ALMEIDA	
Praça Piratinino de Almeida (Caixa D'Água)	7
Prédio da Santa Casa de Misericórdia	2
TOTAL	9
PRAÇA CIPRIANO BARCELOS	
Praça Cipriano Barcelos (Praça dos Enforcados)	6
Camelôs (pop center)	3
TOTAL	9

Fonte: Autora, 2021.

Essa tabela apresenta as praças que fazem parte do estudo e apenas os referenciais urbanos identificados pelos respondentes que dizem respeito às praças ou que fazem parte do entorno das mesmas.

4.3 A influência da patrimonialização para o uso das praças

Nesta última parte do capítulo 4, foi elaborada uma tentativa de relacionar aspectos ligados à patrimonialização e ao uso das praças, conforme dados levantados através das entrevistas aplicadas nas praças, bem como através da análise dos mapas comportamentais.

Conforme entrevistas realizadas na Praça José Bonifácio, foi possível perceber indícios de que essa praça é considerada patrimônio cultural pelos usuários entrevistados. Dentre os motivos para tal fato estão principalmente a existência do prédio da Catedral São Francisco de Paula e, também, a localização geográfica dessa praça dentro da malha urbana, que remete às origens da cidade (primeiro loteamento).

Além desses aspectos físicos, foi possível perceber, também, que outros aspectos ligados aos sentimentos, memórias e lembranças ajudam a reforçar a importância dessa praça para esses usuários. Aspectos relativos à lembranças da época da escola e aspectos religiosos foram lembrados pelos entrevistados no momento em que estavam nesse ambiente.

Também é relevante salientar que, frente às entrevistas realizadas com os usuários, foi possível identificar que essa praça, assim como o prédio da Catedral São Francisco de Paula, foram identificadas por esse grupo de pessoas como referenciais dentro da malha urbana do centro de Pelotas. Ou seja, foram caracterizadas como elementos de fácil identificação e que colaboram na localização de onde o indivíduo está e para onde quer ir.

Quanto ao uso dessa praça, foi possível identificar que dentre os principais motivos para tal fato está o uso dos prédios do entorno, como, por exemplo, o Centro Espírita Jesus, o Colégio Gonzaga e outros que levam as pessoas a utilizar a praça. Também, muitos usuários utilizam o espaço para passear com o cachorro, namorar e encontrar amigos.

Sendo assim, para o caso da Praça José Bonifácio, foi possível identificar indícios de que ela é caracterizada como patrimônio cultural, sendo um importante bem, tanto para a cidade quanto individualmente para os entrevistados da pesquisa. Entretanto, apesar disso, foi também identificado que, a princípio, ela ser considerada patrimônio cultural não representa um dos principais motivos para os usuários entrevistados usarem a praça.

Quanto à Praça Piratinino de Almeida, foi possível perceber indícios de que essa praça é considerada patrimônio cultural pelos usuários entrevistados. Dentre os motivos para tal fato, estavam principalmente a existência da caixa d'água de ferro em seu interior e, também, o prédio da Santa Casa de Misericórdia em seu entorno.

Além desses aspectos físicos, foi possível perceber, também, que outros aspectos ligados aos sentimentos, memórias e lembranças ajudam a reforçar a

importância dessa praça para esses usuários. Foram identificados aspectos relativos à lembranças que dizem respeito ao próprio elemento da caixa d'água e, também, lembranças que dizem respeito aos familiares e aos prédios do entorno como a parada de ônibus do Laranjal e o prédio da Santa Casa de Misericórdia.

Também é relevante salientar que, frente às entrevistas realizadas com os usuários, foi possível identificar que essa praça, assim como o monumento da caixa d'água de ferro e o prédio da Santa Casa de Misericórdia, foram identificados por esse grupo de pessoas como referenciais dentro da malha urbana do centro de Pelotas. Foram caracterizados como elementos de fácil identificação e que colaboram na localização de onde o indivíduo está e para onde quer ir.

Quanto ao uso dessa praça, foi possível identificar que dentre os principais motivos para tal fato estava o uso dos prédios do entorno, como, por exemplo, o prédio da Santa Casa de Misericórdia, pois em função dele muitas pessoas ficam na praça aguardando o horário de consultas, exames ou troca de acompanhantes. A praça também é muito utilizada para encontros, momentos de espera entre uma atividade e outra.

Sendo assim, para o caso da Praça Piratinino de Almeida, foi possível identificar indícios de que ela é caracterizada como patrimônio cultural, sendo um importante bem, tanto para a cidade quanto individualmente para os entrevistados da pesquisa. Entretanto, apesar disso, foi também identificado que, a princípio, ela ser considerada patrimônio cultural não representa um dos principais motivos para os usuários entrevistados usarem a praça.

Em relação a Praça Cipriano Barcelos, foi possível perceber indícios de que essa praça é considerada patrimônio cultural pelos usuários entrevistados. Dentre os motivos para tal fato estavam, principalmente, as histórias contadas sobre os enforcamentos (suicídios) ocorridos no local, além do chafariz e, também, por ali ser o antigo leito do Canal Santa Bárbara.

Além desses aspectos físicos, foi possível perceber, também, que outros aspectos ligados aos sentimentos e memórias também ajudaram a reforçar a importância dessa praça para esses usuários, além de aspectos relativos a lembranças de eventos, como o carnaval, quando era realizado na Rua Marechal Floriano.

Também é relevante salientar que, frente às entrevistas realizadas com os usuários, foi possível identificar que essa praça, assim como o prédio do Centro

Comercial Pop Center (Camelódromo), foram identificados por esse grupo de pessoas como referenciais dentro da malha urbana do centro de Pelotas. E foram caracterizados como elementos de fácil identificação e que colaboram na localização de onde o indivíduo está e para onde quer ir.

Quanto ao uso dessa praça, foi possível identificar que dentre os principais motivos para tal fato estava o uso dos prédios do entorno, como, por exemplo, o prédio do Centro Comercial Pop Center, pois em função dele muitas pessoas ficam na praça aguardando outras pessoas acessarem o local. A praça também é muito utilizada para encontros, momentos de espera entre uma atividade e outra.

Sendo assim, para o caso da Praça Cipriano Barcelos, foi possível identificar indícios de que ela é caracterizada como patrimônio cultural, sendo um importante bem, tanto para a cidade quanto individualmente para os entrevistados da pesquisa. Entretanto, apesar disso, foi também identificado que, a princípio, ela ser considerada patrimônio cultural não representa um dos principais motivos para os usuários entrevistados usarem a praça.

Na Praça Coronel Pedro Osório, foi possível perceber indícios de que ela é considerada patrimônio cultural pelos usuários entrevistados. Dentre os motivos para tal fato estavam, principalmente, por essa ser considerada a principal praça da cidade, bem como pelos casarões do entorno, o chafariz e os monumentos existentes no interior da praça.

Além desses aspectos físicos, foi possível perceber, também, que outros aspectos ligados aos sentimentos e lembranças também ajudam a reforçar a importância dessa praça para esses usuários, além de aspectos relativos a lembranças de eventos, como, por exemplo, o carnaval, quando era realizado na Rua Marechal Floriano e se estendia até a praça.

Também é relevante salientar que, frente às entrevistas realizadas com os usuários, foi possível identificar que essa praça e os prédios do entorno, como, por exemplo, o Mercado Público, o Teatro Sete de Abril, a Biblioteca Pública e outros, foram identificados por esse grupo de pessoas como referenciais dentro da malha urbana do centro de Pelotas. E foram caracterizados como elementos de fácil identificação e que colaboram na localização de onde o indivíduo está e para onde quer ir.

Quanto ao uso dessa praça, foi possível identificar que dentre os principais motivos para tal fato estava o uso de atividades de lazer e descanso, sendo também muito utilizada para encontros e momentos de espera entre uma atividade e outra a ser realizada no centro da cidade. A praça também é muito utilizada em função do parquinho infantil e para atividades físicas.

Sendo assim, para o caso da Praça Coronel Pedro Osório, foi possível identificar indícios de que ela é caracterizada como patrimônio cultural, sendo um importante bem, tanto para a cidade quanto individualmente para os entrevistados da pesquisa. Entretanto, apesar disso, foi também identificado que, a princípio, ela ser considerada patrimônio cultural não representa um dos principais motivos para os usuários entrevistados usarem a praça.

Sendo assim, através deste estudo, foi possível perceber que existem indícios de que as praças centrais estudadas da cidade de Pelotas são consideradas patrimônio cultural da cidade para esses usuários. Entretanto, esse aspecto não parece ser um motivo que explica o principal uso das praças para o caso das pessoas entrevistadas. Logo, para a realidade estudada, não parece existir uma relação direta entre a patrimonialização das praças e o uso das mesmas por esse motivo principal.

5 CONCLUSÕES E ENCAMINHAMENTOS DE NOVOS ESTUDOS

Este capítulo é um fechamento geral da pesquisa, onde elencamos os principais resultados obtidos no trabalho de campo e destacamos as principais relações encontradas entre a patrimonialização e o uso das praças centrais de Pelotas. Assim, frente ao problema de pesquisa levantado, de que existe um descompasso entre a patrimonialização das praças (espaço concebido) e seu uso efetivo (espaço vivido) e sua percepção (espaço percebido), decorrente do fato de que as praças constituem um espaço público cujo uso está associado muito mais à função da praça do que à patrimonialização propriamente dita, foi elaborada a tese de que embora o espaço das praças possa ser patrimonializado, seu uso e todo o dinamismo deve ser permitido e incentivado para que o espaço continue tendo vida e significado para seus usuários. Através do método de análise baseado na teoria de Lefebvre (1995), foi realizada uma análise da realidade social, aplicando o método regressivo-progressivo, que remete basicamente a três momentos: a descrição do visível, a análise regressiva e a progressão genética.

Dessa forma, foi possível analisar, frente a realidade das praças estudadas na atualidade, que muitos dos motivos delas apresentarem determinadas características hoje remetem às épocas passadas. Assim, essas praças, enquanto construções físicas, carregam consigo a história da cidade de Pelotas e das relações sociais ocorridas nesses espaços ao longo dos anos. Nesse sentido, o trabalho de Rocha (2000) ajudou a entender que as praças do centro de Pelotas passaram por um processo de desenvolvimento coincidente com praças de outras cidades gaúchas. Esse processo de transformação mostra que todas as praças passaram, primeiro, por períodos em que eram caracterizadas como um vazio urbano, delimitadas preponderantemente pelos prédios do entorno e tendo como uma de suas principais atividades o descanso de animais e viajantes. Desse período, podemos citar a demarcação da Praça José Bonifácio, com o estabelecimento da Igreja Matriz, no primeiro loteamento da cidade de Pelotas, bem como o estabelecimento da Praça Piratinino de Almeida como Praça da Cavahada, onde era comercializado o gado para as charqueadas. Também do mesmo período, já no segundo loteamento da cidade, a praça Coronel Pedro Osório, quando ainda possuía um pelourinho.

Posteriormente, as praças foram transformadas em espaços de lazer e contemplação, com a finalidade das pessoas passearem. Nesse período, as praças

estudadas passam por transformações que podem ser observadas na atualidade. Dentre essas reformas, podemos citar a colocação de chafarizes com a finalidade de abastecimento de água potável, como é o caso das Praças Coronel Pedro Osório, Cipriano Barcelos e José Bonifácio (que posteriormente foi retirado) e a Caixa D'Água de Ferro da Praça Piratinino de Almeida (monumento que permanece até hoje). Nesse período, também, as praças foram adornadas e passou a existir a preocupação com o ajardinamento dos espaços, delimitação dos caminhos internos com pavimentação e colocação de estátuas e bustos em homenagem a pessoas ilustres da sociedade.

Por fim, identificamos que as praças estudadas passaram por um último período, caracterizado pela intensificação da industrialização e comércio na cidade de Pelotas, que distancia o local de trabalho das residências, gerando um crescimento de zonas periféricas e, assim, as praças centrais da cidade se tornam locais de passagem com a substituição dos prédios do entorno em termos de uso e estilo arquitetônico. Isso foi observado, principalmente, na Praça Coronel Pedro Osório, com a construção dos edifícios em altura, de uso misto (comércio/residência), existentes até hoje e identificados no trabalho através do mapa de usos da área. Isso se verifica, também, em menor intensidade nas demais praças estudadas.

Assim, através desse movimento de retorno ao passado, foi possível identificar as rupturas nos processos de permanência existentes, que essa constante produção e reprodução do espaço das praças foi impulsionada, principalmente, em função das demandas da sociedade da época, que buscava trazer para esses espaços as inovações técnicas para suprir as necessidades da população. No mesmo sentido, essas reformulações verificadas são resultado do espaço e do tempo socialmente produzidos, correspondendo, em cada época, à sociedade específica que produziu esse espaço.

Conforme um dos objetivos da pesquisa, de verificar se as praças estudadas são referenciais físicos e identitários para os usuários, foi possível perceber que todas foram identificadas como tal. De acordo com Lynch (1997), os “marcos” ou referenciais urbanos, como podem ser chamados, são elementos importantes que servem para estruturar a imagem da cidade, facilitando o reconhecimento e a organização das diversas partes da cidade como um todo, permitindo uma melhor orientação espacial.

Dessa maneira, cada uma das praças estudadas foi identificada como um desses elementos de forte reconhecimento dentro da malha urbana central da cidade

de Pelotas. Isso implica numa identificação das praças com um local único, proporcionando um significado tanto prático quanto emocional, que está intimamente ligado à identidade dos usuários.

Através das entrevistas realizadas, foi possível perceber que o reconhecimento do nome de cada uma das praças está fortemente ligado às questões identitárias do usuário com o respectivo espaço urbano. No caso da praça José Bonifácio, ela é reconhecida com o nome de “Praça da Catedral”, o que nos remete a importância dada à Igreja naquele ambiente. Nesse sentido, poderíamos dizer que a Catedral é percebida como um dos elementos que proporciona o reconhecimento da identidade da praça José Bonifácio em relação aos demais espaços urbanos do centro da cidade de Pelotas.

Da mesma forma, foi verificado que a praça Piratinino de Almeida é denominada pelos usuários como “Praça da Caixa D’água” ou “Praça da Santa Casa”, mostrando que a identidade do ambiente está ligada a esses dois elementos urbanos da praça e do entorno. A praça Cipriano Barcelos é denominada como “Praça dos Camelôs” ou “Praça dos enforcados”, esse reconhecimento mostra que a questão da identidade dos usuários com o ambiente pode estar ligada tanto a aspectos físicos (POP Center, prédio onde se localizam os comerciantes informais, reconhecidos como camelôs) quanto a aspectos ligados à memória (enforcamentos acontecidos no local). Nesse caso, a questão da “metamemória”, como diz Candau (2011), que é aquela memória manifestada pelos usuários e compartilhada entre eles, aparece claramente quando os usuários nomeiam a praça em função desses acontecimentos vivenciados no passado.

Assim, podemos concluir que as praças estudadas, de maneira geral, e alguns elementos físicos de seu interior, atuam como “sociotransmissores” (Candau, 2011) ajudando a consolidar a conexão entre a memória individual e coletiva dos diferentes grupos sociais que compõem a cidade de Pelotas. Podemos citar como importantes sociotransmissores o prédio da Catedral, a Caixa d’água de Ferro, o Chafariz das Nereidas e outros elementos que atuam tendo um reconhecimento da população e criando memórias que geram uma sensação de pertencimento a determinado grupo e/ou local.

A denominação da Praça Coronel Pedro Osório sendo reconhecida pelo próprio nome, mostra, de certa forma, a importância desse ambiente frente aos demais, visto

que seu nome é lembrado, não precisando necessariamente de outras referências para ocorrer a identificação do usuário com o ambiente.

Desse modo, através deste estudo, ficou reconhecida a importância das praças centrais como espaços que possuem uma forte identidade com os usuários, além de serem elementos que estruturam a imagem da cidade de Pelotas, facilitando a legibilidade, ou seja, a facilidade com que as partes da cidade são reconhecidas e organizadas como um todo coerente (LYNCH, 1997).

Outra conclusão foi de que todas as praças estudadas foram consideradas patrimônio histórico da cidade de Pelotas pelos usuários entrevistados. Quanto aos motivos que justificam tal reconhecimento, foi identificado que eles estavam fortemente ligados aos mesmos motivos que proporcionam identidade dos usuários com o ambiente.

No caso da Praça José Bonifácio, foi mencionado que ela é patrimônio, principalmente em razão do prédio da Catedral, além de remeter às origens do assentamento urbano da cidade. Esses mesmos elementos foram citados, também, como aqueles que favorecem a identificação dos usuários com o local e que acabam por serem a referência do ambiente dentro de uma área maior (como o centro da cidade), inclusive proporcionando o nome popular do lugar, como no caso da Praça da Catedral. Já na Praça Piratinino de Almeida, o motivo dela ter sido considerada patrimônio foi a Caixa D'água de Ferro e o prédio da Santa Casa de Misericórdia. Na Praça Cipriano Barcelos, os motivos dizem respeito aos enforcamentos ocorridos no local, enquanto na Praça Coronel Pedro Osório foi pelo fato de ela ser a praça central e pelos prédios do seu entorno.

Portanto, em relação às praças estudadas, podemos concluir que elas foram consideradas patrimônio pelos entrevistados em função de aspectos reconhecidos como relevantes no ambiente, que garantem a identidade dos usuários com o local e o reconhecimento (inclusive com o próprio nome) como um lugar único e diferenciado dos demais.

Nesse sentido, é relevante destacar que, segundo o IPHAN²⁷, as praças centrais de Pelotas são tombadas por fazerem parte do “Conjunto Histórico de Pelotas”. Esse conjunto possui significativo valor histórico, artístico e paisagístico em função do ciclo econômico e cultural do charque que ocorreu no Rio Grande do Sul

²⁷ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1764/>

entre 1800 e 1900. Logo, é possível identificar que os motivos dos tombamentos realizados pelo órgão responsável não são exatamente aqueles identificados pelos usuários. Embora todos os aspectos citados representem o apogeu da cidade de Pelotas em função da atividade econômica do charque, como, por exemplo, os casarões do entorno da Praça Coronel Pedro Osório, a Caixa D'água de Ferro, a Catedral e outros, a questão da economia e da cultura relacionada ao charque não foi citada em nenhum momento pelos respondentes. Inclusive, no caso da Praça Cipriano Barcelos, vale lembrar que embora os usuários tenham considerado a praça como patrimônio, muitos não souberam explicar exatamente o motivo para esse reconhecimento.

Para a realização do processo de patrimonialização, segundo Davallon (2002), é necessário que ocorra um determinado procedimento. Para esse processo ser completo, precisam ocorrer seis operações (ou etapas) consecutivas ou de maneira mais ou menos simultâneas, são elas: (1) o “achado”; (2) o estudo do objeto; (3) a declaração; (4) a representação do objeto; (5) o acesso do coletivo ao objeto; e (6) a transmissão. Assim, primeiro, precisamos encontrar o objeto; posteriormente, estudar sobre ele para conhecer sua autenticidade; para, então, declarar o objeto como patrimônio cultural; sendo a partir desse momento que a obrigação de guardar o objeto passa a ser regra. O próximo passo diz respeito a representação do objeto como elo de ligação entre o passado e o presente. Depois, a celebração trata da visita pelo público com olhos de apreciação do objeto e, por fim, existe a obrigação de conservar e transmitir às gerações futuras esses objetos. Somente após essas seis operações, ou etapas, é que, para Davallon (2002), o processo de patrimonialização poderia ser dado como concluído.

Portanto, com base nessas etapas identificadas por Davallon (2002), podemos dizer que a patrimonialização das praças de Pelotas não foi concluída, uma vez que nem todas as etapas foram vencidas.

Inicialmente, em relação as etapas de identificar as praças como patrimônio histórico e cultural e estudar esses objetos, parece que foram etapas vencidas e realizadas com sucesso, pois fica clara sua autenticidade e relevância para a cidade. Assim, a declaração das praças como bem cultural é totalmente justificada e essa tomada de decisão aparece em leis municipais, como é o caso da proteção estabelecida através do III Plano Diretor (Lei nº 5502 de 2008) e também em leis

federais como fazendo parte de “Conjuntos Urbanos Tombados” (<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1764/>).

No entanto, nos que diz respeito a etapa de “transmissão”, operação 6, denominada por Davallon (2002), onde compete ao poder público conservar e transmitir às gerações futuras o conhecimento sobre esse objeto e o que ele representa, conectando o público ao objeto e formando uma ponte entre o passado, o presente e o futuro, essa etapa parece que não foi realizada ou precisa ser mais trabalhada no caso das praças de Pelotas. Isso porque não foi identificado que os entrevistados relacionam a patrimonialização das praças como diretamente ligada à economia e cultura do charque, conforme declarado pelo IPHAN como o motivo para tal patrimonialização.

Em relação a esse aspecto, existe a necessidade de um maior trabalho, principalmente do poder público, no sentido de promover atividades culturais, exposições e incentivo à educação patrimonial nas escolas, no sentido de evidenciar para a população local e, também, para indivíduos externos ao grupo a experiência da descoberta do objeto como bem patrimonial. O objetivo principal deveria ser a transmissão do conhecimento sobre o objeto e seu contexto original, que corresponde ao seu valor histórico, artístico e paisagístico em função do ciclo econômico e cultural do charque que ocorreu no Rio Grande do Sul entre 1800 e 1900.

No caso das praças de Pelotas, elas fazem parte do cotidiano da vida das pessoas, mas é necessário saber e conhecer que elas não são simplesmente lugares onde acontece a vida urbana. Elas são portadoras de memórias compartilhadas pelo grupo (metamemórias, segundo Candau, 2011), ou seja, são suportes do que se deve lembrar quando se é membro desse grupo (sociotransmissores, segundo Candau, 2011).

Assim, fica evidente a importância de conhecer o objeto material juntamente com o conhecimento sobre ele, para que então seja entendida toda a sua contextualização. Esse é o motivo pelo qual a valorização patrimonial, como celebração da descoberta, deve estar associada sempre ao objeto e ao conhecimento, para que possa se tornar um dispositivo que comporta uma memória social atrelada a ele. Dessa forma, a operação de transmissão fica facilitada, pois ao existir o sentimento de pertencimento e de dívida para com os homens do passado por terem

produzido determinado bem, os usuários desses locais serão comprometidos com sua guarda e responsáveis por transmitir para gerações futuras esses valores.

Quanto ao uso das praças, podemos observar, com base nos mapas comportamentais e nas entrevistas, que os usuários utilizavam as praças primordialmente para atividades cotidianas, como: encontrar pessoas, passear com animais de estimação, cruzar livremente, encurtar caminhos, sentar para apreciar a paisagem, realizar atividades físicas, enfim, diversos comportamentos são realizados. Inclusive, é relevante salientar que muitas dessas atividades são incrementadas em função da localização dessas praças dentro da malha urbana da cidade. Nesse sentido, muitas pessoas mencionaram nas entrevistas que estavam na praça realizando determinada atividade em função da proximidade dela com determinado local/ou prédio do entorno. Um exemplo desse tipo de comportamento se dava no caso da Praça Piratinino de Almeida, onde muitas pessoas estavam utilizando o ambiente por ser próximo da Santa Casa de Misericórdia.

Assim, com este estudo, podemos concluir que essas praças centrais de Pelotas são utilizadas para atividades cotidianas, principalmente em função de seu aspecto locacional. Ou seja, seu uso é maior, principalmente, por serem praças centrais, por onde as pessoas cruzam para realizar seus trajetos cotidianos de circulação entre um ponto e outro da cidade (identificado nos mapas comportamentais).

Além disso, também a utilização dos prédios do entorno delas é outro aspecto que aumenta o uso desses espaços, pois funcionam como atrativos urbanos que acabam por aglomerar um maior número de pessoas na proximidade, como, por exemplo, o Colégio Gonzaga na Praça José Bonifácio, o prédio da Santa Casa de Misericórdia na Praça Piratinino de Almeida, o prédio dos Camelôs na Praça Cipriano Barcelos e outros (identificados nos mapas comportamentais e mapas de usos dos prédios do entorno).

Sobre a relação entre o uso das praças e a patrimonialização, é possível perceber que apesar das praças estudadas serem consideradas patrimônio histórico e cultural pelos usuários entrevistados, esse não foi um dos principais motivos para uso delas. Ainda sobre esse aspecto, é relevante salientar que as entrevistas foram realizadas com pessoas que vivenciam esse ambiente frequentemente e que, logo, poderíamos caracterizar como que “acostumadas” com o lugar e, portanto, não são

visitantes. Essas pessoas usam o local e experienciam ele em função de suas atividades cotidianas, embora não deixem de considerar ele patrimônio cultural da cidade.

Assim, se a intenção do poder público, politicamente falando, é incrementar o uso das praças em função dessa declaração de “bem patrimonial”, então, novamente recorrendo a Davallon (2002), é necessário que esse processo de patrimonialização seja revisto para que a operação ou etapa de “exposição”, onde o bem patrimonial é vivenciado através da experiência da descoberta, seja promulgada para além do grupo de indivíduos que já reconhece e vivencia esse espaço frequentemente. Nesse sentido, é necessário que indivíduos externos a esse grupo identifiquem motivos comuns de interesse por visitar esses ambientes. Nesse caso, o turismo é uma forma de buscar a produção dessa relação entre patrimonialização e uso, trazendo interessados pelos objetos ou mundo de origem e uma ampliação de olhares.

Utilizando o método de análise dialético regressivo-progressivo, desenvolvido por Lefebvre, foi possível, a partir da realidade atual das praças, voltar ao passado e perceber que determinados aspectos em relação a esses ambientes que continuam presentes na atualidade foram características marcantes que, de certa forma, marcaram distintos períodos históricos pelos quais essas praças passaram. Esses períodos históricos, conforme evidenciado por Rocha (2000), estão relacionados ao uso desses espaços e foram recorrentes em muitas das praças no Rio Grande do Sul.

Assim, foi possível observar que a partir do primeiro período histórico, onde as praças eram como logradouros públicos, ocorreram muitas rupturas ou transformações, até esses ambientes se tornarem espaços de lazer e contemplação. Desse período, as praças centrais estudadas da cidade de Pelotas apresentam muitas permanências. Como exemplos materiais, presentes no ambiente até os dias atuais, podemos citar a Caixa D'água de Ferro da Praça Piratinino de Almeida, o Chafariz da Praça Coronel Pedro Osório e o Chafariz da Praça Cipriano Barcelos. Também podemos citar comportamentos relacionados ao uso do espaço, remanescentes desse período histórico, que continuam presentes na atualidade, como, por exemplo, o hábito de sentar-se nos bancos das praças e apreciar a paisagem e as pessoas e a prática de simplesmente passear por esse ambiente.

Nesse sentido, foi possível relacionar que muitos dos elementos materiais que os usuários entrevistados nas praças, na atualidade, identificaram como motivos para

elas serem patrimônio histórico são permanências, fruto desse segundo período histórico pelo qual as praças passaram. Além disso, vale ressaltar que esses elementos foram colocados nas praças para que elas se tornassem espaços de lazer e contemplação e, logo, fossem mais utilizadas pela população, por se tornarem locais mais adequados aos usos e costumes da época.

Agora, a fim de indicar possibilidade de futuro para o ambiente das praças patrimonializadas da cidade de Pelotas, foi identificado que todas as sugestões de melhorias citadas pelos entrevistados foram no sentido de incrementar o uso dessas praças. Foram citados muitos aspectos relacionados a manutenção, limpeza do ambiente e segurança. Também foi mencionado a respeito de trazer atrativos para esses ambientes, como quiosques para venda de produtos alimentícios e a realização de eventos com música e atividades culturais.

Nesse caso, é interessante verificar que, no futuro, o que os usuários desejam para esses espaços que consideram patrimônio cultural é poder frequentar mais o ambiente. Entretanto, conforme os mapas comportamentais e entrevistas, foi observado que esses ambientes, atualmente, podem ser caracterizados como dentro do terceiro e último tempo identificado por Rocha (2000) no processo de evolução das praças gaúchas, o qual diz respeito a um local de passagem. Logo, parece que essas praças podem estar em um momento de transição, no qual ainda são caracterizadas, segundo seu uso, como um local de passagem, porém, podem vir a se tornar novamente, como já foram no passado, um local de lazer e contemplação, dependendo do tratamento dado ao ambiente em função da manutenção dos equipamentos urbanos e atividades de lazer e cultura promovidas nos ambientes.

Assim, com base nesses apontamentos descritos acima, é possível dizer, conforme os conceitos de Lefebvre (2006), que o espaço concebido pelos técnicos, pelo poder público ou pelo Estado não parece corresponder ao espaço vivido e experienciado pelos sujeitos concretos que vivem o espaço. Isso significa que existe um descompasso entre a concepção de patrimonialização (espaço concebido resultante das representações do espaço) e o uso efetivo dos espaços patrimonializados (espaço vivido decorrente dos espaços de representação). Esse descompasso parece ser resultante da falta de atenção dada pelos entes responsáveis pela patrimonialização frente àqueles que efetivamente experimentam o espaço. No que diz respeito a patrimonialização das praças públicas, sem considerar

o uso efetivo ou o efeito dessa patrimonialização, tem mostrado uma desconsideração frente ao que é esperado para um bem patrimonializado. Na verdade, a falta de discussão do processo e a pouca transmissão do conhecimento acerca dos motivos pelos quais o bem patrimonializado merece ser reconhecido, tem tornado quase sem efeito para o patrimônio cultural o processo em si.

Portanto, como conclusão deste trabalho, podemos indicar que as praças estudadas foram identificadas pelos usuários como bens culturais e fortes referenciais urbanos dentro do centro da cidade de Pelotas. Entretanto, a princípio, atualmente, não existe uma relação direta entre a patrimonialização desses espaços e o uso deles. Ou seja, foi identificado, nesta pesquisa, que os usuários estavam utilizando as praças por diversos motivos, independentemente de sua patrimonialização.

Logo, embora não exista essa relação direta entre patrimonialização e uso das praças, foi possível identificar que é o uso desses espaços que promove essa identidade dos usuários com esses ambientes, bem como foi por ser frequentada através dos anos que sofreram rupturas e tiveram permanências, para assim se adequar ao uso da população de seu tempo e, enfim, nos dias atuais adquirir a denominação de bens culturais.

Sendo assim, fica claro que, embora o espaço das praças possa ser patrimonializado, o uso do espaço e dos prédios do entorno deve ser incentivado e permitido para que o espaço continue tendo vida, fluxo de pessoas e dinamismo, ou seja, a patrimonialização não deve ser entendida como algo que retira o uso, mas que valoriza o uso e o valor patrimonial do objeto. Do contrário, se o espaço ficasse engessado, a fim de preservar totalmente sua ambiência, parece que o espaço iria perder o sentido de existir, principalmente para seus usuários.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da seipermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BASSO, Maria. Jussara. **Investigação de fatores que afetam o desempenho e apropriação de espaços abertos públicos: o caso de Campo Grande - MS**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de arquitetura e urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2001.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 4º edição. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRASIL. Constituição da República do Brasil. Brasília, 1988.

CALDEIRA, Junia. Marques. **A praça brasileira - trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade**. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2007.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARR, Stephan. et al. **Public Space**. New York: Cambridge University Press, 1992.

CASARIN, Helen. Castro. Silva.; CASARIN, Samuel. **Pesquisa científica: da teoria à prática**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

CASTELLO, Lineu. **A percepção de lugar. Repensando o conceito de lugar em arquitetura e urbanismo. Porto Alegre, RS, Propar/UFRGS, 2007**. Porto Alegre: Propar/UFRGS, 2007.

CRESWELL, John. **Investigação qualitativa & projeto de pesquisa**. Porto Alegre, RS: Penso, 2014.

CHUVA, Márcia. Para descolonizar museus e patrimônio: refletindo sobre a preservação cultural no Brasil. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZARRA, R. Z. **90 anos do Museu Histórico Nacional em debate (1922-2012)**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014. p. 195-208.

CORNELL, Elias. A Arquitetura da relação cidade-campo. Brasília: Alva, 1998.

DAVALLON, Jean. **Comment se fabrique le patrimoine ?**. Qu'est-ce que transmettre ? Hors-série (Science) - N° 36 - Mars/Avril/Mai, 2002.

DE VARINE, Hugues. **As raízes do futuro - O patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

FERREIRA, Aurélio. Buarque. De. Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa. Ed. Nova Fronteira, 1986**. [S.l.]: Nova Fronteira, 1986.

- FRANCIS, M. Advances in Environment. **Behaviour and Design**, 1991. 71-102.
- GEHL, Jan.; GEMZOE, Lars. **Novos espaços urbanos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- GIL, Antônio. Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º edição. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLLEDGE, Reginald; STIMSON, Robert. **Spacial behaviour: a geographic perspective**. New York: The Guilford Press, 1997.
- GOMES, Paulo. Cesar. Da. Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GONÇALVES, José. Reginaldo. Santos. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMASO, Isabela.; LIMA FILHO, Manuel. Ferreira. **Antropologia e Patrimônio Cultural Trajetórias e Conceitos**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. p. 59-73.
- GUTIERREZ, Ester. Judite. Bendjouya. **A Cidade e os Valores Histórico e Artístico: Pelotas, 1815-1888**. Pelotas: [s.n.], 2001.
- GUTIERREZ, Ester. Judite. Bendjouya. **Barro & sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária - UFPel, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva. Rio de Janeiro, Vertice, 1990**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos editorial, 2004.
- KOSTOF, Spiro. **The City Assembled: The elements of Urban Form through History**. London: Bulfinch Press Book Little, 1992.
- KRIER, Rob. **El espacio urbano**. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
- LANG, Jon. **Creating architectural theory: the role of the behavioural sciences in environmental design**. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.
- LAY, Maria. Cristina.; REIS, Antônio. Tarcísio. Avaliação da qualidade de projetos – uma abordagem perceptiva e cognitiva. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 6, nº3, p. 21-34, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal. Lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- LEFEBVRE, Henri. **La Producción Del Espacio**. 1º Edição. ed. Madri: Capitán Swiny, 2006.
- LEMOS, Carlos. **O Que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LIMA, Ana. Maria. Pereira. et al. PROBLEMAS DE UTILIZAÇÃO NA CONCEITUAÇÃO DE TERMOS COMO ESPAÇOS LIVRES, ÁREAS VERDES E CORRELATOS. **Anais do II Congresso Brasileiro de Arborização Urbana**, São Luis, 18 a 24 Setembro 1994. 539-553.

LONER, Ana. Beatriz.; GILL, Lorena. Almeida.; MAGALHÃES, Mario. Osório. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. ISBN: 978-85-517-0016-7.

LYNCH, Kevin. **City sense and city design: writings and projects of Kevin Lynch**. Cambridge: MIT Press, 1990.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da cidade. São Paulo / Lisboa**: Ed. Martins Fontes, 1997. São Paulo/ Lisboa: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, S. S. Espaços Livres. Paisagem e Ambiente: ensaios. São Paulo: FAUUSP, n. 7, p.15-56, 1995. **Paisagem e Ambiente: ensaios FAU-USP**, São paulo, v. 7, p. 15-56, 1995.

MAGALHÃES, Mario. Osório. **Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPel, 1993.

MARCUS, Clare. Cooper.; FRANCIS, Carolyn. **People places: design guidelines for urban open spaces**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1990.

MEIRA, Ana. Lucia. **O passado no futuro da cidade: Políticas Públicas e Participação Popular na Preservação do Patrimônio Cultural de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MONQUELAT, Adão. Fernando. **As praças de Pelotas e suas histórias**. Pelotas: Livraria Mundial, 2015.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NASAR, Jack. **Environmental aesthetics: teory, research and applications**. New York: Cambridge university press, 1988.

PARADEDA, Maria Regina. **Arquitetura da paisagem e modernidade: um estudo sobre representações e memória das praças de Pelotas (1860-1930)**. Dissertação de mestrado (Pós Graduação em História do Brasil), Instituto de filosofia e ciências humanas, Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). Porto Alegre, 2003.

PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO, S. P. Textos Fundamentais. **Cadernos SPPC, nº1**, Évora, janeiro 1996.

PELEGRINI, Sandra. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, nº 51, p. 115-140, 2006.

PELOTAS. Lei nº 2.565/1980 Institui o II Plano Diretor de Pelotas. Pelotas, 1980.

PELOTAS. Lei nº 4.568/2000. Declara área da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de Pelotas – ZPPC's - lista seus bens integrantes e dá outras providências. Pelotas, 2000.

PELOTAS. Lei nº 5.502 de 2008. Institui o III Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências. Pelotas, 2008.

PESAVENTO, Sandra. J. **O Imaginário da Cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

POULOT, Dominique. Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material. In: CARVALHO, C. R., et al. **Um ecossistema do patrimônio**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008. p. 26-43.

PRATS, Llorenç. **Antropologia y patrimônio**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

PRATS, Llorenç. Concepto y gestión del patrimonio local. **Cuadernos de Antropología Social**, v. 21, p. 17-35, 2005.

PROUS, André. Jardins de l'être et jardins du paradis. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, São Paulo, v. nº3, Fev 2000.

REIS, Antônio. Tarcísio.; LAY, Maria. Cristina. Avaliação da qualidade de projetos - uma abordagem perceptiva e cognitiva. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 21-34, 2006.

REIS, Antônio. Tarcísio.; LAY, Maria. Cristina. **As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído**. III Encontro Nacional e I Encontro Latino Americano de Conforto no Ambiente Construído. Gramado: [s.n.]. 1995.

RHEINGANTZ, Paulo. Afonso. et al. **Observando a qualidade do lugar - Procedimentos para avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

ROCHA, Eduardo.

SANT'ANNA, Marcia. **Da cidade-monumento à cidade-documento: a trajetória da norma de preservação de áreas urbanas no Brasil (1937-1990)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia. Salvador. 1995.

SANTOS, Carlos. Alberto. Ávila. **Elementos funcionais e ornamentais da arquitetura eclética pelotense: 1870-1931 – Estatuária**. Anais do Seminário de História da Arte. Pelotas: [s.n.]. 2009.

SANTOS, Carlos. Alberto. Ávila.; ROSENTHAL, Mariane. D'Ávila. **JARDINS PÚBLICOS E PRIVADOS DE PELOTAS NOS FINS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX. XVII Seminário de História da Arte - Anacronias do tempo**, Pelotas, 2013.

SANTOS, Milton Almeida. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção.** 4 ed. ed. São Paulo: Editora da USP, 2006.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público:** jardins do Brasil. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço em Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. In: **GEOUSP Espaço e Tempo.** São Paulo, Nº 32, pp. 89 – 109, 2012.

SITTE, Camillo. **A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos.** São Paulo: Ática, 1992.

SOMMER, Robert.; SOMMER, Barbara. **A Practical Guide to Behavioral Research: Tools and Techniques.** New York: Oxford University Press, 2002.

SPPC. **Cadernos da sociedade para a preservação do patrimônio construído,** Évora, 2019.

STAKE, Robert. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam.** Porto Alegre, RS: Penso, 2011

TUAN, Yi-Fu. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S.; OLSSON, G. **Philosophy in Geography.** Dordrecht: Reidel, 1979. p. 387-427.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VIEIRA, Sidney. Gonçalves. **A memória da cidade e o lugar.** II Seminário de estudos urbanos e regionais e I colóquio internacional sobre as cidades do prata. Pelotas: [s.n.]. 2006.

VIEIRA, Sidney. Gonçalves. A MEMÓRIA DA CIDADE E O LUGAR. **II SEMINÁRIO DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS e I COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE AS CIDADES DO PRATA,** Pelotas, 22 a 24 novembro 2006.

VIEIRA, Sidney. Gonçalves.; LIHTNOV, Dione. Dutra. **Pelotas e a sobrevivência do setor terciário: uma vocação histórica.** In: SPOSITO, Maria. Encarnação. Beltrão.; FERNANDES, José. Alberto. Brasil e Portugal vistos desde as cidades: as cidades vistas desde o seu centro. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018, p.345-369.

WEBER, Ralf. **On the Aesthetics of architecture, a psychological approach to the structure and the order of perceived architectural spaces.** Aldershot, England: Avebury, 1995.

WHYTE, William. **The social life of small urban spaces.** Washington: The conservation Fondation, 1980.

XAVIER, Janaina. Silva. **Chafarizes e Caixa d'Água de Pelotas: Elementos de modernidade do primeiro sistema de abastecimento de água (1871).** Monografia

(Especialização em Artes: Patrimônio Cultural e Conservação de Artefatos).
Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2006.

YIN, Robert. **Estudo de caso. Planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre, RS:
Bookman, 2010.

APÊNDICE A

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1) Com que frequência você costuma utilizar esta praça?
 raramente - menos de 1x por mês
 as vezes - de 1x a 2x por semana
 frequentemente - de 3x a 4x por semana
 com muita frequência – quase todos os dias
- 2) Você sabe o nome desta praça? Como você a chama?
- 3) Por que você utiliza esta praça?
- 4) Durante o tempo que você está na praça, o que costumava fazer?
- 5) O que você considera patrimônio cultural?
- 6) Para você esta praça tem algum valor histórico e/ou cultural para a cidade? Qual? Por quê?
- 7) Tem algum valor sentimental para você em particular? Qual?
- 8) Você acha que ela tem alguma característica marcante, alguma coisa que represente a cidade nesta praça?
- 9) Esta praça faz você lembrar alguma coisa? (um evento, acontecimento importante, alguma vivência, história contada por alguém....)
- 10) Quanto ao futuro, o que você espera que a praça ofereça?
- 11) Você acha que esta praça deve sofrer mudanças ou permanecer exatamente como está? Quais mudanças você sugere? Por quê?
- 12) Você poderia citar alguns locais que considera importantes aqui no centro? (para pessoas visitarem, ou se localizarem...)

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

Sexo:

Idade: _____ (incluir categorias depois)

Instrução: ensino fundamental

ensino médio

ensino universitário

pós-graduação

APÊNDICE B

Quadro com os motivos de uso da Praça José Bonifácio

	Motivo de uso da praça	Porque do entrevistado
Entrevistado 1	Colégio Gonzaga	[...] minha filha faz ginástica artística no Gonzaga então para ocupar o tempo eu fico aqui para não ficar preza ali dentro parada [...].
Entrevistado 2	Gosta do ambiente	[...] eu gosto de ficar aqui [...].
Entrevistado 3	Encontro amoroso	-
Entrevistado 4	Encontro amoroso	-
Entrevistado 5	Caps (Centro de Atenção Psicossocial)	[...] meu guri faz tratamento ali no Caps e eu fico aqui na praça esperando [...].
Entrevistado 6	Centro Espírita Jesus	[...] agora eu vim porque estou esperando minha esposa que foi ali no centro [...].
Entrevistado 7	Treinar capoeira	[...] faço parte de um grupo de capoeira e quando a gente vem para cá é mais para treinar aqui nesse quadrado que tem ou mais para fazer roda [...].
Entrevistado 8	Encontro com amiga	[...] a gente se sente à vontade aqui [...].
Entrevistado 9	Procurando um lugar agradável para sentar	[...] porque eu vim ficar num lugar agradável para sentar [...].
Entrevistado 10	Trazer a cachorrinha para passear	-
Entrevistado 11	Centro Espírita Jesus	[...] venho para o centro espírita ali e espero a carona aqui.
Entrevistado 12	Centro Espírita Jesus	-
Entrevistado 13	Perto de casa e é segura Trago o cachorrinho para passear	[...] é perto da minha casa e é relativamente [...] é mais segura em relação a outra lá. (se referindo ao Parque Dom Antônio Zattera) Eu fico mais perto da outra, mas a outra tem certos horários que eu não vou porque eu acho que não é [...] tem muito morador de rua [...] por isso que eu vim aqui. Gostaria de poder ir mais lá [...].
Entrevistado 14	Passagem e descanso	[...] agora eu tô sentada aqui para descansar um pouco e depois ir embora, porque normalmente eu uso só de passagem.
Entrevistado 15	Encontro com amigos	-
Entrevistado 16	Encontro com amigos	-
Entrevistado 17	Atividade de lazer e descanso	[...] utilizo essa praça porque é central e é mais vazia que a outra (Praça Coronel Pedro Osório).
Entrevistado 18	Trabalho – vendedor de pipoca do Gonzaga	-
Entrevistado 19	Colégio Gonzaga	Fico nessa praça enquanto espero a hora de pegar meu filho no colégio.
Entrevistado 20		

APÊNDICE C

Quadro identificando o reconhecimento do nome da Praça José Bonifácio

	Não sei o nome dessa praça	Praça José Bonifácio	Nome atribuído
Entrevistado 1	X		Praça
Entrevistado 2	X		Redenção (apelido com amigos)
Entrevistado 3	X		Praça da Catedral
Entrevistado 4	X		Praça da Catedral
Entrevistado 5	X		Praça da Catedral
Entrevistado 6	X		Praça da Igreja
Entrevistado 7	X		Praça da Catedral
Entrevistado 8	X		Praça da Catedral
Entrevistado 9	X		Praça da Catedral
Entrevistado 10	X		Praça da Catedral
Entrevistado 11		x	-
Entrevistado 12	X		-
Entrevistado 13	X		Praça da Catedral
Entrevistado 14	X		Praça da Igreja
Entrevistado 15	X		Praça da Catedral
Entrevistado 16	X		Praça da Catedral
Entrevistado 17	x		Praça da Catedral
Entrevistado 18		x	-
Entrevistado 19		x	-
Entrevistado 20		x	-
	1. 16- 80%	2. 4 - 20%	

APÊNDICE D

Quadro com os motivos de uso da Praça Piratinino de Almeida

	Motivo de uso da praça	Porque do entrevistado
Entrevistado 1	Hospital - Santa Casa	[...] venho de outra cidade para consultar na Santa Casa e depois da consulta fico aqui na praça esperando minha carona de volta [...].
Entrevistado 2	Hospital – Santa Casa	[...] estou acompanhando familiar no hospital e venho aqui no intervalo [...].
Entrevistado 3	Hospital – Santa Casa	[...] fico aqui na praça esperando o ônibus de volta para minha cidade quando tenho consulta no hospital [...].
Entrevistado 4	Hospital – Santa Casa	[...] minha esposa fez cirurgia de coração aqui no hospital e agora faz as revisões e eu fico aqui na praça esperando [...].
Entrevistado 5	Encontro	[...] estou aqui na praça esperando uma amiga. Combinamos de nos encontrar aqui [...].
Entrevistado 6	Esperando ônibus	[...] vim fazer compras e agora estou aqui esperando o ônibus para voltar para casa [...].
Entrevistado 7	Trabalho - comerciante	[...] passo o dia aqui na praça vendendo produtos da minha carrocinha [...].
Entrevistado 8	Encontro	[...] combinei com minha filha de esperar ela aqui porque a gente se sente mais à vontade e é fresquinho [...].
Entrevistado 9	Atividade de lazer e descanso	[...] estou aqui descansando um pouco para depois ir no centro [...].
Entrevistado 10	Esperando o ônibus	[...] estou esperando o ônibus [...].
Entrevistado 11	Hospital – Santa Casa	[...] vim de Rio Grande acompanhar minha esposa na consulta no aqui no hospital e agora estou aguardando ela para voltar.
Entrevistado 12	Hospital – Santa Casa	[...] estou aguardando a van para voltar para minha cidade. Vim consultar aqui em Pelotas.
Entrevistado 13	Trabalho - taxista	Meu ponto de taxi é aqui [...].
Entrevistado 14	Trabalho – motorista de ônibus	[...] fico aqui aguardando a hora de partir o ônibus.
Entrevistado 15	Esperando ônibus	[...] vim no centro e estou aqui enquanto espero o ônibus.
Entrevistado 16	Hospital – Santa Casa	Vim aqui na praça fumar um pouco e descansar para depois voltar para o hospital acompanhar minha tia.
Entrevistado 17	Atividade de lazer e descanso	[...] utilizo essa praça depois do almoço para depois voltar para o trabalho.
Entrevistado 18	Esperando - Encontro	Estou esperando meu filho que foi no centro pagar uma conta.
Entrevistado 19	Hospital – Santa Casa	[...] estou esperando a van para voltar para casa porque eu estava fazendo exames ali no hospital.
Entrevistado 20	Consulta - Médico	Estou aqui esperando a carona pra voltar pra Arroio Grande. Vim consultar aqui em Pelotas com um médico.

APÊNDICE E

Quadro identificando o reconhecimento do nome da Praça Piratinino de Almeida

	Não sei o nome dessa praça	Praça Piratinino de Almeida	Nome atribuído
Entrevistado 1	X		Praça da Caixa D'Água
Entrevistado 2	X		Praça da Santa Casa
Entrevistado 3	X		Praça da Santa Casa
Entrevistado 4	X		Praça da Santa Casa
Entrevistado 5		X	-
Entrevistado 6	X		Praça da Santa Casa
Entrevistado 7	X		Praça da Santa Casa
Entrevistado 8	X		Praça da Caixa D'Água
Entrevistado 9	X		Praça da Santa Casa
Entrevistado 10	X		Praça da Santa Casa
Entrevistado 11		x	-
Entrevistado 12	X		Praça da Santa Casa
Entrevistado 13	X		Praça da Santa Casa
Entrevistado 14	X		Praça da Caixa D'Água
Entrevistado 15	X		Praça da Caixa D'Água
Entrevistado 16		X	-
Entrevistado 17	X		Praça da Santa Casa
Entrevistado 18	X		Praça da Santa Casa
Entrevistado 19		X	-
Entrevistado 20	X		Praça da Santa Casa
	16 - 80%	4 - 20%	

APÊNDICE F

Quadro com os motivos de uso da Praça Cipriano Barcelos

	Motivo de uso da praça	Porque do entrevistado
Entrevistado 1	Camelôs	[...] vim fazer compras ali e agora estou aqui ligando para minha esposa para ver se ela quer mais alguma coisa do centro.
Entrevistado 2	Camelôs – lazer e descanso	[...] estou no meu horário de intervalo e vim aqui na rua (praça) fazer um lanche e fumar para depois voltar.
Entrevistado 3	Camelôs - Encontro	Minha amiga trabalha ali e eu estou aqui aguardando ela para conversar um pouco.
Entrevistado 4	Pracinha infantil	Vim aqui trazer minha filha para brincar um pouco.
Entrevistado 5	Camelôs	Estou aqui esperando minha filha enquanto ela foi nos camelôs.
Entrevistado 6	Trabalho - motorista	Fico aqui na praça aguardando o horário da partida, é bem agradável, gosto daqui.
Entrevistado 7	Camelôs – lazer e descanso	Trabalho ali e vim aqui fumar e conversar um pouco [...].
Entrevistado 8	Encontro	Combinei com uma amiga da gente se encontrar aqui. Estou aguardando.
Entrevistado 9	Pracinha infantil	Trouxe minha sobrinha para a pracinha.
Entrevistado 10	Camelôs - Pracinha infantil	[...] estou aqui com minha afilhada enquanto minha irmã foi nos camelôs.
Entrevistado 11	Trabalho - taxista	Ponto de taxi.
Entrevistado 12	Camelôs – lazer e descanso	Fui ali nos camelôs e agora estou aqui descansando.
Entrevistado 13	Esperando ônibus	Estou aqui esperando o ônibus, porque não é tão quente.
Entrevistado 14	Trabalho – trailer de lanche	-
Entrevistado 15	Camelôs	Estou esperando mercadorias para levar ali para a loja.
Entrevistado 16	Atividade de lazer e descanso	Fui no centro e agora estou aqui me refrescando para ir para casa.
Entrevistado 17	Esperando ônibus	Fico aqui para esperar o ônibus.
Entrevistado 18	Atividade de lazer e descanso	Gosto de ficar aqui com meus amigos conversando e escutando música.
Entrevistado 19	Descanso - transição	Estou aqui na praça descansando porque fui nos camelôs e agora tenho que ir no centro...
Entrevistado 20	Atividade de lazer e descanso	Trabalho aqui perto então eu e minha amiga viemos aqui depois do almoço descansar um pouco para depois voltar para o trabalho.

APÊNDICE G

Quadro identificando o reconhecimento do nome da Praça Cipriano Barcelos

	Não sabe o nome da praça	Praça Cipriano Barcelos	Nome atribuído
Entrevistado 1	X		Praça do Pop Center
Entrevistado 2		X	Praça Cipriano Barcelos
Entrevistado 3	X		Praça dos Enforcados
Entrevistado 4	X		Praça dos Enforcados
Entrevistado 5	X		Praça dos Enforcados
Entrevistado 6	X		Praça do Pop Center
Entrevistado 7		X	Praça Cipriano Barcelos
Entrevistado 8	X		Praça dos Enforcados
Entrevistado 9	X		Praça dos Enforcados
Entrevistado 10		X	Praça Cipriano Barcelos
Entrevistado 11	X		Praça do Camelôs
Entrevistado 12	X		Praça dos Enforcados
Entrevistado 13		X	Praça Cipriano Barcelos
Entrevistado 14	X		Praça dos Enforcados
Entrevistado 15	X		Praça do Camelôs
Entrevistado 16	X		Praça dos Enforcados
Entrevistado 17		X	Praça Cipriano Barcelos
Entrevistado 18	X		Praça dos Enforcados
Entrevistado 19		X	Praça Cipriano Barcelos
Entrevistado 20	X		Praça dos Enforcados
	14 - 70%	6 - 30%	

APÊNDICE H

Quadro com os motivos de uso da Praça Coronel Pedro Osório

	Motivo de uso da praça	Porque do entrevistado
Entrevistado 1	Encontro	[...] vim aqui encontrar com meu namorado para a gente se ver e conversar um pouquinho.
Entrevistado 2	Lazer e descanso	[...] estou no meu horário de intervalo e vim aqui na praça descansar e fumar para depois voltar.
Entrevistado 3	Encontro	Minha amiga trabalha aqui perto então marcamos de se encontrar aqui na praça para conversar um pouco.
Entrevistado 4	Pracinha infantil	Queria fazer um programa diferente com meu filho então trouxe ele aqui na praça para brincar.
Entrevistado 5	Lazer e descanso	Estou aqui esperando minha filha enquanto ela foi fazer umas coisas ali no centro. Prefiro ficar aqui esperando para não caminhar demais.
Entrevistado 6	Passeio cachorro	Moro aqui perto e costumo trazer meu cachorrinho aqui para passear.
Entrevistado 7	Lazer e descanso	Tinha que pagar umas contas no centro, depois fui atravessar a praça e resolvi sentar um pouco para descansar e aproveitar o espaço.
Entrevistado 8	Encontro	Combinei com um amigo da gente se encontrar aqui. Estou aguardando.
Entrevistado 9	Pracinha infantil	Trouxe minha afilhada para a pracinha.
Entrevistado 10	Passeio cachorro	Eu gosto de trazer meu cachorro aqui para passear, é bonito e tem outras pessoas que trazem também, daí a gente fica conversando. Já nos conhecemos [...].
Entrevistado 11	Trabalho - guardador	Eu estou sempre aqui. Trabalho aqui na praça, sou auxiliar de parquímetro.
Entrevistado 12	Lazer e descanso	Estou aqui descansando um pouco para depois ir no centro fazer umas compras e dar umas voltas.
Entrevistado 13	Encontro	A gente está aqui conversando um pouco para depois ir para casa. É bom estar aqui porque é ao ar livre e temos contato com a natureza.
Entrevistado 14	Pracinha infantil	Quando posso trago minha filha para brincar aqui nessa pracinha, gosto dela porque é limpa e eu vinha aqui quando era pequena.
Entrevistado 15	Passeio cachorro	Eu moro aqui perto então todos os dias pego meu cachorro e venho aqui na praça para caminhar, fazer um exercício e ver os movimentos.
Entrevistado 16	Lazer e descanso	Fui no centro e agora estou aqui descansando para ir para casa.
Entrevistado 17	Exercício físico	Saí para andar de bike e agora parei aqui para descansar um pouco.
Entrevistado 18	Lazer e descanso	Estava atravessando a praça e agora parei para falar no celular.
Entrevistado 19	Passeio cachorro	Estou dando uma caminhada com meu cachorro, gosto de trazer ele aqui porque é bom para caminhar, tem grama, árvores [...].
Entrevistado 20	Encontro	Nós trabalhamos aqui perto então eu e minha amiga viemos aqui depois do almoço descansar um pouco para depois voltar para o trabalho.

APÊNDICE I

Quadro identificando o reconhecimento do nome da Praça Coronel Pedro Osório

	Não sabe o nome da praça	Praça Coronel Pedro Osório	Nome atribuído
Entrevistado 1		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 2		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 3		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 4		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 5		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 6		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 7		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 8		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 9		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 10		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 11	X		Praça do Chafariz
Entrevistado 12		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 13		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 14		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 15		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 16		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 17	X		Praça do Central
Entrevistado 18		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 19		X	Praça Coronel Pedro Osório
Entrevistado 20		X	Praça Coronel Pedro Osório
	2 - 10%	18 - 90%	

APÊNDICE J

Respostas da pergunta “O que é patrimônio histórico?”

Foram 20 entrevistados em cada praça, totalizando 80 pessoas, sendo que nem todos responderam a essa questão. Assim, as respostas foram colocadas na tabela a seguir e categorizadas de forma a tentar formular uma resposta comum a pergunta formulada.

RESPOSTAS DOS RESPONDENTES	CATEGORIAS DEFINIDAS
Tudo aquilo que de alguma forma representa e conta a cultura e história de um povo ou região.	Representa a história e cultura de um povo ou lugar.
Tudo que conta a cultura de determinado lugar.	
É tudo aquilo referente a uma cultura de um lugar, que remeta lembranças e memórias de um grupo. <u>Pode ser um lugar como uma praça, uma edificação, ou a forma de produzir algo.</u>	Remete a lembranças e memórias
Qualquer criação ou produção feita por um grupo.	Criação ou produção feita por um grupo
É tudo aquilo que conta uma história da cidade.	História da cidade.
Todo o equipamento físico ou não que represente parte da história de um povo ou região	Pode ser material ou imaterial.
São <u>monumentos, artes, obras de um determinado local</u> , os quais devem ser preservados pela sociedade	Devem ser preservados
Tudo o que representa um povo, sua história, sua identidade, sua ancestralidade.	História, identidade e ancestralidade
É o conjunto de todos <u>os bens, manifestações populares, cultos, tradições</u> tanto materiais quanto imateriais	Pode ser material ou imaterial
Conjunto de bens materiais e imateriais reconhecido por um povo como sua identidade.	Pode ser material ou imaterial
Todos os saberes, fazeres e imóveis que são importantes para a preservação da história de um local ou um povo.	Pode ser material ou imaterial; representa a história e cultura de um povo ou lugar.
É o que tem valor para a sociedade, seja histórico, artístico, etc. Esse patrimônio <u>pode ser edificado, podem ser manifestações artísticas, espaços urbanos, etc.</u>	Pode ser material ou imaterial; representa a história e cultura de um povo ou lugar.
É tudo aquilo que a cidade tem em termos culturais. <u>Ex.: teatros, museus, praças.</u>	Representa a história e cultura de um povo ou lugar.
Conjunto de bens materiais e imateriais reconhecidos pela sua história por um povo.	Representa a história e cultura de um povo ou lugar; Pode ser material ou imaterial;
É tudo que representa a memória de um povo.	Remete a lembranças e memórias
É tudo que se remete a cultura de uma época.	Representa a história e cultura de um povo ou lugar.

É tudo aquilo que representa a identidade de um grupo, <u>uma memória de um lugar, uma cidade, bairro.</u>	Representa a identidade de um grupo.
Ele pode ser aquele físico (<u>prédios, praças, ruas históricas</u>) e o patrimônio cultural que diz respeito aos hábitos, costumes, especialidades (<u>ex.: doce, dança, festivais etc.</u>).	Pode ser material ou imaterial.
É tudo aquilo que está registrado sobre e história de um lugar, seja escrito, mapas ou obras	Representa a história e cultura de um povo
São bens materiais e imateriais que contam um pouco da nossa história.	Representa a história e cultura de um povo; pode ser material ou imaterial.
É tudo que aquilo que representa a história de uma comunidade, seja ela material ou imaterial.	Representa a história e cultura de um povo; pode ser material ou imaterial.
São coisas que devem ser mantidas e preservadas para as gerações futuras conhecem a história.	Representa a história e cultura de um povo; devem ser preservados
Representa a cultura de um povo.	Representa a história e cultura de um povo
É a história da cidade	Representa a história e cultura de um povo
São as praças e os prédios antigos que devem ser cuidados e respeitados	Devem ser preservados
É algo que faz parte da cultura da cidade e que deve ser cuidado.	Representa a história e cultura de um povo; devem ser preservados
Tem os materiais e os imateriais e é tudo que tem história, tem cultura que nos passa algo sobre a história do lugar onde a gente está. <u>A arquitetura representa bem isso e que nos pertence.</u>	Representa a história e cultura de um povo; pode ser material ou imaterial.
É o que representa a cidade.	Devem ser preservados
É aquilo que se deve conservar porque é público.	Devem ser preservados
São as coisas da cidade que mostram um pouco da história e que devem ser preservadas porque são importantes porque são a memória da cidade, da região.	Representa a história e cultura de um povo; devem ser preservados; Remete a lembranças e memórias.
É algo antigo que a gente tem que preservar e passa de gerações para gerações.	devem ser preservados; passa de gerações para gerações.
É tudo, eu amo essas coisas, <u>os prédios históricos e todos os pontos históricos da nossa cidade.</u>	Exemplos
São locais conhecidos da cidade que tem uma história por trás.	Representa a história e cultura de um povo;
Remete a tudo que é antigo.	Representa a história.
São as coisas antigas que devem ser zeladas.	Representa a história; devem ser preservados
Ideias, locais ou construções que tenham influência no modo de vida da população.	Representa a história e cultura de um povo;
É a história das coisas da cidade	Representa a história.
Tudo que representa a cultura, tradição ou memória de um povo ou comunidade	Representa a história e cultura de um povo;
Tudo que representa um povo, que seja significativo para sua memória e tradições	Representa a história e cultura de um povo;
Tudo que tem na cidade que faz lembrar alguma coisa relevante para um grupo de pessoas.	Remete a lembranças e memórias

APÊNDICE K

Respostas da pergunta “**Para você essa praça tem algum valor histórico e/ou cultural para a cidade?**”

Foram 20 entrevistados em cada praça, totalizando 80 pessoas, sendo que nem todos responderam a essa questão. Assim, as respostas foram colocadas na tabela a seguir e categorizadas de forma a tentar formular uma resposta comum a pergunta formulada.

RESPOSTAS DOS RESPONDENTES	CATEGORIAS DEFINIDAS
PRAÇA CIPRIANO BARCELOS	
Sim, é importante por ser uma praça localizada no “braço morto” do Santa Bárbara.	Sim/ braço morto Santa Bárbara
Sim, muito valor, mas não sei exatamente o motivo.	Sim/ não sei
Sim, pois nela há história do que aconteceu no passado. Não lembro direito da história, mas acho que é triste, algo a ver com enforçar escravos, ou eles se enforcavam por ter arvores altas.	Sim/ enforcamentos e escravos
Sim, foi por muito tempo o limite da cidade, às margens do arroio Santa Bárbara	Sim/ Santa Bárbara
Sim, contam que algumas pessoas, no passado se esforçavam aqui, daí seu apelido.	Sim/ enforcamentos
Sim, é importante a aspectos históricos e equipamentos que existem aqui.	Sim/ história da cidade
Sim, Além do chafariz e árvores centenárias é a chamada praça dos enforcados marcada pela história	Sim/ chafariz, árvores, enforcamentos
Sim. O chafariz significa um período de desenvolvimento econômico.	Sim/ chafariz, história da cidade
Sim, pois ela é um patrimônio histórico.	Sim/ patrimônio
Sim, por ser uma praça muito antiga e que fica na região central da cidade.	Sim/ antiga, região central da cidade
Sim pois sua história conta parte do crescimento da cidade	Sim/ história da cidade
Sim, tem valor histórico.	Sim/ patrimônio
Sim, mas não sei precisar qual.	Sim/ não sei
Com certeza tem, mas eu desconheço, tive algumas aulas no prédio das artes (UFPeI) ao lado/em frente a ela	Sim/ não sei
Tem valor para a cidade, mas não sei dizer.	Sim/ não sei
Sim, não sei dizer, mas tem a ver com o apelido " praça dos enforcados"	Sim/ não sei, enforcados
Acredito que tem valor sim, mas não sei qual.	Sim/ não sei
Sim, pelos momentos de enforcamento de pessoas, mais especificamente época da escravidão !!	Sim/ enforcados e escravos
Deve ter, mas desconheço.	Sim/ não sei
Não, se tem não sei.	Não/ não sei
Sim. A questão dos enforcamentos e o chafariz.	Sim/ enforcamentos e chafariz
PRAÇA JOSÉ BONIFÁCIO	
Sim. Tem valor histórico e tem valor pela natureza que existe aqui	Sim/ valor histórico e vegetação

Sim. É importante para a população.	Sim/Importante para a população
Sim. Ela envolve a Catedral então faz parte da história	Sim/Catedral
Sim. Para mim essa praça tem valor por causa da Catedral.	Sim/ Catedral
Sim. Não sei dizer qual.	Sim/ Não sei
Sim. Tem valor por ser perto dessa Igreja. Essa é a maior Igreja de Pelotas, a mais importante.	Sim/ Catedral
Sim, por causa da Catedral.	Sim/ Catedral
Sim. Muitas pessoas visitam, é um ponto turístico, vejo muitos ônibus de turismo aqui com um guia contando a história da Catedral, muitas pessoas tiram fotos.	Sim/ Catedral
Tem bastante. Mas não sei explicar.	Sim/ Não sei
Tem valor por causa da Catedral, ela é muito bonita.	Sim/ Catedral
Tem valor para a história da cidade lembro de estudar no colégio.	Sim/ história da cidade
Sim porque essa praça é a história da cidade, foi aqui que começou a cidade. Eles fizeram a Catedral e em seguida inventaram a praça.	Sim/ história da origem da cidade, Catedral
Sim. Foi aqui o início da cidade.	Sim/ origem da cidade
Sim. Tem valor por causa da Catedral.	Sim/ Catedral
PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO	
Sim, além de ponto de encontro nela estão muitos monumentos históricos como o chafariz das Nereidas e monumentos de artistas pelotenses como Caringi	Sim/ Ponto de encontro, monumentos históricos, Chafariz das Nereidas
Sim. Além do chafariz e do conjunto de prédios do seu entorno, muitos eventos importantes para a cidade ocorrem ou ocorreram aqui como a feira do livro e os antigos carnavais.	Sim/ Chafariz, prédios históricos do entorno, local de eventos como feira do livro
Sim. Em seu entorno se encontra uma arquitetura histórica para a cidade, os famosos casarões de pelotas que datam do século XIX.	Sim/ prédios históricos do entorno
Sim, é o ponto central da cidade, onde tudo aconteceu, acontece e acontecerá, rodeada por casarões antigos, teatros e tudo mais.	Sim/ ponto central da cidade, prédios históricos do entorno
Sim, pois ela fica bem no centro histórico da cidade, configurando um lugar importante. O chafariz também remete a história da cidade pois é bem antigo.	Sim/ ponto central da cidade, centro histórico, Chafariz
Sim, é uma praça que sempre esteve no centro dos acontecimentos da cidade e concentra os melhores exemplares arquitetônicos da cidade.	Sim/
Sim. Essa praça tem o chafariz, nela também acontece a Feira do Livro, e antigamente acontecia também os carnavais.	
sim, pra mim esta é a que possui mais valor, porque é a que eu mais costume ver.	
Sim, para mim é a principal praça da cidade, ponto de referência, com os principais prédios que são patrimônio da nossa cidade.	
Sim. Faz parte da história da cidade	
Sim. Não sei explicar.	
Sim, é uma praça de origem da cidade, com casarões, teatro e outros prédios importantes antigamente e atualmente.	
Sim, tem muita relação com a história da cidade.	
Sim, é importante como local de passeio e recreação.	
Sim, costumam chamá-la de centro histórico da cidade, pois os prédios históricos estão em seu entorno.	

Para mim ela é o coração do centro, é local de passagem dos pelotenses, dos tempos do charque até os dias atuais. Além de ser uma homenagem para o Coronel Pedro Osório o rei do arroz.	
Sim, é um Ponto Histórico.	
PRAÇA PIRATININO DE ALMEIDA	
Sim. A caixa d'água que abasteceu a cidade durante muito tempo e o prédio da Santa Casa	Sim/ caixa-d'água, Santa Casa
Sim, pelo exemplar da caixa d'água, toda em ferro	Sim/ caixa d'água
Sim, o valor dela é devido a caixa d'água	Sim/ caixa d'água
Acredito que sim, por causa da caixa d'água	Sim/ caixa d'água
Sim, pela presença do equipamento de abastecimento de água, e devido ao prédio da Santa Casa	Sim/ caixa d'água, Santa Casa
Sim, em função da Caixa d'água importada e da Santa Casa	Sim/ caixa d'água, Santa Casa
Sim, faz parte da história de Pelotas	Sim/ história da cidade
Sim. A Caixa d'água e a Santa Casa	Sim/ caixa d'água, Santa Casa
Sim, ela é um ponto turístico	Sim/ ponto turístico
Sim, por ser a Praça que traz nela a Caixa D'água que também é um patrimônio para a cidade.	Sim/ caixa d'água, patrimônio
Sim, por causa do valor histórico	Sim/ valor histórico
Sim. A caixa d'água	Sim/ caixa d'água
Com certeza, mas desconheço a história dela, apesar de já ter lido algo naquela placa ali.	Sim/ não sei explicar
Sim, tem, a caixa d'água é um ponto turístico	Sim/ caixa d'água, ponto turístico
Sim a caixa D'água	Sim/ caixa d'água
Sim tem valor histórico por causa da Caixa D'Água, que veio da Europa	Sim/ caixa d'água, valor histórico
Sim, é um ponto turístico.	Sim/ ponto turístico

APÊNDICE L

MOTIVOS QUE EXPLICAM CADA UMA DAS PRAÇAS SER PATRIMÔNIO

As respostas organizadas e categorizadas conforme os motivos que explicam cada uma das praças ser considerada patrimônio de acordo com os respondentes entrevistados.

Praça Cipriano Barcelos	
Motivos que explicam a praça ser patrimônio	N° Citações
Não sei explicar	8
Enforcamentos ocorridos no local	6
Remete a história da cidade/ patrimônio	5
Existência do chafariz	3
Remete ao tempo dos escravos	2
Antigo leito do Arroio Santa Bárbara	2
Existência de árvores	1
Está na região central da cidade	1
É antiga	1
TOTAL	29
Praça José Bonifácio	
Motivos que explicam a praça ser patrimônio	N° Citações
Existência da Catedral	8
Remete a História/origem da cidade	5
Existência de árvores	1
Não sei explicar	2
Importante para a população	1
TOTAL	17
Praça Piratinino de Almeida	
Motivos que explicam a praça ser patrimônio	N° Citações
Existência da Caixa d'água de ferro	13
Existência do prédio da Santa Casa	5
Remete a história da cidade/ patrimônio	4
Ponto turístico da cidade	3
TOTAL	25
Praça Coronel Pedro Osório	
Motivos que explicam a praça ser patrimônio	N° Citações
É a praça central da cidade	9
Casarões do entorno	11
Remete a história da cidade	5
Existência do chafariz	4
Existência de monumentos	2
Feira do livro	2
TOTAL	33

APÊNDICE M

MELHORIAS NECESSÁRIAS EM CADA PRAÇA

As respostas organizadas e categorizadas conforme as melhorias necessárias, sugeridas em cada uma das praças, de acordo com as respostas dos respondentes entrevistados.

PRAÇA PIRATININO DE ALMEIDA	
Melhorias necessárias	N° Citações
Atrativos de lazer	7
Manutenção (limpeza, mobiliário)	6
Iluminação	4
Segurança	3
Paisagismo	3
Instalação de banheiros	2
TOTAL	25

PRAÇA CIPRIANO	
Melhorias necessárias	N° Citações
Atrativos de lazer	15
Paisagismo	8
Manutenção (pisos, mobiliário, limpeza...)	6
Iluminação	5
Segurança	5
Mobiliário urbano	4
TOTAL	43

PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO	
Melhorias necessárias	N° Citações
Segurança	8
Satisfação com a praça	7
Iluminação	6
Manutenção (monumentos, mobiliário e limpeza)	6
Paisagismo	5
Banheiros adequados	1
TOTAL	33

APÊNDICE N

A IMPORTÂNCIA DAS PRAÇAS EM FUNÇÃO DOS ASPECTOS SIMBÓLICOS

Foram 20 entrevistados em cada praça, totalizando 80 pessoas, sendo que nem todos responderam a essa questão. Assim, as respostas foram colocadas na tabela a seguir e categorizadas de forma a tentar identificar os aspectos relacionados aos sentimentos, memórias e lembranças que ajudam a reforçar a importância dessas praças para os usuários entrevistados.

RESPOSTAS DOS RESPONDENTES	CATEGORIAS DEFINIDAS
PRAÇA JOSÉ BONIFÁCIO	
“Apelidamos essa praça de –redenção- igual ao nome daquela de Porto Alegre, porque a gente sentava no chão e ficava conversando e escutando música por um bom tempo, antes de ir para casa...”	Lembranças da época da escola.
“Eu estudava no Gonzaga então via essa praça todo dia. Agora eu sento aqui e lembro daquela época.”	Lembranças da época da escola.
“Lembro que minha irmã se batizou nessa igreja. Então lembro desse dia.”	Lembranças relacionadas a aspectos religiosos.
“Lembro de passar aqui na praça para vir na missa”.	Lembranças relacionadas a aspectos religiosos.
PRAÇA PIRATININO DE ALMEIDA	
“Lembro quando eu era criança e subi alguns degraus das escadas da caixa da água, e minha mãe ficou apavorada, porque era muito perigoso, por causa da ferrugem das escadas.”	Lembranças relacionadas a caixa d’água.
“Lembro quando eu vinha nessa praça para pegar o ônibus para o laranjal para ir visitar meus avós. Eles moravam lá e eu adorava ir visitar e passear de ônibus.”	Lembrança relacionada a familiares.
“Lembro de vir visitar minha vó que estava no hospital e passar por essa praça me sentindo muito triste.”	Lembrança relacionada a familiares.
PRAÇA CIPRIANO BARCELOS	
“Lembro que na saída da escola a gente passava por aqui e às vezes parava para ficar conversando. Todos diziam que era perigoso, mas a gente gostava.”	Lembranças da época da escola.
“Eu estudava na Escola Técnica e passava por aqui todos os dias. Gostava de ficar olhando as árvores...”	Lembranças da época da escola.
“Eu tinha aula de expressão gráfica com o Professor Fischer ali, naquele prédio da esquina. Essa praça me faz lembrar dessa época.”	Lembranças da época da escola.
“Quando criança eu gostava de caminhar sobre a mureta que existe pela Rua Marechal Floriano. Também me lembro do carnaval que ocorria aqui, sempre ficávamos assistindo os desfiles nas proximidades dessa praça, eu gostava bastante.”	Lembranças relacionadas a eventos, fatos e acontecimentos.
PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO	
“Eu levava meus filhos quando pequenos para brincar ali no parquinho.”	Lembranças relacionadas a infância.
“Quando era criança, meus tios me traziam, para andar de balanço.”	Lembranças relacionadas a infância.

<p>“Na infância costumava passear nessa praça, tirar a foto clássica com o cavalinho e agora mais recentemente a feira do livro e festividades de Natal.”</p>	<p>Lembranças relacionadas a infância.</p>
<p>“Eu sempre passava para ir ao colégio quando era criança, passava todos os dias com meus colegas por ela.”</p>	<p>Lembranças da época da escola.</p>
<p>“Além de morar nela, o que faz com que ela seja muito importante para mim, também me lembra de vários eventos como a Feira do Livro.”</p>	<p>Lembranças relacionadas a eventos, fatos e acontecimentos.</p>
<p>“Essa praça me faz lembrar de várias coisas como a Feira do Livro, atrações culturais e tardes de conversa com amigos.”</p>	<p>Lembranças relacionadas a eventos, fatos e acontecimentos.</p>

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Você está convidado (a) para participar da pesquisa com o título “**A influência da Patrimonialização no Uso de Praças Públicas na Cidade de Pelotas/RS**”, sob a responsabilidade da doutoranda Clarissa Calderipe Montelli e orientação do Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira. Esta pesquisa está sendo elaborada no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

Sendo assim, Eu _____ aceito participar desta pesquisa voluntariamente, com a garantia de que em nenhum momento serei identificado na publicação dos resultados.

Assinatura do voluntário